

João Paulo Borges da Silveira
(Organizador)



Gestão e Inovação em bibliotecas universitárias





Gestão e
Inovação em
bibliotecas
universitárias

Fundação Universidade de Caxias do Sul

Presidente:
Dom José Gislon

Universidade de Caxias do Sul

Reitor:
Gelson Leonardo Rech

Vice-Reitor:
Asdrubal Falavigna

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação:
Everaldo Cescon

Pró-Reitora de Graduação:
Terciane Ângela Luchese

*Pró-Reitora de Inovação e
Desenvolvimento Tecnológico:*
Neide Pessin

Chefe de Gabinete:
Givanildo Garlet

Coordenadora da EDUCS:
Simone Côte Real Barbieri

Conselho Editorial da EDUCS

André Felipe Streck
Alexandre Cortez Fernandes
Cleide Calgaro – Presidente do Conselho
Everaldo Cescon
Flávia Brocchetto Ramos
Francisco Catelli
Gelson Leonardo Rech
Guilherme Brambatti Guzzo
Karen Mello de Mattos Margutti
Márcio Miranda Alves
Simone Côte Real Barbieri – Secretária
Suzana Maria de Conto
Terciane Ângela Luchese

Comitê Editorial

Alberto Barausse
Università degli Studi del Molise/Itália

Alejandro González-Varas Ibáñez
Universidad de Zaragoza/Espanha

Alexandra Aragão
Universidade de Coimbra/Portugal

Joaquim Pintassilgo
Universidade de Lisboa/Portugal

Jorge Isaac Torres Manrique
*Escuela Interdisciplinar de Derechos
Fundamentales Praeeminentia Iustitia/
Peru*

Juan Emmerich
*Universidad Nacional de La Plata/
Argentina*

Ludmilson Abritta Mendes
Universidade Federal de Sergipe/Brasil

Margarita Sgró
*Universidad Nacional del Centro/
Argentina*

Nathália Cristine Vieceli
Chalmers University of Technology/Suécia

Tristan McCowan
University of London/Inglaterra



João Paulo Borges da Silva
(Organizador)



Gestão e Inovação em bibliotecas universitárias



© do autor
1ª edição: 2026
Preparação de texto: Giovana Letícia Reolon
Leitura de prova: Helena Vitória Klein
Editoração e Capa: Igor Rodrigues de Almeida

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS – BICE – Processamento Técnico

G393 Gestão e inovação em bibliotecas universitárias [recurso eletrônico] /organizador João Paulo Borges da Silveira. – Caxias do Sul, RS : EducS, 2026.

Dados eletrônicos (1 arquivo).

Vários autores.

Modo de acesso: World Wide Web.

DOI: 10.18226/9786558075349

ISBN 978-65-5807-534-9

1. Bibliotecas universitárias. 2. Bibliotecas - Administração. 3. Bibliotecários de universidades. 4. Repositórios institucionais. 5. Marketing de bibliotecas. I. Silveira, João Paulo Borges da.

CDU 2. ed.: 027.7

Índice para o catálogo sistemático:

1. Bibliotecas universitárias	027.7
2. Bibliotecas - Administração	023
3. Bibliotecários de universidades	023.4
4. Repositórios institucionais	025.171:004.65
5. Marketing de bibliotecas	02:658.8

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Márcia Servi Gonçalves - CRB 10/1500

Direitos reservados a:



EDUCS – Editora da Universidade de Caxias do Sul
Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – Bairro Petrópolis – CEP 95070-560 – Caxias do Sul – RS – Brasil
Ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95020-972 – Caxias do Sul – RS – Brasil
Telefone/Telefax: (54) 3218 2100 – Ramais: 2197 e 2281 – DDR (54) 3218 2197
Home Page: www.ucs.br – E-mail: educs@ucs.br

Dedico este livro em memória do Prof. Dr. Wellington Freire Machado, docente da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), colaborador na Especialização em Gestão de Bibliotecas Universitárias da UCS e meu amado companheiro de vida, que passou para a vida espiritual antes da finalização do curso e da publicação desta obra.

*Quando você partir, em direção a Ítaca,
que sua jornada seja longa,
repleta de aventuras, plena de conhecimento.
Não tema Laestrigones e Ciclopes nem o furioso Poseidon;
você não irá encontrá-los durante o caminho
se o pensamento estiver elevado, se a emoção
jamaís abandonar seu corpo e seu espírito.
Laestrigones e Ciclopes e o furioso Poseidon
não estarão em seu caminho
se você não carregá-los em sua alma,
se sua alma não os colocar diante de seus passos.*

*Espero que sua estrada seja longa.
Que sejam muitas as manhãs de verão,
que o prazer de ver os primeiros portos
traga uma alegria nunca vista.
Procure visitar os empórios da Fenícia,
recolha o que há de melhor.
Vá às cidades do Egito,
aprenda com um povo que tem tanto a ensinar.*

*Não perca Ítaca de vista,
pois chegar lá é o seu destino.
Mas não apresse os seus passos;
é melhor que a jornada demore muitos anos
e seu barco só ancore na ilha
quando você já estiver enriquecido
com o que conheceu no caminho.*

*Não espere que Ítaca lhe dê mais riquezas.
Ítaca já lhe deu uma bela viagem;
sem Ítaca, você jamais teria partido.
Ela já lhe deu tudo, e nada mais pode lhe dar.*

*Se, no final, você achar que Ítaca é pobre,
não pense que ela o enganou.
Porque você tornou-se um sábio, viveu uma vida intensa,
e este é o significado de Ítaca.*

*Konstantinos Kavafis
(1863-1933)*

Sumário

Apresentação	10
<i>João Paulo Borges da Silveira</i>	

Parte I – Fundamentos em perspectivas

Desafios e práticas da gestão de pessoas em bibliotecas universitárias	16
<i>Adriana Guedes Chiaradia de Oliveira</i>	

O futuro da biblioteca universitária: breves apontamentos	27
<i>Alex Serrano de Almeida</i>	

Atuação profissional em bibliotecas jurídicas e seu impacto nas bibliotecas universitárias do ramo do direito	38
<i>Auria Machado da Rosa</i>	

Bibliotecas universitárias na era digital: inovação em produtos e serviços de informação	49
<i>Dirce Maria Santin</i>	

As múltiplas possibilidades de atuação do bibliotecário em bibliotecas universitárias	70
<i>Fernando Alessio Falcetti</i>	

Extensão universitária no âmbito das bibliotecas universitárias brasileiras	82
<i>Francinete Costa Primo</i>	

Planejamento de bibliotecas universitárias: reflexões para a prática	108
<i>João Paulo Borges da Silveira</i>	

Repositório digital: uma resposta biblioteconômica para a era digital	128
<i>Lília Cristina Brito de Jesus</i>	

Da impressão ao digital: a evolução dos meios de divulgação científica  141

Mariana da Silva Bertuol

Do marketing em unidades de informação ao marketing digital: releituras de Sueli Angélica do Amaral para bibliotecas universitárias  158

Thalita Oliveira da Silva Gama

Parte II – Práticas em movimento

O Repositório da Produção Científica e Intelectual da Unicamp e as particularidades dos materiais do Instituto de Artes  176

Amanda Bertaci Brandão

Avaliação de acessibilidade na biblioteca de uma universidade federal  184

Anne Krummenauer

A trajetória de uma bibliotecária: de serviços gerais à bibliotecária  205

Eliane Teresinha Loureiro da Fontoura Padilha

Um novo olhar para as redes sociais na biblioteca universitária  214

Gigliola Casagrande

Análise de similaridade textual em trabalhos acadêmicos: relato de experiência na biblioteca do Instituto de Biologia da Unicamp  227

Gilberto Martins Vicentim

A experiência leva à boa administração: o caso da Biblioteca Raymundo Macêdo  239

Isaías Lopes dos Santos

Repositório institucional: experiência profissional 252

Luciana Pietrosanto Milla

Descobrimos novos caminhos: uma jornada de liderança na biblioteca universitária  263

Lucinéia Alves Cardoso

Desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias da área jurídica: o ordenamento legal como paradigma de expansão  275

Marcelo Gama Goulart

Biblioteca no Instagram: criação e desenvolvimento de um canal na rede social  293

Maria Graciele Trevisan

Biblioteca da Feis/Unesp em novos formatos: relato de experiência em gestão, inovação e cultura  309

Raiane da Silva Santos

Quando a paixão se torna profissão: minha jornada na biblioteconomia  320

Renata Maria Moraes de Sá

Autoras e autores  331

Apresentação

As universidades têm como missão formar profissionais capazes de contribuir para o desenvolvimento da sociedade, apoiadas no tripé que as define: ensino, pesquisa e extensão. Nesse contexto, as bibliotecas universitárias desempenham papel estratégico, não apenas como suporte ao corpo docente, aos estudantes e à comunidade, mas também como núcleos de criação, disseminação, inovação, gestão e integração de diferentes saberes.

Essas instituições complexas e multifuncionais adaptam-se às características de cada universidade, oferecendo produtos, serviços e práticas que fortaleçam as atividades acadêmicas e promovam o intercâmbio de conhecimento científico, tanto internamente quanto com outras instituições, a partir da produção do conhecimento científico. Ao mesmo tempo, consolidam-se como espaços de acesso aberto, coletivo e diverso, contribuindo para a formação de cidadãos críticos e para o desenvolvimento da sociedade.

As universidades enfrentam diversos desafios relacionados à formação, ao ingresso e à permanência dos estudantes, assim como ao financiamento e à manutenção das instituições. Ao longo do tempo, têm passado por transformações internas e externas, motivadas tanto por demandas institucionais quanto por mudanças políticas, econômicas e sociais. Questões como desigualdades sociais, competitividade e uso de tecnologias digitais têm marcado o cenário da Educação Superior, exigindo constante adaptação das instituições.

As bibliotecas universitárias, investidas de relevância tanto pelas demandas das avaliações quanto pelo perfil exigente de suas comunidades, representam o elo entre teoria

e prática. Elas tornam tangível o conhecimento produzido na academia, preparando o terreno para que experiências concretas dialoguem com a reflexão teórica, promovendo aprendizagens significativas e transformadoras.

O curso de Especialização em Gestão em Bibliotecas Universitárias, da Universidade de Caxias do Sul (UCS), nasceu do sucesso do curso de graduação em Biblioteconomia, referência nacional pela qualidade e pelo pioneirismo e experiência na modalidade de Educação a Distância (EaD). Ao longo de mais de uma década, a graduação já formou profissionais que atuam em diversas regiões do país, consolidando a imagem da UCS e estimulando a demanda por oportunidades de formação continuada.

Com foco em uma área em que há muito a ser explorado nos currículos de Biblioteconomia – a gestão de bibliotecas –, o curso foi planejado para capacitar profissionais a desenvolver produtos, serviços e práticas que atendam efetivamente às necessidades dos usuários, equilibrando com objetivos e potencialidades da instituição que as mantém. A primeira edição do curso, realizada entre 2024 e 2025, na modalidade a distância, contou com docentes experientes de diferentes instituições do país, oferecendo uma formação que combinou teoria e prática sob múltiplos enfoques: gerencial, educacional, humano, social, científico e tecnológico.

A matriz curricular e o corpo docente que atuou nessa primeira turma foram:

- ✧ Alex Serrano de Almeida, mestre em História, bibliotecário na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), ministrou as disciplinas “Repositórios e periódicos para a democratização do conhecimento” e “O futuro das bibliotecas universitárias”;
- ✧ Dirce Maria Santin, doutora em Comunicação e Informação, bibliotecária na Universidade Federal do Rio Grande

do Sul (UFRGS), ministrou a disciplina “Inovação em produtos e serviços de informação”;

- ✧ Flávia Brocchetto Ramos, doutora em Letras, docente na UCS, ministrou a disciplina “Práticas culturais em bibliotecas universitárias”;
- ✧ João Paulo Borges da Silveira, doutor em Educação, docente na UCS, bibliotecário na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), ministrou as disciplinas “Universidade, biblioteca e aprendizagem” e “Avaliações do ensino superior”
- ✧ Letícia Strehl, doutora em Educação em Ciências, bibliotecária na UFRGS, ministrou a disciplina “Acervos digitais em bibliotecas reinventadas”;
- ✧ Luciana Kramer Pereira, mestra em Informática na Educação, docente na UCS, bibliotecária na Procuradoria-Geral do Estado do Rio Grande do Sul, ministrou a disciplina “Fontes de informação e a ciência aberta”;
- ✧ Michele Marques Baptista, doutora em Educação, docente e bibliotecária na UCS, ministrou a disciplina “Gestão de bibliotecas universitárias”;
- ✧ Paula Carina de Araújo, doutora em Ciência da Informação, docente na Universidade Federal do Paraná (UFPR), ministrou a disciplina “Serviços de apoio à pesquisa em bibliotecas universitárias”;
- ✧ Pedro Ivo Silveira Andretta, doutor em Ciência da Informação, docente na Universidade Federal de Rondônia (Unir), ministrou a disciplina “Divulgação Científica no ambiente universitário”;
- ✧ Susana Elisabeth Neumann, doutora em Administração, docente na UCS, ministrou a disciplina “Métodos e ferramentas de gestão”;

- ✧ Thalita Oliveira da Silva Gama, mestra em Biblioteconomia, bibliotecária na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), ministrou a disciplina “Mídias sociais e suas possibilidades informacionais”; e,
- ✧ Wellington Freire Machado, doutor em Letras, docente na FURG, ministrou a disciplina “Universidade e desenvolvimento comunitário”.

Complementaram a matriz curricular do curso as disciplinas “Unidade integradora I: da teoria à prática” e “Unidade integradora II: da prática ao compartilhamento”, ministradas ao final do primeiro e do segundo módulo, respectivamente, com foco na construção da escrita final do curso, que se concretizam em parte das produções que compõem este livro, em conjunto com textos dos docentes do curso que se sentiram motivados a compartilhar suas reflexões a partir das disciplinas ofertadas.

O curso contribuiu para a excelência acadêmica, fortalecendo o papel das bibliotecas universitárias, ampliando o impacto da formação profissional e reafirmando seu compromisso com a sociedade. Finalizaram o curso 33 bibliotecários e bibliotecárias, atuantes nas cinco regiões do Brasil, que, agora especialistas, estão capacitados para a plena gestão de bibliotecas universitárias e demais ambientes de informação, a partir do aperfeiçoamento de competências e habilidades com foco na oferta de produtos, serviços e práticas às comunidades atendidas.

Esta obra é constituída por 21 capítulos (17 de egressos do curso e 4 de docentes) divididos em duas partes: a primeira com foco em reflexões teóricas sobre a gestão e inovação de bibliotecas universitárias; e a segunda com relatos de experiências práticas nesses espaços, incluindo o exercício reflexivo de algumas autoras sobre suas trajetórias profissionais e pessoais no campo das bibliotecas universitárias.

Espero que este livro e seus textos inspirem bibliotecários e bibliotecárias para a gestão e inovação nas bibliotecas universitárias, independentemente de ocuparem cargos de gestão, bem como os estudantes da segunda turma do curso (em andamento) para a produção de seus futuros trabalhos finais e estudantes dos cursos de Biblioteconomia, refinando olhares para um exercício profissional técnico, humano e ético.

Boa leitura!

João Paulo Borges da Silveira
Organizador



Parte I – Fundamentos em perspectivas

Desafios e práticas da gestão de pessoas em bibliotecas universitárias

Adriana Guedes Chiaradia de Oliveira

Introdução

A gestão de pessoas configura as estratégias, políticas e práticas necessárias para liderar e direcionar uma equipe de forma a motivá-la e desenvolvê-la para que execute seu trabalho de modo eficiente e atinja os objetivos da organização. Sendo assim, a gestão de pessoas é um tema essencial em qualquer organização, e em bibliotecas universitárias ela também assume um papel importante e estratégico devido à alta complexidade do ambiente acadêmico e à diversidade de serviços oferecidos.

Ao englobar práticas voltadas à liderança, motivação, capacitação e organização das equipes, a gestão de pessoas se destaca como pilar da qualidade dos serviços informacionais, sendo determinante para a sustentabilidade e a inovação institucional.

Em bibliotecas universitárias, tem sido um tema pouco explorado em relação a outros setores administrativos dentro das instituições e em relação às competências e serviços técnicos atribuídos ao profissional bibliotecário. Segundo Ramos (2020), muitos profissionais são preparados para atuar tecnicamente, mas encontram lacunas quando precisam exercer funções gerenciais, como liderança, planejamento e desenvolvimento de equipes. Além disso, a necessidade de constante inovação e adaptação às transformações sociais e tecnológicas

demanda dos bibliotecários habilidades interpessoais e gerenciais que vão além das competências técnicas.

A atuação do bibliotecário na gestão de pessoas deve extrapolar as funções operacionais, incorporando práticas de escuta, mediação de conflitos e valorização das relações interpessoais. Essa dimensão humana é ainda muitas vezes negligenciada dentro das bibliotecas universitárias (Nogueira; Bernardino, 2020).

Santa Anna (2019) evidencia a necessidade de uma liderança mais humanizada, pautada pelo diálogo e pela escuta ativa como ferramentas de gestão dentro da biblioteca, a ausência dessas práticas contribui muitas vezes para o adoecimento emocional e o distanciamento entre chefias e colaboradores.

Essa transformação exige novas competências, como liderança, escuta ativa, planejamento, capacidade de negociação e sensibilidade às mudanças institucionais. Segundo Lipinski e Meurer (2020), muitos bibliotecários não recebem formação específica em gestão de pessoas, o que reforça a necessidade de reformulação curricular e de investimentos em capacitação gerencial.

Dessa forma, a crescente demanda por serviços de informação de alta qualidade, a evolução das tecnologias de gestão do conhecimento e a necessidade de promover um ambiente colaborativo e inovador tornam urgente a discussão sobre como gerir equipes de forma eficiente e eficaz. Além disso, bibliotecas universitárias são responsáveis por apoiar o ensino, a pesquisa e a extensão, o que exige um corpo técnico bem preparado e motivado. Assim, o presente artigo busca discutir os principais desafios enfrentados pelos gestores de bibliotecas universitárias no que diz respeito à administração de equipes e ao desenvolvimento de boas práticas de gestão de pessoas.

A metodologia adotada para a pesquisa foi uma revisão bibliográfica com abordagem qualitativa e exploratória. Foi

realizada nas bases de dados Portal de Periódicos da Capes, repositório da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários (Febab), Scielo e Google Acadêmico. Os termos de busca utilizados foram “gestão de pessoas”, “gestão de bibliotecas universitárias”, “liderança em bibliotecas” e “competências do bibliotecário”. Foram encontrados cerca de 71 textos, sendo selecionados 15, após análise de título, resumo e ano de publicação. Os textos selecionados foram publicados entre 2011 e 2024.

A análise dos documentos permitiu identificar padrões, carências e boas práticas que fundamentam as reflexões e propostas apresentadas neste estudo, possibilitando a identificação de lacunas e a discussão sobre como as bibliotecas universitárias podem adaptar e implementar boas práticas de gestão de equipes em um contexto de rápidas mudanças tecnológicas e acadêmicas.

Visando, dessa forma, a contribuir para a reflexão e o desenvolvimento de estratégias mais eficazes de gestão de equipes e promover a qualidade dos serviços prestados por essas instituições.

Liderança e o perfil do gestor em bibliotecas universitárias



A liderança no ambiente das bibliotecas universitárias vai além da supervisão técnica, sendo fundamental para o engajamento e desenvolvimento das equipes. Segundo Serafim e Lima (2017), o bibliotecário que assume funções gerenciais precisa atuar como um facilitador, promovendo uma liderança participativa, dialógica e alinhada às transformações institucionais e sociais. A liderança eficaz, nesse contexto, demanda a construção de confiança, abertura à escuta e tomada de decisões compartilhadas.

O desenvolvimento da liderança está intrinsecamente ligado às competências gerenciais do bibliotecário, que en-

volvem planejamento, organização, coordenação e avaliação. Além de dominar os processos técnicos, o gestor precisa desenvolver habilidades como empatia, escuta ativa e motivação de equipe. Machado (2021, p. 75) afirma que “o sucesso da biblioteca está diretamente relacionado à sua capacidade de mobilizar pessoas em torno de um propósito comum”.

Assim, o gestor deve possuir habilidades interpessoais, visão estratégica e competência para administrar conflitos e expectativas diversas. Esse perfil de liderança é essencial para criar ambientes de trabalho saudáveis e produtivos, principalmente em instituições de ensino superior, onde os fluxos de trabalho são impactados pelas agendas acadêmicas e políticas institucionais (Cavalcante; Guerra, 2022).

Amorim e Amaral (2011) ressaltam a importância das competências gerenciais como parte fundamental da atuação do bibliotecário em instituições de ensino superior. Habilidades como tomada de decisão, visão estratégica, flexibilidade, planejamento e comunicação são indispensáveis para o exercício da liderança em bibliotecas universitárias.

Já Oliveira (2018) identificou que o modelo de liderança autocrática ainda prevalece, gerando desmotivação entre os colaboradores. É urgente repensar as práticas de comando verticalizado, promovendo a escuta, o diálogo e a valorização dos saberes da equipe como pilares para um ambiente mais saudável. Dessa forma, a liderança em unidades de informação deve estar centrada na promoção de ambientes colaborativos. A figura do bibliotecário líder deve ser inspiradora e orientada pela escuta ativa, sendo capaz de delegar com confiança e promover a autonomia da equipe (Silva; Fernandes; Lima, 2013).

Lipinski e Meurer (2020) observam que, embora a maioria dos bibliotecários não tenha formação específica em gestão de pessoas, muitos desenvolvem habilidades gerenciais por meio da prática, desenvolvendo características como em-

patia, escuta, imparcialidade, comprometimento e abertura ao diálogo, sendo essas as marcas de um bom líder.

Motivação e bem-estar das equipes

O estímulo à motivação das equipes é um dos pilares da gestão de pessoas. Bibliotecários e demais profissionais que atuam nas bibliotecas universitárias enfrentam desafios como sobrecarga de trabalho, falta de reconhecimento institucional e limitações estruturais. Assim, estratégias que promovam o bem-estar físico e emocional dos colaboradores tornam-se essenciais.

De acordo com Nogueira e Bernardino (2020), o bem-estar dos trabalhadores bibliotecários está fortemente ligado à forma como são tratados no ambiente organizacional. As autoras sugerem que ações simples, como reconhecimento profissional, escuta ativa e valorização das competências individuais, são fundamentais para manter o engajamento das equipes. Para elas, “o investimento em relações humanas qualificadas é tão importante quanto o investimento em tecnologia” (Nogueira; Bernardino, 2020, p. 4).

Ramos (2020) complementa destacando que ambientes motivadores são construídos com base na confiança, no diálogo contínuo e na clareza das metas institucionais. Para o autor, o reconhecimento deve ocorrer tanto no âmbito formal quanto no cotidiano das relações profissionais.

Cavalcante e Guerra (2022) ressaltam que ambientes saudáveis se constroem com relações horizontais, *feedbacks* construtivos e cultura de aprendizagem. Os autores indicam que o envolvimento da equipe nos processos decisórios aumenta o senso de pertencimento e reduz o absenteísmo.

O reconhecimento simbólico, como elogios, menções públicas e visibilidade institucional, pode ter impactos significativos na motivação das equipes. A motivação está ligada

ao alinhamento entre valores pessoais e missão institucional, bem como à clareza de expectativas e funções (Lipinski; Meurer, 2020).

Capacitação e desenvolvimento profissional

A capacitação contínua deve fazer parte das estratégias da gestão de pessoas, especialmente em ambientes como as bibliotecas universitárias, onde as demandas tecnológicas e informacionais se transformam com rapidez. Segundo Spudeit e Kroeff (2017, p. 22), “não basta capacitar tecnicamente; é necessário desenvolver as competências relacionais e gerenciais dos profissionais das bibliotecas”.

Oliveira (2018), mostra que equipes que recebem treinamento contínuo e personalizado apresentam maior eficiência e autonomia nas rotinas de atendimento e organização da informação. A autora defende que os planos de capacitação devem ser elaborados com base em diagnósticos internos, respeitando os perfis e as funções de cada colaborador.

Nesse sentido, Machado (2021) reforça a ideia de que a gestão de pessoas deve promover ações planejadas de desenvolvimento, vinculando os programas de capacitação aos objetivos institucionais da biblioteca e ao perfil do seu público-alvo. A autora defende ainda que “a formação continuada não é um custo, mas um investimento estratégico que retorna em qualidade dos serviços e satisfação dos usuários” (Machado, 2021, p. 78).

Bresolin (2024) acrescenta que a capacitação contínua fortalece a autoestima profissional, amplia a autonomia e cria condições para que os bibliotecários se tornem protagonistas das mudanças institucionais.

Por fim, o planejamento estratégico da capacitação deve considerar não apenas aspectos técnicos, mas também habili-

dades comunicacionais, emocionais e de gestão de conflitos, a integração entre teoria e prática é essencial para que haja resultados duradouros (Mendes; Pinto, 2014).

Conflitos, comunicação e clima organizacional

Os conflitos nas bibliotecas universitárias surgem, muitas vezes, da sobreposição de funções, da comunicação ineficaz e da falta de clareza nos papéis institucionais entre os colaboradores e o próprio bibliotecário. A competência comunicativa é fundamental para os bibliotecários gestores. Essa competência envolve clareza, empatia, assertividade e abertura para a negociação, sendo essencial para prevenir e resolver conflitos de maneira eficaz (Silva *et al.*, 2016).

Sousa e Spudeit (2022) afirmam que o clima organizacional é diretamente impactado pela forma como os gestores conduzem situações de conflito. Eles observam que lideranças abertas ao diálogo, que reconhecem a diversidade de perfis e que praticam escuta ativa, tendem a reduzir tensões e aumentar a coesão do grupo.

Santa Anna (2019) complementa que a ausência de comunicação formalizada contribui para a sobreposição de tarefas e falhas de alinhamento e, em longo prazo, para o adoecimento emocional das equipes. Segundo ela, o bibliotecário precisa assumir uma postura ativa na criação de espaços permanentes de diálogo.

Desafios institucionais e tecnológicos

As bibliotecas universitárias operam em um ambiente institucional altamente regulamentado, o que impõe limitações à autonomia dos gestores na aplicação de políticas de pessoal. Além disso, os desafios relacionados à transformação digital exigem que as equipes estejam em constante atualização.

Souza e Spudeit (2022, p. 14) analisam que a estrutura das bibliotecas universitárias precisa ser repensada para incorporar inovações tecnológicas de forma planejada e com suporte humano adequado. As autoras observam que “os desafios institucionais são frequentemente agravados por gestões enegessadas e ausência de políticas claras para desenvolvimento de equipes”.

Outro ponto crítico levantado é a resistência de parte da equipe às mudanças tecnológicas, muitas vezes por insegurança ou falta de capacitação. Isso reforça a importância da liderança como agente de mudança e da comunicação clara sobre os impactos e benefícios dos novos processos de trabalho (Ramos, 2020).

Considerações finais

A gestão de pessoas em bibliotecas universitárias vai muito além da administração operacional: ela é uma ferramenta estratégica para a promoção da qualidade, da inovação e do bem-estar institucional. Os dados analisados revelam que liderança empática, comunicação eficaz, capacitação planejada e mediação de conflitos são condições fundamentais para o sucesso das equipes. O papel do bibliotecário como gestor requer o desenvolvimento contínuo de habilidades relacionais, administrativas e estratégicas.

É importante destacar a necessidade de ampliar a formação dos bibliotecários em gestão de pessoas, bem como estruturar políticas institucionais mais robustas voltadas ao desenvolvimento humano. O enfrentamento da resistência à mudança e a criação de uma cultura organizacional participativa são pontos-chave para o futuro da profissão.

No âmbito institucional, a discussão pode favorecer o aprimoramento das políticas internas de recursos humanos, incentivando ações de formação continuada, valorização profissional e revisão dos modelos de liderança. Para as bibliotecas

universitárias, o artigo pode contribuir como subsídio para diagnósticos internos, planejamento de equipes e reestruturação organizacional. Também espera-se contribuir para o público em geral atendido, com o fortalecimento das equipes impacte positivamente na qualidade dos serviços oferecidos, tornando as bibliotecas mais acolhedoras, inovadoras e preparadas para atender às demandas acadêmicas contemporâneas.

Do ponto de vista profissional, a realização desta pesquisa proporcionou uma ampliação significativa do olhar sobre o papel do gestor de bibliotecas. Compreender os fundamentos da gestão de pessoas e suas aplicações no cotidiano das bibliotecas universitárias permite o desenvolvimento de uma postura mais estratégica, crítica e colaborativa diante dos desafios enfrentados nas instituições de ensino superior.

Este trabalho buscou fortalecer o debate sobre o papel estratégico da gestão de pessoas no sucesso das bibliotecas universitárias. Ao propor reflexões e estratégias práticas, este artigo busca apoiar gestores, bibliotecários e instituições de ensino na construção de ambientes de trabalho mais cooperativos e eficientes.

Referências

AMORIM, I. R. de; AMARAL, R. M. do. Mapeamento de competências em bibliotecas e unidades de informação.

Perspectivas em Ciência da Informação, v. 16, n. 2, p. 2-16, abr./jun. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/VHcVqrssjRgCpWs4NgKrBwb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 jun. 2025.

BRESOLIN, T. A. **Gestão de bibliotecas universitárias: as dificuldades encontradas pelo bibliotecário enquanto gestor de pessoas**. 2024. 24 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2024. Disponível em: <https://repositorio.udesc.br/handle/UDESC/22011>. Acesso em: maio 2025.

CAVALCANTE, L. P. dos S.; GUERRA, M. Á. M. A. Conexões da gestão de pessoas e o bibliotecário: aspectos práticos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO,

29., 2022, Fortaleza. **Anais [...]**. Fortaleza: Febab, 2022. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/cbbd2022/article/view/2685>. Acesso em: out. 2024.

LIPINSKI, B.; MEURER, L. de M. O bibliotecário universitário como gestor de pessoas. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 25, n. 3, p. 686-696, ago./dez., 2020. Disponível em: <https://revista.acb.org.br/racb/article/view/1721>. Acesso em: maio 2025.

MACHADO, A. S. Competências gerenciais do bibliotecário em instituições de ensino superior. **Revista Eletrônica em Gestão e Tecnologia**, v. 6, n. 2, p. 72-84, 2021. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/348417584>. Acesso em: out. 2024.

MENDES, A. R. L.; PINTO, V. B. Competências essenciais necessárias à atuação dos bibliotecários gestores de pessoas nas bibliotecas da rede federal de educação profissional, científica e tecnológica. In: XVIII SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 18., 2014, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: SNBU, 2014. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/6578>. Acesso em: abr. 2025.

NOGUEIRA, A. M. L.; BERNARDINO, M. C. R. Gestão de pessoas em bibliotecas universitárias: uma proposta de atuação. **Rev. Inf. na Soc. Contemp.**, v. 4, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/informacao/article/view/19732>. Acesso em: out. 2024.

OLIVEIRA, M. I. de. **O bibliotecário líder e o reflexo da sua liderança na equipe**: estudo nas bibliotecas públicas e privadas de Natal. 2018. 63 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/items/7e9451d0-87fb-43f4-a446-ee50342c3a91>. Acesso em: 15 jun. 2025.

RAMOS, M. C. Aspectos gerenciais de bibliotecários com foco na liderança em unidades de informação. **Biblionline**, João Pessoa, v. 16, n. 3/4, p. 2-10, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/57064>. Acesso em: out. 2024.

SANTA ANNA, J. Gestão de pessoas em bibliotecas: revisão narrativa de literatura nos anais do CBBd e do SNBU. **Ci. Inf. Rev.**, Maceió, v. 6, n. 3, p. 49-65, set./dez. 2019. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/7068>. Acesso em: jun. 2025.

SERAFIM, A. N. F.; LIMA, I. F. de. Gestão por competência aplicada em bibliotecas universitárias. **Pesq. Bras. em Ci. da Inf. e Bib.**, João Pessoa, v. 12, n. 2, p. 158-167, 2017. Disponível em: <https://pbcib.com/index.php/pbcib/article/view/36138>. Acesso em: jun. 2025.

SILVA, A. P. L. da *et al.* O bibliotecário e sua atuação na gestão de conflitos: estudo de caso do Sistema Integrado de Bibliotecas da UNIVASF. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 19., 2016. **Anais** [...]. Salvador: SNBU, 2016. p.1-9. Disponível em: http://repositorio.febab.org.br/files/original/31/4465/SNBU2016_083.pdf. Acesso em: jun. 2025.

SILVA, F. M. S. da.; FERNANDES, G. C.; LIMA, C. R. M. de. Competência comunicativa: uma competência administrativa para o bibliotecário universitário contemporâneo. **Inf. Prof.**, Londrina, v. 2, n. 2, p. 119-133, 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/infoprof/>. Acesso em: out. 2024.

SOUSA, C. B. dos S. de; SPUDEIT, D. Práticas gerenciais em bibliotecas universitárias: possibilidades para inovação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 18, p. 01-20, 2022. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1728>. Acesso em: maio 2025.

SPUDEIT, D.; KROEFF, M. S. **Gestão de unidades de informação**. São Paulo: Febab, 2017. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/1534>. Acesso em: out. 2024.

O futuro da biblioteca universitária: breves apontamentos

Alex Serrano de Almeida

Agradecimento especial

A escrita deste capítulo transcende os limites da análise científica e da reflexão acadêmica para tocar dimensões mais íntimas e simbólicas da minha vida profissional. Não se trata apenas de uma contribuição intelectual, mas de um gesto de reconhecimento e de pertencimento.

É, antes de tudo, um ato de honra participar desta obra como docente vinculado à primeira especialização brasileira dedicada à gestão de bibliotecas universitárias, pois significa inscrever-se em um marco histórico da biblioteconomia nacional. À Universidade de Caxias do Sul, instituição que abriga essa iniciativa pioneira, e ao professor João Paulo Borges da Silveira, coordenador do curso, expresso minha gratidão incondicional pelo convite e pela partilha de um processo coletivo que, ao mesmo tempo em que constrói conhecimento, projeta esperança para o futuro de nossa área.

A potência dessa especialização revela-se em sua capacidade de formar profissionais proativos, críticos e comprometidos, que buscam permanentemente aprimorar práticas e renovar sentidos em suas unidades de informação. Ao acompanhar a trajetória de um número tão expressivo de bibliotecários e bibliotecárias, distribuídos pelos mais diversos contextos e regiões do país, sinto-me convocado a refletir sobre a dimensão transformadora do ensino. Em um Brasil em que, não raras vezes, as instituições educativas são atacadas, tanto de forma

física, por meio do descaso com sua infraestrutura, quanto de forma simbólica, pelo desmonte de suas políticas, ver nascer e florescer um curso dessa magnitude é reafirmar que a resistência pelo conhecimento vale cada esforço.

Esse movimento formativo não se limita a transmitir técnicas ou ferramentas de gestão, mas promove um exercício de cidadania profissional, de fortalecimento identitário e de renovação coletiva da biblioteconomia brasileira. Ele projeta bibliotecários como protagonistas ativos da vida acadêmica, capazes de intervir criticamente em suas realidades e de contribuir para a consolidação das universidades como espaços plurais de saber, ciência e transformação social. Por isso, mais do que uma experiência acadêmica, esta escrita se inscreve como um testemunho de orgulho, gratidão e esperança no futuro da profissão e no futuro das bibliotecas universitárias brasileiras.

Ponderações sobre bibliotecas universitárias



Nas últimas três décadas, os espaços das bibliotecas universitárias, de modo geral, passaram por transformações profundas, acompanhando, e muitas vezes tensionando, as lutas, reformas e reconfigurações estruturais das universidades no cenário global. A biblioteca, antes ancorada em funções mais estáveis e, por vezes, previsíveis, tornou-se um organismo em constante mutação (lembremos de Ranganathan), expandindo-se em escopo e alcance para atender demandas emergentes e incorporar novos modos de uso (O'Donnell; Anderson, 2021).

No contexto contemporâneo, existem pressões crescentes para refletir, de forma contínua e estratégica, sobre a natureza da experiência do usuário. Isso envolve compreender não apenas o que significa ser usuário da biblioteca universitária no século XXI, mas também a maneira como esse

sujeito interage com tecnologias digitais e com a diversidade de espaços, físicos e virtuais, que compõem o ecossistema da biblioteca universitária e dos fazeres do profissional bibliotecário (O'Donnell; Anderson, 2021).

A trajetória evolutiva das bibliotecas universitárias tem sido moldada por vetores de mudança de ordem global, como a penetração das tecnologias digitais em seu cotidiano, a emergência de tendências pedagógicas centradas no protagonismo discente e a crescente influência de lógicas neoliberais no ensino superior. Esses movimentos convergem para abrir, de forma simultânea, oportunidades proativas e respostas reativas no planejamento e na ação bibliotecária (O'Donnell; Anderson, 2021).

Observa-se um movimento gradual das bibliotecas universitárias no sentido de alinhar-se de forma mais estreita às estratégias institucionais, posicionando-se não apenas como unidades de apoio, mas como parceiras estratégicas, assumindo, em determinadas frentes, protagonismo e liderança. Emerge, nesse contexto, uma postura na qual as bibliotecas intensificam seu diálogo e sua colaboração com a instituição, buscando sinergias com outras unidades acadêmicas e/ou administrativas, evidenciando um interesse crescente por parcerias que extrapolam as “fronteiras” físicas e simbólicas da biblioteca bem como fortalecendo sua inserção no ecossistema integrativo à instituição (Cox, 2018).

O processo de posicionamento e reposicionamento das bibliotecas universitárias no contexto institucional tem ocorrido em múltiplas frentes, refletindo não apenas transformações internas, mas também profundas mudanças que afetam as universidades como um todo. A natureza volátil do ambiente acadêmico, marcado por alterações políticas e de governança, demandam das bibliotecas capacidade de adaptação contínua; sendo assim, as mutações vivenciadas pelo ensino superior impactam a biblioteca na mesma intensidade com que afetam

a própria universidade, exigindo novos papéis e estratégias para assegurar a sua relevância frente à missão institucional (Cox, 2018).

Entre os elementos convergentes que sustentam esse reposicionamento, destaca-se a ênfase em parcerias intersetoriais, em prol do reconhecimento de que o trabalho colaborativo e estratégico potencializa resultados, e o isolamento aumenta o risco de tornar a biblioteca um setor periférico na instituição. Nesse sentido, as bibliotecas têm intensificado sua abertura para compartilhar infraestrutura e expertise, engajando-se de forma deliberada no alinhamento às prioridades institucionais, e essa transformação repercute também na gestão de recursos humanos, deslocando esforços para o fortalecimento do relacionamento com docentes, discentes e parceiros internos (Cox, 2018).

Ademais, a mudança paradigmática de foco das coleções para os usuários tem sido decisiva, orientando a uma nova concepção do espaço físico e simbólico da biblioteca como ambiente catalisador da aprendizagem interativa. Nesse aspecto, a comunicação estratégica figura como ponto sensível para captar a atenção de uma comunidade acadêmica dinâmica e frequentemente sobrecarregada, o que exige narrativas claras e consistentes que articulem a nova agenda bibliotecária aos valores e metas institucionais, por isso tornar explícita a contribuição da biblioteca para o avanço da missão acadêmica é essencial para legitimar novos papéis e consolidar parcerias (Cox, 2018).

O sucesso do reposicionamento depende de evitar que a colaboração resulte em diluição de protagonismo, garantindo que a biblioteca seja percebida como agente de transformação. As oportunidades de liderança já concretizadas em áreas como acesso aberto, gestão de dados de pesquisa e humanidades digitais indicam caminhos promissores, e o alinhamento dinâmico, propositivo e engajado com as prioridades orga-

nizacionais constitui um fator-chave para a consolidação da biblioteca como espaço estratégico e indispensável no ecossistema acadêmico (Cox, 2018).

Conservadorismo: o mal enraizado em algumas bibliotecas

Para Cox (2023), a adoção de uma postura excessivamente conservadora e marcada por cautela exacerbada pode atuar como força inibidora no desenvolvimento das bibliotecas universitárias, limitando sua capacidade de alcançar o pleno potencial institucional e social que lhes é inerente. Historicamente, observa-se uma lentidão na percepção de mudanças estruturais, como exemplo, evidenciado por Lancaster, ao identificar uma visão restrita no início da transição da comunicação impressa para os formatos digitais no final da década de 1970 (Cox, 2023).

Esse mesmo traço de resistência reflete-se no engajamento tímido com tecnologias emergentes, como a inteligência artificial, cuja adoção em algumas bibliotecas permanece incipiente. A relutância em descontinuar práticas outrora eficazes estreita o horizonte de inovação e restringe a plasticidade institucional necessária para navegar em ambientes de mudança acelerada (Cox, 2023).

Quadro 1 – Algumas fraquezas das bibliotecas universitárias.

Fraquezas	Negativos	Contrapesos	Implicações estratégicas
Conservadorismo	– Hesitação em relação às oportunidades – Descontinuação lenta – Foco interno	– Representação da mentalidade do campus – Reinvenção bem-sucedida	– Cultivar a experimentação – Fortalecer o engajamento externo

Percepções errôneas das partes interessadas	– Percepções datadas e estreitas – Subestimação – Negligência benigna	– Sentimento positivo em relação à biblioteca	– Comunicar o impacto – Enfatizar as prioridades institucionais
Economia	– Participação decrescente no orçamento – Mercado de periódicos disfuncionais – Valor mais difícil de provar	– Compra de consórcio – Questionamento dos custos dos periódicos	– Promover a compreensão das partes interessadas – Explicar custos, escolhas e valor
Diversidade	– Equipe não representativa dos usuários – Viés de coleções – Mudança muito lenta	– Foco no EDI institucional e social	– Priorizar planos de diversidades intencionais

Fonte: Elaborado a partir de Cox, 2023.

Cox (2023) identifica fragilidades como o conservadorismo institucional, a manutenção de práticas obsoletas, a percepção limitada da biblioteca por parte da alta gestão e as restrições orçamentárias persistentes. No campo da gestão, a eficácia do planejamento estratégico também sofre influência desse conservadorismo, expressando-se numa mentalidade predominantemente introspectiva e uma propensão ao pensamento linear e compartimentalizado, que dissocia as dinâmicas externas das condições internas da biblioteca, onde planos estratégicos, de modo geral, têm predomínio interno em seu foco, voltado para coleções, serviços e infraestrutura, enquanto possui frágil articulação com o planejamento institucional de forma mais ampla (Cox, 2023).

A incorporação de uma mentalidade mais ousada, empreendedora e experimental poderia acelerar o progresso, estimulando o desinvestimento estratégico em práticas obso-

letas e a aceitação construtiva do erro como parte do processo inovador. Projetar maior confiança institucional e ampliar o tempo dedicado ao engajamento para além das fronteiras físicas e simbólicas da biblioteca pode contribuir para dissolver percepções equivocadas de partes interessadas, fortalecendo a imagem da biblioteca como espaço essencial de criação, circulação e transformação do conhecimento (Cox, 2023).

Outros apontamentos

A gestão de mudanças no contexto das bibliotecas universitárias configura-se como um processo intrinsecamente complexo, multifacetado e de difícil apreensão integral, pois as prescrições normativas para conduzir tais transformações de maneira plenamente eficaz tendem a ser, na melhor das hipóteses, de caráter preventivo ou hipotético, uma vez que a velocidade e a imprevisibilidade das transições desafiam modelos rígidos e lineares de gestão e a estratégia nuclear para a liderança bibliotecária. Portanto, reside na capacidade de reconhecer e interpretar a realidade emergente, assegurando um elevado grau de adaptabilidade e mantendo, como eixo orientador, a agregação e a criação de valor efetivo para os resultados institucionais de ensino, aprendizagem e pesquisa (Gunapala *et al.*, 2020).

Em um ecossistema acadêmico marcado por mutações aceleradas, espera-se que as bibliotecas universitárias não apenas demonstrem retorno tangível sobre os recursos investidos, mas também cultivem a habilidade de identificar e explorar oportunidades inéditas, e tal movimento implica mobilizar conhecimentos, competências e capacidades não tradicionais, cada vez mais essenciais para redesenhar o caminho de atuação dessas instituições no horizonte contemporâneo. Reconhece-se, assim, que a mudança não é uma contingência eventual, mas um componente intrínseco ao processo de crescimento e de projeção futura da biblioteca, em que gerir a mudança

deixa de ser uma competência acessória e assume um caráter existencial: trata-se de garantir a sobrevivência, a relevância e a capacidade de liderar no ambiente acadêmico do século XXI (Gunapala *et al.*, 2020).

A compreensão do que significa exercer uma liderança efetiva no contexto das bibliotecas universitárias contemporâneas exige, antes de tudo, a percepção atenta do cenário vigente e a capacidade de responder, de forma sensível e estratégica, às demandas emergentes da organização. No panorama pós-pandêmico, marcado por transformações sociotecnológicas aceleradas e pela reconfiguração das dinâmicas de trabalho, torna-se imperativo que os líderes bibliotecários desenvolvam e consolidem competências cuja centralidade e relevância adquirem novos contornos. Dentre elas, destacam-se: a criação de ambientes laborais que considerem integralmente a pessoa, valorizando não apenas sua produtividade, mas também seu bem-estar; a incorporação do autocuidado como prática modelar no exercício da liderança; a promoção de espaços de trabalho sustentáveis; a gestão construtiva de conflitos; a administração equilibrada da flexibilidade organizacional; o fortalecimento de uma cultura colaborativa e comunitária; e a atuação estratégica no alinhamento de propósitos institucionais e organizacionais (McBrayer, 2025).

Nesse sentido, programas de treinamento e iniciativas de desenvolvimento de lideranças em bibliotecas em que sejam estruturadas ações que dialoguem diretamente com as expectativas e necessidades da força de trabalho contemporânea são muito relevantes. Para aqueles que já ocupam posições de liderança, torna-se pertinente uma reflexão contínua e auto-crítica sobre como engajar-se, de modo efetivo e coerente, nas habilidades e estratégias identificadas, afinal, delinear e assumir tais competências não apenas responde ao que se espera dos líderes de bibliotecas na atualidade, mas também projeta a construção de uma liderança capaz de sustentar a relevância e

o protagonismo dessas unidades informacionais para o futuro (McBrayer, 2025).

Outro ponto de discussão emergente é a incorporação da inteligência artificial que tem promovido transformações profundas no universo das bibliotecas universitárias, sobretudo ao potencializar processos de automação, estratégias de recuperação da informação e oferta de serviços personalizados. A adoção de *chatbots* baseados em IA, mecanismos de busca inteligentes e sistemas de recomendação ampliou a qualidade da experiência do usuário, ao viabilizar respostas instantâneas a consultas, otimizar a descoberta de recursos informacionais e antecipar, de forma preditiva, necessidades ainda latentes (Islam *et al.*, 2025).

Paralelamente, aplicações de aprendizado de máquina voltadas à gestão de coleções possibilitam a análise refinada de padrões de empréstimo, perfis de uso e relevância dos conteúdos, assegurando maior eficiência na alocação de recursos. Do mesmo modo, ferramentas de mineração de textos e dados, amparadas por algoritmos de IA, têm permitido a bibliotecários e pesquisadores extrair *insights* de grandes volumes de dados, tornando os processos de recuperação e análise informacional mais ágeis e precisos (Islam *et al.*, 2025).

Todavia, a expansão desse potencial encontra barreiras significativas, entre as quais se destaca a limitada alfabetização em IA entre profissionais da área. Muitos bibliotecários ainda não dispõem das competências técnicas necessárias para implementar, gerir e interpretar adequadamente as ferramentas baseadas em inteligência artificial, o que pode resultar em subutilização, inadequação de aplicação e até ineficiências operacionais (Islam *et al.*, 2025).

Sem investimentos sistemáticos em formação e capacitação, corre-se o risco de perpetuar um fosso entre a disponibilidade tecnológica e sua incorporação efetiva às práticas bibliotecárias. Nesse sentido, a integração de módulos formativos sobre

IA em programas de desenvolvimento profissional mostra-se indispensável, pois capacita os bibliotecários a lidarem com essas ferramentas de maneira crítica, ética e confiante (Islam *et al.*, 2025).

Apesar das resistências e desafios, o horizonte que se delineia é promissor. Quando ancorada em princípios éticos sólidos, no compromisso com a justiça algorítmica e no investimento em qualificação profissional, a IA tem o potencial de reposicionar as bibliotecas universitárias como unidades ainda mais dinâmicas, responsivas e proativas. Nessa perspectiva, a tecnologia não se apresenta como substituta da mediação humana, mas como aliada estratégica, capaz de fortalecer tanto a gestão interna quanto a experiência informacional dos usuários, assegurando à biblioteca um papel de protagonismo frente às necessidades de informação em permanente evolução (Islam *et al.*, 2025).

Encerramento... mas distante de um final

Para encerrar este capítulo sob a ótica prospectiva, recorro a uma reflexão instigante publicada pela *Forbes*, ainda em 2015, no artigo intitulado “Do We Need Libraries?”. O texto, embora situado em um passado recente, ecoa uma questão que transcende o tempo e permanece atual não apenas hoje, mas daqui a dez, cinquenta ou cem anos, e ousa escrever aqui... talvez para sempre. A interrogação central que devemos fazer não é se precisamos de bibliotecas, mas **como podemos encantar nossos usuários?**

A resposta a essa provocação, quando elaborada com autenticidade e sensibilidade, possui a força de reconfigurar o presente e projetar o futuro da biblioteca. Pois, ao compreender o encantamento como resultado de um serviço significativo, de uma experiência acolhedora e de uma mediação informacional ética e transformadora, a biblioteca adquire todas as ferramentas necessárias para superar obstáculos. Esteja diante

das dificuldades imediatas ou dos cenários incertos do porvir, sua permanência e relevância estarão asseguradas enquanto for capaz de cativar, inspirar e transformar a vida de seus usuários.

Referências

COX, J. Positioning the Academic Library within the Institution: A Literature Review. **New Review of Academic Librarianship**, v. 24, 2018. DOI: 10.1080/13614533.2018.1466342

COX, J. The Position and Prospects of Academic Libraries: Weaknesses, Threats and Proposed Strategic Directions. **New Review of Academic Librarianship**, v. 29, n. 3, p. 263-287, 2023. DOI: 10.1080/13614533.2023.2238691

DENNING, S. Do we need libraries? **Forbes**, 28 abr. 2015. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/stevedenning/2015/04/28/do-we-need-libraries>. Acesso em: 27 ago. 2025.

GUNAPALA, M. *et al.* Managing change in university libraries in the 21st Century: an Australian perspective. **Journal of the Australian Library and Information Association**, v. 69, n. 2, 2020. DOI: 10.1080/24750158.2020.1756598

ISLAM, M.N. *et al.* Application of artificial intelligence in academic libraries: a bibliometric analysis and knowledge mapping. **Discov. Artif. Intel.**, v. 59, n. 5, 2025. DOI: 1007/s44163-025-00295-9

MCBRAYER, L. W. What we need now: leadership skills, strategies, and competencies in today's academic libraries. **The Journal of Academic Librarianship**, v. 51, 2025. DOI: 10.1016/j.acalib.2025.103068

O'DONNELL, P.; ANDERSON, L. The university library: places for possibility. **New Review of Academic Librarianship**, v. 28, n. 3, 2021. DOI: 10.1080/13614533.2021.1906718

Atuação profissional em bibliotecas jurídicas e seu impacto nas bibliotecas universitárias do ramo do direito

Áuria Machado da Rosa

Introdução

Este trabalho tem como objetivo explorar quais instituições de ensino superior estão ligadas ao campo do Direito, fundamentando-se nas vivências da autora, que atuou principalmente em instituições do setor jurídico. O cenário em que ocorreu o relato a ser apresentado se dá em forma indireta, pois a autora deste texto possui pouco tempo de experiência atuando em bibliotecas, decidindo atrelar o relato com a sua atuação como bibliotecária jurídica. Diante disso, este trabalho apresentará um breve panorama das principais bibliotecas universitárias do ramo do Direito no Rio Grande do Sul, além do contexto da atuação em bibliotecas jurídicas e do papel do bibliotecário em diferentes contextos jurídicos.

O objetivo desta prática é analisar qual a situação das principais bibliotecas universitárias do ramo do Direito no Rio Grande do Sul, quais serviços oferecem e qual o papel do bibliotecário nessas instituições. A visão sob um olhar jurídico e institucional dentro de uma biblioteca universitária pode resultar na descoberta de chances para aprimorar os processos e a qualidade dos serviços ofertados, além de analisar a capacidade de flexibilidade e adaptabilidade do bibliotecário em diferentes espaços informacionais.

Destaca-se a importância da gestão nas bibliotecas universitárias, pois “Ciência da Informação e o Direito, atuando de modo integrado no âmbito do ensino, pesquisa e extensão, podem gerar conhecimento diferenciado para a resolução de problemas da sociedade que envolvam ambas as disciplinas” (Santos; Mello; Valentim, 2020, p. 131). O bibliotecário jurídico necessita de uma série de conhecimentos técnicos e interdisciplinares para promover a democratização no acesso à informação jurídica, considerando a particularidade do campo do Direito.

O bibliotecário jurídico presta atendimento a um público que necessita de uma especificidade informacional, lidando com demandas que impactam a sociedade como um todo. A missão do bibliotecário jurídico é complexa, pois requer formação e capacitação adequada para a execução do trabalho, pois o volume e a velocidade de revogação de informações criadas e disponibilizadas diariamente são altos:

Tornar essa quantidade de informação recuperável e disponível tanto para os operadores do direito quanto para o cidadão comum é a missão do bibliotecário jurídico. Diante disso, é natural inferir que, para a realização dessa tarefa, o bibliotecário que atua na área do direito precise de uma formação sólida e específica voltada para o tratamento adequado das informações jurídicas, sendo imprescindível formação e capacitação para lidar com o conhecimento produzido nas ciências jurídicas (Corrêa, 2023, p. 2).

Diante disso, para gerenciar uma biblioteca jurídica, a formação teórica-profissional do bibliotecário não é suficiente. Recursos financeiros, reconhecimento/valorização por parte dos diretores e gerentes das instituições, infraestrutura adequada e autonomia/diálogo entre o bibliotecário e demais setores compõem os requisitos para uma gestão de excelência desse espaço informacional.

O trabalho em uma biblioteca jurídica é desafiador, pela especificidade da informação almejada diante da exigência

do público-alvo. A constante revogação e atualização da legislação, doutrina e jurisprudência exige a disponibilidade de um acervo jurídico atualizado, qualificação na formação e da equipe da biblioteca no atendimento aos seus usuários e dedicação diária do bibliotecário jurídico para alinhar inovação e conhecimento com base em suas competências técnicas. A seguir, serão apresentadas as práticas desenvolvidas neste relato em forma de experiências dentro das bibliotecas universitárias do ramo do Direito no Rio Grande do Sul.

Bibliotecas universitárias de Direito: um breve panorama de duas instituições da capital gaúcha



A área jurídica, um campo de estudo tradicional e constantemente prestigiado pela sociedade, produz uma alta demanda de informações diariamente, por meio de legislação, doutrina e jurisprudência nas instâncias federais e estaduais. Diante disso, é necessária a oferta de serviços altamente qualificados que consigam atender as demandas do público jurídico. Desse modo, as bibliotecas universitárias do ramo do Direito podem ser espaços essenciais para o fomento informacional e o desenvolvimento da pesquisa e extensão acadêmico-jurídica.

Portanto, apresentamos duas bibliotecas universitárias da área do Direito de algumas das melhores faculdades da área no estado do Rio Grande do Sul, com selo de recomendação da OAB/RS: a Biblioteca da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e a Biblioteca da Fundação Escola Superior do Ministério Público (FMP). No parágrafo seguinte, serão apresentados breves históricos e a oferta de serviços disponibilizados por essas instituições.

Em 2 de abril de 1906, foi inaugurada a Biblioteca da Faculdade de Direito da UFRGS, antiga Faculdade Livre de Porto Alegre, como era denominada na época. De acordo

com a UFRGS (2025), o acervo, simples durante seu início, ficou sob responsabilidade de Leonardo Macedônio, que em pouco tempo, por meio de doações e compras de livros, conseguiu reunir mais de 700 volumes. As obras eram catalogadas por área de conhecimento e seguiam a ordem alfabética. Ocupavam uma sala com poucos móveis que, em 21 de abril de 1911, passou a denominar-se Sala James Franco – homenagem a um dos fundadores da faculdade.

Figura 1 – Biblioteca da Faculdade de Direito da UFRGS.



Fonte: UFRGS (2025).

A biblioteca é composta por um acervo aberto, um acervo especial, obras raras com livros do século XX e XXI, incluindo documentos históricos importantes na história da faculdade, além de obras de outros séculos. Entre os serviços oferecidos pela biblioteca, destacam-se: capacitação dos usuários, comutação bibliográfica, visita guiada e oferta de cursos de extensão. As bases de dados disponíveis na Biblioteca são:

✧ **Beck Online**, que inclui publicações acadêmicas das áreas do Direito

Internacional, Direito Privado, Direito Comparado e Europeu;

✧ **Hein Online**, que inclui informações jurídicas disponibilizadas em coleções, decisões da Suprema Corte dos EUA, acordos, tratados internacionais e jurisprudência, além de um módulo para tratados internacionais;

✧ **ProView**, base de dados de consulta jurídica com diversas publicações atualizadas, principalmente da editora Revista dos Tribunais, que possui obras para estudantes de concursos e doutrinas.

A Biblioteca Paulo Pinto de Carvalho, da FMP, foi fundada em 2002, homenageando Paulo Pinto de Carvalho, ex-procurador de Justiça do Estado, advogado e professor de Direito da UFRGS e da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Parte do acervo do jurista foi doada pela família após seu falecimento.

Contando com um acervo de mais de 17 mil volumes, além de oferecer uma infraestrutura moderna aos seus usuários, a FMP é a única universidade privada do Rio Grande do Sul a receber o Selo OAB Recomenda quatro vezes consecutivas. A biblioteca dispõe de salas de estudo em grupo, sala de estudo individual com 27 cabines e 2 totens para consulta ao catálogo on-line, com 8 mil títulos.

São oferecidos serviços de orientação às normas da ABNT (por meio de palestras com duração de 30 minutos mediante agendamento ou por orientações rápidas via telefone, e-mail e presencialmente), serviço de orientação à pesquisa bibliográfica e empréstimo entre bibliotecas. Ainda há acesso a duas bases de dados: RTonline e HeinOnline.

Figura 2 – Entrada da Biblioteca da FMP.



Fonte: Fundação Escola Superior do Ministério Público (2025).

Além disso, a FMP possui um periódico, a *Revista da Faculdade de Direito da FMP*, vinculada ao seu Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu desde 2017, com publicações semestrais, além de ser um periódico de acesso aberto. São aceitos para publicação estudos teóricos ou práticos referentes à pesquisa que atingiram resultados conclusivos significativos.

As bibliotecas da Faculdade de Direito da UFRGS e da FMP se destacam no cenário das bibliotecas universitárias, indo além do conceito tradicional de uma biblioteca. Essenciais na formação acadêmica e profissional de futuros advogados, assumem um papel central na construção do conhecimento jurídico, atuando como centros de conhecimento, reflexão e prática do ramo do Direito.

A atuação do bibliotecário jurídico no contexto da biblioteca universitária

A biblioteca universitária do ramo do Direito, de natureza especializada, requer do bibliotecário jurídico um conhecimento aprofundado da área jurídica e uma gestão qualificada.

O bibliotecário jurídico é responsável pela organização, preservação e disseminação do acervo, além de prestar orientação aos usuários na pesquisa e uso da informação jurídica.

A atuação do bibliotecário jurídico nas bibliotecas universitárias, no contexto do Direito, é fundamental para a formação acadêmica e científica de pesquisadores e atuantes da área. A biblioteca universitária é um centro estratégico para o acesso à informação, mantendo-se atenta às demandas da comunidade jurídica, pois:

Nas bibliotecas jurídicas, o profissional necessita estar sempre se atualizando para acompanhar as mudanças do campo do Direito: novos temas para serem estudados por meio da doutrina; novas leis que irão influenciar as decisões dos tribunais; e essas decisões por sua vez formarão novos entendimentos e abrirão precedentes judiciais. Assim como a informação jurídica é dinâmica e complexa, a atuação do profissional também terá vários níveis e possibilidades de crescimento e dinamismo (Vianna, 2023, p. 112).

Tendo em vista que alguns dados analisados são confidenciais e sensíveis, ressalta-se a importância de uma postura ética na atuação do bibliotecário jurídico, garantindo a integridade das informações. Diante disso, analisando no contexto das bibliotecas universitárias do ramo do Direito, o desafio é ainda mais complexo, pois, além da atualização constante de saberes jurídicos, o trabalho do bibliotecário jurídico exige uma formação contínua, diante das tendências para o futuro da profissão, especialmente com a ascensão da inteligência artificial.

Além disso, é necessário considerar as áreas interdisciplinares que atravessam o campo jurídico, pois o Direito relaciona-se com várias disciplinas devido à sua versatilidade e ao seu papel no progresso da sociedade e no desenvolvimento crítico da cidadania, por meio de decisões, leis e jurisprudências que afetam diretamente a vida de todos.

No contexto universitário, o bibliotecário jurídico possui a responsabilidade de desenvolver estratégias para aprimorar a pesquisa e o acesso à informação jurídica, por meio de bases de dados jurídicas, pesquisa de jurisprudência em sistemas informatizados de fácil e rápida recuperação das informações e na oferta de serviços e ferramentas que otimizem o tempo e o trabalho do público jurídico. Sua atuação garante que o acesso à informação jurídica seja eficaz, que as habilidades de pesquisa sejam aprimoradas e que o conhecimento desenvolvido preserve sua qualidade e relevância.

Considerações finais

A jornada do bibliotecário que atua em diferentes contextos do mundo jurídico, de instituições públicas e privadas até bibliotecas universitárias, não é definida apenas pela dinâmica de trabalho em cada local, caracterizando-se como uma prática de aprendizado contínuo. O objetivo deste relato foi compreender como as competências do bibliotecário jurídico podem ser aplicadas de forma estratégica na gestão de bibliotecas universitárias do ramo do Direito.

Os resultados apresentados neste relato nos levam à reflexão sobre o dinamismo da atuação do profissional bibliotecário, diante das especificidades e dos desafios do ambiente acadêmico, como a ênfase na pesquisa a longo prazo, na fomentação e disseminação da informação jurídica. Pela perspectiva da gestão universitária, seu trabalho pode otimizar processos e serviços. A vivência em setores jurídicos pode influenciar na implementação de serviços no ambiente acadêmico, mantendo sua essência e complexidade.

A informação jurídica consiste em um alto volume informacional, considerando a efemeridade de atualizações na legislação, doutrina e jurisprudência. Diante disso, administrar uma biblioteca jurídica torna-se um desafio, no qual sua maior dificuldade encontra-se em: conciliar a gestão desse espaço

informativa, prestar um atendimento de excelência para os usuários e promover a disseminação, acesso e pesquisa da informação jurídica.

A inclusão de profissionais com experiência em bibliotecas jurídicas no contexto universitário pode trazer uma abordagem mais alinhada à realidade do trabalho do bibliotecário, especialmente na oferta de serviços e no desenvolvimento dos acervos. Para as faculdades de Direito, esse conhecimento contribui para a formação de profissionais altamente qualificados para lidar com as adversidades dos futuros advogados, integrando a teoria à prática profissional. Para os usuários, como alunos, professores e pesquisadores, bem como para o público jurídico em geral, isso representa um suporte informativo mais eficiente, rápido e relevante, otimizando seus estudos e pesquisas.

Portanto, a experiência jurídica no contexto das bibliotecas universitárias contribui para o crescimento tanto no campo profissional quanto no desenvolvimento pessoal. Diante da complexidade do trabalho do bibliotecário jurídico, a implementação de ferramentas que otimizem o tempo e atendam às suas demandas traz eficiência e qualidade aos serviços ofertados, considerando as necessidades informacionais do público jurídico.

O bibliotecário jurídico desempenha um papel imprescindível na disseminação da informação jurídica. Sua atuação eficiente não apenas facilita o acesso a sistemas e serviços de informação e documentação como também promove a produção de novos conhecimentos. O bibliotecário jurídico presta atendimento a um público que necessita de uma especificidade informativa, lidando com demandas que impactam a sociedade como um todo. Entre advogados, procuradores, juizes, desembargadores e estagiários da área do Direito, caracteriza-se como um espaço de fomentação das leis, doutrinas e jurisprudências.

Diante disso, evidenciar a gestão de uma biblioteca universitária do ramo do Direito impacta tanto a perspectiva do órgão jurídico que disponibiliza os serviços quanto os seus usuários e a identificação de suas demandas informacionais. Para o bibliotecário jurídico, é fundamental reconhecer as demandas informacionais de seus usuários.

Ao apresentar um breve cenário das bibliotecas universitárias do ramo do Direito no Rio Grande do Sul, analisamos como a formação contínua do bibliotecário jurídico é importante para a contínua oferta de um serviço qualificado ao público jurídico. Algumas alternativas, tais como a inclusão de disciplinas jurídicas na grade curricular do curso de Biblioteconomia ou até mesmo uma segunda graduação em Direito, podem preencher lacunas na formação profissional do bibliotecário jurídico, tendo em vista a inexistência de cursos de graduação ou pós-graduação voltados para a informação jurídica dentro da Ciência da Informação.

O Direito, como um pilar essencial da sociedade, tem um papel fundamental na garantia da aplicação das leis e na salvaguarda dos direitos de todos. A prática diária do bibliotecário, vinculada à atuação em bibliotecas universitárias, como as apontadas neste relato, reforça sua formação profissional, aprimorando a oferta de serviços voltados ao público jurídico e ao uso da informação jurídica.

Referências

CORRÊA, José Gustavo Moura. A formação do bibliotecário jurídico no Brasil: uma análise das disciplinas sobre informação jurídica das universidades federais brasileiras. **TransInformação**, Campinas, v. 35, e. 227170, p. 1-13, jun. 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/kbVSZ3CXR3cFP6hSJTJhzRx/?lang=pt>. Acesso em: 4 jul. 2025.

FUNDAÇÃO ESCOLA SUPERIOR DO MINISTÉRIO PÚBLICO (FESMP). Biblioteca. **FESMP**, [2025]. Disponível em: <https://www.fmp.edu.br/biblioteca/>. Acesso em: 10 jul. 2025.

SANTOS, João Carlos Gardini; MELLO, Mariana Rodrigues Gomes de; VALENTIM, Marta Lígia Pomim. A interdisciplinaridade entre os campos da Ciência da Informação e do Direito. **Cadernos de Informação Jurídica**, Brasília, v. 7, n. 1, p. 104-135, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://www.cajur.com.br/index.php/cajur/article/view/258>. Acesso em: 9 jul. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS). Biblioteca da Faculdade de Direito. Apresentação. **UFRGS**, [2025]. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/bibdir/biblioteca-direito-ufrgs/sobre/apresentacao/>. Acesso em: 10 jul. 2025.

VIANNA, Bárbara. Fontes de informação jurídica no Brasil: conceitos básicos e recursos para pesquisa em direito. **Biblionline**, João Pessoa, v. 19, n. 2, p. 100-114, out. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/biblio/article/view/66410>. Acesso em: 4 jul. 2025.

Bibliotecas universitárias na era digital: inovação em produtos e serviços de informação

Dirce Maria Santin

Introdução

As bibliotecas universitárias são fundamentais no apoio ao ensino, à pesquisa e à extensão, além de promoverem o acesso democrático à informação e ao conhecimento. Nas últimas décadas, passaram por transformações significativas impulsionadas pelos avanços científicos, tecnológicos, sociais e acadêmicos, bem como pela expansão das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs).

De espaços centrados em coleções físicas, as bibliotecas evoluíram para centros dinâmicos de informação, com sistemas automatizados, catálogos eletrônicos, bases de dados, coleções e serviços híbridos, que integram serviços presenciais e virtuais para atender as demandas cada vez mais diversificadas da comunidade. Essa mudança ganhou força com a consolidação de um modelo centrado no usuário, que direciona esforços para a oferta de produtos e serviços voltados para as necessidades dos públicos das bibliotecas, para além da lógica tradicional dos acervos.

Atualmente, o ritmo acelerado da inovação tecnológica e a diversidade de recursos e demandas de informação impõem novos desafios às bibliotecas. Artifícios antes estratégicos tornaram-se comuns ou obsoletos, e é preciso criar soluções capazes de acompanhar essas transformações. A inovação é uma estratégia importante para manter a relevância das

bibliotecas e responder de forma eficaz às necessidades da comunidade (Baker, 2016; Lembinen, 2021; Khalil; Khalil; Khalil, 2024).

A inovação possibilita a atualização e a diversificação dos serviços diante da crescente demanda por recursos e serviços digitais, ao mesmo tempo em que se reforçam ações em comunidades presenciais. Serviços personalizados, plataformas digitais, empréstimo de equipamentos, espaços colaborativos, ação cultural e repositórios institucionais ilustram como as bibliotecas têm se reinventado para manter sua relevância na sociedade. Ao mesmo tempo em que fortalecem seu papel na educação e mediação da informação, ampliam horizontes ao incorporar novas tecnologias e métodos, ampliando a participação dos usuários.

Enfrentar os desafios da era digital requer agilidade, criatividade e disposição das bibliotecas e de suas equipes para inovar. As bibliotecas universitárias que desenvolvem soluções inovadoras alinhadas ao contexto e às necessidades de sua comunidade fortalecem seu papel como centros de produção, acesso e circulação do conhecimento, mantendo sua contribuição para a missão acadêmica das universidades.

Este capítulo explora a inovação como caminho estratégico para as bibliotecas universitárias num cenário em constante transformação. São apresentados conceitos e perspectivas sobre inovação, refletindo sobre seu potencial de impactar a experiência dos usuários e a atuação das bibliotecas. Discutem-se ainda os eixos de inovação em produtos e serviços e as tendências para as bibliotecas universitárias, com destaque para transformações recentes e desafios futuros. Ao reunir essas reflexões, o capítulo busca inspirar práticas inovadoras que fortaleçam o papel das bibliotecas como protagonistas no ecossistema acadêmico contemporâneo.

Inovação: conceitos e aplicações

A inovação está presente em todas as esferas da vida (pública, privada e do terceiro setor) e promove transformações em produtos, serviços, processos e modelos organizacionais. Ela pode conduzir revoluções tecnológicas que causam mudanças em todos os aspectos da vida e da sociedade, a exemplo da internet nas últimas décadas. Nas bibliotecas, a inovação tem sido impulsionada principalmente pelas TICs, que têm remodelado os serviços e produtos informacionais (Baker, 2016).

A inovação refere-se, em geral, ao processo de criar algo novo ou melhorar algo existente de maneira significativa. Pode assumir diferentes formas e intensidades, classificando-se como incremental, radical ou disruptiva, dependendo do grau de mudança e do impacto gerado. Sua aplicação em bibliotecas pode gerar desde melhorias graduais até transformações profundas que redefinem as funções, os serviços e as experiências dos usuários em relação à informação.

As inovações são geralmente classificadas em três categorias: incremental, radical e disruptiva (Quadro 1). Essa classificação, entretanto, pode variar de acordo com o contexto e a forma como a inovação é implementada.

Quadro 1 – Categorias de inovação, definições e exemplos em bibliotecas.

Tipos	Definição	Exemplos
Inovação incremental	Promove melhorias graduais em produtos, serviços ou processos existentes, permitindo um progresso contínuo e acumulativo.	Implementação de uma nova ferramenta de pesquisa online, como um sistema de descoberta que integra coleções físicas e digitais da biblioteca, facilitando a busca e o acesso dos usuários a uma ampla gama de recursos.

Inovação radical	Resulta em transformações significativas que criam ou modificam substancialmente produtos e serviços, levando a mudanças mais significativas nas organizações e setores envolvidos.	Criação de espaços de aprendizado digital, como laboratórios de realidade virtual e aumentada, para proporcionar experiências imersivas e interativas de aprendizado e pesquisa aos usuários da biblioteca.
Inovação disruptiva	Transforma ou substitui uma tecnologia, produto ou serviço, ainda que parcialmente, por uma solução inovadora superior, mais acessível, simples e conveniente para os usuários.	Desenvolvimento de um sistema de acesso aberto a livros eletrônicos relevantes e de alta qualidade, concorrendo com o modelo tradicional de empréstimo de livros físicos das bibliotecas.

Fonte: elaboração própria.

A inovação pode surgir a partir de novas ideias, conceitos, produtos, sistemas ou serviços aplicados a situações ou serviços já existentes. O efeito cumulativo da melhoria e inovação demonstra que a busca por melhorias frequentemente começa com pequenos incrementos, podendo culminar em mudanças radicais e no estabelecimento de novos paradigmas dominantes ao longo do tempo (Baker, 2016).

Nas bibliotecas universitárias, a inovação em serviços tem ganhado destaque como estratégia para responder às transformações tecnológicas e mudanças sociais, no meio acadêmico e no ecossistema de informação digital.

A inovação em serviços é uma estratégia essencial para sustentar e transformar os serviços das bibliotecas no ambiente digital emergente (Khalil; Khalil; Khalil, 2024). Os autores destacam três componentes-chave da inovação em serviços nas bibliotecas:

- a. compartilhamento de conhecimento, em que a troca de conhecimento é fundamental para fomentar capacidades inovadoras e aprimorar os serviços;

- b. inovação em Tecnologia da Informação (TI), pois a aplicação criativa da tecnologia pode transformar serviços e contribuir para a inovação em serviços; e
- c. inovação na gestão, igualmente importante para a melhoria dos serviços.

Portanto, para otimizar a inovação em serviços e atender às demandas dos usuários, é importante que as bibliotecas desenvolvam estratégias e arranjos inovativos que integrem a gestão, as tecnologias e o compartilhamento de conhecimento entre os membros da equipe e com os usuários dos produtos e serviços.

Inovação em bibliotecas universitárias ✂

As bibliotecas universitárias enfrentam um cenário cada vez mais dinâmico e complexo. Nesse contexto, a inovação deixou de ser opcional e tornou-se uma necessidade para manter a relevância e assegurar serviços de informação qualificados que garantam o acesso a fontes confiáveis e estimulem o uso ético e crítico da informação. As novas tecnologias ampliam as possibilidades, exigindo das bibliotecas agilidade para se adaptar e criar experiências mais interativas, acessíveis e eficazes.

Impulsos da inovação

A demanda por produtos e serviços, seja para aprimoramento ou criação de novas ofertas, é um motor fundamental da inovação (Zaninelli; Nogueira; Peres, 2019). No contexto das bibliotecas universitárias, essa dinâmica se intensifica diante das transformações tecnológicas e sociais e das mudanças no ecossistema de informação. Em estudo sobre a inovação em bibliotecas brasileiras, Cruz *et al.* (2020) identificam duas frentes principais como impulsionadoras da inovação:

- a. novas TICs, as quais têm o potencial de transformar serviços, processos e relacionamentos no âmbito das bibliotecas e dos serviços de informação;
- b. visão centrada no usuário, abordagem que enfatiza a importância de desenvolver serviços que atendam às necessidades e expectativas dos usuários.

As novas TICs, incluindo a inteligência artificial, representam ao mesmo tempo um impulso e um desafio para as bibliotecas, ao possibilitar inovações que podem substituir recursos tradicionais. Nesse sentido, Yeh e Walter (2016) destacam que, para manter sua relevância, as bibliotecas precisam responder de forma criativa às disrupções provocadas pela *web* e pelas tecnologias digitais emergentes.

Fatores que promovem a inovação

Elementos fundamentais para a promoção da inovação incluem uma cultura organizacional aberta à mudança, liderança visionária que incentiva a criação e engajamento ativo dos usuários no desenvolvimento de novos serviços. Além disso, o investimento em capacitação contínua da equipe e a disponibilidade de recursos são importantes para impulsionar a inovação nas bibliotecas acadêmicas.

Cruz *et al.* (2020) destacam que fatores organizacionais influenciam diretamente a inovação em serviços e o desempenho das bibliotecas. O Quadro 2 apresenta os principais fatores que impulsionam esse processo.

Quadro 2 – Fatores que promovem a inovação em bibliotecas universitárias.

Fatores	Definição	Exemplos
Liderança, cultura e clima organizacional	Liderança: define mudanças e aloca recursos. Cultura: valores e crenças compartilhadas. Clima: atitudes e sentimentos na organização.	Liderança: líderes que incentivam e promovem a inovação. Cultura: ambiente que valoriza a inovação e a criatividade. Clima: atmosfera colaborativa e positiva para mudanças.
Operacionalização da inovação	Desenvolvimento de inovações por meio da combinação de recursos, processos e capacidades (requer processos estruturados para a implementação).	Criação de protótipos de novos serviços, com testes de novas tecnologias antes da implementação.
Capacidades da equipe	Necessidade de treinamento, motivação e compromisso dos membros da equipe para desenvolver e cocriar soluções inovadoras.	Cursos sobre novas tecnologias. Motivação: incentivos para participação em projetos inovadores.
Recursos	Disponibilidade de mão de obra qualificada, habilidades técnicas e financiamento adequado para implementar inovações.	Mão de obra especializada em TI. Financiamento: orçamento para novas iniciativas tecnológicas.
Envolvimento da equipe e usuários	Participação ativa da equipe e usuários na cocriação de serviços e identificação de novas necessidades.	Equipe: sessões de <i>brainstorming</i>. Usuários: <i>feedback</i> por meio de pesquisas e fóruns.

Fonte: elaboração própria com base em Cruz *et al.* (2020).

A liderança exerce papel primordial na promoção da inovação em bibliotecas, ao incentivar comportamentos inovadores, remover barreiras e criar um ambiente favorável a novas ideias (Cruz *et al.*, 2020). Líderes eficazes estabelecem prioridades, alocam recursos, mobilizam equipes e parceiros com uma visão inspiradora (Bell, 2019), além de promover

uma cultura aberta, colaborativa e orientada à criatividade, estimulando o engajamento ativo da equipe (Lembinen, 2021). Para conduzir processos inovadores, é essencial fomentar a autonomia das equipes, apoiar decisões ágeis e estimular a experimentação entre os membros da equipe (Yeh; Walter, 2016).

A cultura e o clima organizacional também influenciam diretamente a disposição das equipes para inovar. Quando os valores institucionais valorizam a criatividade e a experimentação, as equipes se sentem motivadas a propor soluções. Um clima positivo, marcado por confiança, diálogo e colaboração, fortalece a disposição para inovar e aumenta o engajamento das pessoas no processo de mudança (Cruz *et al.*, 2020; Lembinen, 2021). Esse aporte é fundamental para que a inovação seja vista não apenas como uma iniciativa pontual, mas como uma prática contínua nas bibliotecas.

A inovação exige, além de ideias, a operacionalização por meio de processos estruturados, desde a concepção até a implementação e avaliação de novas soluções (Cruz *et al.*, 2020). Nesse processo, as capacidades da equipe são determinantes: qualificação, motivação, compromisso e aprendizado favorecem a cocriação de serviços e a adaptação às novas demandas da comunidade (Zaninelli; Nogueira; Peres, 2019).

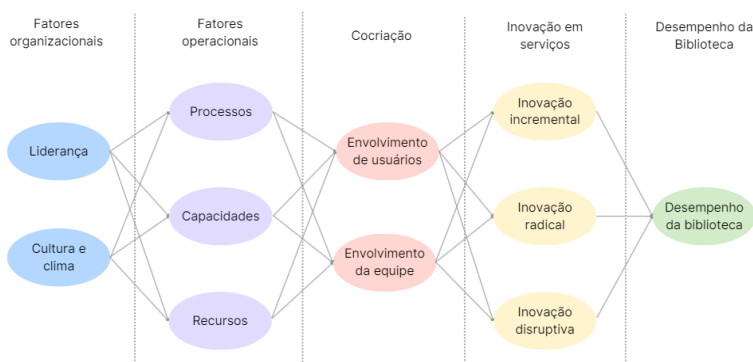
Recursos adequados, como infraestrutura tecnológica, equipe qualificada e financiamento consistente, são fundamentais para sustentar práticas inovadoras em bibliotecas. A incerteza e a ausência de recursos representam barreiras significativas à implementação e continuidade da inovação em qualquer cenário (Cox *et al.*, 2019).

Por fim, o envolvimento ativo da equipe e dos usuários também é fundamental. A participação desses atores na identificação de necessidades e na cocriação de serviços fortalece as soluções e sua sustentabilidade. Parcerias com outros setores e instituições também ampliam o potencial inovador das

bibliotecas, aproximando seus serviços das demandas reais da comunidade (Cruz *et al.*, 2020; Yeh; Walter, 2016).

A Figura 1 apresenta a estrutura conceitual desenvolvida por Cruz *et al.* (2020), que mostra como esses fatores se inter-relacionam e impactam a eficácia das práticas inovadoras e o desempenho das bibliotecas acadêmicas.

Figura 1 – Relação entre os fatores que promovem a inovação e o desempenho da biblioteca.



Fonte: adaptada de Cruz *et al.* (2020, p. 2).

O sucesso da inovação depende da liderança, da cultura organizacional, dos processos, das capacidades e recursos e do engajamento coletivo, com reflexos no desempenho da biblioteca e na sua relação com a comunidade.

Desafios e barreiras à inovação

A inovação em bibliotecas universitárias enfrenta desafios que vão desde a necessidade de grandes investimentos até a capacitação das equipes para aumentar as chances de sucesso. No contexto atual, com a demanda por novos produtos e serviços em expansão, é importante que as bibliotecas assegurem a relevância de seus serviços de informação. Inovar nunca foi e nunca será fácil. É preciso superar barreiras e desafios

para que os serviços de biblioteca se mantenham eficazes e pertinentes no cenário contemporâneo, e a inovação é fundamental (Baker, 2016).

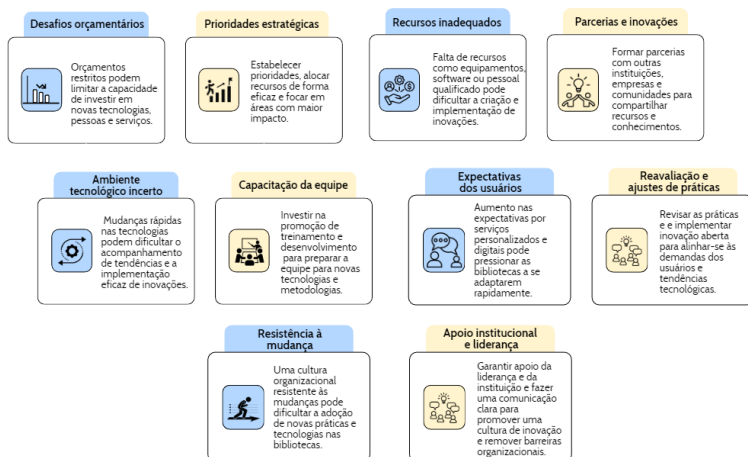
Os desafios da inovação em bibliotecas universitárias incluem orçamentos limitados, um ambiente tecnológico incerto, um complexo ecossistema de informação e expectativas diversas dos usuários. Para enfrentar esses desafios, as bibliotecas devem estabelecer prioridades, investir na capacitação das equipes e criar condições que favoreçam a colaboração e a inovação (Cruz *et al.*, 2020; Khalil; Khalil; Khalil, 2024).

A identificação das barreiras é o primeiro passo para enfrentar os desafios. Reconhecer as barreiras permite que as bibliotecas respondam de forma proativa, aprimorando a implementação de inovações de forma contínua.

As barreiras que limitam ou dificultam a inovação podem ser externas (ambientais) ou internas (organizacionais). As barreiras ambientais estão relacionadas ao ambiente externo e incluem dificuldades orçamentárias, normas institucionais, exigências de maior demonstração de valor, avaliação e responsabilização pelo desempenho. Já as barreiras organizacionais estão ligadas à gestão e questões internas, como recursos financeiros, competências dos funcionários, mentalidades organizacionais, políticas e normas (Chuang; Weng; Hsieh, 2019).

Os desafios não podem ser vistos apenas como fatores limitantes, mas também como oportunidades de buscar soluções criativas. A Figura 2 apresenta alguns desafios e as possíveis soluções para impulsionar a inovação nas bibliotecas acadêmicas.

Figura 2 – Desafios e possíveis soluções para a inovação em bibliotecas universitárias. Em azul, os desafios da inovação; em amarelo, as possíveis soluções.



Fonte: elaboração própria.

Enfrentar os desafios e promover a inovação exige que as bibliotecas adotem uma mentalidade de mudança e adaptação constante. Para se manterem relevantes, precisam adaptar estruturas e processos e adotar estratégias para atender às necessidades emergentes de suas comunidades. Inovar é cultivar a flexibilidade e o aprendizado contínuo, comprometendo-se com a evolução e ajustando abordagens para alinhar-se às expectativas dos usuários em um cenário dinâmico.

Envolvimento dos usuários e inovação aberta

Envolver os usuários na inovação também é um desafio importante para as bibliotecas, com possibilidades ainda pouco exploradas, especialmente por meio da inovação aberta. Scupola e Nicolajsen (2010) destacam a importância do envolvimento dos usuários na inovação de serviços como uma estratégia para superar parte dos desafios associados à inovação. Ao abrir espaço para o conhecimento e a criativi-

dade dos usuários, as bibliotecas podem desenvolver novos e melhores serviços.

A inovação pelo usuário ocorre quando os próprios usuários contribuem para a resolução de problemas, assumindo papéis ativos e, por vezes, esperando benefícios da inovação. Em instituições públicas e comunitárias, os usuários muitas vezes desejam simplesmente contribuir para o desenvolvimento da instituição e de seus serviços.

A colaboração com usuários, fornecedores e outras instituições é fundamental para compreender necessidades e explorar oportunidades não exploradas. Os usuários podem assumir diferentes papéis no processo de inovação (Scupola; Nicolajsen, 2010):

- a. usuário como recurso – participa na geração de ideias;
- b. usuário como cocriador – envolve-se em atividades de criação e desenvolvimento de serviços;
- c. usuário como utilizador – testa produtos ou serviços e/ou oferece suporte a produtos ou serviços oferecidos à comunidade.

O modelo de inovação aberta pressupõe a participação dos usuários para estimular a inovação por meio da criatividade e de novos conhecimentos (Scupola; Nicolajsen, 2010). Ele oferece às bibliotecas uma oportunidade para criar soluções inovadoras para seus produtos e serviços a partir da experiência dos usuários. A abordagem permite que as bibliotecas disponibilizem seus recursos e ideias para o ambiente externo e capturem ideias de fontes externas (Severo; Sena; Cândido, 2023).

A inovação aberta é um tema emergente nas bibliotecas, que vai além de criar para os usuários, pois implica envolvê-los ativamente no processo de inovação, o que reforça a perspectiva centrada no usuário (Lembinem, 2021). Esse

modelo promove a colaboração além dos limites da biblioteca, aproveitando ideias, meios e tecnologias já existentes (Severo; Sena; Cândido, 2023). Embora demande esforços significativos, essa abordagem tende a enriquecer as práticas de inovação e a aumentar a capacidade das bibliotecas de se adaptarem às necessidades emergentes de seus usuários.

Métodos como *crowdsourcing*, cocriação, *design thinking* e *hackathons* são algumas formas de envolver os usuários na inovação, com a escolha da metodologia dependendo do contexto, objetivos da biblioteca e preferências dos bibliotecários.

Envolver os clientes na inovação de serviços é importante para a relevância contínua das bibliotecas acadêmicas. Aproveitar o conhecimento e a criatividade dos clientes pode levar a novos e melhores serviços (Scupola; Nicolajsen, 2010).

Incentivar a participação ativa dos usuários por meio de *feedback*, avaliações e redes sociais também fortalece a capacidade das bibliotecas de inovar e adaptar mais rapidamente os serviços às necessidades da comunidade.

Inovação em produtos e serviços de informação



Os avanços sociais, tecnológicos e do ecossistema de informação modificam a forma como as bibliotecas operam e oferecem seus serviços à sociedade. Nas bibliotecas universitárias, a inovação abrange, além da estrutura e processos, a atualização de produtos e serviços existentes, o desenvolvimento de novos serviços e o suporte a novos paradigmas de ensino e pesquisa (Yeh; Walter, 2016).

A inovação é especialmente relevante nesses espaços, pois o ambiente universitário favorece o pensamento crítico, a criatividade e a experimentação. Práticas e arranjos inovadores em produtos e serviços garantem que as bibliotecas permaneçam relevantes e eficazes frente aos desafios, adaptando-se às

mudanças e promovendo suporte qualificado às atividades de ensino, pesquisa e extensão.

As bibliotecas universitárias têm se destacado como espaços férteis para a inovação em produtos e serviços. A literatura destaca uma ampla gama de iniciativas, que vão desde a implementação de *makerspaces* e serviços baseados em inteligência artificial até a adaptação às transformações provocadas pela pandemia de Covid-19. Os serviços de biblioteca passaram a incluir novas abordagens para espaços físicos, serviços virtuais e construção de comunidades, além de avanços em coleções digitais, apoio à pesquisa e à comunicação científica (Brundy, 2015; Pellack, 2022).

A seguir, apresentam-se alguns eixos da inovação em produtos e serviços, com destaque para transformações recentes nas bibliotecas universitárias.

Serviços inovadores e transformações recentes

A introdução de serviços digitais, uso de inteligência artificial e reformulação de espaços físicos reflete a busca por experiências mais interativas, colaborativas e inclusivas nas bibliotecas universitárias. A pandemia de Covid-19 intensificou esse movimento, acelerando a digitalização e promovendo práticas como o serviço de referência virtual, a ampliação de coleções digitais e o fortalecimento da alfabetização informacional online. Essas mudanças não apenas responderam às necessidades do contexto da pandemia como também criaram uma infraestrutura necessária no presente e que continuará a beneficiar a comunidade acadêmica no futuro.

Espaços múltiplos e bem-estar

As bibliotecas vêm reformulando seus ambientes para acolher múltiplas formas de uso e espaços multiusuário. Espaços colaborativos, como *learning commons*, *makerspaces* etc., áreas

para bem-estar estudantil e ambientes inclusivos demonstram o compromisso das bibliotecas com a diversidade de perfis e de necessidades da comunidade acadêmica. Essa reconfiguração contribui para o engajamento, a permanência estudantil e o acolhimento, fortalecendo o papel das bibliotecas como espaços de convivência, apoio emocional e aprendizagem ativa.

Tecnologias emergentes

A adoção de novas TICs e recursos de inteligência artificial tem transformado a mediação da informação e a educação para seu uso, promovendo experiências personalizadas, novas formas de acesso e interação, bem como exigindo reflexão sobre ética, privacidade e capacitação contínua. Tecnologias emergentes impulsionam inovações incrementais, radicais e disruptivas que impactam o ecossistema de informação acadêmica, incluindo as bibliotecas.

Serviços educativos e de suporte à pesquisa

A alfabetização informacional consolida-se como função essencial das bibliotecas universitárias para o desenvolvimento de competências para o uso ético e eficaz da informação. A alfabetização para o uso da inteligência artificial também é um desafio importante. Simultaneamente, as bibliotecas expandem sua atuação com serviços de apoio à comunicação científica, gestão de dados de pesquisa e bibliometria, consolidando-se como parceiras da atividade científica. Esses serviços fortalecem o papel educativo das bibliotecas e sua atuação sistêmica, promovendo uma cultura de pesquisa e produção de informação mais qualificada, colaborativa e transparente.

Inclusão e construção de comunidade

Iniciativas voltadas à diversidade, equidade e inclusão também constituem tema transversal para as bibliotecas, para além da oferta de novos serviços. A ação cultural amplia o al-

cance social das bibliotecas e reafirma seu papel como centros de conhecimento, educação e cultura para todos, e constitui importante estratégia para a agregação da comunidade. A incorporação de práticas inclusivas, como serviços para pessoas com deficiência e públicos neurodivergentes contribui para a criação de espaços mais acolhedores, democráticos e alinhados às demandas emergentes da comunidade. Além disso, as bibliotecas têm incentivado a integração da leitura não acadêmica na universidade, promovendo experiências de leitura com a comunidade.

O futuro das bibliotecas e a inovação ✂

As bibliotecas universitárias vivenciam um cenário complexo, e a inovação é importante para manter sua relevância na sociedade. A transformação digital, a complexidade do ecossistema informacional e as mudanças sociais e nas dinâmicas acadêmicas exigem uma reconfiguração de seus serviços, de espaços e, inclusive, de algumas funções profissionais. Inovar vai além de adotar novas tecnologias ou modernizar espaços físicos, envolve aprimorar os serviços e criar novas opções e práticas criativas, alinhados às demandas sociais, culturais e institucionais.

As tendências identificadas por instituições como a American Library Association (ALA, 2024) e a Association of College & Research Libraries (ACRL, 2024) evidenciam a capacidade das bibliotecas de inovar, reconfigurar seus serviços e fortalecer suas funções na comunidade. O Centro para o Futuro das Bibliotecas (Center for the Future of Libraries) da ALA analisa essas tendências em sete categorias principais, conforme a Figura 3: Sociedade; Tecnologia; Educação; Meio Ambiente; Política e Governo; Economia; e Demografia (ALA, 2024).

Figura 3 – Recursos de tendências para o futuro das bibliotecas.



Fonte: adaptado de ALA (2024).

Essas tendências revelam a evolução contínua das bibliotecas e a necessidade de adaptação constante às mudanças sociais, tecnológicas e políticas. Manter um olhar atento sobre essas questões emergentes pode fornecer às bibliotecas acadêmicas um guia para se manterem relevantes e eficazes, fortalecendo seu papel como centros de conhecimento e inovação no século XXI.

O relatório *2024 Top Trends in Academic Libraries*, publicado pela ACRL, por sua vez, oferece uma visão abrangente das principais tendências para as bibliotecas acadêmicas nos últimos anos. Baseado em pesquisas globais, em práticas e iniciativas de bibliotecários, destaca o impacto da inteligência artificial e a crescente importância do acesso aberto e das iniciativas de ciência aberta. Além disso, aborda os efeitos duradouros da Covid-19 sobre os espaços de trabalho das

bibliotecas e o bem-estar dos estudantes, entre outras tendências (ACRL, 2024).

As principais tendências para bibliotecas universitárias segundo a ACRL (2024) incluem: IA e alfabetização em IA; pedagogia aberta e design instrucional; ciência aberta e reprodutibilidade; acesso aberto e publicação equitativa; disrupção e reconcepção de coleções; politização das bibliotecas acadêmicas; legislação antidiversidade, equidade e inclusão; liberdade acadêmica e sindicalização; ambientes de trabalho pós-pandemia e híbridos; *makerspaces* e espaços tecnológicos; e serviços de apoio ao bem-estar dos estudantes.

Essas tendências destacam o papel transformador das bibliotecas universitárias em um cenário desafiador em constante mudança, bem como ressaltam a importância da adaptação às transformações tecnológicas e sociais, fortalecendo o compromisso das bibliotecas com o suporte à comunidade acadêmica no contexto educacional contemporâneo. Destacam, também, a centralidade das novas TICs e a importância do usuário como elemento central da perspectiva contemporânea de biblioteca.

O futuro das bibliotecas está vinculado à sua capacidade de inovar em suas funções sociais, reforçando seu papel como espaços de apoio informacional e desenvolvimento integral das comunidades que atendem.

Reflexões finais

As bibliotecas universitárias enfrentam um cenário dinâmico, marcado por transformações tecnológicas, sociais e acadêmicas. Nesse contexto, inovar é fundamental, sem perder de vista a autenticidade que caracteriza essas instituições como espaços de apoio qualificado ao ensino, à pesquisa e à extensão. O equilíbrio entre tradição e inovação, aliado à valorização de sua trajetória e à abertura às mudanças, preserva a identidade e as funções das bibliotecas, reforçando sua relevância nos meios social e acadêmico contemporâneos.

A inovação não se limita à adoção de tecnologias emergentes ou à reconfiguração de espaços físicos e virtuais. Ela também se manifesta por meio de ajustes nos serviços existentes, na oferta de novos produtos e serviços, na melhoria contínua e na busca por soluções criativas para desafios cotidianos. A participação ativa de equipes e usuários, aliada à colaboração com outros setores, potencializa a inovação e faz com que as bibliotecas permaneçam alinhadas às necessidades da comunidade. A inovação aberta reforça essa visão ao envolver os usuários na cocriação de serviços.

Tendências recentes evidenciam a complexidade do cenário informacional e a centralidade das TICs, da inteligência artificial, da ciência aberta, da equidade e da diversificação das demandas, orientando esforços de redefinição dos serviços de biblioteca. O sucesso das bibliotecas universitárias dependerá da capacidade de equilibrarem tradição e inovação, preservando sua identidade institucional ao mesmo tempo em que incorporam práticas criativas que ampliem seu papel como centros de conhecimento, cultura e desenvolvimento integral das comunidades que atendem.

O futuro das bibliotecas está ligado à capacidade de inovar de forma estratégica, conciliando tradição e criatividade e fortalecendo seu papel como centros de conhecimento, cultura e transformação social.

Referências

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION (ALA). Trends: trend resources from the ALA Center for the Future of Libraries. **ALA**, 2024. Disponível em: <https://www.ala.org/future/trends>. Acesso em: 18 fev. 2026.

ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES (ACRL). 2024 Top trends in academic libraries. **College & Research Libraries News**, v. 85, n. 6, p. 231-246, 2024. DOI: 10.5860/crln.85.6.231.

BAKER, D. Making sure things can never be the same again: innovation in library and information services. In: BAKER, D.; EVANS, W. (org). **Innovation in libraries and information services**. Leeds: Emerald, 2016, p. 1-44.

BELL, S. Leading the library that leads the way in innovation: leading from the library. **Library Journal**, 2019. Disponível em: <https://www.libraryjournal.com/story/Leading-the-Library-That-Leads-the-Way-in-Innovation-Leading-from-the-Library>. Acesso em: 26 fev. 2026.

BRUNDY, C. Academic libraries and innovation: a literature review. **Journal of Library Innovation**, Buffalo, v. 6, n. 1, p. 22-39, 2015.

CHUANG, F. H.; WENG, H. C.; HSIEH, P. N. A qualitative study of barriers to innovation in academic libraries in Taiwan. **Library Management**, Bradford, v. 40, n. 6-7, p. 402-415, 2019. DOI: 10.1108/LM-05-2018-0042.

COX, A. M. *et al.* Maturing research data services and the transformation of academic libraries. **Journal of Documentation**, London, v. 75, n. 6, p. 1.432-1.462, 2019. DOI: 10.1108/JD-12-2018-0211.

CRUZ, K. F. S. *et al.* Antecedents and consequences of library service innovation: An investigation into Brazilian academic libraries. **Journal of Academic Librarianship**, v. 46, n. 6, 2020. DOI: 10.1016/j.acalib.2020.102235.

KHALIL, O.; KHALIL, H.; KHALIL, N. Academic libraries' knowledge sharing and service innovation: the mediating role of management and IT innovations. **Journal of Academic Librarianship**, London, v. 50, 102832, 2024. DOI: 10.1016/j.acalib.2023.102832.

LEMBINEN, L. Innovation in European academic libraries—leadership perspective. **Journal of Library Administration**, New York, v. 61, n. 8, p. 921-935, 2021. DOI: 10.1080/01930826.2021.1984136.

PELLACK, L. J. Academic Library Innovation: a selective review. **Library Leadership and Management**, Chicago, v. 36, n. 3, p. 1-19, 2022. DOI: 10.5860/llm.v36i3.7528.

SCUPOLA, A.; NICOLAJSSEN, H. W. Service innovation in academic libraries: Is there a place for the customers? **Library Management**, Bradford, v. 31, n. 4, p. 304-318, 2010. DOI: 10.1108/01435121011046362.

SEVERO, F. L. C.; SENA, P. M. B.; CÂNDIDO, A. C. Práticas de inovação aberta em bibliotecas: um estudo da produção científica brasileira. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 1-25, 2023. DOI: 10.58876/rbbs.2023.1911930.

YEH, S. T.; WALTER, Z. Determinants of service innovation in academic libraries through the lens of disruptive innovation. **College and Research Libraries**, Chicago, v. 77, n. 6, p. 795-804, 2016. DOI: 10.5860/crl.77.6.795.

ZANINELLI, T. B.; NOGUEIRA, C. A.; PERES, A. L. Bibliotecas universitárias: uma perspectiva teórica sobre inovação em serviços informacionais. **RDBCI – Revista Digital Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 17, e019012, 2019. DOI: 10.20396/rdbci.v17i0.8652821.

As múltiplas possibilidades de atuação do bibliotecário em bibliotecas universitárias

Fernando Alessio Falcetti

Introdução

Muito se discute sobre os vários tipos de funções que o bibliotecário pode exercer dentro de uma biblioteca. O profissional transformou-se junto com as tecnologias que foram surgindo ao longo de décadas e anos. Em tempos pouco longínquos, no passado, o bibliotecário estava reservado em um local onde exercia a função de retirada e devolução de livros para o público leitor. Nesse caso, a maior preocupação desse profissional era como organizar e localizar os títulos pesquisados, que geralmente eram feitos com fichas catalográficas confeccionadas à mão.

No recente século, somou-se às funções do bibliotecário uma maior gama de tarefas, pois a biblioteca que em tempos remotos somente guardava livros transformou-se em um local onde a informação passou a ser tratada de diversas formas devido às mudanças, até mesmo nas formas das pesquisas pelos usuários. Somaram-se ao profissional, em muitas vezes, as alcunhas de bibliotecários de dados, profissional da informação, gestor da informação, entre outros.

As múltiplas funções do bibliotecário universitário

O trabalho busca realizar um breve levantamento bibliográfico na base de dados BRAPCI¹ com o intuito de encontrar argumentos que mostrem os vários tipos possíveis de formas de atuação do profissional dentro das bibliotecas universitárias. O jogo de palavras buscadas para o trabalho foi: TICs + bibliotecário; gerenciamento + bibliotecário; função + bibliotecário. A partir dessas buscas, o trabalho tentou lançar um resultado que mostra os vários tipos possíveis de funções do profissional dentro da biblioteca universitária, ou seja, a importância desse profissional para a unidade de informação. O que é apresentado são algumas leituras, não é possível esgotar todas sobre o assunto, pois a cada dia surgem novas formas de se lidar com o meio da biblioteconomia.

Efetivada a pesquisa com as três combinações, foi possível vislumbrar muitas respostas. Para simplificar a leitura do resultado das pesquisas, propõe-se um quadro descritivo com as respostas:

Quadro 1 – Resultados da pesquisa.

1	TICs + bibliotecário	35 respostas	Os textos foram em sua maioria de bibliotecas escolares e de assuntos tratados de forma genérica. Poucos foram os textos com o tema de bibliotecas universitárias.
---	----------------------	--------------	--

¹ A Brapci, sigla para Base de Dados em Ciência da Informação, é uma plataforma digital brasileira dedicada à coleta, à preservação e ao acesso de literatura científica na área de Ciência da Informação. Ela abrange uma ampla gama de publicações, incluindo artigos de periódicos, trabalhos de eventos, livros e capítulos de livros, principalmente de fontes brasileiras e da América Latina. Para saber mais, acessar: <https://brapci.inf.br>.

2	Gerenciamento + bibliotecário	65 respostas	Os textos foram de bibliotecas escolares e poucos de bibliotecas universitárias, sendo estes em número reduzido e com temas específicos de universidades do país.
3	Função + bibliotecário	185 respostas	A resposta trouxe textos que abordam assuntos variados sobre bibliotecas escolares, universitárias e assuntos de atuação fora das bibliotecas.

Fonte: elaborado pelo autor.

A pesquisa é basilar, apenas com o intuito de assegurar alguns elementos conceituais e conteudistas para o trabalho proposto. Tendo as respostas prontas, o próximo passo foi a escolha de alguns textos específicos para apresentar as respostas da proposta do trabalho. Para a primeira pesquisa foram escolhidos dois textos; para a segunda e a terceira, três textos. A quantidade de textos foi escolhida de forma enxuta propositalmente para que o trabalho não se estenda demais, visto que há parâmetros a seguir.

Função + bibliotecário

A função do profissional da biblioteconomia é vasta e vai além da organização dos livros. Realizar a gestão de bibliotecas universitárias no Brasil é algo complexo devido aos problemas que esses setores vêm passando ao longo dos anos. Uma das funções fundamentais do bibliotecário é cativar leitores a frequentarem esse local do saber. Como uma sala de aula, a biblioteca pode levar aos alunos conhecimentos fundamentais para as suas jornadas acadêmicas. A falta de investimentos vai além da aquisição de acervo, ela afeta todos os segmentos

do local, chegando até mesmo a prejudicar a capacidade de oferecer espaço para pesquisas presenciais dos alunos.

Situar os problemas das bibliotecas universitárias brasileiras, não nos parece fácil diante dos múltiplos fatores que um país como o nosso apresenta. Há, de fato, problemas gerais brasileiros comuns à maioria dessas bibliotecas, mas, sem dúvida, há problemas específicos regionais, frutos de uma infraestrutura primária e de condições econômico-financeiras deficientes das universidades localizadas em áreas de menor rentabilidade e, consequentemente, sem possibilidades de atender aos objetivos definidos para uma biblioteca universitária (Esmeralda, 1973, p. 36).

Dessa forma, o bibliotecário precisa procurar formas de encontrar fundos para a compra de acervo e até mesmo mobiliários adequados para o benefício do incentivo de novos frequentadores. Há também a necessidade de buscar incentivos financeiros para que atividades sejam realizadas dentro das bibliotecas, com o intuito de que o acervo seja conhecido e tenha sua forma de pesquisa amplamente divulgada para dar mais acessibilidade aos pesquisadores de dentro e de fora da universidade. As atividades podem ser variadas, mas sempre atreladas a um aspecto da biblioteca.

O bom gerenciamento do bibliotecário não é suficiente para as adequações necessárias desse local para os usuários. Existe a necessidade externa de que a biblioteca seja reconhecida em sua importância na universidade. A biblioteca deve ser lembrada como local onde os frequentadores irão encontrar informações necessárias e importantes para os diversos fins.

[...] os objetivos da biblioteca universitária só estarão perfeitamente aceitos e compreendidos, quando a Universidade, pressionada pelos seus mestres, alunos e técnicos incluírem como reivindicações prioritárias as sugestões e recomendações apresentadas pelos bibliotecários em seus relatórios de trabalho, e artigos publicados, que são frutos da experiência vivida e de resoluções de congressos profissionais. Está faltando, por isso, um dar de mãos de usuários e bibliote-

cários, para que se concretizem os ideais de quem serve e de quem quer ser melhor servido (Esmeralda, 1973, p. 36).

A autora nos leva a pensar que, com várias parcerias, as próprias aulas dos professores podem acontecer dentro das bibliotecas. Aulas direcionadas às diversas formas de pesquisa em acervos físicos pode ser uma de infinitas possibilidades de uso do local. Outra parceria apropriada entre professores e bibliotecários é a construção dos planos de ensino das aulas a serem realizadas. Os bibliotecários podem auxiliar os professores na montagem dos planos a fim de direcionar os conteúdos das aulas de forma mais assertiva possível. Exemplifica-se o exposto com o texto das autoras Margarida Maria de Sousa e Asa Fujino que apresentam algumas possibilidades de parcerias com os bibliotecários universitários:

[...] o aluno chega à biblioteca com competência para operar instrumentos de busca como os conhecidos buscadores da internet, mas sem compreensão das atividades de pesquisa. Sem foco definido, a investigação resulta em baixa relevância e pertinência na recuperação de informações. Durante mais de uma década trabalhando frente ao serviço de referência de bibliotecas universitárias, tivemos a oportunidade de observar e participar de diversos eventos que nos fizeram refletir sobre nosso papel dentro do ambiente da universidade, na disseminação de informações e na geração de novos conhecimentos. A literatura aborda as dificuldades do usuário em definir suas necessidades de informação e a complexidade do processo de transformação desta necessidade em uma demanda explícita para o sistema [...], mas é restrita no que concerne à formação do profissional bibliotecário para exercício da atividade pedagógica que o possibilitará atuar em complementaridade com o docente na formação do aluno pesquisador (Souza; Fujino, 2009, p. 1.782).

A necessidade básica de apresentar as formas de pesquisa para os usuários é de grande importância para que a biblioteca seja atrativa aos alunos, professores e usuários externos. Uma pesquisa sem resultados gera, na maioria das vezes, pesquisa-

dores frustrados que irão procurar respostas em outros locais que não sejam as bibliotecas universitárias.

Gerenciamento + bibliotecário

A segunda pesquisa também gera uma infinidade de respostas e possibilidades de ações que o bibliotecário pode exercer e ser atuante em uma biblioteca universitária. Um aspecto importante que não pode ser deixado de lado é a gerência ou gestão de pessoas que atuam nesses espaços.

É necessário [...] trazer para discussão a gestão de pessoas no ambiente da biblioteca universitária, uma vez que observamos uma necessidade crescente de transformação nessa esfera. Sabemos que as instituições de nível superior não são compostas apenas por estrutura física e que as pessoas são fundamentalmente importantes para o crescimento do negócio. Dessa forma, para se conseguir um bom andamento dos serviços prestados nas bibliotecas universitárias, é fundamental que o bibliotecário gestor consiga trabalhar a gestão de pessoas, capacitando e alinhando seus colaboradores para atenderem os seus usuários, que estão cada vez mais exigentes (Nogueira; Bernardino, 2020, p. 3).

O trabalho em equipe sempre é desafiador, mas necessita ser alinhado para atender as demandas da comunidade acadêmica. Realizar treinamentos, fornecer instrumentos de trabalho e participar de eventos da área são algumas ferramentas que o bibliotecário pode utilizar para melhorar a qualidade de serviços prestados. Como citado anteriormente, as bibliotecas universitárias também padecem de poucos investimentos financeiros por suas mantenedoras, mas é necessário trabalhar com os poucos investimentos e com os poucos colaboradores que atuam auxiliando o bibliotecário. Corroborando com isso, Anízia Maria Nogueira e Maria Cleide Bernardino (2020, p. 12) esclarecem que:

Os gestores dessas bibliotecas devem ter a sensibilidade para detectar, dentro de suas equipes, os seus talentos, que, com um bom treinamento, poderão ser pessoas determinantes nos desenvolvimentos dos processos. Esses indivíduos

devem ter, além do talento e facilidade de aprendizagem, grande motivação pelo trabalho que desenvolvem, maturidade e espírito de liderança.

A comunicação é fundamental para que haja equilíbrio na equipe, e não menos importante são as várias formas de poder proporcionar a esses colaboradores meios de atualização para o bom andamento do trabalho na biblioteca. Não se pode esquecer que o bibliotecário também necessita de formações, de estar capacitado para o trabalho e ter como foco um método coerente para liderar. É fundamental entender que há várias formas de realizar essa tarefa, mas optou-se, em um exemplo, por corroborar com a fortificação da proposta do trabalho. As autoras apresentam de forma simples alguns exemplos para que o bibliotecário possa conseguir uma orientação básica para somar na sua formação para liderar de forma justa e coerente:

Elaboramos ainda uma lista com treinamentos e qualificações para bibliotecários gestores: Gestão de Bibliotecas; Gerenciamento de conflitos; Liderança eficaz; Inteligência emocional em Bibliotecas Universitárias; Avaliações do MEC; Normalização Documentária; Mediação da Informação e Gestão do Conhecimento (Bernardino, 2020, p. 17).

Recentemente o profissional da biblioteconomia pode escolher muitas universidades que oferecem cursos de capacitação para o melhoramento do desempenho em suas unidades. Pode-se citar muitas universidades com esse fim, mas podemos lembrar da Universidade de Caxias do Sul, que oferece uma capacitação em bibliotecas universitárias. O curso de Gestão de Bibliotecas Universitárias, que é oferecido à distância, oferece elementos sólidos para ajudar os profissionais da área a se capacitarem, reciclarem e se aprofundarem no universo do trabalho das bibliotecas.

TICs + bibliotecário

O uso de tecnologias nas bibliotecas universitárias é um assunto amplamente discutido na atualidade. Como as tecnologias, foram inseridos nas bibliotecas novos parâmetros de usabilidade da tecnologia agregados ao conhecimento produzido na universidade. A tecnologia veio somar nas novas formas de gerenciamento do conhecimento.

Muito se discute sobre o tema, mas é crucial lembrar de uma das primeiras tecnologias organizacionais de conhecimento que veio para somar no campo da biblioteconomia. Uma biblioteca com um sistema de redes de computadores e com uma rede de intranet devidamente organizadas e sistematicamente alimentadas, a partir do momento em que novos trabalhos são produzidos na universidade, levam a uma sistematização e organização do conhecimento, importante para a recuperação dos trabalhos e da comunicação interna, entre a biblioteca e a universidade. Além de ser uma tecnologia pouco custosa financeiramente, ela oferece um tipo de organização que pode sistematizar o conhecimento para que toda a comunidade universitária possa encontrar respostas rápidas e objetivas:

Entre muitos softwares existentes, optou-se por trabalhar com um tipo de tecnologia que é gratuita e pode ser utilizada tanto dentro como fora das universidades. A plataforma Pbworks trabalha inicialmente com um conteúdo gratuito que pode fornecer ao bibliotecário formas de disseminar o conteúdo trabalhado na biblioteca para todos os interessados na universidade. Segundo a autora Luziane Graciano Martins, a plataforma possibilita a criação de uma biblioteca virtual para a disseminação e interação com todos os tipos de usuários que a unidade pode ter na universidade:

A plataforma irá auxiliar o bibliotecário a levar o trabalho interno da unidade para os usuários da universidade.

Dessa forma, o uso assertivo da tecnologia irá trazer para a biblioteca a visibilidade e a oportunidade de cooperação de usuários atentos às novas modificações. Essa tecnologia, além de oportunizar melhores relacionamentos com a biblioteca, pode levar a uma maior aproximação com os professores e alunos da universidade. Ela pode colocar o bibliotecário como um agente de disseminação de conteúdos para auxiliar os interessados nos temas lecionados nos cursos da universidade.

O bibliotecário poderá atuar como mediador da informação, proporcionando os instrumentos necessários à construção do conhecimento. Desse modo, pode-se afirmar que, por meio de suas ações e técnicas, o bibliotecário auxilia na abstração do conhecimento, apresentado em diferentes esferas. A possibilidade de uso das TICs no processo de ensino-aprendizagem surge a partir da oportunidade de um trabalho colaborativo, gerenciamento de arquivos e conteúdos, interação com os alunos, por meio de redes sociais, wikis, compartilhamento de conteúdos (Martins, 2017, p. 85).

As possibilidades de usabilidade da tecnologia para compartilhamento de conhecimento dentro das universidades é um assunto que proporciona muitas leituras possíveis para cenários variados. O debate sobre a tecnologia leva a outros assuntos a se discutir, como o gerenciamento da unidade como forma de levar maiores quantidades de informações para a comunidade universitária. São temas que podem ser debatidos de formas diferentes, mas em sua maioria resultam nos mesmos denominadores, que é o bibliotecário como agente de compartilhamento de conhecimento e experiências com professores e alunos. Com um site ou plataforma organizados e condicionados a respostas dos usuários, o bibliotecário pode somar em seu escopo de funções as formas mais adequadas de auxílio aos usuários. Dessa forma, com o uso proporcional das tecnologias, o bibliotecário consegue ter um maior discernimento de como utilizar, de forma assertiva e colaborativa,

o conjunto de instrumentos de sua unidade para auxiliar os usuários e compartilhar os conhecimentos que ali perpassam.

Considerações finais

O trabalho do bibliotecário é permeado por várias possibilidades de atuação dentro e fora das bibliotecas universitárias. Além de sua gama de atuações, há outra infinidade de oportunidades de atualização, reciclagem e aperfeiçoamento das ferramentas de trabalho do profissional.

Este artigo teve o caráter de explorar um pouco do universo do bibliotecário universitário e de suas possíveis atuações dentro desse universo. O profissional tem como tarefa o equilíbrio da sua formação, da formação dos colaboradores, sempre focando nos usuários de forma geral. Ele também não pode esquecer dos outros profissionais das demais áreas que atuam na universidade.

É fundamental que o bibliotecário forneça auxílio a todos os profissionais, mas principalmente aos professores, pois com eles é possível que a biblioteca seja mais conhecida e frequentada. Além dessas atividades, não se pode esquecer que o bibliotecário tem a capacidade de auxiliar os professores com seus respectivos planos de ensino. Os temas trabalhados pelos professores podem ser mais consistentes em forma de conteúdo e leituras a partir da ajuda dos bibliotecários.

O bibliotecário pode oferecer um direcionamento específico aos professores e alunos com os temas estudados. Com a grande produção de conteúdo, em formato de livros e textos, o bibliotecário pode direcionar os usuários a encontrarem de forma mais rápida e eficaz os assuntos pretendidos. Além das atividades acadêmicas, o bibliotecário precisa lidar de maneira equilibrada com os colaboradores do setor.

Atualmente se discute muito sobre as necessidades e capacidades de trabalhar em grupo. Gerir uma equipe é

um trabalho importante para o andamento dos atendimentos e do trabalho dentro da unidade. É necessário gerir conflitos e trabalhar com pessoas da melhor forma possível. É preciso auxiliar, orientar e repassar conhecimentos importantes para o trabalho da equipe. Os colaboradores, ao longo do trabalho, necessitam de reciclagem e inovações que a universidade pode oferecer para a atualização do profissional – a do bibliotecário universitário é um tema vasto e possibilita uma gama infinita de discussões e leituras.

Não é possível debater todos os assuntos, entre muitos que existem, mas é possível ter uma noção básica de que a atuação do bibliotecário possui uma complexidade que necessita de atenção e capacidade de lidar com os assuntos e atividades que vão surgindo em volta da biblioteca universitária.

Referências

ARAGÃO, E. M. de. Problemas das bibliotecas universitárias brasileiras. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, [S. l.], v. 1, n. 1/3, p. 36-38, 2017. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/800>. Acesso em: 4 mar. 2025.

BARROS, D. S.; DUARTE, A. C. O papel do bibliotecário gestor: um olhar a partir da biblioteca universitária do centro universitário do maranhão (uniceuma). In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2010. **Anais** [...], 2010. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/173509>. Acesso em: 4 mar. 2025.

NOGUEIRA, A. M. L.; BERNARDINO, M. C. R. Gestão de Pessoas em Bibliotecas Universitárias: uma proposta de atuação. **Revista Informação na Sociedade Contemporânea**, [S. l.], v. 4, p. e19732, 2020. DOI: 10.21680/2447-0198.2020v4n1ID19732. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/informacao/article/view/19732>. Acesso em: 4 mar. 2025.

REIS, I. C.; MUNIZ, D. M. C. B. Os sistemas de informação e bibliotecário na gestão do conhecimento em bibliotecas universitárias. **Revista Bibliomar**, v. 14, n. 2, 2015. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/126451>. Acesso em: 4 mar. 2025.

SILVA, Adriana Nóbrega; DUARTE, Emeide Nóbrega. Instrumento para Diagnostico da Gestão da Informação e do Conhecimento (GIC)

para Bibliotecas Universitárias. **Ciência da Informação em Revista**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 54-66, 2015. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/1756>. Acesso em: 4 mar. 2025.

SOUSA, M. M.; FUJINO, A. A biblioteca universitária como ambiente de aprendizagem no ensino superior: desafios e perspectivas. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 10., 2009. **Anais [...]**, 2009. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/173509>. Acesso em: 4 mar. 2025.

VALLS, V. M. O bibliotecário como gerenciador dos documentos do sistema de qualidade. **Informação & Informação**, v. 3, n. 1, 1998. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/23193>. Acesso em: 4 mar. 2025.

Extensão universitária no âmbito das bibliotecas universitárias brasileiras

Francinete Costa Primo

Introdução

No Brasil, existem 205 universidades, sendo 116 públicas e 89 privadas (Brasil, 2024), todas têm como pilares o ensino, a pesquisa e a extensão. Essa base possibilita que as instituições formem profissionais com habilidades e competências técnicas que conhecem os métodos científicos e são cidadãos conscientes de seu papel social (Severino, 2016).

Todos os componentes desse tripé são importantes, mas, neste artigo, daremos atenção à extensão. De acordo com Lavor *et al.* (2023, p. 6), a extensão universitária é “um processo educativo, interdisciplinar, cultural, político e científico que busca promover mudanças diretas na sociedade e na própria instituição a partir de práticas colaborativas entre a universidade e a sociedade”. De forma objetiva, consiste no compartilhamento do conhecimento adquirido na universidade com a sociedade.

Para Severino (2016, p. 33), a extensão universitária possibilita o despertar “para o entendimento do papel de todo saber na instauração do social”. A extensão universitária não se resume a levar conhecimento, mas também a adquiri-lo. Essa troca de saberes contribui para a formação da consciência social dos envolvidos, proporcionando um entendimento mais profundo de seu papel político na sociedade.

Diversos setores da universidade desenvolvem essa prática, incluindo as bibliotecas. As bibliotecas universitárias são responsáveis por fornecer suporte informacional às atividades de ensino, de pesquisa e de extensão desenvolvidas na instituição. Ao longo dos anos, essas unidades vêm acompanhando as transformações do ambiente acadêmico, o que tem ampliado seu protagonismo nas práticas relacionadas ao tripé universitário. Partindo dessa realidade, surge a seguinte inquietação: como as bibliotecas universitárias brasileiras vêm desenvolvendo a extensão universitária nos últimos anos?

Com o objetivo de responder a essa inquietação, buscamos identificar os projetos de extensão desenvolvidos e publicizados pelas bibliotecas universitárias brasileiras, por meio de uma pesquisa bibliográfica realizada nos anais de dois eventos da área de biblioteconomia, o Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBDD) e o Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias (SNBU), no período de 2016 a 2024. Para apresentar os resultados obtidos, o artigo foi estruturado da seguinte forma: um breve panorama sobre a extensão universitária; descrição dos procedimentos metodológicos utilizados; exposição e análise dos dados encontrados; e considerações finais.

A extensão e as bibliotecas no âmbito das universidades

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1996, em seu art. 52, consta que “As universidades são instituições pluridisciplinares de formação dos quadros profissionais de nível superior, de pesquisa, de extensão e de domínio e cultivo do saber humano” (Brasil, 2017, p. 37).

Colaborando com o entendimento do que seja uma universidade, Santos (2005, p. 169) afirma que “só há universidade quando há formação graduada e pós-graduada, pesquisa e extensão. Sem qualquer destes, há ensino superior,

não há universidade”. Isso nos leva a compreender por que a nomenclatura “universidade” só aparece no Brasil na década de 1930, sendo que o ensino superior brasileiro tem origem nos anos 1800 (Menezes, 2000; Morosini, 2011).

As primeiras universidades brasileiras foram formadas a partir da união de algumas escolas superiores de formação profissional. E, como as universidades de outros países, foram criadas em centros urbanos, carregando, em sua fundação, características políticas, econômicas e culturais do ambiente no qual estavam inseridas (Menezes, 2000). Sua criação tinha como objetivo

[...] suprir elementos essenciais para a construção nacional que estavam ausentes nas instituições isoladas de ensino profissional superior, como a formação de lideranças culturais e de quadros docentes, assim como para a realização de investigação científica e para a produção cultural (Menezes, 2000, p. 20).

O objetivo das universidades brasileiras de promover ensino, investigação científica e produção cultural aparece na Constituição Federal do Brasil, no art. 207, ao dispor que as universidades “obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão” (Brasil, 2014, p. 121).

Em seu papel pleno, as universidades contribuem para a formação e renovação da sociedade, tendo uma influência significativa no modo como o mundo é constituído, pois, “além de refletir os conhecimentos e as relações sociais, possibilita transformar as maneiras de ver, compreender e produzir para além do presente” (Morés, 2023, p. 25).

Para Menezes (2000, p. 9), as universidades ajudam no desenvolvimento da sociedade:

[...] no sentido de realizarem investigação científica, de produzirem conhecimento em muitas diferentes áreas, lado a lado com o oferecimento de educação superior de graduação e de pós-graduação e com a promoção de serviços de

extensão cultural, tecnológica e profissional na região em que estão implantadas.

Essas abordagens refletem a relação e a importância do desenvolvimento do tripé ensino, pesquisa e extensão, pois, como argumenta Morés (2003), o papel social da universidade (extensão), tema abordado neste artigo, solidifica o conceito de universidade, já que a instituição que desenvolve apenas ensino e/ou pesquisa não consegue influenciar a sociedade, exercendo, assim, apenas ensino superior.

Para além da contribuição conceitual, a extensão evita que a universidade e seus membros se tornem “um corpo estranho” no meio da região em que se encontram, não permitindo que estes se distanciem dos problemas locais, mas transformando-os em “sua temática de investigação, como objeto de diagnóstico, proposição e desenvolvimento” (Menezes, 2000, p. 15-16).

Na Política Nacional de Extensão Universitária, esta é conceituada como “um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre a universidade e outros setores da sociedade” (Forproex, 2012, p. 15). Discorrendo sobre como isso funciona na prática, Silva (1996, loc. 1) afirma que

A extensão universitária é, na realidade, uma forma de interação que deve existir entre a universidade e a comunidade na qual está inserida. É uma espécie de ponte permanente entre a universidade e os diversos setores da sociedade. Funciona como uma via de duas mãos, em que a universidade leva conhecimentos e/ou assistência à comunidade, e recebe dela influxos positivos como retroalimentação, tais como suas reais necessidades, seus anseios, aspirações e também aprendendo com o saber dessas comunidades. Ocorre, na realidade, uma troca de conhecimentos, em que a universidade também aprende com a própria comunidade sobre os valores e a cultura dessa comunidade. Assim, a universidade pode planejar e executar as atividades de extensão respeitando e não violando esses valores e cultura. A universidade, por meio da extensão, influencia e também

é influenciada pela comunidade, ou seja, possibilita uma troca de valores entre a universidade e o meio.

Podemos perceber que a extensão universitária é importante para todos os envolvidos. Dando destaque ao processo de aprendizado durante a extensão, Naves (2015, p. 18) diz que a extensão é o pilar que tem maiores “condições de garantir a produção de conhecimento a partir da experiência”, possibilitando aos universitários unir teoria e prática antes da etapa de estágio obrigatório, que é realizada nos anos finais da graduação.

Apoiando a argumentação de Silva (1996) sobre a extensão ser uma ponte que liga a universidade à sociedade, Araújo e Casimiro (2009, p. 1) asseguram que a extensão universitária é “o elemento de ligação entre instituição de ensino superior e a sociedade em que se insere”, criando um elo entre ambos, que coloca os universitários em contato com a diversidade da sociedade e suas múltiplas situações e amplia a visão da sociedade sobre o ambiente universitário.

Os promotores de projetos, cursos, eventos, entre outras formas extensionistas, abrem espaço para reflexão sobre os problemas sociais e o modo como os cidadãos podem promover mudanças ou contribuir para a solução desses problemas. Entre esses promotores, destacamos as bibliotecas universitárias.

De acordo com Machado (2009, p. 27), as bibliotecas universitárias são “bibliotecas de Instituições de Ensino Superior (IES), com a função de atender às necessidades de informação da comunidade acadêmica na realização de suas atividades de ensino, pesquisa e extensão”. Ampliando a função da biblioteca universitária, Viana e Pereira (2016) resgatam as discussões teóricas da biblioteconomia sobre o importante papel das bibliotecas em contribuir para o desenvolvimento da sociedade, ao destacarem que, para além de atender às necessidades informacionais da comunidade acadêmica, cabe às bibliotecas universitárias o papel de mediadoras culturais.

Para os autores, as bibliotecas universitárias são um

[...] importante meio de difusão de valores de formação cultural [...] assim, deve promover oportunidades para o exercício da cidadania e inclusão social e cultural, ações que apoiam a preservação da identidade e a memória da cultura local e a disseminação dos valores que integram a cultura das nações e povos (Viana; Pereira, 2016, p. 3).

Portanto, quando atuam como protagonistas na extensão universitária, as bibliotecas universitárias podem vir a alcançar dois grandes objetivos: primeiro, contribuir para a formação dos acadêmicos – parte de sua missão – ao incluí-los em suas ações; segundo, colaborar para a transformação da sociedade.

As ações extensionistas promovidas pelas bibliotecas universitárias podem ocorrer tanto dentro como fora da biblioteca. Em ambos os casos, se “promove uma ação transformadora tanto nos espaços quanto nos sujeitos” (Morales; Messias; Oliveira, 2016, p. 3). Quando ocorridas dentro da biblioteca, podem vir a gerar uma aproximação que derruba os limites físicos e estruturais, às vezes existentes entre a biblioteca e a sociedade (Viana; Pereira, 2016).

No Brasil, diversas bibliotecas universitárias realizam ações extensionistas, como será descrito mais adiante neste artigo. Contudo, não se pode deixar de citar que todas enfrentam seus próprios desafios para a realização dessas ações. Uma das ajudas é a existência de uma diversidade de possibilidades extensionistas para as bibliotecas universitárias. Essa diversidade oferece a possibilidade de cada biblioteca avaliar quais ações extensionistas são mais viáveis para sua realidade. O importante, é que as bibliotecas

Não se acomodem em suas limitações, sejam econômicas ou estruturais, mas se valham de princípios éticos, políticos e morais ao exercer a cidadania e formar cidadãos; tampouco se absorvam nas técnicas e esqueçam seu lado humanista, mas busquem qualificações apropriadas para o exercício da função social, pois o bibliotecário é um mediador da

emancipação humana e terá que atuar não apenas como ator, mas como transformador, mediante enfoque político, social, econômico e cultural (Viana; Pereira, 2016, p. 5).

As bibliotecas ainda podem recorrer aos editais de extensão ofertados pelas Pró-Reitorias de Extensão; às parcerias com departamentos, programas e coordenações da instituição; e às parcerias com instituições e secretarias municipais locais. Esses são apenas alguns dos colaboradores que as bibliotecas universitárias brasileiras vêm tendo em suas ações extensionistas – informação observada durante esta pesquisa, não esgotando as alternativas. A seguir, descrevemos a metodologia utilizada para alcançar essas informações.

Procedimento metodológico

Para alcançar o objetivo desta pesquisa, foi realizado um levantamento bibliográfico, de caráter exploratório e abordagem qualitativa. De acordo com Fachin (2017, p. 113), o levantamento bibliográfico é uma das etapas de uma pesquisa bibliográfica, na qual se buscam “livros, periódicos e demais materiais de origem escrita que servem como fonte de estudo ou leitura”, em formato tanto impresso quanto digital.

Nosso estudo consiste em um levantamento das ações de extensão coordenadas e executadas por bibliotecas universitárias no Brasil nos últimos anos, proporcionando uma troca de conhecimentos entre bibliotecários e servindo como incentivo criativo para bibliotecas que ainda não encontraram uma atividade compatível com sua realidade ou que ainda não se veem como agentes ativos no desenvolvimento da extensão universitária. Assim, o método exploratório mostra-se ideal, considerando que este pode “proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato [...] especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado” (Gil, 2019, p. 26).

A abordagem qualitativa foi escolhida devido ao caráter social da pesquisa, visto que “a pesquisa qualitativa é um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano” (Richardson, 2017, p. 67).

O levantamento bibliográfico foi realizado nos anais do Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBB) e do Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias (SNBU), por serem eventos ligados à área de bibliotecas universitárias e ambientes de troca de experiências entre profissionais. O recorte temporal abrange nove anos, de 2016 a 2024, com análise dos seguintes anais: CBBB 2017, 2019, 2022 e 2024; SNBU 2016, 2018, 2021 e 2023.

O acesso aos anais foi feito por meio do repositório da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições (FEBAB) – <https://portal.febab.org.br/>. Foram criadas pastas para cada evento e ano correspondente. Como estratégia de busca, utilizaram-se as palavras-chave “biblioteca universitária” e “extensão”, bem como o operador booleano AND e aspas; por exemplo: “biblioteca universitária” AND “extensão”.

Após verificar os resultados por ano e evento, cada artigo foi aberto para uma leitura prévia dos seguintes tópicos: título, resumo e palavras-chave. Quando os termos “biblioteca universitária” e “extensão” apareciam em algum desses tópicos, o PDF era armazenado numa pasta, e as principais informações – título, autores, resumo, palavras-chave, evento e ano – eram extraídas para compor um quadro geral.

A busca resultou nos seguintes dados: CBBB 2017 (5 artigos), 2019 (12 artigos), 2022 (2 artigos) e 2024 (3 artigos); SNBU 2016 (3 artigos), 2018 (11 artigos), 2021 (5 artigos) e 2023 (7 artigos), totalizando 48 trabalhos.

Para uma filtragem mais aprofundada, foi realizada a leitura integral de cada artigo, resultando em um total de 36 artigos classificados como pertinentes ao campo desta pesquisa. Apesar de os 12 artigos desclassificados conterem os termos “extensão” e/ou “biblioteca universitária”, não se enquadram nos critérios da pesquisa – alguns por não serem relato de projeto extensionista, e outros por apresentarem a biblioteca apenas como parceira, não como coordenadora do projeto. A seguir, discutiremos sobre os resultados encontrados.

Resultados e discussões



Durante a análise dos trabalhos selecionados, algumas informações foram extraídas para compor os resultados. Inicialmente, serão apresentados os projetos direcionados a públicos-alvo específicos. Em seguida, abordam-se aqueles realizados no interior das bibliotecas, voltados a todos os seus usuários (internos e externos). Na sequência, destacam-se os projetos desenvolvidos fora do ambiente da biblioteca, com abrangência diversificada de público. Por fim, apresentam-se informações comuns à maioria dos projetos analisados.

No Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (Forproex), destaca-se a relevância dos projetos de extensão como instrumentos de transformação social. Na diretriz Impacto e transformação social, vemos que a extensão universitária é vista como “uma atuação transformadora, voltada para os interesses e necessidades da maioria da população e propiciadora do desenvolvimento social e regional” (Forproex, 2012, p. 20). Partindo dessa perspectiva, alguns projetos de extensão têm como público-alvo uma classe específica da sociedade, direcionando suas ações extensionistas às reais demandas dessa comunidade, ampliando, assim, a possibilidade de impacto social. Vejamos alguns desses projetos no Quadro 1.

Quadro 1 – Projetos de extensão com públicos-alvo específicos.

Evento	Título	Projeto	Biblioteca
SNBU 2018	A Atividade de Extensão na Biblioteca Universitária: uma proposta de capacitação para os professores da rede pública de ensino de Óbidos-PA	Capacitação para professores da rede pública	Biblioteca Universitária da Universidade Federal do Oeste do Pará – Campus Óbidos
SNBU 2018	Normalização documental e competência em informação: um relato de experiência	Competência em Informação	Biblioteca da Universidade Federal do Rio de Janeiro
SNBU 2018	Relato de experiência do Projeto de Extensão Biblioterapia para os pacientes internados no Hospital Universitário João de Barros Barreto (HUIBB)	Biblioterapia para pacientes internados no Hospital Universitário João de Barros Barreto (HUIBB)	Biblioteca da Universidade Federal do Pará
SNBU 2020	Biblioteca comunitária da associação de mulheres rendeiras de Petrolina-PE: projeto de extensão SIBI UNIVASF	Apoio à estruturação de bibliotecas comunitárias	Biblioteca da Universidade Federal do Vale do São Francisco
SNBU 2023	A Biblioteca universitária como instrumento de ressocialização e incentivo à leitura: a experiência do projeto Liberdade e Expressão	Liberdade e Expressão	Biblioteca do Campus Governador Valadares da Universidade Federal de Juiz de Fora
SNBU 2023	A biblioteca universitária da UEPB e a extensão: relato de experiência do projeto de extensão “Coinfo Escola”	Competência em informação e práticas científicas nas escolas públicas de Campinas Grande-PB	Biblioteca Central da Universidade Estadual da Paraíba

SNBU 2023	Extensão em biblioteca universitária: ações do Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Sergipe (SIBIUFES)	Copiar e colar não é pesquisar! Estratégias de pesquisas em fontes de informação para alunos da educação básica Projeto Árvore do conhecimento: uma experiência sócio construtiva na formação leitora	Biblioteca Central, campus São Cristóvão e Biblioteca Antônio Garcia Filho, campus Lagarto
CBBD 2017	Implantação de um Programa de Biblioterapia na Universidade Federal da Paraíba: Relatos de um Projeto de Extensão	Biblioterapia no Instituto dos Cegos da Paraíba “Adalgisa Cunha”	Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba
CBBD 2017	Inclusão digital para comunidade da Terceira Idade: curso de informática básica promovido pelo SiB/FURG	Inclusão digital para pessoas da terceira idade: curso de informática básica	Biblioteca Central da Universidade Federal do Rio Grande
CBBD 2017	UFT e a leitura: promovendo a leitura de qualidade e a inclusão social	Projeto de Leitura	Biblioteca do campus Gurupi da Universidade Federal do Tocantins
CBBD 2019	Atividade de biblioterapia com usuários dos centros de atenção psicossocial na biblioteca central da UFSC	Projeto de Biblioterapia	Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina
CBBD 2019	O papel social da biblioteca universitária no auxílio à busca do emprego digno: uma proposta para o Município de Crateús-CE	Qualificação profissional	Biblioteca do campus Crateús da Universidade Federal do Ceará

CBBD 2022	O futuro a partir da extensão: caminhos e possibilidades de atuação a partir da biblioteca – ações da UFPA/Campus de Ananindeua, Região Metropolitana de Belém	Escolas e bibliotecas escolares no município de Ananindeua: realidade e perspectivas – conhecer para dinamizar	Biblioteca “Benedicto Monteiro” do campus de Ananindeua da Universidade Federal do Pará
CBBD 2024	Extensão Universitária: um estudo descritivo na Biblioteca Central Professor Cândido Athayde	A hora do conto: formação de leitores	Biblioteca Central Professor Cândido Athayde da Universidade Federal do Delta do Parnaíba

Fonte: dados da pesquisa.

O trabalho “A atividade de extensão na biblioteca universitária: uma proposta de capacitação para os professores da rede pública de ensino de Óbidos-PA” tem como público-alvo os professores da rede pública de ensino do perímetro urbano de Óbidos/PA. Seu objetivo é subsidiar conhecimentos básicos sobre bibliografia escolar, ressaltando a importância da relação entre biblioteca escolar e projetos pedagógicos. Como resultado, busca sensibilizar os professores quanto à relevância da biblioteca escolar e do profissional bibliotecário na formação dos seus alunos.

No artigo “Normalização documentária e competência em informação: um relato de experiência”, o público-alvo são alunos do Ensino Médio de um colégio da rede federal. Os estudantes são instruídos no uso das normas de informação e documentação, além de receberem orientações sobre competência informacional, com o objetivo de estimular uma participação crítica e ética na produção do conhecimento.

O relato de experiência do projeto de extensão “Biblioterapia para os pacientes internados no Hospital Universitário João de Barros Barreto (HUJBB)” descreve o uso da biblioterapia com pacientes hospitalizados. O principal objetivo é

destacar a importância dessa prática no contexto hospitalar, contribuindo para o processo de recuperação dos pacientes e promovendo a humanização no atendimento em saúde.

A biblioteca da Universidade Federal do Vale do São Francisco, por meio do seu projeto de extensão, implantou uma biblioteca comunitária na Associação de Mulheres Rendeiras de Petrolina. Esse projeto está descrito no artigo “Biblioteca comunitária da Associação de Mulheres Rendeiras de Petrolina-PE: projeto de extensão SIBI UNIVASF”.

O projeto Liberdade e Expressão, apresentado no artigo “A biblioteca universitária como instrumento de ressocialização e incentivo à leitura: a experiência do projeto Liberdade e Expressão”, tem como público os adolescentes internados em um centro socioeducativo. Seu objetivo é demonstrar como a biblioteca universitária pode contribuir para a reintegração social e formação educacional de jovens em medida de internação. O projeto contempla diversas atividades, como discussão sobre letras de músicas, apresentação de contos, poemas, crônicas, minicursos e divulgação de notícias.

O artigo “A biblioteca universitária da UEPB e a extensão: relato de experiência do projeto de extensão ‘Coinfo Escola’” tem como público alunos do Ensino Médio da rede pública de Campina Grande/PB, com o objetivo de prepará-los em ações voltadas às competências em informação e práticas científicas.

Outro projeto voltado para alunos do Ensino Médio da rede pública está descrito no trabalho “Extensão em biblioteca universitária: ações do Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Sergipe (SIBIUFS)”, que relata dois projetos focados na pesquisa acadêmica/escolar e no incentivo à leitura crítica e reflexiva.

O artigo “Implantação de um Programa de Biblioterapia na Universidade Federal da Paraíba: relatos de um projeto de

extensão” tem como público-alvo estudantes que adquiriram cegueira acidentalmente. O propósito é utilizar a biblioterapia para oferecer suporte emocional e intelectual, incentivando o gosto pela leitura como meio de superação e inclusão.

Pensando na terceira idade, o projeto relatado no artigo “Inclusão digital para comunidade da terceira idade: curso de informática básica promovido pelo SiB/FURG” visa a promover a inclusão social e digital de idosos por meio de um curso gratuito em dois módulos, atendendo a comunidade externa da universidade.

A biblioteca do campus Gurupi da UFT promove anualmente um evento voltado para crianças de escolas públicas do ensino fundamental da periferia da cidade. O objetivo é incentivar a leitura e a inclusão social. O relato de dois desses eventos está descrito no artigo “UFT e a leitura: promovendo a leitura de qualidade e a inclusão social”.

A “Atividade de biblioterapia com usuários dos centros de atenção psicossocial na Biblioteca Central da UFSC” visa a incentivar a leitura, estimular o uso das bibliotecas e trabalhar a produção subjetiva dos participantes.

No artigo “O papel social da biblioteca universitária no auxílio à busca do emprego digno: uma proposta para o Município de Crateús-CE”, é descrito um serviço de caráter extensionista, no qual a biblioteca oferece informações úteis para desempregados e subocupados, além de treinamentos e palestras que favorecem a inserção no mercado de trabalho.

O projeto “O futuro a partir da extensão: caminhos e possibilidades de atuação a partir da biblioteca”, desenvolvido pela Biblioteca Benedicto Monteiro da UFPA – Campus de Ananindeua, na Região Metropolitana de Belém, trabalha com professores da rede pública de Ensino Infantil e Fundamental do município, promovendo oficinas e formações que incentivam a formação de leitores desde as séries iniciais.

O projeto A hora do conto: formação de leitores, descrito no artigo “Extensão universitária: um estudo descritivo na Biblioteca Central Professor Cândido Athayde”, tem como público crianças da Escola de Aplicação do Campus Ministro Reis Velloso e promove contação de histórias com livros infantis, incentivando o hábito da leitura desde a infância.

Algumas bibliotecas desenvolvem seus projetos de extensão no próprio ambiente universitário, promovendo atividades que atraem o público-alvo para o espaço da biblioteca. No Quadro 2, são apresentados os projetos realizados nesse contexto, evidenciando o potencial da biblioteca como espaço de integração, aprendizagem e extensão.

Quadro 2 – Projetos de extensão desenvolvidos dentro da biblioteca.

Evento	Título	Projeto	Biblioteca
SNBU 2016	Leitura Dramática na Biblioteca – Em Libras e Português: relato de experiência de uma ação de extensão.	Leitura dramática na Biblioteca	Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás
SNBU 2016	Projeto Amigos da Biblioteca: um relato de experiência na Biblioteca Setorial da Escola Normal Superior da Universidade do Estado do Amazonas – UEA	Amigos da Biblioteca UEA	Biblioteca Setorial da Escola Normal Superior da Universidade do Estado do Amazonas
SNBU 2018	“Biblioteca Viva” saberes, ciências e vivências na extensão universitária	Biblioteca Viva	Biblioteca do campus de Palmas da Universidade Federal do Tocantins
SNBU 2018	Clube de leitura da BCE: relato de uma ação cultural na biblioteca central da Universidade de Brasília (BCE/UnB)	Clube de Leitura	Biblioteca Central da Universidade de Brasília

SNBU 2018	Curso de extensão super 8: um relato de experiência	Super 8: pesquisa e uso da informação científica	Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
SNBU 2018	Extensão cultural: uma prática na biblioteca da química São Carlos USP	Extensão cultural	Biblioteca de Química do Instituto de Química de São Carlos, USP
SNBU 2018	Plano anual de atividades da biblioteca central da UFGD: relato de experiência	Plano anual	Biblioteca Central da Universidade Federal da Grande Dourados
SNBU 2020	Ações para incentivo à leitura e à cultura na biblioteca central Cesar Lattes da UNICAMP: projeto ‘Contarolando histórias’ – do presencial ao virtual	Contarolando histórias	Biblioteca Central Cesar Lattes da Universidade Estadual de Campinas
SNBU 2020	Da ação cidadã às redes sociais científicas: a ciência aberta como caminho para a difusão científica na UEPB	Nas trilhas da difusão científica: a visibilidade dos projetos do campus V da Universidade Estadual da Paraíba	Biblioteca do campus V da Universidade Estadual da Paraíba
SNBU 2023	Cabines de estudo individual: inclusão social através da extensão em biblioteca universitária	Cabines de estudo individual	Biblioteca da Unidade Universitária de Ciências Socioeconômicas e Humanas da Universidade Estadual de Goiás

SNBU 2023	O Dia do Abraço na Biblioteca Seccional Campus Colemar Natal e Silva – BSCAN/SIBI/UFG: uma experiência de conexão e afeto	Cultura e Informação: atividades culturais e capacitação para pesquisa na BSCAN	Biblioteca Seccional Campus Colemar Natal e Silva da Universidade Federal de Goiás
CBBD 2019	A criança na biblioteca universitária: relato de inclusão na PUCPR	Inclusão social	Bibliotecas Setoriais do campus Londrina e Toledo da Pontifícia Universidade Católica do Paraná
CBBD 2019	Ações culturais em uma Biblioteca Universitária: um projeto promissor	Contação de História e Cinema Infantil	Biblioteca Central do campus Curitiba da Pontifícia Universidade Católica do Paraná
CBBD 2019	O bibliotecário/a e os desafios da extensão: gestão do projeto Paraíba Literária da Biblioteca Central da UFPB	Paraíba Literária: criação da coleção de obras literárias de autores paraibanos	Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba
CBBD 2019	Rodas de leitura na Biblioteca Central da UFS: um relato de experiência	Roda de leitura na BICEN	Biblioteca Central da Universidade Federal do Sergipe
CBBD 2024	Ações culturais e educativas utilizando a literatura de cordel na UERJ: atividades lúdicas que divulgam o acervo e favorecem o aprendizado nos projetos de extensão	Leituras na Cordelteca da FFP	Biblioteca CEHD da Faculdade de Formação de Professores da Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Fonte: dados da pesquisa.

O trabalho “Leitura Dramática na Biblioteca – em libras e português: relato de experiência de uma ação de extensão” mostra a parceria entre dois projetos de extensão (Leitura Dramática na Biblioteca e Técnicas de Leitura Dramática) que promovem, no ambiente da biblioteca, apresentações periódicas de leituras dramatizadas em língua portuguesa e língua de sinais, acessíveis ao público acadêmico e à comunidade.

O “Projeto Amigos da Biblioteca: um relato de experiência na Biblioteca Setorial da Escola Normal Superior da Universidade do Estado do Amazonas – UEA” traz alunos das escolas públicas para a biblioteca com o intuito de promover o uso do livro e a valorização da leitura e da escrita, por meio de palestras, contação de histórias, encenações, entre outras atividades.

O projeto Biblioteca Viva desenvolve diversas atividades no espaço da biblioteca, como Cine Biblio, minicursos, Biblioteca Humana e Boletim Infomemorial, com o objetivo de mostrar a extensão como atividade formadora de conhecimento e comunidades. Esse projeto está descrito no artigo “Biblioteca Viva: saberes, ciências e vivências na extensão universitária”.

No artigo “Clube de Leitura da BCE: relato de uma ação cultural na Biblioteca Central da Universidade de Brasília (BCE/UnB)”, observa-se a extensão universitária como ação cultural, destacando também como outras bibliotecas vêm implantando clubes de leitura nesse contexto.

O “Curso de Extensão Super 8: um relato de experiência” descreve um projeto realizado por todo o Sistema de Bibliotecas com o objetivo de expandir a formação acadêmica e profissional por meio de cursos e seminários que desenvolvem o domínio de técnicas de identificação e uso da informação em ciência, tecnologia e inovação.

O relato de experiência “Extensão Cultural: uma prática na Biblioteca da Química – São Carlos/USP” mostra a integração e socialização da vida universitária nos espaços da biblioteca, aproximando o saber científico do saber popular.

A Biblioteca Central da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) oferece à comunidade interna e externa atividades como palestras, minicursos e outras ações que promovem reflexão e formação de espírito crítico, conforme descrito no artigo “Plano Anual de Atividades da Biblioteca Central da UFGD: relato de experiência”.

O projeto “Contarolando Histórias – do presencial ao virtual”, realizado pela Biblioteca Central César Lattes da UNICAMP, visa a atrair o público para o espaço da biblioteca, oferecendo atividades voltadas à leitura e à cultura.

O artigo “Da ação cidadã às redes sociais científicas: a ciência aberta como caminho para a difusão científica na UEPB” apresenta um projeto que visa a difundir as iniciativas de ensino, pesquisa e extensão do campus para a comunidade em geral, aproximando o conhecimento científico da sociedade.

O artigo “Cabines de estudo individual: inclusão social através da extensão em biblioteca universitária” mostra como um serviço pode configurar-se como projeto de extensão: as cabines são abertas ao público geral e oferecem um ambiente climatizado e adequado para estudo individual.

No trabalho “O Dia do Abraço na Biblioteca Seccional Campus Colemar Natal e Silva – BSCAN/SIBI/UFG: uma experiência de conexão e afeto”, é relatada uma ação do projeto Cultura e Informação, que promoveu o “Dia do Abraço” com o objetivo de criar um ambiente acolhedor e fortalecer os laços comunitários.

O artigo “A criança na biblioteca universitária: relato de inclusão na PUCPR” relata a experiência de dois campi da

PUCPR ao desenvolver ações culturais voltadas a crianças e adolescentes, como clubes do livro e sessões de cinema. Já o artigo “Ações culturais em uma biblioteca universitária: um projeto promissor” descreve a experiência da Biblioteca Central da mesma instituição ao promover contação de histórias e cinema para crianças no espaço da biblioteca.

A Biblioteca Central da UFPB, por meio do projeto Paraíba Literária, oferece à comunidade uma coleção literária regional como ação de extensão. O relato de experiência “O bibliotecário/a e os desafios da extensão: gestão do projeto Paraíba Literária da Biblioteca Central da UFPB” descreve todas as etapas do desenvolvimento do projeto.

O projeto Rodas de Leitura da BICEN tem como objetivo aproximar pessoas dos livros e despertar o gosto pela leitura. A atividade atrai alunos para a biblioteca, promovendo o contato com obras e autores que podem impactar sua vida escolar e acadêmica. Essa experiência é apresentada no artigo “Rodas de leitura na Biblioteca Central da UFS: um relato de experiência”.

No trabalho “Ações culturais e educativas utilizando a literatura de cordel na UERJ: atividades lúdicas que divulgam o acervo e favorecem o aprendizado nos projetos de extensão”, observamos o uso da literatura de cordel com alunos do ensino fundamental e médio, valorizando a cultura brasileira no ambiente da biblioteca universitária.

Por fim, outras bibliotecas optam por desenvolver seus projetos em espaços públicos da comunidade. Essas ações abrangem um público diversificado, alcançando qualquer indivíduo que transite pelo local, o que amplia o impacto social das atividades de extensão.

Quadro 3 – Projetos de extensão desenvolvidos em espaços públicos.

Evento	Título	Projeto	Biblioteca
SNBU 2016	Biblioteca na Praça: Uma atividade de extensão da Biblioteca Prof. Iranilse Pinheiro da Escola Superior Madre Celeste	Biblioteca na praça	Biblioteca prof. Iranilse Pinheiro da Escola Superior Madre Celeste
SNBU 2018	Atividades de extensão de uma biblioteca universitária: relato de experiência	Ação solidária	Biblioteca Maria Auxiliadora Feio Gomes do campus de Capitão Poço da Universidade Federal Rural da Amazônia
SNBU 2020	Desafios para bibliotecas volantes frente à pandemia: relato de experiência do carro-biblioteca da UFOP	Carro Biblioteca	Sistema de Bibliotecas e Informação da Universidade Federal de Ouro Preto
CBBD 2017	Arvoreteca: incentivando a leitura	Arvoteca	Biblioteca Central da Universidade Federal do Rio Grande

Fonte: dados da pesquisa.

O projeto Biblioteca na Praça ocorre numa praça da comunidade ao redor da Escola Superior Madre Celeste e promove contação de histórias com fantoches, espaço de leitura e momentos de leitura. O relato dessa ação está descrito no trabalho “Biblioteca na Praça: uma atividade de extensão da Biblioteca Prof. Iranilse Pinheiro da Escola Superior Madre Celeste”.

O trabalho “Atividades de extensão de uma biblioteca universitária: relato de experiência” descreve uma série de atividades realizadas pela biblioteca junto à comunidade, como a campanha do Natal Solidário, com arrecadação e distribuição

de alimentos e itens pessoais, além de apresentações teatrais e peças com fantoches em bairros carentes da cidade.

O projeto Carro Biblioteca, descrito no artigo “Desafios para bibliotecas volantes frente à pandemia: relato de experiência do carro-biblioteca da UFOP”, apresenta o uso de uma biblioteca itinerante como forma de democratizar o acesso ao livro e incentivar a leitura, sendo levado às regiões periféricas das cidades e zonas rurais.

O Sistema de Bibliotecas da FURG desenvolve o projeto de extensão “Árvoreteca: incentivando a leitura”, que utiliza árvores de uma praça no centro da cidade como suporte para dispor livros acessíveis ao público, permitindo que qualquer pessoa que passe pelo local possa “colher” um para ler.

Para além do ambiente físico, identificamos dois projetos de extensão que utilizam o meio virtual para alcançar seu público-alvo: “Postais do Mundo: inventário, digitalização, pesquisa histórica e divulgação do acervo nas redes sociais da Biblioteca Universitária da UFSC” (SNBU, 2023); e “Fala Aí, Julieta!: a construção do podcast oficial do SISBI/UEFS” (CBBD, 2022).

Observou-se também que a maioria dos projetos conta com parcerias, tanto internas quanto externas à universidade. As parcerias internas envolvem alunos, professores e departamentos acadêmicos; já as externas incluem escolas, associações comunitárias e secretarias municipais. Além disso, muitos desses projetos são institucionalizados por meio de editais específicos de fomento à extensão universitária.

Considerações finais

No decorrer da pesquisa, conseguimos responder ao questionamento inicial: como as bibliotecas universitárias brasileiras vêm desenvolvendo a extensão universitária nos últimos anos? Por meio do levantamento bibliográfico nos

anais do CBBB e do SNBU, no período de 2016 a 2024, observamos que diversas bibliotecas realizam e divulgam seus projetos de extensão. Entre essas, identificamos Bibliotecas Centrais e Setoriais de Instituições Federais e Estaduais.

Concluimos que há uma variedade de ações extensionistas possíveis de serem desenvolvidas pelas bibliotecas. Nesta pesquisa, identificamos quatro abordagens. A primeira diz respeito à escolha de um público-alvo específico. Notamos que alguns projetos são elaborados para atender a grupos determinados, oferecendo atividades que suprem ou aprimoram necessidades sociais específicas destes. Nesses projetos encontramos professores da rede pública de ensino, alunos do Ensino Fundamental e Médio, pessoas hospitalizadas, membros de associações, internos de centros socioeducativos, pessoas com deficiência, idosos, usuários de Centros de Atenção Psicossocial e pessoas desempregadas.

Outra abordagem observada é o uso do próprio espaço da biblioteca como cenário para as ações extensionistas, prática que favorece a aproximação da comunidade com o ambiente acadêmico. Dentre as atividades realizadas nesse contexto, localizamos leituras dramatizadas bilíngues, palestras, seminários, cursos e minicursos, contação de histórias, encenações, cinebiblio, biblioteca humana, boletins infomemoriais, clubes de leitura, histórias cantadas, rodas de leitura e ações de difusão científica.

Também encontramos experiências que buscam alcançar um público variado, que leva a extensão para ambientes diversos da cidade, como praças públicas, bairros carentes, regiões periféricas e zonas rurais, ou utilizam o meio virtual.

É importante ressaltar que esta pesquisa não esgota a temática, uma vez que contempla apenas os projetos divulgados nos anais consultados, dentro de um recorte temporal de nove anos. Ainda se mostra promissora a realização de uma pesquisa similar em âmbito regional ou nacional, que ajude

a aprofundar a compreensão sobre as práticas extensionistas das bibliotecas universitárias brasileiras.

Referências

ARAÚJO, Francisco de Paula; CASIMIRO, Lilian Cristina da S. R. A importância dos projetos de extensão universitária na formação de cidadãos leitores. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECOLOGIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO (ENEBD), 33., 2009, Rio de Janeiro.

Anais [...]. Rio de Janeiro: Unirio, 2009. Disponível em: <http://www.unirio.br/cch/eb/enebd/anais.htm#>. Acesso em: 6 jun. 2025.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 2014.

BRASIL. LDB: Lei de diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Senado Federal, 2017. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf. Acesso em: 6 jun. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Senso da Educação Superior 2023: notas estatísticas. Brasília, DF: Inep, 2024. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/notas_estatisticas_censo_escolar_2023.pdf. Acesso em: 15 out. 2024.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia**: noções básicas em pesquisa científica. 6. ed. São Paulo: Saraiva, 2017.

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS, CIENTISTAS DE INFORMAÇÃO E INSTITUIÇÕES (Febab). Portal do Conhecimento – Febab, [2024]. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/>. Acesso em: 20 dez. 2024.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS (FORPROEX). Política Nacional de Extensão Universitária. Brasília: Forproex, 2012.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

LAVOR, Francisco Ivo Gomes de *et al.* Extensão Universitária: conceituação, fundamentos e implementação. **Revista JMSI**, v. 9, n. 2, p. 5-17, 2023. Disponível em: <https://revistas.editora.ufcg.edu.br/index.php/jmsi/article/view/839/749>. Acesso em: 17 out. 2024.

MACHADO, Marli. **A biblioteca universitária e sua relação com o projeto pedagógico de um curso de graduação**. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências da Informação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

MENEZES, Luís Carlos de. **Universidade Sitiada: a ameaça de liquidação da universidade brasileira**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

MORALES, Célia Silva Cruz; MESSIAS, Lucilene Cordeiro da Silva; OLIVEIRA, Maith Martins de. Biblioteca: caminhos para se gostar de ler. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 16.; SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE BIBLIOTECAS DIGITAIS, 2., 2010, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: UFRJ; São Paulo: CRUESP, 2010. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/5059>. Acesso em: 7 jun. 2025.

MORÉS, Andréia. Educação superior e a função social da universidade. *In*: MORÉS, Andréia. **Ensinar e aprender na universidade: inovações pedagógicas, científicas e tecnológicas**. Caxias do Sul: Educs, 2023. E-book.

MOROSINI, Marília (org.). **A universidade no Brasil: concepções e modelos**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2011.

NAVES, Emilse Terezinha. Fazer-saber: reflexões sobre a função acadêmica da extensão universitária. **Em Extensão**, Uberlândia, v. 14, n. 1, p. 9-29, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/28113>. Acesso em: 6 jun. 2025.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: método e técnicas**. 4. ed. rev., atual e ampl. São Paulo: Atlas, 2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade. **Educação, Sociedade e Culturas**, n. 23, 137-202, 2005.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2016.

SILVA, Oberdan Dias da. O que é extensão universitária? *In*: SIMPÓSIO MULTIDISCIPLINAR “A INTEGRAÇÃO UNIVERSIDADE-COMUNIDADE”, 2., 1996, São Paulo. Palestra proferida por Oberdan Dias da Silva, Diretor do Centro de Pesquisa da Universidade São Judas Tadeu de 1994 a julho de 2001. São Paulo: Universidade São Judas Tadeu, 1996. Disponível em: <https://www.ecientificocultural.com/ECC3/oberdan9.htm#:~:text=A%20extens%C3%A3o%20universit%C3%A1ria%20%C3%A9%20na,os%20diversos%20setores%20da%20sociedade>. Acesso em: 6 jun. 2025.

VIANA, Mourâmise Moura; PEREIRA, Rodrigo. A biblioteca universitária como cenário à mediação cultural: relato de experiência na Universidade Católica Dom Bosco em Campo Grande-MS. *In*: SEMINÁRIO EM CIENCIA DA INFORMAÇÃO, 6., 2016, Londrina. **Anais** [...]. Paraná, 2016. Tema: Fenômenos emergentes na Ciência da Informação. Eixo temático: Compartilhamento da Informação e do Conhecimento, p, 1-11. Disponível em: <https://deposita.ibict.br/handle/deposita/182>. Acesso em: 6 jun. 2025.

Planejamento de bibliotecas universitárias: reflexões para a prática

João Paulo Borges da Silveira

Introdução

A gestão de bibliotecas muitas vezes é encarada com um desafio ao fazer dos bibliotecários, sejam os iniciantes na profissão (com as inseguranças normais do início da carreira) ou mesmo os mais experientes, mas que atuam em setores como serviço de referência ou processamento técnico, sem, a princípio, terem tido a oportunidade de assumir posições de gestão – isso sem contar os profissionais que fogem desse tipo de cargo.

Contudo, o fazer gestão nas bibliotecas não remete ou fica (ou deva ficar) apenas nas mãos de quem efetivamente possui um cargo de chefia, pois é uma responsabilidade compartilhada entre todos da equipe. É um exercício que deve ser trabalhado pela equipe e por quem detém o cargo de chefia, já que o poder pode ser muito sedutor e, para quem não está preparado, se enredar em suas tramas, e o limite para não ser autoritário ou concentrador das ações pode ficar entre névoas.

O presente capítulo não objetiva ser uma receita de bolo, pois não existe fórmula mágica para o bem gerir, ou mesmo o que seria fazer uma “boa gestão”. Como costumo dizer em minhas turmas de graduação e pós-graduação, três elementos são essenciais quando pensamos em práticas de gestão em bibliotecas: a instituição (à qual a biblioteca está vinculada, com sua missão e seus objetivos em manter a biblioteca),

as pessoas (cargos hierárquicos, comunidade de usuários e própria equipe, que pode contribuir para ou atrapalhar o bom andamento do trabalho de gestão) e o contexto (de que biblioteca estamos falando, como está organizada, quais práticas oferece, que recursos possui etc.).

Este texto é escrito a partir da minha experiência ministrando a disciplina “Planejamento e organização de bibliotecas”, entre 2014 e 2025 (quando dessa escrita), no curso de graduação em Biblioteconomia, da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Fui o primeiro (e por enquanto único) professor a ministrar tal disciplina, o que tem me permitido aprofundar nas diferentes temáticas em torno da gestão de bibliotecas e aprimorar os materiais de aulas, como cadernos pedagógicos e videoaulas. Dessa forma, como mencionado, este texto não visa a ofertar um roteiro a ser seguido, mas proporcionar reflexões teóricas que subsidiem a prática na gestão de bibliotecas, em suas diferentes tipologias, em especial as universitárias, foco desta obra.

A minha experiência ministrando a disciplina “Planejamento e organização de bibliotecas” também contribuiu para a criação do curso de Especialização em Gestão de Bibliotecas da UCS, cuja primeira turma iniciou em abril de 2024 e concluiu as suas ações em agosto de 2025, originando parte dos trabalhos que temos neste livro.

Planejar e construir o projeto do curso de pós-graduação também foi um caminho para revisitar a gestão de ambientes informacionais em outro patamar, aprofundando diferentes temáticas com a perspectiva de que a pós-graduação exige, focando de forma mais precisa, a gestão de bibliotecas universitárias, já que o público-alvo era bibliotecários que já atuassem ou desejavam atuar com a gestão, para além do exercício de cargos, compreendendo, como mencionei, que o fazer gestão precisa ser compartilhado entre todos, sejam os acertos ou os erros, que por ventura possam ser cometidos nesse processo.

O planejamento como start da gestão

Toda atividade de planejamento tem por consequência as atividades de execução e avaliação do que foi estabelecido no planejamento (ou melhor, na real situação da biblioteca, já que muitas vezes não temos ou localizamos planejamentos anteriores), uma vez que se planeja algo para a sua efetiva realização, a menos que por diversos motivos o planejamento não saia do papel e não se efetive. Almeida (2005) cita Henri Fayol como o primeiro teórico da área da administração a situar o planejamento como um processo entre as funções gerenciais, que consistiria em prever, organizar, comandar, coordenar e controlar as ações administrativas.

A etapa do planejamento antecede toda e qualquer outra etapa no processo gerencial, ou ao menos assim deveria ser. Por meio do planejamento podemos (e devemos) observar o presente para visualizar e traçar as ações necessárias para o futuro, atingindo, portanto, as metas e objetivos da instituição. Certo (2003, p. 103) ressalta que planejamento “é o processo de determinar como a organização pode chegar onde deseja e o que fará para executar seus objetivos”. Corroborando, ChIAVENATO (2009, p. 33) aponta que o planejamento “constitui a diferença entre uma situação atual e uma situação almejada como objetivo”, ou seja, é focado no futuro e no cumprimento dos objetivos. Nesse sentido, vejamos o seguinte excerto:

- Você poderia me dizer, por favor, qual o caminho para sair daqui?
- Depende muito de onde você quer chegar”, disse o Gato.
- Não me importa muito onde... foi dizendo Alice.
- Nesse caso não faz diferença por qual caminho você vá, disse o Gato.
- ...desde que eu chegue a algum lugar, acrescentou Alice, explicando.
- Oh, esteja certa de que isso ocorrerá, falou o Gato, desde que você caminhe o bastante (Carroll, 2000, p. 81).

O presente trecho se refere ao livro *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carroll, e contextualiza o quanto termos objetivos é fundamental para sabermos qual caminho devemos tomar. No contexto do planejamento acontece a mesma coisa, por mais que não saibamos muitas vezes o caminho em um primeiro momento, assim como Alice em seu diálogo com o Gato, torna-se fundamental visualizar o “futuro”, ou seja, o que se pretende mantendo a instituição, para aí sim, planejarmos o caminho e o modo como caminharemos por ele, senão, como finalizou o gato, até podemos chegar, mas precisaremos *caminhar bastante*.

Inicia-se a atividade de um planejamento em bibliotecas em duas situações mais comuns:

1. iniciando-se e criando-a do zero (quando se possui apenas um ambiente vazio, ou mesmo quando nem o espaço ainda existe), sendo necessário planejar as suas estruturas físicas e gerenciais para o seu funcionamento; ou
2. em uma biblioteca já estabelecida e em funcionamento, em que se faz necessário o planejamento visando ao aprimoramento de suas atividades, para reformulação geral ou de situações pontuais.

Resumindo essas duas situações, “o planejamento implica avaliar o futuro e preparar-se para ele, ou mesmo criá-lo” (Caravantes; Panno; Kloeckner, 2005, p. 404). Envolve a definição dos objetivos, de metas, de prazos e de controle das ações, para que sejam de fato executadas, dentro do previsto ou com menor impacto/contornos possíveis.

O planejamento pertence às quatro funções da administração, em conjunto com a organização, direção e controle. O Quadro 1 apresenta as características das funções e permite compreender como se relacionam com o todo, o fazer gestão.

Quadro 1: Funções gerenciais.

Planejamento	Organização
✧ <i>Especifica a missão e os objetivos;</i> ✧ <i>Define das estratégias para alcançar os objetivos;</i> ✧ <i>Desenvolvimento de planos para que os objetivos sejam atingidos;</i> ✧ <i>Determina as necessidades de recursos.</i>	✧ <i>Distribuição das tarefas e recursos para que os objetivos sejam alcançados;</i> ✧ <i>Define a hierarquia organizacional;</i> ✧ <i>Estabelece quando e onde as decisões devem ser tomadas;</i> ✧ <i>Estabelece políticas e procedimentos.</i>
Direção	Controle
✧ <i>Lidera, motiva e coordena a equipe;</i> ✧ <i>Seleciona o canal de comunicação com/entre as pessoas;</i> ✧ <i>Soluciona conflitos da/na equipe;</i> ✧ <i>Gerencia mudanças.</i>	✧ <i>Monitora e avalia o desempenho da organização;</i> ✧ <i>Contrasta os resultados alcançados com os anteriores e os esperados;</i> ✧ <i>Corrige ações não satisfatórias;</i> ✧ <i>Toma as ações necessárias para a melhoria do desempenho.</i>

Fonte: Adaptado de Silva (2008) e Sobral e Peci (2012).

Os bibliotecários perpassam pelas quatro funções gerenciais cotidianamente na atuação profissional, principalmente se atuarem como gestor da biblioteca, coordenador de setor e/ou líder de equipe. Mesmo quando não possui o cargo de coordenador (ou sob outra denominação de chefia), o profissional precisa estar consciente do funcionamento da biblioteca, para que possa colaborar para o desenvolvimento da instituição, uma vez que a biblioteca está hierarquicamente subordinada a uma instituição a qual a mantém.

Planejamento de bibliotecas

O planejamento não diz respeito a decisões futuras, mas às implicações futuras de decisões presentes (Oliveira, 1986, p. 22).

A função do planejamento se consolida em quatro princípios gerais, aplicados também à gestão de bibliotecas universitárias, sendo eles, a partir de Oliveira (1986):

- ✧ princípio da contribuição aos objetivos – o planejamento deve estar alinhado aos objetivos da instituição, atuando para alcançá-los (os objetivos da biblioteca devem estar amarrados com o da instituição de uma forma geral);
- ✧ princípio da precedência – o planejamento antecede as demais funções administrativas, por isso assume maior importância frente a organização, direção e controle (contudo, as outras três funções precisam ser bem executadas, para não prejudicar a primeira);
- ✧ princípio de abrangência – o planejamento pode acarretar mudanças à instituição, principalmente em relação a pessoas, tecnologias e sistema (cabendo a toda equipe atuar para que as mudanças ocorram, não apenas o gestor); e
- ✧ princípio da maior eficiência, eficácia e efetividade – o planejamento deve maximizar os resultados e minimizar as lacunas e prejuízos.

Sobre esses últimos conceitos, podemos compreendê-los da seguinte forma, com características que os distinguem: 1) eficiência – fazer as coisas de maneira adequada, resolver problemas, salvaguardar os recursos aplicados, cumprir o seu dever e reduzir os custos; 2) eficácia – fazer as coisas certas, produzir alternativas criativas, maximizar a utilização de recursos, obter resultados e aumentar o lucro (que não é necessariamente o caso das bibliotecas); 3) efetividade – manter-se no ambiente e apresentar resultados globais positivos ao longo do tempo ou, se possível, permanentemente.

Almeida (2005) alerta que a atividade do planejamento em bibliotecas por vezes é negligenciada, eventualmente os bibliotecários dedicam mais tempo às atividades diárias de

processamento técnico, por exemplo, do que vislumbrando o futuro da biblioteca e refletindo sobre o “agora” e um jeito de alcançar bons resultados “logo em frente”. Segundo a autora, às vezes o bibliotecário gasta muito mais tempo consertando ações “mal planejadas”, executadas e, assim, “mal sucedidas”, em virtude do não planejamento, do que em relação ao tempo que precisaria despende para planejar os produtos, os serviços e as atividades a serem oferecidas pela biblioteca, por exemplo, além de suas rotinas e processos.

Mas é importante ressaltar que muitos profissionais se veem sobrecarregados de atividades e tentam atender as de maior urgência, como atendimento ao público, ficando pouco ou nenhum tempo para outras ações, como a gestão ou mesmo a oferta de serviços inovadores, por exemplo. Cada realidade é única e precisa ser analisada conforme sua instituição, pessoas e contextos.

O planejamento de bibliotecas deve ser um processo contínuo, reflexivo e retomado em diferentes momentos, e não esporádico, considerando as modificações que ocorrem com o tempo, como a troca de funcionários, novas demandas e tecnologias, além da estrutura organizacional (muitas vezes burocrática) e financeira da instituição mantenedora que abarca a biblioteca. Almeida (2005, p. 2) reforça que, além de um processo contínuo, o planejamento deve ser “permanente e dinâmico, que fixa objetivos, define linhas de ação, detalha as etapas para atingi-los e prevê os recursos necessários à consecução desses objetivos”, mantendo a biblioteca com os “pés no chão” e “olhos no horizonte”, vislumbrando novas ações e mantendo com qualidade as que já oferta.

De acordo com Oliveira (1986, p. 21), temos que o processo de planejar envolve “um ‘modo de pensar’, e um salutar modo de pensar envolve indagações, e ‘indagações’ envolvem questionamentos sobre o que será feito, como, quando, quanto e para quem será feito”. O planejamento resulta em decisões

tomadas no presente que impactarão o futuro da instituição, por isso a dimensão do processo reflexivo que o planejamento exige e que não deve se restringir somente ao gestor, apesar de precisar partir dele (ou passar por ele), mas toda a equipe de colaboradores deve ser envolvida nesse processo, inclusive para não se tornar apenas uma equipe executora de tarefas, que muitas vezes se tornam sem sentido na objetividade e importância que precisam ser executadas.

Sendo o planejamento a delimitação de como melhor gerenciarmos as bibliotecas, temos para tal alguns instrumentos para sairmos no ponto inicial e chegarmos onde queremos, ou seja, uma biblioteca com elevado padrão de qualidade, a qual é reconhecida pelos gestores hierarquicamente superiores na instituição e, principalmente, pela comunidade que atende.

Plano

O plano enquanto instrumento de planejamento estabelece as linhas iniciais *do que e como* fazermos, além de delimitar o monitoramento das ações estipuladas para que os objetivos sejam atingidos de maneira ordenada e eficaz. Almeida (2005, p. 4) contribui com sua definição e justificativa da importância do plano no processo de planejamento:

O plano é uma linha de ação preestabelecida que, em determinado período de tempo, orienta a ação na direção da missão, ou seja, o que a instituição deve fazer [...] os objetivos institucionais [...] e fornece parâmetros de controle e acompanhamento das ações. [...]

Oferece uma estrutura de referência para a tomada de decisão e é um compromisso com a mudança. [...]

A necessidade de um plano é determinada pela missão ou pelos objetivos institucionais, ou, ainda, por problemas específicos relacionados ao bom desempenho da organização.

De acordo com o Oliveira (1986, p. 21), o plano “corresponde a um documento formal que se constitui na consolidação das informações e atividades desenvolvidas no processo

de planejamento”, portanto, como a materialização do que se planejou e começará a colocar em prática no dia a dia. Ainda para o autor, o plano se apresenta como a finalização do planejamento, no sentido do estabelecimento das ações que deverão ser desenvolvidas, estando assim registradas em um documento formal que deve estar de fácil acesso para a equipe ou mesmo parte dela, se conter informações de caráter sigiloso.

No processo de planejamento, o plano deve ser concebido conforme a necessidade de sua elaboração e pode ocorrer em diferentes escalas de aprofundamento. Os planos mais usuais são:

- ✧ o plano global, por vezes denominado de anual, surge da necessidade de organizar ou reorganizar a biblioteca, é o compromisso com a mudança conforme citado por Almeida (2005), um plano amplo que pode/deve ser elaborado por diferentes pessoas, ou ao menos é desejável que estas sejam consultadas antes, durante e/ou após a elaboração do plano, pois muitas vezes fica a cargo exclusivo da direção da biblioteca a sua elaboração;
- ✧ o plano específico se destina a traçar a linha mestra para a execução de uma determinada tarefa, dessa forma terá começo, meio e fim previstos; e
- ✧ o plano especial visa a planejar ações específicas para casos específicos, não sendo necessário haver nas bibliotecas esse tipo de plano, mas, devido às necessidades de um planejamento totalizante (ou seja, que pense a biblioteca como um todo – ou, pelo menos, tente), os planos especiais são elaborados conforme a demanda e úteis para a boa gestão.

Nota-se que o plano global tem duração prevista e estipulada previamente, que pode ser de um ano ou um período determinado para que forme um ciclo específico, como de

metas, para os próximos cinco anos, por exemplo, ou ainda para o período que durará a gerência do gestor. Enquanto isso, o plano específico terá a sua duração conforme a quantidade de ações e suas complexidades para a sua realização e, conseqüentemente, finalização, algo muito associado a projetos variados nas bibliotecas. Já o plano especial costuma ter duração indefinida –, por exemplo, o Plano de Contingência (que é exigência do Ministério da Educação nas suas avaliações dos cursos de graduação), para que as bibliotecas prevejam ações para evitar e conter sinistros ou falhas no atendimento à comunidade, cuja duração ou alteração pode, por exemplo, depender de obras estruturais urbanísticas e/ou do prédio, bem como a localização do acervo e dos setores, sendo o plano alterado conforme a necessidade e sem um término previsto, considerando que enchentes ou incêndios podem acontecer a qualquer momento e se faz necessário estar preparado.

Os planos podem ser revistos durante o processo de planejamento, sempre considerando o melhor a ser feito pela e para a organização. Sobre a flexibilização de um plano, Caravantes, Panno e Kloeckner (2005, p. 433) mencionam:

Embora o plano represente a materialização do processo de planejamento, este altamente dinâmico, ele não deve ser visto como algo estático, mas flexível o suficiente para ser alterado em função das modificações em nível organizacional e principalmente ambiental.

Contudo, a revisão do plano deve ser direcionada pela gestão da biblioteca que elaborou o planejamento, para que não ocorram alterações que dificultem o alcance dos objetivos estipulados e/ou que acarretem gastos desnecessários e além do previsto com recursos humanos, financeiros e materiais.

Missão e objetivos da biblioteca

Ao elaborar o planejamento de uma biblioteca, seja para sua criação ou reformulação, uma das primeiras questões que se precisa ter em mente é em relação a sua missão: qual o motivo de existir? Para quem existir? O que será feito/oferecido de produtos e serviços pela biblioteca? O que será ofertado tem como foco atender as demandas da comunidade? E está em diálogo com a missão não apenas das bibliotecas, mas também da instituição que a mantém? Caravantes, Panno e Kloeckner (2005, p. 415), afirmam que “a missão se refere à razão de ser, o mandato fundamental de uma organização. É uma resposta às perguntas ‘quem somos’, ‘para que existimos’, ‘qual a nossa razão de existir’”.

Essas questões iniciais são fundamentais para um bom planejamento e podem ser complementadas por outras propostas por Walter, Eirão e Reis (2010): qual o tipo de organização a que a biblioteca pertence? Qual a sua subordinação? Qual é a área de atuação da biblioteca (pública, universitária, escolar, etc.)? Questões que dão sentido à organização, proporcionando reflexão sobre a sua existência e qual/como será/deverá ser o seu futuro, sem esquecer-se dos usuários, pois “a missão diz respeito ao propósito final perseguido pela organização e como ela se coloca diante dos usuários” (Caravantes; Panno; Kloeckner, 2005, p. 415), uma vez que sem eles provavelmente não haveria motivo para a existência da biblioteca.

De acordo com Oliveira (1986, p. 96), a missão “é a razão de ser. [...] procura-se determinar qual o negócio da empresa, por que ela existe, ou ainda em que tipos de atividades a empresa deverá concentrar-se no futuro”. Portanto, a missão determina aonde se quer chegar ou, ainda, as motivações para mantermos a biblioteca em funcionamento. As respostas às questões suscitadas não necessariamente precisam ser for-

necidas/formuladas unicamente pelo bibliotecário, e sim ser idealizadas em colaboração com sua equipe de trabalho, e sem esquecer de contar com o apoio das chefias na formulação e na aprovação das respostas.

Walter, Eirão e Reis (2010) ressaltam que a missão da biblioteca deve ser conhecida por todos os membros da equipe, e, de preferência, que seja estimulada a sapiência dos usuários frente a ela, contribuindo inclusive para o seu aperfeiçoamento contínuo. Os autores ainda ressaltam a importância de se ter documentado o processo de desenvolvimento da missão da biblioteca, bem como este ser disseminado entre os funcionários, considerando possíveis alternâncias de coordenadores e/ou bibliotecários na instituição.

Para que seja alcançada com satisfação, a missão da biblioteca deve estar alicerçada nos objetivos, os quais fornecerão as direções principais para que o planejamento seja delineado. Tem-se por objetivos da biblioteca o que a unidade pretende fazer para alcançar a missão (como cumpri-la?), podendo ser os mais variados, de acordo com a proposta maior, a sua missão.

Conforme Almeida (2005), os objetivos representam o que se espera como resultado do planejamento. Planeja-se para atingir algo, que são os objetivos, e segue-se o planejamento estipulado para que as mudanças ocorram na biblioteca, sendo estas descritas nos objetivos, que “devem expressar intenções que levem ao cumprimento da missão da organização” (Almeida, 2005, p. 5).

Reforçando, Caravantes, Panno e Kloeckner (2005, p. 415) afirmam que os objetivos são “resultados quantificados, previamente estabelecidos, que devem ser atingidos e mantidos durante um período de tempo. Orientam o desempenho, exprimem uma política quantificada e implicam continuidade”. Nas bibliotecas, os objetivos devem ser pensados em conjunto com a sua hierarquia, seguindo os dois pressupos-

tos: 1) hierarquia da biblioteca enquanto pertencente a uma instituição, respeitando os princípios éticos e econômicos e a missão da organização que abriga a biblioteca; e 2) gestores da biblioteca como os responsáveis por elaborar por meio planejamento, cabendo a cada setor definir seus objetivos específicos para que possam auxiliar a biblioteca a atingir os seus objetivos gerais.

Regulamento e estrutura ou organograma

O regulamento da biblioteca deve definir as normas de seu funcionamento e utilização por parte dos usuários, como números de itens que podem ser retirados, contatos, redes sociais que a biblioteca utiliza, horários de funcionamento, bem como produtos e serviços ofertados, entre outros, devendo o regulamento ser conciso e claro, não fornecendo elementos para incompreensões ou distorções.

Walter, Eirão e Reis (2010, p. 9) esclarecem que “por intermédio do regulamento, a unidade de informação define quem são seus usuários, informa o que tem a oferecer, além de esclarecer como e quando efetuará o atendimento”. Os autores definem os principais tópicos a serem abordados no regulamento: nome da biblioteca; localização e endereço; contatos; público atendido; horários de funcionamento; setores da biblioteca; serviços e produtos oferecidos pela biblioteca, contendo descrição do que é e como utilizar; e direitos e deveres dos usuários.

Os regulamentos podem ser no formato impresso e/ou eletrônico, conforme as potencialidades de materiais humanos e tecnológicos de cada biblioteca, o importante é que a comunidade consiga acessar e conhecer as normas.

A estrutura (também chamada de organograma) define a estrutura hierárquica da instituição e/ou da biblioteca. Podemos ter os dois modelos, apresentando como e onde

a biblioteca se localiza dentro da instituição, ou seja, a que setor é subordinada, e podemos ter o organograma da própria biblioteca, apresentando os setores, as chefias e os cargos.

O organograma consiste em uma ferramenta que deve ser desenvolvida no planejamento, junto ao plano, à missão, aos objetivos e ao regulamento, tendo sua relevância em guiar os passos da instituição, explicitando hierarquicamente as funções de cada membro da equipe. Estamos nos referindo à equipe que compõe a biblioteca, o “grupo que tem objetivos bem definidos e cujos integrantes buscam as mesmas metas por meio das habilidades complementares e de um contínuo processo de experimentação e trocas de experiências” (Knapik, 2012, p. 79).

Essa equipe possui um ou mais líderes, que são representados por meio do organograma da equipe ou, ainda, de seus setores. Podemos explicitar um organograma pelos setores que compõem tanto a instituição geral como a biblioteca. Nesse sentido, Chiavenato (2014, p. 278) nos coloca que a estrutura organizacional “Constitui a arquitetura ou formato organizacional que assegura a divisão e coordenação das atividades dos membros da organização”. Podemos perceber então que funciona como se fosse uma espinha dorsal que sustenta o funcionamento da própria instituição, bem como suas articulações no contexto de atividades desenvolvidas.

É comum encontrarmos organogramas apresentando os setores da biblioteca, e consequentemente fica explícita ou não a hierarquia dos setores e da própria equipe da biblioteca. Dentro de um setor já hierarquizado por meio do organograma, podemos ter a liderança de um ou mais profissionais e sua equipe. A organização dos setores e das pessoas pode ser vertical ou horizonte, conforme apontam Andreoli e Rossini (2015). É vertical quando há hierarquia e diferenças nos níveis de autoridade e responsabilidade, estabelecendo as relações de poder dentro da instituição, e é horizontal quando explicita

os diferentes setores e funções, bem como a hierarquia de chefias.

Importância do planejamento em bibliotecas

O planejamento ganha relevância no dia a dia das bibliotecas, proporcionando diferentes ganhos à instituição e à equipe, como melhoria nos processos, tempo e confiabilidade nas ações executadas. A partir de Almeida (2005), destaco os principais pontos que justificam a importância da realização do planejamento em bibliotecas.

- ✕ Reduz o grau de incerteza na organização: os membros da equipe sabem o que, como e quando fazer (suas determinadas atividades), o que esperar disso e o que a própria gestão espera das atividades e do seu trabalho dentro da organização, evitando incertezas e ansiedade no ambiente de trabalho.
- ✕ Restringe ações equivocadas: com o planejamento, cada pessoa tem o seu espaço e papel na organização, assim cada funcionário se concentra em suas atividades, promovendo qualidade e produtividade do que é executado, o que evita desperdício de tempo e materiais.
- ✕ Diminui riscos: conhecendo e tendo foco nas ações a serem executadas, o risco de não as fazer ou fazê-las de maneira errada diminui, evitando também o uso desnecessário de recursos.
- ✕ Reduz os custos: se cada pessoa fizer o que for designado, evitam-se custos como horas extra, luz, material de consumo etc., eliminando o desperdício e a duplicidade das funções.
- ✕ Rende os recursos: executando atividades com fins específicos, reduzem-se custos e aumenta-se produtividade, para isso é necessário o planejamento.

- ✧ Viabiliza e controla as mudanças: o planejamento nasce para que mudanças ocorram na biblioteca, sejam elas pequenas ou grandes, com o controle a partir da viabilidade dessas mudanças, sendo necessário planejá-las.
- ✧ Aumenta a qualidade dos produtos e serviços: cada funcionário se dedica em suas atividades, podendo melhorar e/ou aperfeiçoar os produtos e serviços sob sua responsabilidade, buscando oferecer o melhor para a comunidade dentro daquilo que necessita e demanda da biblioteca.
- ✧ Garante a realização dos objetivos estabelecidos: foco e controle se tornam palavras-chave para o sucesso do planejamento, que, se bem elaborado e executado, tende ao sucesso da biblioteca e da própria instituição que a mantém.
- ✧ Oportuniza melhor otimização do tempo: havendo prazos e compromisso por parte da equipe, ou seja, se estiverem alinhados com a organização, todos saberão o que devem fazer e quando entregar as atividades sob suas responsabilidades prontas e com mais qualidade.
- ✧ Assegura julgamentos e decisões equilibradas: sabendo onde se quer chegar, o líder precisa manter a equipe tranquila e unida para não perder o foco, e uma equipe comprometida não prejudicará os meios, uma vez que foca nos fins, nos resultados – observa-se a relação direta com a função de direção e controle, importantes para e no planejamento.

Almeida (2005) aponta que, independentemente do nível e do tipo de planejamento, é imprescindível o apoio de todos da equipe, para que juntos possam alcançar as realizações almejadas, ter o mesmo conhecimento do planejamento e, principalmente, estar engajados no compromisso com a mudança e/ou qualificação do que já existe e pode exigir melhorias.

O planejamento estratégico pensa a organização como um todo, para que as mudanças aconteçam a um longo ou médio prazo. Cabem aos gestores do alto nível hierárquico as decisões no planejamento, porém podemos considerar que há diferentes esferas desse grupo. Se analisarmos o planejamento estratégico de uma universidade, cabe ao reitor e aos seus pró-reitores elaborá-lo; considerando uma biblioteca universitária, a sua elaboração se dará pelo diretor, conforme o nível do planejamento estratégico na organização.

O planejamento intermediário pode ser definido em *o que fazer*, e o planejamento operacional no *como fazer*. O intermediário traduz as expectativas da organização, devendo traçar *o que fazer* e quando e, acima de tudo, controlando para que as ações sejam realizadas de forma eficiente e eficaz, da maneira e tempo previstos. Oliveira (1986, p. 33) também denomina o planejamento intermediário em planejamento tático, que, para o autor, “tem por objetivos otimizar determinada área de resultado e não a empresa como um todo. Portanto, com os objetivos e desafios estabelecidos no planejamento estratégico”.

Já o planejamento operacional define *como* as ações devem ser feitas, traçando o detalhamento das ações para o aqui e agora, ou, mencionando de outra forma, como “colocar as mãos na massa”. O planejamento operacional existe para que o planejamento intermediário (ou tático) seja seguido, estabelecendo os recursos necessários, com seu desenvolvimento e implantação, os procedimentos básicos a serem adotados, os produtos ou resultados esperados, os prazos estabelecidos e os responsáveis pela sua execução e implantação (Oliveira, 1986).

Considerações finais

Para finalizar este capítulo, reforça-se o que foi dito em seu início, de que não há uma receita pronta ou mapa a ser

seguido para ser um bom gestor e gerir bem uma instituição como as bibliotecas. O que se busca, por exemplo, por meio deste texto ou com a oferta de um curso de Especialização em Gestão de Bibliotecas Universitárias é contribuir com subsídios teóricos e/ou práticos para que bibliotecários atuantes em diferentes contextos consigam compreender a relevância da gestão em si e o modo como esta se organiza a partir das quatro funções gerenciais, sendo a primeira escolhida para aqui rabiscar algumas palavras.

O planejamento enquanto função inicial é o traçado do mapa a ser seguido pela biblioteca, é olhar o presente para visualizar o futuro. A organização prevê as ferramentas necessárias para percorrermos esse mapa, definindo hierarquias, políticas e procedimentos para o percurso. A direção trabalha diretamente com a equipe, liderando, motivando e coordenando as pessoas e suas atividades, para que se mantenham firme no trajeto delineado no planejamento. E, por fim, a função do controle monitora e avalia os resultados, ao longo e ao final do percurso, corrigindo falhas e buscando alternativas para retomar o percurso inicial ou, ainda, buscando novas rotas, se necessário.

O fazer gestão como ação coletiva passa pela oportunidade da experiência, de ser efetivamente o gestor da unidade ou de participar de uma gestão na qual todos sejam incluídos nos processos e o poder não se concentre nas mãos de uma única pessoa, que apenas dá ordens para serem cumpridas, muitas vezes sem contexto/motivações para quem as executará.

Como vimos ao longo deste capítulo, o planejamento dispõe de algumas ferramentas que devem ser utilizadas como norteadoras para seguirmos os objetivos traçados, como os planos, a missão, os objetivos, o regulamento e a estrutura organizacional. Esses instrumentos contribuem para que biblioteca, gestão e equipe se mantenham firmes no caminho

traçado e, ao finalizarem o ciclo estabelecido, consigam avaliar o planejamento executado e propor novos rumos à unidade.

Para finalizar, reforça-se o ideal de que planejar é mais fácil do que consertar, ou seja, o tempo e a energia despendidos para o planejamento de bibliotecas serão revertidos e observados na qualidade dos produtos, serviços e práticas ofertados à comunidade, bem como percebidos nas relações de trabalho entre os membros da equipe, ao atuarem em uma unidade que entende a sua real situação e propõe metas alcançáveis. Contudo, não há um único modo de planejar ou objetivo desejável, cada biblioteca precisará reconhecer a sua instituição, diagnosticar o seu contexto e motivar a sua equipe para atuar de forma engajada.

Referências



ALMEIDA, Maria Cristina Barbosa de. **Planejamento de bibliotecas e serviços de informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 2005.

ANDREOLI, Taís Pasquotto; ROSSINI, Fernando. **Organização, sistemas e métodos**. Curitiba: InterSaberes, 2015.

CARAVANTES, Geraldo R.; PANNO, Cláudia C.; KLOECKNER, Mônica C. Planejamento. *In*: CARAVANTES, Geraldo R.; PANNO, Cláudia C.; KLOECKNER, Mônica C. **Administração: teorias e processos**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.

CARROLL, Lewis. **Alice no país das maravilhas**. São Paulo: [s. n.], 2000.

CERTO, Samuel C. **Administração moderna**. São Paulo: Prentice Hall, 2013.

CHIAVENATO, Idalberto. **Administração nos novos tempos: os novos horizontes em administração**. Barueri: Manole, 2014.

CHIAVENATO, Idalberto. **Iniciação à administração geral**. 3. ed. rev. e atual. Barueri, SP: Manole, 2009.

KNAPIK, Janete. **Gestão de pessoas e talentos**. Curitiba: InterSaberes, 2012.

OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças de. **Planejamento estratégico: conceito, metodologia e práticas**. São Paulo: Atlas, 1986.

SILVA, Reinaldo O. da. **Teorias da administração**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2008.

SOBRAL, Filipe; PECI, Alketa. **Fundamentos de administração**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012.

WALTER, Maria Tereza Machado Teles; EIRÃO, Tiago Gomes; REIS, Luciana Araújo. **Regulamentos, orçamentos, etcétera: miniguia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2010.

Repositório digital: uma resposta biblioteconômica para a era digital

Líliá Cristina Brito de Jesus

Introdução

A ascensão da era digital reconfigurou fundamentalmente a paisagem informacional, impondo um conjunto de novas demandas e desafios às instituições de ensino superior (IES) e, conseqüentemente, às suas bibliotecas. Nesse cenário dinâmico, as bibliotecas universitárias são compelidas a transcender seu papel tradicional de meros repositórios físicos de informação, transformando-se em centros dinâmicos de conhecimento. Essa evolução implica que elas não apenas forneçam acesso a recursos, mas também assumam a gestão e a promoção ativa da produção científica gerada por seus usuários (Alves; Oliveira, 2016).

Diante dessas exigências transformadoras, a inovação tecnológica surge como uma resposta estratégica. A implementação de repositórios digitais, em particular, emerge como uma solução fundamental, sendo recursos estruturados benéficos, capazes de facilitar a organização, a gestão e a preservação da informação em diversos suportes (Fachin; Blatmann; Caldin, 2019). Ao funcionarem como ambientes que abrigam acervos digitais de variados tipos documentais, temas e até mesmo de dados, os repositórios otimizam a organização e a representação da informação, ao mesmo tempo em que possibilitam o acesso aberto à vasta massa informa-

cional de uma instituição em um único sistema/local, muitas vezes empregando software livre (IBICT, 2018).

Nesse cenário de transformação, este trabalho defende que a implementação e a gestão estratégica de repositórios digitais são cruciais para que uma instituição informacional consolide seu status de universidade. Eles não apenas garantem a visibilidade da produção acadêmica, mas também contribuem para a conformidade com as diretrizes de órgãos reguladores, como o Ministério da Educação (MEC), ao evidenciar a capacidade de a instituição gerar, organizar e disseminar conhecimento, um pilar fundamental para o reconhecimento universitário.

Para que essa transição seja bem-sucedida, o gerenciamento por parte do bibliotecário é um fator determinante, visando a desenvolver uma cultura de inovação e colaboração entre os profissionais da informação. Embora a função do gestor de repositório tenha suas raízes sólidas na Ciência da Informação, sua eficiência é intrinsecamente ligada a um conjunto de competências que exigem amplo conhecimento interdisciplinar (Ferreira *et al.*, 2021). Isso transcende a simples adoção de ferramentas digitais, pois implica cultivar um ambiente onde a equipe se sinta encorajada a pensar criativamente, a propor melhorias, a testar novas metodologias e a aprender continuamente. Tradicionalmente, a imagem do bibliotecário poderia estar restrita a tarefas mais técnicas de organização e recuperação da informação. Contudo, seu posicionamento atual deve ser o de um agente de gerenciamento e um catalisador de inovação, atuando como o elo essencial entre o vasto universo da informação e as necessidades específicas da comunidade a que serve – um verdadeiro arquiteto de conhecimento em um ambiente de constante mudança (Baptista, 2009; Souza; Spudeit, 2022).

Este estudo caracteriza-se como uma revisão bibliográfica, pautando-se na análise e interpretação de literatura pertinente

ao tema dos repositórios digitais, bibliotecas universitárias, gestão da informação e era digital, com objetivo geral de apresentar os repositórios digitais como uma resposta bibliotecônica estratégica para as instituições de ensino superior se consolidarem na era digital, especialmente no que tange à sua transformação em universidades. Em síntese, a discussão e a pesquisa realizadas convergem para a constatação de uma transformação profunda e inegável no papel das bibliotecas universitárias. A adoção estratégica de repositórios digitais e o desenvolvimento contínuo de competências gerenciais e interdisciplinares pelos bibliotecários são elementos centrais para que essas instituições não apenas sobrevivam aos desafios da era digital, mas prosperem e continuem a desempenhar um papel vital como polos de informação e conhecimento, suportando ativamente o ensino, a pesquisa e a extensão. Esse processo de adaptação e inovação é crucial para que as bibliotecas universitárias mantenham sua relevância e contribuam significativamente para o sucesso acadêmico e científico.

Repositórios digitais: conceito, finalidades e impacto na instituição universitária

As ferramentas tecnológicas são de suma importância na adequação de um centro de informação universitário. Entre elas, destacam-se os repositórios digitais, que são recursos estruturados benéficos para a organização, gestão e preservação da informação em diversos suportes informacionais (Fachin; Blatmann; Caldin, 2019). O uso de repositórios, ambientes constituídos de acervos digitais de diferentes tipos documentais, temas e até mesmo de dados, tende a facilitar a organização e representação da informação, possibilitando o acesso aberto à vasta massa informacional de uma instituição em um único sistema/local, principalmente com o emprego de software livre (IBICT, 2018).

A adoção dessa ferramenta tecnológica no contexto de bibliotecas universitárias inclui, portanto, a criação e implementação de repositórios institucionais para armazenar e disponibilizar a produção científica de suas comunidades, conforme observado nos estudos de caso mencionados por Fachin, Blatmann e Caldin (2019). Esses repositórios contribuem diretamente para a consolidação do status de universidade de uma instituição ao:

- ✧ aumentar a visibilidade da produção científica, pois, ao centralizar e disseminar teses, dissertações, artigos e outros documentos acadêmicos, os repositórios amplificam o alcance da pesquisa produzida na IES, atraindo pesquisadores e alunos e fortalecendo a reputação acadêmica;
- ✧ evidenciar a qualidade da pesquisa e ensino, visto que a existência de um repositório robusto e bem gerido demonstra a capacidade de a instituição gerar conhecimento relevante, um dos pilares essenciais para o reconhecimento como universidade;
- ✧ atender indiretamente a requisitos de avaliação, porque, embora não sejam uma exigência direta para o reconhecimento, repositórios digitais que organizam a produção intelectual e garantem sua acessibilidade contribuem para a avaliação de qualidade de cursos e instituições por órgãos como o MEC, que consideram a produção intelectual e a infraestrutura tecnológica para a difusão do conhecimento.

O gerenciamento por parte do bibliotecário, visando a desenvolver uma cultura de inovação e colaboração entre os profissionais da informação, é fundamental para o sucesso e a sustentabilidade desses repositórios.

A pressão por inovação, as exigências do MEC (como a gestão de dados científicos) e a crescente demanda por serviços digitais impulsionaram a exploração de diversas estratégias

para que as bibliotecas se adequassem às novas demandas e tipologias, mantendo a relevância e a eficácia de sua gestão (Machado, 2020). As instituições de ensino superior (IES) têm transformado as funções técnicas tradicionais de seus profissionais, exigindo competências gerenciais de seus bibliotecários. Essas competências são cruciais para garantir a integração dos sistemas da biblioteca com outros sistemas das IES (como sistemas de gestão acadêmica e de pesquisa), facilitando o fluxo de informação e assegurando a conformidade regulatória.

A Ciência da Informação e o papel estratégico do bibliotecário na gestão de repositórios digitais



A Ciência da Informação (CI), como disciplina, emerge como o campo do saber fundamental para compreender, organizar e otimizar o fluxo da informação em suas diversas manifestações. Sua relevância torna-se ainda mais proeminente na era digital, em que a proliferação de dados e o acesso ubíquo exigem novas abordagens para a gestão do conhecimento. A CI não se limita ao estudo dos documentos físicos, mas se expande para abranger os ambientes digitais, os sistemas de informação e as interações entre usuários e informação (Furtado, 1998).

Dentro de suas múltiplas possibilidades, a Ciência da Informação oferece as bases teóricas e metodológicas essenciais para a gestão de repositórios digitais, apresentadas a seguir.

- ✧ **Organização e representação da informação:** a CI fornece os princípios e as técnicas para estruturar e descrever a informação, seja ela textual, imagética ou de dados brutos. Isso é crucial para a indexação, classificação e atribuição de metadados, elementos que garantem a recuperabilidade e a inteligibilidade dos recursos infor-

macionais em ambientes como os repositórios digitais (Fachin; Blatmann; Caldin, 2019). É a base para a criação de sistemas que permitem a localização eficiente e o uso adequado do vasto acervo de conhecimento.

- ✧ **Gestão de unidades de informação:** a disciplina dota os profissionais com o conhecimento necessário para gerenciar bibliotecas e outros centros de informação, transformando-os em espaços dinâmicos de conhecimento. Isso inclui a elaboração de projetos, a gestão de recursos (humanos, tecnológicos e financeiros) e a adaptação a novas demandas, exigindo uma postura de liderança e gestão por parte do bibliotecário para a implementação e manutenção dos repositórios (Alves; Oliveira, 2016; Baptista, 2009; Machado, 2020; Souza; Spudeit, 2022).
- ✧ **Inovação e adoção tecnológica:** a CI está intrinsecamente ligada à inovação, investigando como as tecnologias podem ser empregadas para melhorar o acesso e a disseminação da informação. A adoção de ferramentas como os repositórios digitais é um exemplo claro de como a CI impulsiona a transformação e a modernização das práticas informacionais, visando a atender às exigências da era digital e às necessidades dos usuários, que agora são tanto consumidores quanto produtores de informação (Fachin; Blatmann; Caldin, 2019; Ferreira *et al.*, 2021).
- ✧ **Promoção do acesso aberto e da ciência aberta:** a CI é uma força motriz por trás do movimento de acesso aberto, que busca democratizar o conhecimento científico. Por meio da criação e gestão de repositórios digitais, ela possibilita a disseminação livre e irrestrita da produção acadêmica, garantindo maior visibilidade e impacto para a pesquisa. Essa dimensão se estende à gestão e à curadoria de dados científicos, um campo em expansão

que a CI habilita para a conformidade com as diretrizes de órgãos reguladores e o avanço da pesquisa.

- ✧ **Adaptação aos desafios emergentes:** a CI oferece o arcabouço teórico para analisar e propor soluções para os desafios impostos por tecnologias emergentes, como a inteligência artificial, e por mudanças no próprio ensino superior. Ela capacita os profissionais a inovar e a transformar suas unidades de informação para manter sua relevância e eficácia, garantindo que as bibliotecas continuem a desempenhar um papel vital no ensino, na pesquisa e na extensão (Souza *et al.*, 2024).

A Ciência da Informação, conforme refletido pelas referências bibliográficas, não é apenas um campo de estudo, mas uma área dinâmica que oferece as bases conceituais e práticas para que os profissionais da informação, especialmente os bibliotecários em IES, possam navegar e liderar as transformações necessárias na era digital, garantindo que a informação seja acessível, organizada e relevante para a sociedade, com destaque para a gestão de repositórios digitais.

Desafios e práticas gerenciais para inovação em bibliotecas universitárias na era digital

Compreende-se como a inserção e o gerenciamento de tecnologias digitais impactam a prática administrativa e o papel dos profissionais da informação em bibliotecas universitárias, especialmente diante dos desafios da era digital.

- ✧ **O cenário da era digital e seus desafios para as bibliotecas universitárias:** a era digital impõe uma pressão constante por inovação, atendimento das exigências regulatórias, como as do MEC, especialmente na gestão de dados científicos, e serviços intrinsecamente digitais. Além disso, a emergência de novas tecnologias, como

a inteligência artificial, representa desafios e oportunidades que as bibliotecas precisam incorporar em suas estratégias (Souza *et al.*, 2024).

✧ **O bibliotecário como gestor e líder estratégico:** as transformações no papel do bibliotecário são cruciais nesse cenário. Além de suas competências técnicas tradicionais, ele deve desenvolver habilidades gerenciais e de liderança para conduzir as unidades de informação na era digital (Alves; Oliveira, 2016). O bibliotecário, em sua posição de liderança, é fundamental no processo de informação e gestão do conhecimento em bibliotecas universitárias (Baptista, 2009), e as competências gerenciais em instituições de ensino superior são vitais para o sucesso dessas transformações (Machado, 2020). Essa figura é essencial para que os repositórios digitais sejam implementados e geridos de forma eficaz.

✧ **Estratégias e práticas gerenciais para a inovação e integração tecnológica:** as bibliotecas universitárias precisam adaptar e aprimorar suas práticas gerenciais para fomentar uma cultura de inovação. Isso inclui a priorização da implementação e consolidação de repositórios digitais, o desenvolvimento de serviços de curadoria de dados de pesquisa, a ampliação e diversificação dos serviços online e o aprimoramento da comunicação digital para promover eficazmente os recursos da biblioteca. O estudo de Souza e Spudeit (2022) discute as possibilidades para inovação em práticas gerenciais, fornecendo *insights* sobre estratégias para impulsionar a colaboração e a experimentação entre os profissionais da informação. A gestão eficaz de tecnologias, incluindo repositórios digitais, exige um conjunto de competências interdisciplinares, como evidenciado pelo caso da Universidade de Coimbra (Ferreira *et al.*, 2021). A capacidade do bibliotecário gestor de integrar essas estratégias e de transformar

as funções técnicas tradicionais em competências gerenciais avançadas é determinante para assegurar a integração fluida da biblioteca com outros sistemas da IES (como sistemas de gestão acadêmica e de pesquisa), otimizando o fluxo de informação e garantindo a conformidade regulatória.

✧ **Inovação, era digital e repositórios digitais como resposta:** a dinâmica da inovação no cenário informacional contemporâneo e o papel estratégico dos repositórios digitais como catalisadores e reflexos dessa inovação compreendem que a era digital transformou radicalmente a paisagem informacional, impondo novas demandas e desafios às bibliotecas universitárias, exigindo delas a transição de meros repositórios para centros dinâmicos de conhecimento (Furtado, 1998). A pressão por inovação e a crescente demanda por serviços digitais, bem como as exigências de órgãos reguladores como o MEC, impulsionam a necessidade de transformação e adequação (Machado, 2020).

Os repositórios digitais surgem como uma resposta estratégica às demandas da era digital. Esses recursos estruturados beneficiam a organização, gestão e preservação da informação, facilitando o acesso aberto à produção institucional (Fachin; Blatmann; Caldin, 2019), representando uma inovação tecnológica que garante a visibilidade da produção acadêmica e a conformidade com as diretrizes de acesso. A cultura de inovação e adaptação institucional é uma necessidade para as bibliotecas universitárias se adaptarem às novas demandas e tipologias.

O gerenciamento por parte do bibliotecário é crucial para criar um ambiente que estimule a experimentação, a proposição de melhorias e o aprendizado contínuo da equipe, reafirmando o papel do bibliotecário como agente e catalisador de inovação (Souza; Spudeit, 2022). A natureza interdisciplinar

das competências exigidas para a gestão de tecnologias inovadoras, como os repositórios, também se destaca (Ferreira; Neves; Miguéis, 2021). Os ambientes tecnológicos continuam a evoluir, como o futuro do ensino superior frente a desafios como a inteligência artificial, indicando a necessidade de as bibliotecas estarem preparadas para a inovação contínua e a adaptação a cenários futuros (Souza *et al.*, 2024).

O trabalho de Souza e Spudeit (2022) ressalta a importância da inovação nas bibliotecas universitárias, não apenas como um diferencial, mas como uma necessidade para otimizar os serviços. A adoção de metodologias e ferramentas gerenciais, como o ciclo PDCA e os métodos ágeis, demonstra um movimento em direção a uma gestão mais eficiente e adaptável. Isso sugere que o bibliotecário moderno precisa ser mais do que um guardião do conhecimento; ele deve ser um gestor estratégico, capaz de implementar e avaliar processos que promovam a melhoria contínua. Em paralelo, Furtado (1998) já apontava para a reinterpretação do conceito de biblioteca diante das transformações tecnológicas. Sua visão de que a essência da biblioteca persiste, mas sua forma e funcionamento precisam se adaptar, é ainda mais relevante hoje.

A biblioteca na era digital não é apenas um espaço físico, mas um ecossistema de informações, em que o acesso e a organização do conhecimento são cruciais. Essa adaptação exige uma transformação programática, estrutural e progressiva, na qual a tecnologia atua como um pilar fundamental. Complementando essa perspectiva, Ferreira *et al.* (2021) evidenciam a complexidade das competências exigidas para a gestão de repositórios institucionais. A necessidade de habilidades que vão da comunicação científica às tecnologias digitais, passando por gestão e conteúdo, reforça a natureza interdisciplinar do trabalho do bibliotecário. Ele não apenas lida com livros, mas com dados, metadados, plataformas digitais e disseminação do conhecimento em ambientes virtuais. Isso sublinha a tran-

sição do bibliotecário para um especialista em informação digital, com um leque de habilidades que o posicionam como um agente central na curadoria e no acesso ao conhecimento.

A era digital impulsionou a necessidade de inovação contínua nas práticas gerenciais das bibliotecas, exigindo do bibliotecário um conjunto de competências ampliadas e diversificadas. A capacidade de gerir repositórios digitais, aliada a uma compreensão aprofundada das tendências tecnológicas e das necessidades dos usuários, é crucial para que as bibliotecas continuem a cumprir sua missão fundamental de promover o acesso à informação e ao conhecimento em um mundo cada vez mais digital.

Considerações finais

A sobrevivência e o sucesso das bibliotecas acadêmicas na era digital dependem intrinsecamente de sua capacidade de integrar ferramentas tecnológicas e adotar uma postura proativa em relação à gestão da informação. A inovação não é mais uma opção, mas uma necessidade para garantir que as bibliotecas continuem a desempenhar um papel vital no apoio ao ensino, à pesquisa e à extensão. Ao incorporar produtos e tecnologias e ao atualizar as tecnologias existentes, as bibliotecas reafirmam seu papel como centros de informação de qualidade, contribuindo significativamente para a visibilidade e o prestígio da instituição (Souza; Spudeit, 2022).

Este trabalho demonstrou que os repositórios digitais representam uma resposta biblioteconômica estratégica e inovadora, essencial para que as instituições de ensino superior consolidem seu status de universidade na era digital. Eles não apenas oferecem um meio eficaz para a organização, preservação e acesso à produção intelectual como também elevam a visibilidade institucional e contribuem para a conformidade com as diretrizes regulatórias, destacando a capacidade de as IES gerarem e difundirem conhecimento de qualidade.

Nesse cenário, é imperativo que os bibliotecários desenvolvam uma compreensão aprofundada de seus usuários, reconhecendo-os como consumidores de informação e produtores de conhecimento. Essa perspectiva exige dos profissionais da informação a capacidade de analisar o ambiente, identificar possibilidades e adaptar-se às novas demandas e tipologias, inovando e transformando as práticas existentes (Baptista, 2009; Machado, 2020). A gestão responsável dos recursos e a definição clara de objetivos, alinhados à missão e aos valores da instituição, são pilares para as instituições de ensino superior (IES) demonstrarem sua excelência e comprometimento (Fachin; Blatmann; Caldin, 2019).

As competências do bibliotecário gestor, que transitam entre o técnico, o gerencial e o interdisciplinar, são fundamentais para navegar nesse ambiente complexo e garantir que as bibliotecas universitárias não apenas respondam aos desafios, mas também liderem o caminho na promoção do acesso à informação e no apoio à pesquisa e ao ensino superior.

Sugere-se que futuras pesquisas possam aprofundar-se em estudos de caso mais específicos sobre o impacto direto dos repositórios digitais nos processos de avaliação e reconhecimento de instituições de ensino superior, bem como investigar as melhores práticas para a curadoria de dados de pesquisa em diferentes contextos acadêmicos.

Referências

ALVES, M. V.; OLIVEIRA, M. A. D. de. Gestão de unidades de informação: o bibliotecário como gestor e líder. **BiblioCanto**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 70-82, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bibliocanto/article/view/9625>. Acesso em: 9 out. 2024.

BAPTISTA, Michele Marques. O papel do bibliotecário como líder no processo de informação e gestão de conhecimento na biblioteca universitária. **BIBLOS** – Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, [S. l.], v. 22, n. 2, p. 123-136, 2009. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/967>. Acesso em: 9 out. 2024.

FACHIN, J.; BLATMANN, U.; CALDIN, C. F. Tendências e uso de repositórios de acesso aberto. **Ponto de Acesso**, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 86-115, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/32440>. Acesso em: 10 out. 2024.

FERREIRA, Beatriz Barrocas; NEVES, Bruno; MIGUÉIS, Ana Eva; BORGES, Maria Manuel. Competências para a gestão de um repositório institucional: o caso do repositório institucional da Universidade de Coimbra. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, [S. l.], v. 15, n. 4, 2021. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/2272>. Acesso em: 9 out. 2024.

FURTADO, José Afonso. Bibliotecas na era digital. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 3-17, 1998. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbbsb/article/view/46131>. Acesso em: 9 out. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA (IBICT). **Diretrizes para repositórios institucionais: acesso aberto à produção científica**. Brasília, DF: IBICT, 2018.

MACHADO, A. S. Competências gerenciais do bibliotecário em Instituições de Ensino Superior. **REFAQI – Revista de Gestão Educação e Tecnologia**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 13, 2020. Disponível em: <https://refaqi.faqi.edu.br/index.php/refaqi/article/view/55>. Acesso em: 10 out. 2024.

SOUZA, C. B. dos S. de; SPUDEIT, D. Práticas gerenciais em bibliotecas universitárias: possibilidades para inovação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, [S. l.], v. 18, p. 1-20, 2022. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1728>. Acesso em: 9 out. 2024.

SOUZA, E. C.; FERNANDES, A. M.; MATOS, G. B. da C.; TEIXEIRA, O. de S.; LUBIANA, A. Futuro do ensino superior frente aos desafios da inteligência artificial: uma revisão bibliográfica. **Revista de Gestão e Secretariado**, [S. l.], v. 15, n. 6, p. e3922, 2024. Disponível em: <https://ojs.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/3922>. Acesso em: 10 out. 2024.

Da impressão ao digital: a evolução dos meios de divulgação científica

Mariana da Silva Bertuol

Introdução

A divulgação científica é uma ferramenta de enorme relevância social, pois desempenha um papel de suma importância no combate à desinformação, uma vez que garante ao público em geral o acesso à informação precisa e confiável. Ela compreende a “utilização de recursos, técnicas, processos e produtos (veículos ou canais) para a veiculação de informações científicas, tecnológicas ou associadas a inovações ao público leigo” (Bueno, 2009, p. 162) e atua como um método que auxilia a formação da opinião e influência no bem-estar social.

Do ponto de vista histórico, a divulgação científica começou de maneira mais formal no século XVII, com as primeiras publicações científicas e o desenvolvimento de periódicos especializados. Durante o século XIX, com a popularização de revistas e jornais, a ciência se tornou mais acessível ao grande público. No século XX, a invenção de novos meios de comunicação, como o rádio, a televisão e, mais recentemente, a *internet*, transformou o cenário da divulgação científica, permitindo um alcance ainda maior e promovendo a interatividade com o público. Hoje, as redes sociais e os blogs de ciência desempenham um papel crucial na disseminação rápida e abrangente de descobertas e debates científicos.

O avanço da tecnologia e, consequentemente, o uso das redes sociais e de plataformas digitais tornam a divulgação científica mais rápida e acessível, mas proporcionalmente podem contribuir para a desinformação e o sensacionalismo. Nesse sentido, estudar o impacto das novas tecnologias é fundamental para garantir a integridade e a precisão das informações, além de otimizar o alcance e o engajamento com diferentes públicos.

Conforme Severino (2014), a pesquisa bibliográfica permite a análise e o levantamento de fontes já publicadas, proporcionando uma compreensão abrangente sobre o assunto. Essa abordagem é fundamental para aprofundar o conhecimento sobre o tema em questão e fornecer uma base teórica sólida para a análise dos dados.

O presente trabalho tem como objetivo realizar uma revisão sistemática da literatura que analisa a evolução dos meios de divulgação científica, identificando os principais marcos, abordagens e desafios enfrentados ao longo do tempo. A partir das bases de dados Scielo, Google Acadêmico e portal de periódicos da CAPES, buscamos as palavras-chave “divulgação científica”, “história da ciência” e “ciência no Brasil” para levantamento dos materiais disponíveis decorrentes de pesquisas anteriores em documentos impressos, como livros, artigos e teses da última década.

A evolução dos meios de divulgação científica no contexto mundial



A divulgação científica tem como principal função tornar a ciência acessível a todos, aproximando o conhecimento gerado no meio acadêmico e científico de forma que um público amplo e leigo compreenda o impacto das pesquisas, inclusive no seu cotidiano. A educação científica é essencial, pois explica a ciência de forma clara, concisa e atraente possibilitando a autonomia de decisões para a sociedade. No

Mundo Antigo e Medieval, sabe-se que as ideias científicas eram divulgadas principalmente por meio das escolas filosóficas, manuscritos e debates físicos.

Com o desenvolvimento tecnológico e a rapidez com que as informações são compartilhadas, a divulgação científica se torna um elo entre a ciência e a sociedade, por isso ela deve filtrar as informações e comunicar de forma responsável e criativa.

Conforme Oliveira (2011), as pesquisas e descobertas na área da ciência despertam a atenção do homem há muito tempo. Simultaneamente, a divulgação científica assumiu diferentes formas ao longo dos últimos séculos. Entre os séculos XVII e XX, a principal forma de comunicação e disseminação do conhecimento era o uso de materiais impressos como livros, jornais e revistas.

Para Gonçalves (2018), a prensa móvel inventada em 1450 por Gutenberg ocasionou uma grande revolução na circulação dos conhecimentos, pois desencadeou uma discriminação mais democrática do saber. O conhecimento deixou de ser para poucos e alcançou um público maior. Esse instrumento possibilitou uma reprodução em massa de livros, inclusive científicos, e marcou o início da imprensa.

Entre os séculos XV e XVI, ocorreu o período Renascentista, o qual proporcionou, como destaca Godinho (2012, p. 1), “o desenvolvimento do racionalismo, a explicação do mundo através de verdades estabelecidas pela razão, e permite que seja desenvolvido a observação experimental para descobrir as leis que regem a natureza”.

Conforme exposto por Zandonaidi (2017), durante o Renascimento houve a preservação dos dados estudados pelos cientistas, possibilitando a continuação de uma obra acabada ou o aprimoramento de questões erradas que os autores não perceberam. Nesse período ocorreu a publicação de livros

como *De revolutionibus orbium coelestium* (1543), de Copérnico, e *humani corporis fabrica* (1543), de Vesálio – importante na anatomia –, que foram pioneiras ao questionar autoridades antigas e inauguraram um novo paradigma: a ciência baseada em evidência, observação e razão. A divulgação científica na Era Renascentista foi um processo cada vez mais público e acessível, impulsionado pela imprensa, pela arte e pelas redes de correspondência. Embora os meios ainda fossem limitados, o conhecimento começou a circular fora dos círculos tradicionais, alcançando um público mais amplo e criando as bases para a ciência moderna e sua comunicação.

No século XVII, a ênfase estava na criação de estabelecimentos formais de comunicação científica, como a Fundação da Royal Society (1660, Inglaterra) e da Académie des Sciences (1666, França). Os primeiros periódicos científicos, como o *Journal des Sçavans* (lançado em Paris por Denis de Sallo) e as *Philosophical Transactions of the Royal Society of London* (organizadas inicialmente por Henry Oldenburg), surgiram em 1665 e foram publicados sob a iniciativa dessas sociedades. Rosa e Barros (2018) destacam que nesse período os periódicos científicos tinham a função de constituir uma memória da ciência e eram um meio de divulgação dos resultados de pesquisas para a comunidade de pesquisadores e acadêmicos, bem como para a sociedade como um todo.

O Iluminismo (século XVII e XVIII), também conhecido como o período das luzes, tinha como característica a valorização da razão e da ciência perante a fé. Silva (2007) comenta que esse movimento tinha como principal característica a explicação racional para todas as questões que envolviam a sociedade. Foi durante esse período que surgiram importantes iniciativas de divulgação científica, como a *Encyclopédia* (1751-1772), publicada por Diderot e D'Alembert, que desempenhou um papel fundamental na democratização do conhecimento. Foi um projeto ambicioso de divulgação do saber científico e

técnico ao público letrado, reunindo contribuições de diversos filósofos, cientistas e pensadores da época. O ideal iluminista considera que o conhecimento deveria ser acessível a todos, e não restrito apenas a uma elite religiosa ou aristocrática. Ao sistematizar e divulgar o conhecimento científico e filosófico, a *Enciclopédia* buscava expandir os horizontes intelectuais da sociedade e incentivar o pensamento crítico e racional.

Assim, o movimento contribuiu decisivamente para a disseminação do conhecimento, promovendo uma visão mais ampla e questionadora do mundo, que tinha como base a observação, a experimentação e a razão como ferramentas fundamentais para a compreensão da realidade. Além disso, o movimento Iluminista inspirou a construção de instituições científicas, o avanço da educação pública e o fortalecimento das bases do pensamento científico moderno.

No século XIX, a divulgação científica passou a desempenhar um papel estratégico na constituição da cultura científica moderna, em sintonia com as transformações sociais, tecnológicas e econômicas impulsionadas pela Revolução Industrial. O aumento da alfabetização, a ampliação dos meios de comunicação impressa e o interesse crescente da sociedade por temas científicos criaram um ambiente favorável à circulação do conhecimento fora dos círculos acadêmicos. A expansão dos jornais e revistas com seções dedicadas à ciência, muitas delas voltadas ao público leigo, contribuiu significativamente para esse processo. Um exemplo foi a criação da revista *Scientific American* em 1845, ainda em circulação, que teve papel central na mediação entre o saber científico e a sociedade. Essa popularização da ciência encontrou forte adesão na burguesia e na crescente classe média urbana, que passou a consumir ciência como cultura.

Paralelamente, consolidou-se a ciência como uma carreira formal, com a profissionalização de cientistas, a criação de laboratórios institucionais e o fortalecimento das univer-

sidades e sociedades científicas. Esse processo resultou em uma crescente separação entre a linguagem técnica usada nas publicações especializadas e a linguagem voltada à divulgação. Outro aspecto relevante desse período foi o crescimento das exposições científicas e museus interativos, que se tornaram instrumentos eficazes de comunicação e de legitimação pública da ciência.

Pincelli (2018) salienta que nesse período surge a ficção científica com obras como *Frankenstein*, de Mary Shelley (1816), as quais começaram não apenas a apresentar conceitos científicos ao público por meio de narrativas ficcionais, mas também a problematizar o papel social do cientista, bem como os possíveis riscos e benefícios associados ao avanço da ciência. Nesse contexto, consolidou-se a figura do “cientista popular”, como Thomas Huxley, que se destacou por sua capacidade de comunicar ideias científicas em linguagem acessível. Apesar dos avanços, a divulgação científica do século XIX ainda refletia uma estrutura elitista e excludente, com pouca participação de mulheres e outros grupos sociais.

Contudo, como destacam Massarani e Moreira (2002), a divulgação científica nesse período ainda era fortemente voltada às aplicações práticas do conhecimento e conduzida majoritariamente por profissionais ligados à educação, engenharia e medicina, sendo marginalizada a atuação de jornalistas ou escritores interessados em ciência. Ainda assim, o período foi fundamental para estabelecer as bases da comunicação pública da ciência nos moldes modernos.

O século XX foi marcado por avanços tecnológicos sem precedentes, uma das revoluções foi a comunicação a distância com o audiovisual, como o rádio, a televisão, o cinema, a internet e a multimídia, rompendo com a dependência dos meios de comunicação com deslocamento de materiais físicos.

Esses meios revolucionaram a forma como a informação era transmitida e consumida, incluindo a divulgação científica.

A partir do rádio e da televisão, cientistas e comunicadores passaram a alcançar públicos muito maiores, utilizando programas educativos e documentários para tornar a ciência mais acessível. Na segunda metade do século, a corrida espacial, a física nuclear e as descobertas biomédicas atraíram grande atenção pública, incentivando governos e instituições a investir na comunicação científica como forma de educar e engajar a sociedade.

Com o surgimento da internet e das mídias digitais no final do século, a divulgação científica tornou-se ainda mais dinâmica e interativa. Sites, blogs, fóruns e vídeos passaram a ser ferramentas importantes para cientistas, educadores e entusiastas da ciência compartilharem conhecimentos em tempo real. Essa democratização da informação contribuiu para aumentar o interesse da população por ciência, embora também tenha trazido desafios, como a necessidade de lidar com a desinformação e as pseudociências. Ainda assim, os avanços tecnológicos do século XX foram fundamentais para transformar a divulgação científica em um campo mais amplo, ágil e acessível.

Mendes (2020) diz que não é possível fazer ciência se o conhecimento estiver limitado a laboratórios e guardados nas gavetas. Atualmente, as redes sociais são capazes de aproximar a ciência, sociedade e cientistas. Contudo, há uma grande dificuldade em equilibrar a “hiperinformação” e evitar a desinformação. Para Almeida, Ramalho e Amorim (2020, p. 1), “a pandemia é certamente uma oportunidade ímpar” de demonstrar a importância da divulgação científica que durante esse período tratou de informações sobre orientações, decisões tomadas, repasses financeiros, apoio emocional, dúvidas e boatos, sobretudo com o principal desafio de garantir que as informações transmitidas em alta velocidade nas redes sociais eram verdadeiras.

Segundo Santos e Muller (2022), no seu estudo “Caracterização do atual cenário da divulgação científica brasileira em mídias digitais a partir do levantamento dos perfis de divulgadores científicos”, a pandemia de Covid-19 representou um evento de grande impacto global que despertou um aumento significativo na curiosidade e na necessidade da população por informações científicas. Essa intensificação na busca por conhecimento pode ser observada por meio da ferramenta Google Trends, que analisa os termos mais pesquisados na principal base de buscas da internet, o Google. Os dados revelam um crescimento expressivo nas pesquisas relacionadas à ciência no Brasil, com destaque para expressões como “ciência” e “divulgação científica”, especialmente nos primeiros meses da crise mundial.

Esse cenário de alta demanda informacional, no entanto, também foi acompanhado pela ampla disseminação de desinformação e notícias falsas. Diante disso, tornou-se ainda mais evidente a urgência de garantir o acesso da população a informações confiáveis e baseadas em evidências. Em resposta a essa necessidade, diversas iniciativas começaram a surgir, com o objetivo de combater a desinformação e reforçar a importância da comunicação científica acessível e de qualidade.

Instituições como a Organização Mundial da Saúde (OMS), a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e o Instituto Butantan se destacaram nesse contexto, assumindo papel central na comunicação com a sociedade e no enfrentamento à desinformação, com o principal desafio de assegurar que as informações transmitidas em alta velocidade pelas redes sociais fossem confiáveis e baseadas em evidências científicas.

A evolução dos meios de divulgação científica no Brasil



A divulgação científica no Brasil tem uma trajetória marcada por avanços progressivos, adaptações culturais e desafios

persistentes. Sua origem remonta ao período colonial, quando as primeiras tentativas de sistematizar e comunicar o conhecimento sobre a natureza brasileira foram registradas por naturalistas europeus. Esses relatos, geralmente escritos em diários e cartas, tinham como público os círculos científicos e políticos da Europa, sendo raramente acessíveis à população local. Ainda assim, esses primeiros documentos já traziam a marca de uma ciência voltada para a descrição e a catalogação do território e da biodiversidade.

As publicações de materiais relacionados à ciência só teriam iniciado mesmo nas primeiras décadas do século XIX, com a chegada da família real portuguesa ao Brasil, conforme Oliveira (1999, p. 1):

De imediato, D. João providenciou a abertura dos portos, permitiu criação de manufatura e instituiu a liberdade de imprensa. Já no início de sua estada no Brasil, criou escolas de medicina (na Bahia e no Rio de Janeiro), depois escolas militares com status de curso superior, cursos avulsos de ciências, bibliotecas, jardins botânicos e um museu de ciências naturais.

Um dos marcos fundadores desse movimento foi a inauguração do Museu Nacional, no Rio de Janeiro, em 1818, inicialmente chamado de Museu Real. Com o tempo, ele se consolidou como um centro importante de produção e disseminação do conhecimento científico, especialmente nas áreas de história natural, antropologia e arqueologia. Além de preservar coleções, o museu também promoveu exposições e publicações destinadas ao público não especializado, o que pode ser considerado uma das primeiras formas de divulgação científica organizada no Brasil.

A partir de 1810, com o surgimento da Imprensa Régia, materiais científicos começaram a ser divulgados pelo Brasil. Alguns exemplos de jornais publicados durante esse período foram: *A Gazeta do Rio de Janeiro*, *O Patriota* e o *Correio Brasileiro* (editado na Inglaterra), que publicaram artigos e notícias

relacionados à ciência. Massarani e Moreira (2002) destacam que *O Patriota* (1813-1814) trouxe vários artigos de cunho científico ou divulgativo, alguns dos quais remanescentes de textos apresentados à antiga Sociedade Literária. Silva Alvarenga publicou nele vários poemas nos quais aborda temas ligados à ciência.

Ao longo do século XIX, outras instituições também contribuíram para a difusão da ciência, como o Imperial Instituto Fluminense de Agricultura, fundado em 1860, e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), de 1838. Esses espaços, ainda que elitizados, começaram a produzir conteúdos e eventos que tinham o objetivo de divulgar saberes científicos e técnicos, particularmente em áreas de interesse estratégico, como a agricultura e a medicina. Apesar da limitação de acesso a esses conteúdos por parte das camadas populares, já se via uma preocupação com a circulação do conhecimento.

O século XX trouxe transformações significativas, especialmente com a criação de instituições de fomento à ciência e tecnologia. A fundação do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) em 1951 e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) no mesmo ano representou o fortalecimento de uma política nacional voltada para o desenvolvimento científico. O CNPq (2013, n.p.) explana o objetivo de “Divulgar e disseminar os conhecimentos gerados, criando melhores condições de desenvolvimento e inclusão social para a população brasileira”

Em paralelo, surgiram veículos de comunicação especializados em ciência, como a revista *Ciência e Cultura*, da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), criada em 1948. A revista tinha como objetivo cobrir todos os campos científicos e ser acessível a todos os associados. A partir dos anos 1980, a revista *Ciência Hoje* desempenhou um

papel de destaque ao se propor a traduzir o conhecimento acadêmico para uma linguagem acessível, sem perder a precisão científica.

Com o advento da internet e o crescimento das redes sociais a partir dos anos 2000, a divulgação científica ganhou novas plataformas e linguagens. Surgiram blogs, canais no YouTube, perfis em redes sociais e podcasts voltados à comunicação científica com o público geral. Essa transformação possibilitou que pesquisadores, jornalistas e divulgadores independentes dialogassem diretamente com a sociedade, sem a necessidade de intermediários institucionais. Para Macedo (2002), os novos meios de comunicação exigem treinamento e sistematização. Isso pode trazer algumas dificuldades de acesso à divulgação científica. Iniciativas como os canais Átila Iamarino, Canal Peixe Babel, Canal Nerdologia e Ciência Todo Dia alcançaram milhões de visualizações, revelando o interesse do público por ciência explicada de forma acessível e criativa.

O papel da divulgação científica no Brasil se tornou ainda mais evidente durante a pandemia de Covid-19. Nesse período, instituições como a Fiocruz, o Instituto Butantan e a OMS desempenharam funções essenciais não apenas na pesquisa e produção de vacinas, mas também na comunicação pública de dados e orientações sanitárias. As redes sociais foram amplamente utilizadas para divulgar vídeos, infográficos, entrevistas e boletins com informações baseadas em evidências. O trabalho de pesquisadores e comunicadores científicos foi crucial para combater a desinformação, os boatos sobre vacinas e as teorias conspiratórias que circularam de forma massiva nas plataformas digitais.

Além das instituições tradicionais, divulgadores independentes também tiveram papel central durante a pandemia. Cientistas como Átila Iamarino e Natália Pasternak se tornaram vozes de referência no debate público sobre a Covid-19,

utilizando uma linguagem acessível para informar a população sobre prevenção, vacinação e políticas públicas. Essa visibilidade contribuiu para reforçar a importância da divulgação científica em contextos de crise, ao mesmo tempo que expôs os riscos enfrentados por divulgadores que lidam com temas politicamente sensíveis ou polarizados.

Em entrevista ao programa Roda Viva, da TV Cultura, o cientista e divulgador científico Átila Iamarino destacou a gravidade do negacionismo científico no contexto da pandemia de Covid-19. De acordo com o autor, diferentemente de outros movimentos negacionistas cujos efeitos se manifestam em médio ou longo prazo, no caso da pandemia os impactos do negacionismo podem ser observados em um curto intervalo de tempo, como duas semanas a um mês (Magalhães, 2020).

Apesar dos avanços, o campo da divulgação científica no Brasil ainda enfrenta desafios significativos. A precarização das instituições de ciência e tecnologia, os cortes de recursos para museus e universidades públicas e a falta de políticas públicas consistentes para comunicação científica dificultam a consolidação de uma cultura científica ampla e inclusiva. Como exposto por Escobar (2018), a conscientização sobre a importância da ciência não surgirá espontaneamente na sociedade; é algo que precisa ser construído, semeado e irrigado diariamente. Além disso, a proliferação de notícias falsas e discursos anticiência nas redes sociais exige uma resposta coordenada, envolvendo educadores, jornalistas, cientistas e comunicadores.

Por outro lado, a crescente valorização da divulgação científica como área de pesquisa acadêmica e prática profissional indica um caminho promissor. Universidades brasileiras têm criado disciplinas, cursos de especialização e pós-graduação voltados para a comunicação pública da ciência. Museus, centros de ciência e instituições de pesquisa têm investido

em projetos de acessibilidade científica, educação informal e engajamento cidadão.

As bibliotecas universitárias exercem um papel estratégico na promoção da divulgação científica, atuando como centros de acesso, organização e disseminação do conhecimento acadêmico. Por meio de acervos físicos e digitais, esses espaços oferecem suporte informacional qualificado para estudantes. Farias, Maia e Santos (2023) complementam que as bibliotecas universitárias fazem parte do grupo de instituições que mais desenvolvem estudos, pesquisas e investigações no Brasil, por essa razão conseguem desempenhar um papel de relevância na divulgação dos conhecimentos científicos.

Os repositórios institucionais mantidos pelas bibliotecas universitárias são fundamentais para a democratização do conhecimento, pois possibilitam o acesso livre e gratuito a produções acadêmicas, como teses, dissertações e artigos científicos. Esses espaços virtuais funcionam como mecanismos de preservação e divulgação da produção intelectual das instituições de ensino superior. Ao garantir o acesso aberto, os repositórios contribuem para a transparência e circulação do saber, rompendo barreiras econômicas e geográficas.

As universidades brasileiras desenvolvem iniciativas relevantes voltadas à divulgação científica. A Universidade de São Paulo (USP), por meio do *Jornal da USP*, divulga pesquisas e debates científicos em linguagem acessível, aproximando a produção acadêmica da sociedade. A Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) coordena o projeto UFMG Conhecimento e Cultura, que integra ações de popularização da ciência, como exposições, mostras e publicações destinadas ao público não especializado. Já a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), por meio do projeto Ciência 1080, utiliza vídeos curtos e acessíveis para explicar temas científicos, com o apoio de sua biblioteca central. Essas iniciativas demonstram o papel ativo das universidades brasileiras

na construção de uma ciência mais acessível, participativa e socialmente relevante.

Considerações finais

A trajetória da divulgação científica, desde seus primórdios até os dias atuais, revela como a comunicação do conhecimento acompanha – e, muitas vezes, impulsiona – transformações sociais, culturais e tecnológicas. Este trabalho buscou apresentar um panorama histórico e analítico sobre como os meios de divulgação científica evoluíram, com foco especial no contexto brasileiro, destacando os principais marcos, desafios e avanços ao longo dos séculos.

O que se observa é que, desde os manuscritos e debates filosóficos da antiguidade até os canais de YouTube e perfis em redes sociais na atualidade, o esforço de tornar a ciência compreensível para o público não especializado tem sido constante, sendo que se intensificou especialmente a partir do século XVII, com o surgimento das sociedades científicas e dos periódicos especializados, e ganhou força no século XX, com a popularização dos meios audiovisuais. Hoje, vivemos uma era de alta conectividade, em que a ciência circula de forma quase instantânea pelas redes digitais, atingindo públicos diversos, mas também enfrentando os riscos da desinformação.

No Brasil, a divulgação científica ainda enfrenta desafios significativos, como a falta de financiamento, a ausência de políticas públicas consistentes e a dificuldade de acesso da população a conteúdos confiáveis. Por outro lado, iniciativas como a criação de museus interativos e revistas especializadas e o surgimento de divulgadores científicos independentes têm contribuído para aproximar a ciência da sociedade. A pandemia de Covid-19 reforçou esse papel estratégico, ao mostrar que a boa comunicação científica pode salvar vidas.

Mais do que nunca, é urgente investir em estratégias de comunicação eficazes, formar profissionais preparados para atuar nesse campo e valorizar a divulgação científica como uma ferramenta para fortalecer a cidadania, o pensamento crítico e o compromisso com a verdade. A ciência precisa ser compreendida como um bem público – e, para isso, precisa ser bem comunicada.

Referências

ALMEIDA, Carla da Silva; RAMALHO, Marina; AMORIM, Luís Henrique de. O novo coronavírus e a divulgação científica. **Agência Fiocruz de Notícias**, Rio de Janeiro, 15 abr. 2020. Disponível em: <https://agencia.fiocruz.br/o-novo-coronavirus-e-divulgacao-cientifica>. Acesso em: 26 maio 2025.

BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo científico: revisitando o conceito. In: VICTOR, C.; CALDAS, G.; BORTOLIERO, S. (Org.). **Jornalismo científico e desenvolvimento sustentável**. São Paulo: All Print, 2009. p.157-78.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO (CNPq). **O CNPq e a divulgação científica: página inicial**. Brasília, DF: CNPq, 2013. Disponível em: <https://www.gov.br/cnpq>. Acesso em: 28 maio 2025.

ESCOBAR, Herton. Divulgação científica: faça agora ou cale-se para sempre. **ComCiência**, São Paulo, 31 mar. 2018. Disponível em: <https://www.comciencia.br/divulgacao-cientifica-faca-agora-ou-cale-se-para-sempre/>; Acesso em: 30 maio 2025.

FARIAS, Maria Giovanna Guedes; MAIA, Francisca Clotilde de Andrade; SANTOS, Nicolle Negreiros de Lima. Divulgação científica em bibliotecas universitárias: reflexões e possíveis caminhos. **Palavra Clave (La Plata)**, v. 13, n. 1, p. e205, 2023. DOI: 10.24215/18539912e205. Disponível em: <https://www.palabraclave.fahce.unlp.edu.ar/article/download/pce205/18209?inline=1>. Acesso em: 10 jun. 2025.

GONÇALVES, Valdeci. **A importância da invenção da imprensa por Johann Gutenberg, no século XV, para a solidificação da língua portuguesa**. 2018. 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Escola de Biblioteconomia, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://www.unirio.br/cchs/eb/arquivos/2018.1/Valdeci%20Goncalves.pdf>. Acesso em: 2 maio 2025.

MACEDO, Mônica. Das apresentações públicas às redes sociais: desafios da divulgação científica. **Ciência e Informação**, Goiânia, v. 48, n. 2, p. 1-13, 2019. Disponível em: https://www.museudavida.fiocruz.br/images/Publicacoes_Educacao/PDFs/cienciaepublico.pdf. Acesso em: 27 maio 2025.

MAGALHÃES, Vera. O que é divulgação científica? Programa Roda Viva de 30 de março de 2020. **YouTube**, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s00BzYazxvU&t=1s>. Acesso em: 29 maio 2025.

MENDES, José. Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil. **Revista Brasileira de Divulgação Científica**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/49959/34536>. Acesso em: 29 abr. 2025.

MASSARANI, Luisa; MOREIRA, Ildeu de Castro; BRITO, Fátima (Orgs.). **Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil**. Rio de Janeiro: Casa da Ciência – Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002, p. 43-64. Disponível em: <https://www.fiocruz.br/brasiliana/media/cienciaepublico.pdf>. Acesso em: 2 maio 2025.

OLIVEIRA, Jairo Venício Carvalhais de. A divulgação científica na mídia impressa: um estudo da configuração e do funcionamento do gênero. **Anais do SILEL**, Uberlândia, v. 2, n. 2, p. 1-15, 2011. Disponível em: <https://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/silel2011/2292.pdf>. Acesso em: 27 maio 2025.

OLIVEIRA, José Carlos de. As ciências no paço de D. João. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 9-28, jun. 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/CJKbCVLhd8VD9QW8LrKmh4G/?lang=pt>. Acesso em: 27 maio 2025.

PINELLI, Renato; AMÉRICO, Marcos. **Divulgação científica: aspectos históricos, teóricos, audiovisuais e humorísticos**. 2018. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Mídia e Tecnologia) – Universidade Estadual Paulista. São Paulo, 2018. Disponível em: Acesso em: 29 abr. 2025.

ROSA, Flávia Goulart Mota Garcia; BARROS, Susane. Comunicação científica: reflexões preliminares para o GT “Relevância dos livros acadêmicos na comunicação da pesquisa”. In: SCIELO 20ANOS, 2018. **Anais [...]**. 2018. Disponível em: https://www.scielo20.org/redescielo/wp-content/uploads/sites/2/2018/07/ROSA-F_-BARROSS.-Comunicacao-Cientifica.pdf. Acesso em: 30 maio 2025.

SANTOS, Bruno; MULLER, Ana. Jornalismo científico e a divulgação da ciência: desafios e perspectivas. **Jornalismo e Comunicação**, São

Paulo, v. 5, n. 2, p. 1-15, 2022. Disponível em: https://jcomal.sissa.it/article/pubid/JCOMAL_0502_2022_A01/. Acesso em: 20 maio 2025.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG). Semana do Conhecimento. **UFMG Conhecimento e Cultura**, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <https://www.ufmg.br/dri/noticia/semana-do-conhecimento/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS). Rádio da Universidade 1080 AM: quem somos. **UFRGS Rádio**, [2025]. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/radio/quem-somos/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

ZANDONAI, Júlio César. **A divulgação científica na educação básica: desafios e possibilidades**. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-13022017-125023/pt-br.php>. Acesso em: 29 maio 2025.

Do marketing em unidades de informação ao marketing digital: releituras de Sueli Angélica do Amaral para bibliotecas universitárias

Thalita Oliveira da Silva Gama

Introdução

As bibliotecas universitárias ocupam papel estratégico na mediação da informação científica e acadêmica, funcionando como pontes entre a produção do conhecimento e sua apropriação social. Se, em um primeiro momento, foram concebidas como repositórios físicos destinados à guarda de acervos, na sociedade contemporânea assumem também a função de plataformas digitais, responsáveis por disponibilizar acesso, realizar curadoria e promover a disseminação de conteúdos em múltiplos formatos. Essa transformação exige novas estratégias de comunicação, alinhadas a comportamentos informacionais mediados pela internet, pelas redes sociais e por dispositivos móveis (Gulka; Lucas; Correa, 2018).

Nesse cenário de mudanças, os estudos de Sueli Angélica do Amaral (1998) sobre marketing em unidades de informação oferecem um arcabouço conceitual ainda atual e necessário. Embora elaborados em um período pré-redes sociais, seus fundamentos, como a centralidade do usuário, a adaptação contínua de serviços às demandas emergentes e a importância do planejamento estratégico na disseminação da informação, permanecem pertinentes, sobretudo quando reinterpretados à luz do ambiente digital.

Assim, este artigo tem como objetivo correlacionar os pressupostos teóricos de Amaral (1998) com as práticas contemporâneas de marketing digital em bibliotecas universitárias. Parte-se da compreensão do marketing como filosofia gerencial orientada à satisfação das necessidades informacionais, para, em seguida, analisar as ferramentas digitais que potencializam a comunicação bibliotecária e discutir os desafios e oportunidades que emergem para essas instituições na sociedade em rede do século XXI.

Fundamentos da teoria de Amaral sobre marketing em unidades de informação ✂

A obra de Amaral (1998) parte da constatação de que a informação, na sociedade pós-industrial, assume caráter mercadológico, constituindo-se em insumo essencial para o desenvolvimento tecnológico, econômico e social. Nesse cenário, as bibliotecas não devem apenas custodiar acervos, mas atuar ativamente na mediação, disseminação e valorização da informação.

O marketing nas bibliotecas, de acordo com Amaral (1998), é uma filosofia de gestão, e não apenas publicidade ou propaganda. A autora defende que essa abordagem deve ser orientada para o usuário e suas necessidades, exigindo planejamento, implementação de estratégias e avaliação de resultados para alinhar os serviços informacionais às expectativas do público. Mesmo em organizações sem fins lucrativos, como as bibliotecas, o marketing é essencial não para gerar lucro, mas para tornar os serviços mais eficazes e sustentáveis, assegurando visibilidade e relevância. Para isso, é fundamental a aplicação do composto mercadológico – produto, preço, praça e promoção – que se traduz, no contexto da biblioteca, em serviços como empréstimos e treinamentos, custos e tempo de uso, localização e horários, além da divulgação e de eventos culturais.

No entanto, Amaral identificou barreiras significativas, como a resistência de profissionais que viam o marketing como uma prática mercantilizada, a falta de formação específica na área e a dificuldade de os usuários perceberem o valor dos serviços, que são, em sua maioria, gratuitos. Para superar esses desafios, a autora argumenta que o bibliotecário deve assumir um papel ativo, utilizando criatividade, inovação e liderança para aproximar os serviços da comunidade, antecipando a figura do bibliotecário do século XXI como um gestor digital e comunicador.

Marketing digital e bibliotecas universitárias

A partir dos anos 2000, a rápida difusão da internet e das novas tecnologias transformou radicalmente o papel das bibliotecas universitárias. Conforme apontam Gulka, Lucas e Correa (2018), a sociedade da informação redefiniu a biblioteca, que deixou de ser apenas um espaço físico para se tornar uma instituição onipresente. Ela agora é capaz de romper as barreiras de tempo e espaço, levando seus recursos e serviços diretamente aos usuários, independentemente de sua localização.

Nesse novo cenário, o marketing digital emergiu como um conjunto vital de estratégias. Utilizando ferramentas online, ele permite que as bibliotecas ampliem sua visibilidade, atraiam novos usuários e fortaleçam o engajamento com a comunidade acadêmica. Essas estratégias vão além da simples divulgação, criando canais de comunicação bidirecionais que permitem às bibliotecas entender melhor as necessidades dos estudantes e pesquisadores, adaptando seus serviços para oferecer uma experiência mais relevante e personalizada na era digital.

Conceitos de marketing digital

O marketing digital engloba uma série de táticas interconectadas que as bibliotecas podem usar para ampliar seu alcance e engajamento. Para além da mera presença online, essas estratégias visam a criar um ecossistema digital que atrai, informa e fideliza a comunidade acadêmica. A seguir, alguns exemplos.

- ✧ SEO (Search Engine Optimization): essa prática vai além de otimizar páginas, pois envolve o uso estratégico de palavras-chave, metadados e estrutura de conteúdo para garantir que os serviços e recursos da biblioteca apareçam nos primeiros resultados de busca de plataformas como o Google. Um bom SEO torna o acesso a artigos, catálogos e guias de pesquisa mais fácil para estudantes e professores.
- ✧ Marketing em redes sociais: o uso de redes como Instagram, TikTok, X (antigo Twitter) e LinkedIn é fundamental para construir uma presença dinâmica. Não se trata apenas de postar conteúdo, mas de criar uma voz para a biblioteca. Campanhas visuais no Instagram e no TikTok podem promover novos livros e eventos de forma atrativa, enquanto o X (antigo Twitter) pode ser usado para anúncios rápidos e interação direta com o público. O LinkedIn, por sua vez, é ideal para conectar a biblioteca com a comunidade profissional e de pesquisa.
- ✧ Inbound marketing: esta estratégia se concentra em atrair usuários de forma natural, oferecendo conteúdo de valor. A biblioteca pode produzir tutoriais sobre como usar bases de dados, guias de pesquisa para temas específicos, ou até mesmo *posts* educativos que ajudem a comunidade acadêmica a desenvolver habilidades de alfabetização

informacional. A ideia é se posicionar como uma fonte de conhecimento confiável e essencial.

- ✧ Métricas e análise de dados: a medição de resultados é crucial para o sucesso de qualquer estratégia digital. O uso de ferramentas de análise permite monitorar o engajamento, o número de acessos a páginas específicas, o desempenho de *posts* e até mesmo o tempo que os usuários passam em uma guia de pesquisa. Analisar esses dados permite à biblioteca entender o que funciona, quais conteúdos geram mais interesse e como os serviços digitais podem ser melhorados.

As bibliotecas como marcas digitais

No ambiente acadêmico contemporâneo, a biblioteca universitária transcendeu sua função tradicional, tornando-se mais do que um simples depósito de conhecimento. Ela agora é uma marca institucional que reflete diretamente a credibilidade e a inovação da própria universidade. A presença digital, nesse contexto, fortalece sua identidade, aproximando-a de estudantes, professores e pesquisadores. A gestão dessa imagem é crucial para manter sua relevância em um cenário altamente competitivo e digitalizado.

O conceito de *branding*, de acordo com Prado e Pinto (2018), é um dos principais objetivos do marketing para bibliotecas, pois envolve a construção de uma identidade forte e a criação de uma conexão emocional com o público. Por meio de uma comunicação visual e de conteúdo coesa, a biblioteca pode se posicionar como um *hub* de conhecimento acessível e confiável. Essa estratégia vai além da simples divulgação de serviços; ela busca estabelecer a biblioteca como uma referência central para a comunidade acadêmica.

Entretanto, o marketing em bibliotecas não se resume a uma abordagem puramente comercial. Conforme destacam

Sarlot e Santin (2019), o marketing deve ser compreendido sob a ótica da biblioteconomia social, ou seja, como uma ferramenta que serve para cumprir a missão social da instituição. A estratégia de marketing deve focar em educar o público, aumentar o uso de serviços e fidelizar os usuários, mas sempre com o objetivo final de promover a inclusão, o acesso à informação e a cultura, reforçando o papel da biblioteca como um espaço de transformação e desenvolvimento comunitário.

Ao integrar estratégias digitais com sua missão social, a biblioteca não apenas expande seu alcance, mas também reforça sua relevância como uma instituição viva, dinâmica e comprometida com o bem-estar de sua comunidade.

Serviços digitais e inovação

A inovação no ambiente bibliotecário transformou a oferta de serviços, tornando-os mais acessíveis e dinâmicos. Os “produtos” da biblioteca moderna não se limitam mais aos materiais físicos, mas se expandiram para um universo digital que rompe as barreiras do espaço e do tempo. Quando divulgados de forma eficaz, esses recursos digitais ampliam drasticamente o alcance e a relevância da instituição.

Aqui estão alguns exemplos reais de bibliotecas brasileiras:

- ✧ **repositórios institucionais e bibliotecas digitais**, serviços que centralizam e tornam acessível a produção científica de uma universidade, como teses, dissertações e artigos, o que permite que o conhecimento gerado na instituição seja amplamente divulgado, alcançando pesquisadores de qualquer lugar do mundo – um exemplo notável é o Repositório Institucional da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que organiza e disponibiliza trabalhos acadêmicos, teses, dissertações e outros documentos produzidos na universidade;

- ✧ **catálogos online (OPAC)**, que substituiu o antigo fichário de papel, não só permite que o usuário pesquise materiais, mas também oferece funcionalidades avançadas que promovem a autonomia – a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), por exemplo, utiliza o sistema Pergamum, permitindo que os usuários consultem o acervo, renovem empréstimos e façam reservas de forma remota, de qualquer lugar com acesso à internet;
- ✧ **serviços de atendimento remoto**, com os quais a biblioteca moderna está sempre “aberta”, mesmo após o horário de expediente, pois permitem que os bibliotecários respondam a dúvidas e auxiliem usuários por meio de chat, e-mail ou guias virtuais – um exemplo disso é o Guia de Serviços Remotos do Instituto Federal de Goiás (IFG), que orienta a comunidade acadêmica sobre como acessar bases de dados e outros recursos digitais, garantindo suporte contínuo mesmo a distância.

Essas inovações demonstram como as bibliotecas universitárias brasileiras estão se adaptando para atender às demandas de uma sociedade cada vez mais conectada, transformando-se em centros de conhecimento dinâmicos e acessíveis.

Comunicação científica e redes sociais ✧

As bibliotecas universitárias modernas assumiram um papel estratégico na disseminação da produção acadêmica, indo além da simples catalogação de materiais. Elas atuam como facilitadoras, garantindo que a pesquisa produzida em sua instituição alcance a visibilidade e o impacto que merece. Nesse contexto, plataformas digitais como ORCID, ResearchGate e Google Scholar tornam-se instrumentos essenciais que, quando articulados às estratégias digitais da biblioteca, potencializam a circulação e o reconhecimento da ciência.

- ✧ **ORCID (Open Researcher and Contributor ID):** funciona como um identificador único para pesquisadores, evitando ambiguidades entre nomes semelhantes. Com ele, é possível reunir em um só perfil publicações, projetos, financiamentos e colaborações, garantindo a correta atribuição da autoria. Para a biblioteca, o incentivo ao uso do ORCID assegura padronização, facilita a integração com sistemas institucionais e contribui para a visibilidade do currículo do pesquisador.
- ✧ **ResearchGate:** é uma rede social acadêmica que conecta pesquisadores de todo o mundo. Permite compartilhar artigos, pré-prints, dados de pesquisa e resultados parciais, além de possibilitar interações diretas entre pares, troca de *feedback* e oportunidades de colaboração. A biblioteca pode orientar quanto ao uso responsável da plataforma, especialmente em relação a direitos autorais e boas práticas de divulgação.
- ✧ **Google Scholar (Google Acadêmico):** oferece um mecanismo de busca especializado em literatura científica. Seu recurso de Google Scholar Citations permite que o pesquisador acompanhe métricas como número de citações e índice-h, favorecendo análises de impacto. A biblioteca pode auxiliar na configuração de perfis institucionais, estimulando a indexação de periódicos da casa e aumentando a presença digital da produção acadêmica da instituição.

Assim, o uso dessas plataformas é vital para os pesquisadores, pois auxilia na construção de uma identidade digital profissional, no rastreamento de citações e métricas de impacto e no estímulo à colaboração científica. A biblioteca, nesse cenário, não apenas orienta e capacita, mas atua como parceira estratégica, garantindo que o conhecimento gerado tenha alcance global e relevância social.

Pontes entre Amaral e o marketing digital atual



A leitura da obra de Amaral, embora escrita em 1998, mostra-se surpreendentemente atual e relevante. É possível traçar pontes claras entre suas proposições teóricas sobre o marketing em bibliotecas e as práticas do marketing digital contemporâneo. A sua visão de uma filosofia de gestão centrada no usuário, a defesa da visibilidade institucional e o papel do bibliotecário como agente de transformação podem ser aplicados diretamente às estratégias online atuais.

O que Amaral definiu como filosofia de gestão hoje se traduz em abordagens como o marketing de conteúdo, em que a biblioteca não apenas divulga seus serviços, mas produz e compartilha informações úteis, guias de pesquisa, tutoriais e recomendações de leitura, e a experiência do usuário (UX), aplicada tanto em interfaces digitais (catálogos online, repositórios institucionais, websites) quanto no espaço físico. Já a ênfase na visibilidade institucional se atualiza no uso de redes sociais, SEO (otimização para mecanismos de busca) e analytics, que permitem às bibliotecas monitorar o alcance de suas ações e aprimorar sua comunicação.

Assim, o marketing em bibliotecas, antes visto como algo periférico ou secundário, assume um papel estratégico de mediação, visibilidade e fortalecimento da identidade institucional. Ao unir teoria e prática, vemos que a intuição de Amaral sobre gestão e comunicação permanece válida, apenas traduzida para os recursos tecnológicos e canais digitais da atualidade.

Produto: da coleção física aos serviços digitais

Embora escritos em períodos diferentes, os fundamentos de Amaral (1998, 2007) e as práticas digitais atuais se complementam. Produto: antes centrado em serviços físicos, hoje

inclui bases de dados, repositórios e multimídia. Preço: continua gratuito, mas com percepção de valor em acessibilidade e economia de tempo. Praça: de espaço físico, passa a incluir websites e aplicativos. Promoção: da divulgação tradicional para o *storytelling* digital e campanhas interativas.

Se antes o produto era o livro, o catálogo ou o empréstimo, hoje abrange também bases de dados, *e-books*, podcasts e vídeos educativos. Amaral já defendia que o bibliotecário deveria compreender os interesses do usuário para moldar o produto; o marketing digital amplia esse princípio com a personalização de conteúdos e a oferta multiformato.

Preço: o valor simbólico e a percepção do usuário

Embora a maioria dos serviços bibliotecários continue sendo gratuita, Amaral já alertava que a ausência de um preço monetário não significava a ausência de valor. Ela defendia a necessidade de as bibliotecas demonstrarem o retorno sobre o “investimento” de tempo e esforço do usuário. No ambiente digital, isso ganha novas camadas. O valor não está no custo, mas nos benefícios que o usuário percebe. Por exemplo, a biblioteca pode destacar como seus serviços de acesso aberto economizam o dinheiro que o usuário gastaria comprando artigos científicos, ou como o suporte remoto agiliza a pesquisa, economizando tempo e garantindo resultados mais precisos. O foco muda de um “preço” monetário para a demonstração do valor intangível de seus serviços.

Praça: do espaço físico à ubiquidade digital

Se para Amaral a “praça” se resumia à localização física e à acessibilidade do prédio, no contexto digital esse conceito se expandiu para a onipresença da marca. A biblioteca precisa estar onde o usuário está, e isso significa ter uma presença digital coesa e acessível em múltiplos canais. Isso se traduz em um site responsivo que se adapta a qualquer tela, em apli-

cativos móveis que oferecem acesso rápido ao catálogo e em uma presença ativa nas redes sociais. A biblioteca se torna um ponto de acesso ubíquo, disponível 24 horas por dia, 7 dias por semana, rompendo as barreiras geográficas e de horário que antes a limitavam.

Promoção: da divulgação tradicional ao engajamento multicanal

O conceito de “promoção” de Amaral, focado em aumentar a visibilidade, evoluiu significativamente com as ferramentas digitais. A promoção deixou de ser uma via de mão única (o cartaz no mural ou o folheto no balcão) para se tornar uma conversa interativa. A biblioteca pode usar o *storytelling* digital para contar histórias inspiradoras de seus usuários e acervos, realizar transmissões ao vivo de eventos culturais e palestras e criar podcasts e vídeos explicativos no YouTube para educar a comunidade acadêmica. Essa abordagem não apenas divulga os serviços como também cria um relacionamento duradouro e engaja a comunidade de forma contínua.

Ética e responsabilidade social

Ainda que o marketing digital tenha se tornado uma ferramenta poderosa, os princípios éticos e a responsabilidade social defendidos por Amaral permanecem no centro da atuação das bibliotecas. O compromisso de respeitar as necessidades da comunidade e de atuar com transparência ganha ainda mais relevância no ambiente digital. Isso se manifesta na luta contra a desinformação, na promoção da alfabetização midiática e na garantia de que os serviços digitais sejam acessíveis a todos, incluindo pessoas com deficiência. O marketing da biblioteca universitária deve, acima de tudo, ser uma ferramenta para fortalecer sua missão social, não para desvirtuá-la.

Desafios e oportunidades para as bibliotecas universitárias



Apesar da crescente adoção do marketing digital, as bibliotecas universitárias ainda enfrentam barreiras significativas. No entanto, a superação desses desafios abre caminho para oportunidades estratégicas que podem redefinir o papel da biblioteca na era digital.

Desafios persistentes

A adoção plena do marketing digital esbarra em obstáculos que vão desde a capacitação profissional até a natureza da informação no século XXI.

- ✧ **Formação profissional:** o que Amaral já apontava como carência de capacitação em marketing hoje se soma à necessidade urgente de competências digitais. Muitos bibliotecários não possuem formação em análise de dados, SEO (otimização para motores de busca) ou gerenciamento de redes sociais, o que dificulta a implementação de estratégias eficazes. Programas como o Laboratório de Marketing Digital em Bibliotecas, iniciativa da Universidade de Brasília (UnB), buscam preencher essa lacuna, oferecendo capacitação focada em métricas, conteúdo e mídias sociais.
- ✧ **Sobrecarga informacional:** a internet criou um volume massivo de conteúdo. Nesse cenário, o excesso de informação pode dificultar o trabalho de curadoria e a mediação eficiente por parte da biblioteca. Um exemplo prático é a necessidade de criar guias de pesquisa especializados e curados, como o Guia de Pesquisa da Biblioteca Central da Universidade de São Paulo (USP), que organiza fontes confiáveis e orienta os usuários em áreas específicas, combatendo a desinformação.

- ✧ **Obsolescência tecnológica:** a rápida evolução das ferramentas digitais exige um ciclo de atualização constante que, muitas vezes, não acompanha o ritmo de investimento das instituições. Softwares de gerenciamento de acervo e plataformas de atendimento remoto que se tornam rapidamente defasados são um desafio constante para o setor, de acordo com Russo (2017).

Oportunidades emergentes

A superação dos desafios abre um leque de oportunidades que transformam a biblioteca em um epicentro de inovação e valor.

- ✧ **Ciência aberta:** a biblioteca emerge como a mediadora central no movimento da ciência aberta, gerenciando e dando visibilidade a dados de pesquisa, publicações em acesso livre e outros recursos. A Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) é um exemplo, com seu portal de periódicos científicos que centraliza e promove o acesso aberto à produção acadêmica da instituição, facilitando a disseminação do conhecimento sem barreiras.
- ✧ **Bibliotecas 4.0:** a integração de tecnologias avançadas, como a inteligência artificial (IA) e a realidade aumentada (RA), possibilita a criação de serviços inovadores. Os *chatbots* em sites de bibliotecas, como o da Universidade de Harvard, oferecem suporte imediato para dúvidas comuns sobre horário de funcionamento e localização de materiais, liberando a equipe para tarefas mais complexas. A RA pode ser usada para criar *tours* virtuais pela biblioteca, mesmo para usuários que estão a distância, enriquecendo a experiência do usuário.
- ✧ **Engajamento em redes sociais:** o uso estratégico das mídias sociais permite que a biblioteca se aproxime da comunidade acadêmica com uma linguagem acessível e

interativa. Por exemplo, a Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin da USP utiliza o Instagram para divulgar itens raros de seu acervo com um apelo visual e narrativo, transformando objetos históricos em conteúdo relevante e cativante para o público digital. Essa abordagem humaniza a instituição e fortalece o vínculo com os usuários.

- ✧ **Valorização institucional:** o marketing digital possibilita que a biblioteca se torne uma vitrine digital da universidade de acordo com Gonzalez-Fernández-Villavicencio (2015a, 2015b). Ao promover serviços de qualidade, repositórios de ponta e uma comunicação eficaz, a biblioteca fortalece a marca institucional da universidade, demonstrando seu compromisso com a pesquisa, a inovação e o sucesso de seus alunos.

Considerações finais

Os fundamentos propostos por Sueli Amaral em 1998, que defendem que as bibliotecas se orientem para o usuário e adotem o marketing como uma filosofia de gestão, permanecem tão relevantes quanto na época em que foram escritos. Sua visão antecipou a necessidade de a biblioteca se adaptar às demandas de seu público para garantir sua sustentabilidade e relevância. No entanto, a realidade digital exige uma atualização dessas ideias, expandindo o composto mercadológico para o ambiente online e incorporando ferramentas e métricas que antes não existiam.

A correlação entre o pensamento de Amaral e o marketing digital atual demonstra que as bibliotecas universitárias não precisam escolher entre preservar sua missão tradicional e inovar. Na verdade, elas podem fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Ao aplicar os princípios do marketing digital, a biblioteca moderniza suas formas de comunicação e aumenta sua visibilidade, sem perder de vista seu papel fundamental como mediadora do conhecimento.

Nesse cenário, o bibliotecário assume uma função ainda mais estratégica. Deixando de ser apenas um curador de acervo, ele se torna um gestor digital e um mediador de conteúdos. É quem articula as estratégias online, analisa o comportamento do usuário e garante que a biblioteca permaneça uma fonte de informação confiável e indispensável em uma sociedade cada vez mais conectada. A biblioteca, fortalecida por essa abordagem, consolida-se como um pilar essencial da universidade, adaptando-se para continuar servindo à sua comunidade na era da informação em rede.

Para aprofundar a compreensão sobre o tema, recomenda-se que futuros estudos explorem a aplicação de metodologias de análise de dados no marketing de bibliotecas. A pesquisa poderia focar em como as bibliotecas universitárias podem usar dados de engajamento em redes sociais e de uso de seus serviços digitais para personalizar a oferta de conteúdos e serviços. Essa abordagem permitiria uma compreensão mais aprofundada da percepção de valor dos usuários no ambiente digital, oferecendo um caminho para o desenvolvimento de estratégias de marketing ainda mais eficazes e centradas no público.

Referências

AMARAL, Sueli Angélica do. **Marketing: abordagem em unidades de informação**. Brasília: Thesaurus, 1998.

AMARAL, Sueli Angélica do. Marketing e inteligência competitiva. *In*: AMARAL, Sueli Angélica do (Org.). **Marketing na Ciência da Informação**. Brasília: Editora da UnB, 2007.

CORRÊA, Elisa C. D. Usuário, não! Interagente: proposta de um novo termo para um novo tempo. **Encontros Bibli**, v. 19, n. 41, p. 23-40, 2014.

CORRÊA, Elisa C. D. Consumidor de informação 3.0. *In*: PRADO, J. M. K. (Org.). **Ideias emergentes em Biblioteconomia**. São Paulo: FEBAB, 2016.

CRONIN, Blaise. **The Marketing of Library and Information Services**. London: Aslib, 1982.

GABRIEL, Martha. **Marketing na era digital**: conceitos, plataformas e estratégias. São Paulo: Novatec, 2010.

GONZÁLEZ-FERNÁNDEZ-VILLAVICENCIO, N. Qué entendemos por usuario como centro del servicio. **El Profesional de la Información**, v. 24, n. 1, p. 5-13, 2015a.

GONZÁLEZ-FERNÁNDEZ-VILLAVICENCIO, N. ROI en medios sociales: campañas de marketing en bibliotecas. **El Profesional de la Información**, v. 24, n. 1, p. 22-30, 2015b.

GULKA, Juliana A.; LUCAS, Elaine R. O.; CORREA, Elisa C. D. O uso de marketing digital em bibliotecas. **Ciência da Informação em Revista**, v. 5, n. 1, p. 59-69, 2018.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS. **Guia de serviços remotos oferecidos pela Biblioteca Veredas da Leitura**. Jataí: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, 2020. Disponível em: [https://www.ifg.edu.br/attachments/article/13968/Biblioteca%20Guia%20de%20servicos%20remotos%20\(1\).pdf](https://www.ifg.edu.br/attachments/article/13968/Biblioteca%20Guia%20de%20servicos%20remotos%20(1).pdf). Acesso em: 5 set. 2025.

KOTLER, Philip. **Administração de Marketing**. 12. ed. São Paulo: Pearson, 2006.

KOTLER, Philip; KARTAJAYA, H.; SETIAWAN, I. **Marketing 3.0**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

PRADO, J. M. K.; PINTO, A. L. Branding para a construção de marcas em bibliotecas. In: INOMATA, D. O.; TREVISOL NETO, O. (Orgs.). **Inovação em biblioteconomia**: temas transversais. Chapecó: Argos, 2018. *E-Book*. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/329893581_Branding_para_a_construcao_de_marcas_em_bibliotecas. Acesso em: 28 ago. 2025.

RUSSO, F. D. **A biblioteca universitária 4.0**: o uso da inteligência artificial e da realidade aumentada no marketing de bibliotecas. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

SILVEIRA, A. (Org.). **Marketing em bibliotecas e serviços de informação**. Brasília: IBICT, 1987.

SALORT, Shirlei Galarça; SANTIN, Dirce Maria. Branding como estratégia de criação de valor: experiências em duas bibliotecas universitárias na área da saúde. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2019, Florianópolis. **Anais eletrônicos** [...]. Florianópolis: UFSC, 2019. p. 1-15. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/292985/001218622.pdf?sequence=>. Acesso em: 5 set. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL. Catálogo Online – Pergamum. **UFMS**, Cuiabá, [2025]. Disponível em: <https://bibliotecas.ufms.br/acervos/catalogo-online/>. Acesso em: 5 set. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Repositório Institucional da UFSC. **UFSC**, Florianópolis, [2025]. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/>. Acesso em: 5 set. 2025.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Repositório da Produção USP. **USP**, São Paulo, [2025]. Disponível em: <https://www.producao.usp.br/>. Acesso em: 5 set. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Guia de como criar o ORCID. **UFSC**, Florianópolis, [2025]. Disponível em: <https://bcs.ufsc.br/servicos-para-pesquisadores/orcid/>. Acesso em: 5 set. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Google Acadêmico. **UFRJ**, Rio de Janeiro, [2025]. Disponível em: <https://biblioteca.ufrj.br/google-academico/>. Acesso em: 5 set. 2025.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Laboratório de marketing digital em bibliotecas. **UNB**, Brasília, [2025]. Disponível em: <https://www.bce.unb.br/laboratorio-de-marketing/>. Acesso em: 5 set. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Portal de Periódicos UFMG. **UFMG**, Belo Horizonte, [2025]. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/>. Acesso em: 5 set. 2025.



Parte II – Práticas em movimento

O Repositório da Produção Científica e Intelectual da Unicamp e as particularidades dos materiais do Instituto de Artes

Amanda Bertaci Brandão

Introdução

Diante do Movimento de Ciência Aberta, faz-se necessária a democratização da pesquisa realizada na universidade, o acesso ao que é produzido, normalmente a partir da sociedade e voltada para ela, a comunicação entre os pares; e de maneira a atender essa demanda surgem os repositórios institucionais. De acordo com Marques (2020, p. 141-142),

No âmbito das instituições de ensino superior, Marcondes e Sayão (2009) defendem que os repositórios digitais possibilitam não só o controle e a preservação, como também a visibilidade da produção científica, reduzindo custos e, ainda, possibilitando o acesso irrestrito à informação científica. Nessa conjuntura, entende-se a necessidade da implantação desses repositórios no ambiente das universidades como ferramentas capazes de promover o registro, controle, salvaguarda, preservação e disponibilização da produção científica.

Em conformidade com essa realidade, a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) criou, em 2015, o Repositório da Produção Científica e Intelectual da Unicamp (RI), considerado o instrumento oficial para coleta, organização, disseminação e preservação de todo o conhecimento produzido na universidade por docentes, pesquisadores, alunos de graduação e pós-graduação e servidores técnicos administrativos vinculados à Instituição.

Atualmente, há um total de 127.266 registros no RI da Unicamp, sendo 44.968 teses/dissertações; e 74.625.601 de acessos, dos quais 40,58% advêm dos Estados Unidos, garantindo, assim, o propósito de aumentar a visibilidade, acessibilidade e difusão dos resultados das atividades acadêmicas e de pesquisa da Unicamp, a gestão e o acesso à informação por meio da oferta de indicadores confiáveis e validados e a integração a um conjunto de iniciativas nacionais e internacionais.

Percebe-se, como mencionam Fonseca e Gonzalez (2022), que, fazendo uso de recursos tecnológicos e ferramentas de comunicação, as instituições investem em políticas de acesso aberto, de modo a melhorar e potencializar a difusão da produção científica. E, visualizando os números apresentados sobre o Repositório Institucional da Unicamp, nota-se um grande alcance, cumprindo-se a proposta de acesso livre ao conhecimento.

Justificativa

A Biblioteca do Instituto de Artes (BIA) integra o Sistema de Bibliotecas da Unicamp (SBU) e tem como incumbências em relação ao Repositório Institucional, conforme Instrução Normativa SBU nº 001/2020, a captura da produção científica e intelectual da unidade (especialmente produções retrospectivas e/ou as que não forem depositadas pelos autores), o oferecimento de suporte à comunidade interna e externa e o desenvolvimento de ações de marketing referentes ao assunto.

Além disso, o acervo do RI é composto pela produção científica e intelectual, nos mais diversos tipos, e pode-se dizer que o Instituto de Artes (IA) disponibiliza material diferenciado, como produção audiovisual, partituras, produção artística etc.

Portanto, enquanto bibliotecária, desempenho atividades relacionadas ao repositório, e pelo fato de atuar na BIA,

onde há especificidades acerca dos documentos que serão catalogados, pareceu-me importante relatar o que já foi feito, contribuindo para a área, principalmente após estudar sobre a temática na disciplina “Repositórios e periódicos para a democratização do conhecimento”. Os objetivos aqui são: relatar experiência ao trabalhar com Repositório Institucional e como participante de grupo de trabalho para estudo de melhorias; e apresentar informações que possam agregar na discussão de repositórios institucionais que englobam materiais diferenciados.

Desenvolvimento

O relato aqui descrito ocorreu a partir da Biblioteca do Instituto de Artes da Unicamp, sendo que a Universidade Estadual de Campinas, fundada em 1966, é considerada, de acordo com o *QS World University Rankings: Latin America & Caribbean 2025*, a terceira melhor universidade da América Latina.

Já o Instituto de Artes possui uma trajetória de 50 anos e conta atualmente com Departamentos de Artes Plásticas (DAP), Artes Cênicas (DAC), Artes Corporais (DACO), Música (DM) e Multimeios, Mídia e Comunicação (DMM), com as coordenadorias de graduação, pós-graduação e extensão, apoio técnico e didático, galeria de artes (GAIA), biblioteca e laboratórios interdisciplinares.

A Biblioteca do Instituto de Artes, por sua vez, foi fundada em 1972. No ano de 2000, lá foi criado um espaço denominado fonoteca, a partir de um acervo de discos de vinil do Departamento de Música e mais duas grandes coleções recebidas por doação do Prof. Dr. Rogério Cerqueira Leite e do Sr. Nelson Maleski. No mesmo ano também foi criado outro espaço, denominado videoteca, composto por VHSs, DVDs e Blu-Rays da área de artes.

Ingressei na biblioteca em questão como bibliotecária em novembro de 2021, época em que a universidade já dispunha de Repositório Institucional, conforme Resolução GR-013/2015, de 06 de julho de 2015, cujo art. 2º “Institui as bibliotecas do Sistema de Bibliotecas da Unicamp como depositária da produção científica e intelectual da Universidade, por meio do Repositório Institucional” (Universidade Estadual de Campinas, 2015).

A primeira atividade alusiva ao repositório que realizei na biblioteca foi quanto à captura de capítulos de livros dos pesquisadores do IA e à solicitação de autorização para publicação. Para isso, a diretora e eu pesquisamos no Currículo Lattes de cada docente os capítulos a partir do vínculo com a Unicamp e baixamos o que era encontrado na *web* ou digitalizamos os que estavam na biblioteca.

Em seguida, encaminhamos o e-mail aos educadores, pedindo autorização para inserção dos capítulos de autoria deles no RI, sendo que aqueles que possuíam acesso aberto seriam consultados na íntegra e os que não possuíam acesso aberto teriam apenas os metadados à disposição do usuário. Caso houvesse outros livros que o autor quisesse que fossem catalogados no repositório, deveria nos enviar em arquivo PDF.

Ao assinar a autorização, os docentes também permitiam o acesso gratuito sem ressarcimento de direitos autorais, a reprodução por meio eletrônico do texto integral das obras para fins de leitura, impressão ou download e sua divulgação no catálogo online.

Vale ressaltar que, conforme a Deliberação CCP-003/2020 de 29 de julho de 2020, todo material produzido pelos pesquisadores e funcionários da universidade deverão ser inseridos no repositório, uma vez que seus nomes estão vinculados ao da Unicamp.

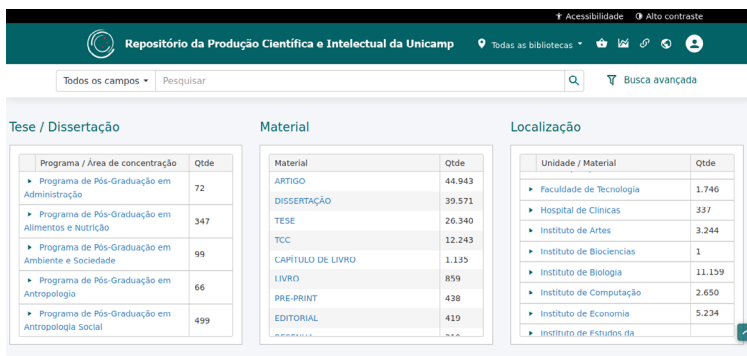
Posteriormente, integrei o grupo de trabalho para estudo de melhorias do Repositório da Produção Científica e Intelectual da Universidade Estadual de Campinas, representando a Biblioteca do Instituto de Artes, que conta com materiais diferenciados a serem publicados.

Inclusive, por conta disso, em uma das reuniões, houve a discussão da troca do nome do acelerador, pois questionei se a denominação mais apropriada seria “documento”, devido às produções artísticas, sugerindo a substituição por “material”. Após pesquisas e discussões, optou-se por “material”.

De acordo com a portaria interna SBU nº 005/2022, o grupo composto por nove profissionais deveria estudar e propor ações de melhorias durante os anos de 2022 e 2023. Dentre todas as discussões, cito algumas: indexação do RI no Google Acadêmico; mudança na visualização dos arquivos fechados; treinamento de analíticas de artigos e definições quanto à participação; testes da extração da base Dimension etc.

Por fim, os bibliotecários foram convidados a participar do treinamento de analíticas de artigos. Fomos divididos em grupos e nos reunimos no laboratório de informática de uma das unidades por alguns dias, onde aprendemos a catalogar artigos no RI, sendo esta a atividade referente ao repositório que realizo atualmente.

Figura 1 – Repositório da Produção Científica e Intelectual da Unicamp.



Tese / Dissertação	
Programa / Área de concentração	Qtde
Programa de Pós-Graduação em Administração	72
Programa de Pós-Graduação em Alimentos e Nutrição	347
Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Sociedade	99
Programa de Pós-Graduação em Antropologia	66
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social	499

Material	
Material	Qtde
ARTIGO	44.943
DISSERTAÇÃO	39.571
TESE	26.340
TCC	12.243
CAPÍTULO DE LIVRO	1.135
LIVRO	859
PRE-PRINT	438
EDITORIAL	419

Localização	
Unidade / Material	Qtde
Faculdade de Tecnologia	1.746
Hospital de Clínicas	337
Instituto de Artes	3.244
Instituto de Biociências	1
Instituto de Biologia	11.159
Instituto de Computação	2.650
Instituto de Economia	5.234
Instituto de Estudos da	

Fonte: <https://repositorio.unicamp.br/>.

Considerações finais

O trabalho realizado em torno do Repositório Institucional da Unicamp tem sido intenso e desenvolvido por diversos funcionários e pesquisadores. A inserção de documentos está sendo feita de forma imediata quanto ao que é disponibilizado atualmente e aos poucos, referente a obras retroativas.

Até o momento, os materiais catalogados são: artigos, dissertações, teses, TCCs, capítulos de livro, livros, pré-prints, editoriais, resumos, resenhas, partes de livro, e-books, relatórios de pós-doutorado, entrevistas, folhetos, memoriais acadêmicos e mapas. Apesar de já ter sido discutida a inclusão de material artístico, como relatado neste trabalho, ainda há necessidade de mais estudos para sua viabilização.

Sendo assim, o presente relato não apresenta conclusão em relação ao que se propôs a retratar, mas demonstra a preocupação entre os envolvidos quanto a incluir realmente toda a produção científica e intelectual da universidade, e, ao descrever aqui as diversas atividades executadas para o êxito

do RI, pode-se contribuir com discussões a respeito em outras instituições

Para que a ciência seja divulgada, exige-se o empenho de muitos atores, como, por exemplo, dos bibliotecários, o que pôde ser constatado nesta descrição: são estudos, catalogações, treinamentos, recuperação de publicações, entre outros aspectos. Para mim, participar dessa experiência muito acrescenta em minha carreira, sobretudo porque ainda estou iniciando nessa função. Quando cheguei, bastante já tinha sido feito, e provavelmente ainda há muito trabalho em prol da sociedade pela frente.

Referências

MARQUES, Clediane de Araújo Guedes. Gerenciamento de repositórios digitais: apontamentos práticos para o desenvolvimento dos repositórios institucionais. **ConCI: Convergências em Ciência da Informação**, Aracaju, v. 3, n. 2, p. 135-162, 2020. DOI: 10.33467/conci.v3i2.13438. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/conci/article/view/13438>. Acesso em: 30 jun. 2025.

FONSECA, Diego Leonardo de Souza; GONÇALEZ, Paula Regina Ventura Amorim. Repositórios digitais como serviços estratégicos de informação: uma análise do Repositório Digital Institucional do Instituto Federal do Amazonas. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, [S. l.], v. 18, p. 1-22, 2022. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1668>. Acesso em: 30 jun. 2025.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Comissão Central de Pesquisa. **Deliberação CCP nº 003/2020, de 29 de julho de 2020**. Aprova a regulamentação e o funcionamento do Repositório da Produção Científica e Intelectual da Universidade Estadual de Campinas. Comissão Central de Pesquisa, 2020. Disponível em: https://prp.unicamp.br/wp-content/uploads/sites/4/2022/06/ccp_doc_29072020_deliberacao_03.pdf. Acesso em: 30 jun. 2025.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Procuradoria Geral. **Resolução GR nº 013/2015, de 06 de julho 2015**. Dispõe sobre a criação do Repositório da Produção Científica e Intelectual da Unicamp. Procuradoria Geral, 2015. Disponível em: <https://www.pg.unicamp.br/norma/3822/0>. Acesso em: 30 jun. 2025.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Sistema de Bibliotecas da Unicamp. **Instrução Normativa SBU nº 001/2020**,

de 03 de dezembro de 2020. Estabelece diretrizes para promover e assegurar a coleta, tratamento e preservação da produção científica e intelectual da UNICAMP, bem como sua disseminação e acessibilidade. Sistema de Bibliotecas da Unicamp, 2020. Disponível em: https://www.sbu.unicamp.br/sbu/wp-content/uploads/2021/03/InstrucaoNormativaSBU_001_2020_Repositorio.pdf. Acesso em: 30 jun. 2025.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Sistema de Bibliotecas da Unicamp. **Portaria Interna SBU nº 005/2022, de 18 de agosto de 2022.** Estabelece o Grupo de trabalho para estudo de melhorias do Repositório da Produção Científica e Intelectual da Universidade Estadual de Campinas (RI). Sistema de Bibliotecas da Unicamp, 2022. Disponível em: <https://www.sbu.unicamp.br/cadbib-nfs/b32/005%202022.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2025.

Avaliação de acessibilidade na biblioteca de uma universidade federal

Anne Krummenauer

Introdução

As bibliotecas são elementos fundamentais para o processo educativo em todos os níveis de ensino. No ensino superior, esse reconhecimento é evidenciado pela relevância que as bibliotecas universitárias ocupam nas avaliações dos cursos superiores pelo Ministério da Educação (MEC), especialmente no que se refere à acessibilidade e à composição do acervo (INEP, 2017). Independentemente da tipologia, um elemento que deve ser comum a todas as bibliotecas é a acessibilidade (Giacumuzzi; Moro, 2014).

Apesar de esse assunto não ser novo, haja vista que desde 1999 o MEC já reportava requisitos de acessibilidade de pessoas com deficiência nas bibliotecas universitárias, referenciando-se à Norma Brasileira (NBR) 9050 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) – a qual estabelece critérios e parâmetros a serem observados quanto a projeto, construção, instalação e adaptação de edificações às condições de acessibilidade em edifícios públicos –, ainda há muito a se avançar nesse sentido. É preciso considerar que diversas bibliotecas ocupam espaços que não foram projetados originalmente para a função ou, ainda, cuja infraestrutura está aquém das necessidades atuais.

Conforme dados preliminares da amostra do Censo Demográfico de 2022, 7,3% da população brasileira com dois

anos ou mais tem algum tipo de deficiência. Das 14,4 milhões de pessoas com deficiência, 7,9 milhões tinham dificuldade de enxergar, podendo acumular outras deficiências. Em seguida, vinha a dificuldade para andar ou subir degraus (5,2 milhões de pessoas), pegar pequenos objetos ou abrir e fechar tampas (2,7 milhões), comunicar-se, realizar cuidados pessoais, trabalho ou estudo (2,7 milhões) e ouvir (2,6 milhões) (IBGE, 2025a). Nesse cenário, apenas 7,4% das pessoas com deficiência com mais de 25 anos concluíram o ensino superior, frente a 19,5% das pessoas sem deficiência (IBGE, 2025b). Percebe-se que as barreiras para se chegar ao ensino superior somam-se àquelas que existem para a permanência desses indivíduos e que podem se apresentar de variadas maneiras, como na arquitetura, na comunicação, nos instrumentos, nas metodologias, nos programas e nas atitudes que envolvem o ambiente universitário (Nicoletti, 2010; Sassaki, 2005).

Nesse contexto, a Biblioteca Paulo Lacerda de Azevedo, da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), onde atuo como bibliotecária-documentalista, é a única do seu tipo na instituição e atende estudantes de 16 cursos de graduação e 12 programas de pós-graduação na área da saúde. Localizada no térreo do prédio 1 da Universidade, mudou-se para seu espaço atual em 2002, com a remodelação de uma capela que deu lugar não só à biblioteca, mas também a uma capela menor, a um espaço de artes e a uma cafeteria (atualmente desativada). Apesar da beleza arquitetônica do projeto realizado, e de essa obra já ter sido feita adaptada para atender à sua função como unidade de informação, ainda há quesitos de acessibilidade, antigos e novos, que precisam ser apontados pela coordenação e pela equipe da biblioteca para que esta realmente possa ser acessível a todos os públicos.

A biblioteca ocupa 1.057 m² de espaço físico, distribuídos nos ambientes térreo e mezanino. No térreo, encontra-se o hall de entrada com guarda-volumes de autoatendimento

eletrônico e a parte interna com mesas de estudo compartilhadas, terminais de consulta à internet e parte do acervo, além de ambiente para desempenho das funções administrativas e técnicas. Já no mezanino, encontram-se salas para estudo em grupo, mais mesas de estudo compartilhadas, sofás para descanso e outra parte do acervo. Com o crescimento expressivo dos cursos atendidos ao longo dos últimos anos, a biblioteca tem uma demanda represetada para adequação do espaço de trabalho técnico-administrativo, para crescimento do acervo e para um melhor atendimento das necessidades dos usuários, muitos dos quais, inclusive, demandam serviços e recursos educacionais especiais.

Para contribuir com a construção da acessibilidade na Biblioteca da UFCSPA, embasando reivindicações junto à Alta Administração, a gestão da biblioteca deve buscar instrumentalizar-se com conhecimentos sobre a temática. Experiências relacionadas à verificação de adequação às normas e legislações de acessibilidade podem ser encontradas na Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI), por meio de uso de *checklists*, por exemplo, como em Teixeira *et al.* (2017) e Melo *et al.* (2024), e de estudos de usuários, como em Costa e Oliveira (2021).

Destaca-se como referência importante o *checklist* para avaliação das condições de acessibilidade em prédios públicos (Moro; Estabel, 2016), que foi constituído de uma compilação de critérios identificados na legislação, normas e literatura sobre o tema, mas que antecedeu a atualização feita em 2020 na ABNT NBR 9050 (ABNT, 2020), a qual apontou, entre outras coisas, critérios e parâmetros técnicos a serem observados em bibliotecas. Durante minha formação como estudante de biblioteconomia, tive a oportunidade de ter contato com esse instrumento, experiência que trouxe maior consciência sobre o tema e o interesse em realizar uma avaliação similar na instituição em que sou servidora.

Apresentado como requisito final para aprovação no Curso de Especialização em Gestão de Bibliotecas Universitárias na Universidade de Caxias do Sul, o objetivo do trabalho é avaliar as condições de acessibilidades oferecidas pela Biblioteca da UFCSPA aos seus usuários, à luz da ABNT NBR 9050/2020, e propor melhorias nessas condições. A expectativa é de que seja possível abordar a acessibilidade como um assunto importante e relevante para as bibliotecas universitárias e, além disso, gerar um relatório de pontos de inadequação e sugestões de melhoria que seja colocado à disposição da gestão da biblioteca.

Menciona-se que a acessibilidade de recursos e serviços em bibliotecas universitárias vai ao encontro do cumprimento de Objetivos do Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030 (ONU, 2015), compromissos ratificados pelo Brasil, especificamente em relação às metas globais 4 (“Assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos”), 10 (“Reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles”) e 16 (“Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis”). Costa, Moreira e Oliveira (2021) destacam a necessidade de as bibliotecas reverem as questões referentes à acessibilidade para que a construção de uma sociedade mais justa e igualitária possa se efetivar no horizonte da Agenda 2030.

Nos resultados, são abordados critérios da norma ABNT NBR 9050/2020 relacionados à locomoção e às necessidades básicas dos usuários, como sanitários e bebedouros, e outros itens específicos do ambiente de uma biblioteca universitária, como balcão de atendimento, terminais de consulta e disposição das estantes.

Metodologia

Para esta pesquisa, foi desenvolvido um estudo exploratório, pois se propõe a obter conhecimento mais aprofundado sobre a acessibilidade em uma biblioteca universitária. Trata-se de um estudo de caso com abordagem qualitativa, para investigação de um fenômeno em seu contexto real (Yin, 2014). A escolha da Biblioteca da UFCSPA como lócus de pesquisa ocorreu por ser o ambiente de trabalho da pesquisadora.

Para a coleta de dados, foram realizadas visitas à biblioteca ao longo do mês de junho de 2025, para exploração dos espaços e serviços oferecidos e confronto com os requisitos da ABNT NBR 9050/2020. As observações e mensurações, com auxílio de trena, foram registradas de forma escrita e fotográfica.

Resultados

O primeiro obstáculo à acessibilidade está nas condições urbanas da cidade. Embora sejam fatores alheios ao controle da instituição, é preciso considerar que, se o trajeto percorrido da sua residência até a entrada da biblioteca não for seguro e acessível, o usuário pode ser desestimulado ou até mesmo impedido de chegar. De maneira geral, em Porto Alegre e nos municípios da região metropolitana o transporte público conta com linhas de ônibus adaptados, porém esses veículos operam em horários específicos e com menor oferta em relação aos convencionais. No entorno da UFCSPA, há pontos de embarque e desembarque de passageiros, rebaixamento de calçada, faixa de pedestres, sinalização tátil na calçada e sinalização visual de trânsito, mas sem sinalização sonora.

Ao chegar à universidade, o usuário deve ter acesso a todos os ambientes para sua formação acadêmica, entre eles, a biblioteca. De acordo com o item 6.2.1 da ABNT NBR 9050/2020, a entrada e os caminhos a serem percorridos em

espaços ou edificações de uso público precisam ser acessíveis, por meio de uma ou mais rotas acessíveis internas e externas. A rota acessível é um trajeto contínuo, desobstruído e sinalizado que pode ser utilizado de forma autônoma e segura por todas as pessoas, com ou sem deficiência (ABNT, 2020). O prédio 1 da UFCSPA, onde se localiza a biblioteca, é acessível através da sua entrada principal e um elevador instalado junto a uma escadaria, que leva ao andar térreo.

A Biblioteca da UFCSPA não possui rota acessível interna, uma vez que o acesso ao mezanino da biblioteca, onde está a área de descanso, as salas de estudo em grupo e grande parte do acervo, é feito por meio de escada. Para acessar esses espaços, é necessário solicitar apoio de um funcionário e subir um andar com um dos elevadores externos à biblioteca para, então, chegar a uma entrada alternativa que dá acesso ao mezanino, onde o referido funcionário estará aguardando para abrir a porta, a qual é mantida fechada e cuja chave está disponível junto ao atendimento localizado no térreo. Evidentemente, apesar de representar uma solução prática para o problema que é a ausência de alternativa à escada, ela não atende ao critério de rota acessível, pois não permite o acesso autônomo por parte do usuário. Entende-se que, quando o direito de acesso parece ser uma concessão em relação a pessoa com deficiência, isso pode ser motivo de constrangimento e discriminação.

Dispositivos de segurança e controle de acesso, como catracas, portas giratórias e dispositivos de acionamento manual devem possuir pelo menos uma opção acessível (item 6.2.5). No caso da UFCSPA, há catracas com alternativa acessível junto à entrada principal. Ainda, há antenas antifurto na passagem do hall de entrada da biblioteca para a área interna, mas elas não restringem a circulação.

Nos ambientes da biblioteca de acesso ao público, há áreas livres para circulação que possibilitam a manobra em

cadeira de rodas, ou seja, com ao menos 0,90 m de largura. Entretanto, os espaços destinados ao trabalho técnico-administrativo não são acessíveis para os servidores, tanto pelos degraus existentes no acesso ao balcão de atendimento do térreo e do mezanino como pela organização interna desses ambientes, que são estreitos e impedem a livre circulação entre as estações de trabalho, mesmo para pessoas sem dificuldades de mobilidade. Não há garantias, entretanto, de que os servidores não terão deficiências temporárias ou permanentes que venham a demandar adaptações nos espaços de trabalho para garantir acessibilidade e inclusão.

Conforme a ABNT NBR 9050/2020, as portas necessitam ter vão livre igual ou superior a 0,80 m (em pelo menos uma das folhas) e altura mínima de 2,10 m (item 6.11.2.4), com área de aproximação livre de 1,20 m no sentido da entrada e de 1,50 m no sentido da saída (item 6.11.2.2), para serem acessíveis para pessoas em cadeira de rodas. Esses critérios são atendidos integralmente pelas portas da biblioteca. Além disso, estas devem ter condições de serem abertas com um único movimento, suas maçanetas devem ser do tipo alavanca e estar instaladas em uma altura entre 0,80 m e 1,10 m do piso (item 6.11.2.6). Nas salas de estudo, as maçanetas das portas são do tipo bola, que exigem o movimento de aperto e giro, não sendo, portanto, adequadas para pessoas com mobilidade reduzida ou mesmo que estejam com as mãos ocupadas. Já as maçanetas da porta principal e da porta secundária (mezanino) têm o formato de um puxador de barra e ficam ao alcance de pessoas em cadeira de rodas. Pela necessidade de aplicação de força para empurrar, uma pessoa em cadeira de rodas ou com diminuição de força, como um idoso, poderia encontrar dificuldades em realizar a abertura com um único movimento sem o auxílio de outra pessoa.

A porta principal é composta por duas folhas de vidro e está inserida em uma parede, já a porta do mezanino, com

utilização restrita, é composta por uma folha de vidro e está inserida em uma parede envidraçada (Figura 1). Ambas devem estar sinalizadas com faixa visual de no mínimo 50 mm de espessura ao longo da largura, entre 0,90 m e 1,00 m, e a porta do mezanino também deve ser emoldurada pela faixa visual, de forma a permitir a fácil identificação da barreira física (item 6.11.2.13). Essa condição só é atendida parcialmente pela porta principal. Menciona-se que essas mesmas condições se aplicam às outras portas de vidro do mesmo projeto arquitetônico: a porta do espaço de artes (no hall da biblioteca) e a porta da capela (também no térreo do prédio 1).

Figura 1 – Portas da Biblioteca da UFCSPA: à direita, porta de vidro na entrada principal; à esquerda, porta de vidro na entrada do mezanino.



Fonte: acervo pessoal da autora.

Um piso acessível deve ter revestimento regular, firme, estável, sem trepidações ou rugosidades, e ser antiderrapante tanto seco quanto molhado (item 6.3.2). Também devem ser evitados capachos, carpetes, tapetes ou outros, os quais, quando houver, devem estar firmemente fixados e nivelados de maneira que o desnível não ultrapasse 5 mm (item 6.3.7). Na Biblioteca UFCSPA, o piso está de acordo com o estabelecido pela norma, exceto por um capacho de aproximadamente 5 mm na passagem do hall de entrada para a área interna da biblioteca, junto à soleira formada pelo aparato das antenas

antifurto. Nesse caso, poderia ser analisada a real necessidade do capacho e a sua possível remoção.

Observou-se a ausência das sinalizações tátil e visual no piso do prédio 1 até a biblioteca e dentro dela (item 6.3.8). Conforme Ferrés (2006), é obrigatório delinear um caminho sinalizado para orientar o usuário para qualquer dependência da edificação, sendo que os pisos táteis direcionais alertam o caminho que deve ser percorrido em espaços amplos, por exemplo, como chegar ao balcão de atendimento ou aos armários, enquanto os pisos de alerta indicam rampas, escadas, degraus isolados, elevadores e objetos suspensos entre 0,60 m e 2,10 m do piso. Não foram constatados obstáculos que prejudiquem a acessibilidade na circulação, como vasos de plantas, expositores de livros, mobiliário, entre outros. Entretanto, eventualmente, na biblioteca são encontrados objetos móveis como baldes de água, cavaletes para sinalização de piso molhado ou escadas dobráveis, que podem se tornar obstáculos e merecem atenção.

Como parte do projeto arquitetônico da biblioteca, há desníveis de 11 cm entre o piso e o patamar onde se encontram os equipamentos para pesquisa e o acervo, localizados no térreo e de livre acesso, e de 18 cm entre o piso e as áreas dos balcões de atendimento do térreo e do mezanino, de acesso restrito. Por terem mais do que 20 mm, os desníveis deveriam ser considerados como degraus isolados (item 6.3.4.1) e, por estarem localizados em uma rota que deveria ser acessível, estar preferencialmente associados a rampas (item 6.7). Além disso, conforme item 5.4.4.1 da ABNT NBR 9050/2020, os degraus isolados (até dois degraus) devem ser sinalizados em toda a sua extensão, no piso e no espelho, com uma faixa de, no mínimo, 3 cm de largura contrastante com o piso adjacente, de preferência fotoluminescente ou retroiluminada, o que não se verificou na biblioteca.

Como mencionado anteriormente, os patamares nas áreas de atendimento constituem um dos fatores que comprometem a acessibilidade para os servidores da biblioteca. Já para acesso ao patamar na área de circulação do público, foi instalada uma rampa de metal de 1,60 m de largura, 11 cm de altura e 1,38 m de comprimento, em projeção horizontal, constituindo uma inclinação de 7,9%. O ideal é que a inclinação se situe até 8,33%, ou, em reformas, quando esgotadas as soluções técnicas, entre 8,33% e 10% para desníveis de até 0,20 m (itens 6.6.2.1 e 6.6.2.2). Ainda que se atenda aos requisitos da norma, essa inclinação, na prática, não garante que os usuários estejam satisfeitos em suas necessidades, uma vez que funcionários já relataram queixas em relação à inclinação por parte de usuários em cadeiras de rodas. Em desacordo com a norma, a rampa não possui corrimão de duas alturas em cada lado (item 6.6.2.6).

Como já mencionado, a Biblioteca da UFCSPA conta com uma escada interna para acesso ao mezanino (Figura 2, à esquerda). De acordo com o item 6.7.1 da Norma ABNT 9050/2020, nas rotas acessíveis não podem ser utilizados degraus e escadas fixas com espelhos vazados. Os degraus também devem ser sinalizados, e a norma recomenda, ainda, que a sinalização seja estendida para o comprimento total dos degraus (item 5.4.4.2). Os pisos devem estar entre o mínimo de 0,28 m e o máximo de 0,32 m, e os espelhos entre 0,16 m e 0,18 m, com a largura mínima da escada sendo 1,20 m (itens 6.8.2 e 6.8.3). A escada da biblioteca atende a esses requisitos, exceto o referente à sinalização, pois seus degraus só apresentam uma faixa ao longo do comprimento no piso, em material antiderrapante.

Figura 2 – Escada interna, à esquerda, e balcão de atendimento do térreo da Biblioteca da UFCSPA, à direita.



Fonte: acervo pessoal da autora.

Os corrimãos da escada devem estar instalados em ambos os lados e firmemente fixados no piso, com alturas de 0,70 m e 0,92 m. Além disso, devem prolongar-se por, no mínimo, 0,30 m das extremidades (item 6.9.3.2). O diâmetro para empunhadura deve estar entre 30 mm e 45 mm, a uma distância mínima de 40 mm da parede (item 4.6.5). Na Biblioteca da UFCSPA, o corrimão mais baixo está à altura de 1,00 m, e o seu diâmetro é de 79 mm. Ele não se prolonga antes do início e após o término das escadas, função que acaba sendo exercida pelo corrimão mais alto, junto com o guarda-corpo.

Outra opção para a ascensão dos usuários são os elevadores, externos à biblioteca. O elevador social e o de carga estão sinalizados visualmente, mas pecam na sinalização tátil com instruções de uso, posição de embarque e pavimentos atendidos, na sinalização tátil do piso e na sinalização sonora, conforme item 6.10.1.1 da ABNT NBR 9050/2020.

Para as necessidades fisiológicas dos usuários, há banheiro acessível no andar térreo do prédio 1, devidamente sinalizado, e uma distância máxima a ser percorrida de 50 m de qualquer ponto da biblioteca (item 7.3.2). Ressalta-se que só há esse banheiro acessível para todo o prédio, em desacordo com a norma que estipula um por pavimento. Para hidratação,

é oferecido um bebedouro no modelo de coluna, que conta com duas alturas de bica na parte frontal, a partir de 1,00 m, estando apenas parcialmente em acordo com a norma (itens 8.5.1.1 e 8.5.1.2). Esse modelo não permite a aproximação frontal do cadeirante, o que exigiria uma altura livre inferior de 0,73 m em relação ao piso acabado, não estando, portanto, em acordo com o estipulado no item 8.5.1.3 da ABNT NBR 9050/2020.

De acordo com a norma, a largura mínima entre as estantes deve ser de 0,90 m, e a cada 15 m de estante deve haver um corredor possibilitando que todos, inclusive cadeirantes, possam circular entre as estantes e fazer a volta (item 10.16.3). Observou-se que as larguras entre estantes variaram, no pavimento térreo, de 0,76 m a 1,14 m e, no mezanino, de 0,84 m a 1,00 m, com as medidas feitas a partir do ponto mais estreito de cada corredor. Apenas um ajuste na posição as estantes já poderia garantir o mínimo de 0,90 m entre elas.

Outro quesito sobre a acessibilidade física das estantes refere-se à altura para alcance manual e parâmetros visuais. A norma aponta que os livros devem estar distribuídos dentro do alcance manual para todas as pessoas (item 10.16.4). Para Giacumuzzi e Moro (2014), 1,20 m seria a altura máxima para o acesso de crianças, idosos, cadeirantes, pessoas com mobilidade reduzida ou com nanismo. Na Biblioteca da UFCSPA, há livros em prateleiras de 1,80 m, por exemplo, situação que se apresenta de difícil resolução, especialmente em bibliotecas que sofrem com falta de espaço para o acervo.

Os balcões para atendimento, nos quais o usuário pode fazer o seu cadastro, o empréstimo e a devolução dos livros, devem estar posicionados em rota acessível e ser facilmente localizados (item 9.2.1.1). Para que o balcão seja acessível para cadeirantes, é preciso considerar sua altura e a possibilidade de aproximação frontal, com pelo menos 0,90 m de extensão do balcão, altura entre 0,75 m e 0,85 m do piso acabado, as-

segurando-se largura mínima livre sob a superfície de 0,80 m (itens 9.2.1.4 e 10.16.3), quesito não atendido por nenhum dos balcões da Biblioteca da UFCSPA, devido a sua altura estar além do exigido pela ABNT NBR 9050/2020. O balcão de atendimento do térreo está a 1,04 m de altura (Figura 2, à direita), o balcão do mezanino a 1,07 m, e a escrivaninha da entrada a 0,76 m, e nenhum destes apresenta espaço suficiente para avanço de cadeira de rodas sob o balcão (item 9.2.1.5). Importante frisar que, se nem todo mobiliário puder, integralmente, atender a todos os públicos, seguindo os preceitos do desenho universal, a adaptação de parte do mobiliário e a indicação dos espaços acessíveis poderiam ser caminhos viáveis a serem adotados pela biblioteca.

As superfícies para trabalho, leitura e/ou estudo também apresentam quesitos para serem acessíveis para todos os usuários, como entorno com faixa livre de circulação de 0,90 m, largura mínima de 0,90 m, altura livre de no mínimo 0,73 m, profundidade mínima para avanço sob a mesa de 0,50 m e altura entre 0,75 m e 0,85 m do piso (item 10.16.1). Pelo menos 5% das mesas e terminais de consulta por meio de computadores e acesso à internet devem ser acessíveis, garantindo-se, no mínimo, que uma das mesas seja acessível (itens 10.16.2 e 10.16.6). Na Biblioteca da UFCSPA, são 42 lugares junto às mesas de estudo coletivo, 32 computadores nas áreas de pesquisa e seis salas de estudo em grupo com escrivaninha com computador e mesa com quatro lugares que não respeitam o mínimo de lugares acessíveis conforme a norma.

Os terminais de consulta ao acervo também devem seguir as especificações do item 10.16.3 da norma. Nesse sentido, nenhum dos dois terminais da biblioteca está de acordo, pois um está a 0,97 m do piso, no hall de entrada, e o outro está sob a mesa do mezanino, a 1,07 m, ambos sem possibilidade de aproximação frontal em cadeira de rodas.

Mais um móvel que deve ser mencionado são os guarda-volumes eletrônicos, uma vez que não é permitida a entrada com mochilas ou bolsas na parte interna da biblioteca. Considerando-os como máquinas de autoatendimento, seus controles devem estar localizados à altura entre 0,80 m e 1,20 m do piso (item 9.4.3.5). Ainda, a norma especifica a altura de utilização de armários, na seção em que trata de vestiários, devendo estar entre 0,40 m e 1,20 m do piso acabado (item 7.14.13). Nesse sentido, os armários da biblioteca possuem a opção de solicitar portas baixas, mas apresentam a tela de comando fora das especificações recomendadas, pois está localizada a uma altura entre 1,30 m e 1,50 m do piso, ou seja, não está dentro do alcance confortável manual e de visão para pessoas em cadeiras de rodas ou com baixa estatura. Menciona-se, ainda, que, por não ter indicação sonora ativada, os armários não permitem o uso autônomo por pessoas surdas.

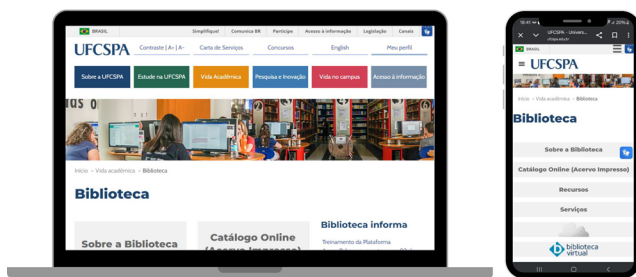
Outro aspecto a ser mencionado diz respeito aos assentos da biblioteca, pois todos seguem um mesmo padrão que não atende a pessoas obesas. Para isso, eles precisariam suportar carga de até 250 kg e apresentar largura mínima de 0,75 m medida nas bordas laterais do terço mais próximo do encosto (item 4.7.1).

Conforme a ABNT NBR 9050, item 10.16.5, a biblioteca deve garantir recursos audiovisuais, publicações em texto digital acessível e serviços de apoio. A Biblioteca da UFCSPA possui recursos computacionais acessíveis instalados em um computador localizado no térreo, cujo uso é preferencial para deficientes visuais, a saber: o DosVox, ferramenta que se comunica com o usuário por meio de síntese de voz; o NVDA, que faz a leitura de tela; o Braille Fácil, editor de texto e de impressão em Braille. Além disso, disponibiliza, conforme demanda do usuário, teclado e impressora no formato tátil Braille e fone de ouvido com microfone integrado (Biblioteca Paulo Lacerda de Azevedo, 2025). Junto a esse equipamento,

encontram-se cinco títulos em Braille fornecidos pela Fundação Dorina Nowill e incorporados ao acervo no ano de 2013. A existência de equipamentos e serviços para pessoas com deficiência deveria ser destacada e indicada por meio de sinalização, a fim de que mais pessoas entre a comunidade de usuários reais e potenciais conheçam-nos e possam usufruir deles.

A página da biblioteca no site da UFCSPA possui recursos de acessibilidade para pessoas com baixa visão, como contraste de tela e alteração do tamanho de fontes, e são compatíveis com o uso do VLibras, ferramenta gratuita que traduz conteúdos digitais (texto, áudio e vídeo) em português para libras, tornando as plataformas *web* mais acessíveis para pessoas surdas. O site pode ser acessado de dispositivos móveis, conforme ilustra a Figura 3. A biblioteca também mantém presença nas redes sociais e faz a descrição das imagens, com o uso dos recursos de acessibilidade, quando existem, ou da hashtag #pracegover, para tornar o conteúdo acessível para pessoas cegas, sendo acessível e adaptável por diferentes dispositivos.

Figura 3 – Página da Biblioteca da UFCSPA no site da instituição visualizada em um navegador de internet de um notebook e de um smartphone.



Fonte: adaptado pela autora de UFCSPA [2025].

Ainda, verificou-se que os profissionais da biblioteca demonstram preocupação com o atendimento a pessoas com deficiência, apesar da ausência de capacitações nesse sentido, o que poderia ser revertido com cursos gratuitos que orientam para o atendimento ao público com necessidades especiais e mesmo atualizações em relação aos recursos e serviços oferecidos.

Por parte da biblioteca, foram relatados o interesse do setor e a demanda do Núcleo de Inclusão e Diversidade da UFCSPA de criar uma sala de estudos específica para estudantes com necessidades especiais no andar térreo, acessível autonomamente para quem necessitar, com maior isolamento acústico, visto que o ambiente é submetido frequentemente a ruídos de obra e ensaios do coral, que ocorrem na capela ao lado da biblioteca. Na sala, poderiam ser disponibilizados os equipamentos acessíveis. Entretanto, a solução esbarra na necessidade do espaço físico. Além disso, salienta-se que a criação de uma sala de estudos preferencial ou exclusiva para pessoas com deficiência não dispensaria a biblioteca de buscar a adaptação ou a substituição de outros espaços de estudo e trabalho para se adequarem à acessibilidade universal.

Como há itens em que a Biblioteca da UFCSPA não atende às especificações da ABNT NBR 9050/2020, sugere-se:

- ✕ em caso de previsão de reforma ou remodelação dos espaços da biblioteca, que seja garantido o ambiente adequado para trabalho da equipe, considerando espaço para circulação e eliminação de barreiras, como degraus;
- ✕ substituição do mecanismo de abertura da porta principal, por exemplo, com dispositivo automático acionado por sensor de presença;
- ✕ complementação da sinalização visual das portas e paredes de vidro;

- ✕ remoção do capacho na soleira da porta junto às antenas antifurto;
- ✕ implantação de sinalização tátil e visual do piso e degraus isolados;
- ✕ implantação de corrimãos na rampa do térreo;
- ✕ adequação da escada interna, especialmente em relação aos corrimãos, espelhos e sinalização dos degraus;
- ✕ substituição das maçanetas do tipo bola por maçanetas de alavanca;
- ✕ adequação dos balcões de atendimento, para que ao menos um trecho dos balcões atenda aos requisitos de acessibilidade;
- ✕ adequação para que pelo menos 5% dos lugares para estudo e consulta por meio de computadores e acesso à internet sejam acessíveis a todos os públicos;
- ✕ disponibilização de opções de assento para pessoa obesa;
- ✕ adequação da largura mínima entre as estantes, evitando a utilização das primeiras e das últimas prateleiras das estantes;
- ✕ informação sobre serviços e recursos de acessibilidade disponíveis;
- ✕ treinamento contínuo da equipe para atendimento a pessoas com deficiência.

A Biblioteca da UFCSPA e sua equipe assumem o compromisso com a educação dos usuários. Na UFCSPA, esse compromisso assume um contorno especial, pois é onde são formados futuros profissionais na área da saúde, que irão atuar em diferentes espaços e com os mais diversos públicos. Nesse sentido, uma sugestão oportuna é convidar os usuários a exercerem esse olhar sobre a acessibilidade e que são aplicáveis a quaisquer edificações de uso público. O presente estudo poderia ser complementado pela análise em conjunto com os

usuários e fornecer novas perspectivas e ideias para promoção da acessibilidade, contribuindo para a gestão da biblioteca e da universidade.

Outra perspectiva para estudos futuros é a realização de pesquisa com os usuários que possuem necessidades educacionais especiais, de maneira a dar subsídios para melhoria dos produtos e serviços da biblioteca.

Considerações finais

Uma biblioteca acessível, na definição de Ferrés (2006), é aquela que permite a presença e o proveito de todos, estando preparada para acolher a maior variedade de público possível para as suas atividades, com instalações adequadas às diferentes necessidades e em conformidade com as diferenças físicas, antropométricas e sensoriais da população. Como visto, mais de 7% da população é formada por indivíduos que podem ter deficiências permanentes, visíveis ou não, aos quais se somam aqueles que podem ter alguma incapacidade temporária, e estes também são públicos presentes ou potenciais para as bibliotecas universitárias. Em relação a esse público, o estudo ora apresentado buscou verificar se a Biblioteca da UFCSPA estaria preparada para atender todos que chegam ao ambiente universitário.

É possível concluir que, de acordo com o apresentado ao longo do texto, a Biblioteca da UFCSPA ainda tem um caminho que precisa ser trilhado para se tornar uma biblioteca acessível, embora haja evidências de preocupação com o atendimento às necessidades especiais dos usuários. Certamente, a acessibilidade não ocorre de um momento para o outro, nem seria algo permanente, mas o conhecimento das normas e legislações aplicadas tornam menos provável que as inadequações sejam perpetuadas.

Como perspectiva para estudos futuros está o alinhamento do estudo de atendimento às normas de acessibilidade

com a realização de pesquisa de usuários, especialmente os que possuem necessidades educacionais especiais, de maneira a dar subsídios para melhoria dos produtos e serviços da biblioteca.

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 9050**: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. 4. ed. Versão corrigida em 2021. Rio de Janeiro: ABNT, 2020.

BIBLIOTECA PAULO LACERDA DE AZEVEDO. **Memorial e informações da biblioteca**. Porto Alegre: UFCSPA, 18 mar. 2025. Disponível em: <https://ufcspa.edu.br/documentos/biblioteca/memorial-e-informacoes-da-biblioteca-atualizado-em-2025.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2025.

COSTA, Michelle Karina Assunção; OLIVEIRA, Dalgiza Andrade. Usuários da informação com deficiência e o papel das bibliotecas universitárias. **Ci. Inf. Rev.**, Maceió, v. 8, n. 1, p. 95-118, jan./abr. 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/160548>. Acesso em: 26 jun. 2025.

COSTA, Michelle Karina Assunção; MOREIRA, César dos Santos; OLIVEIRA, Dalgiza Andrade. Acessibilidade em bibliotecas, no horizonte da agenda 2030. **Revista Folha de Rosto**, Juazeiro do Norte, v. 7, n. 3, p. 86-113, set./dez. 2021. DOI: 10.46902/2021n3p86-113. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/169981>. Acesso em: 29 jun. 2025.

FERRÉS, Sofia Pérez. Acessibilidade física. In: PUPO, Deise Tallarico; MELO, Amanda Meincke; FERRÉS, Sofia Pérez (Org.). **Acessibilidade: discurso e prática no cotidiano das bibliotecas**. Campinas: UNICAMP, 2006, p. 21-32. Disponível em: https://tnr.nied.unicamp.br/todosnos/nied/todosnos/artigos-cientificos/livro_acessibilidade_bibliotecas.pdf/view.html. Acesso em: 29 jun. 2025.

GIACUMUZZI, Gabriela; MORO, Eliane Lourdes da Silva. Acessibilidade arquitetônica em diferentes tipologias de bibliotecas. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS BRAILLE, 8., 2014, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: FEBAB, 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico 2022. **Tabela 10127**: Pessoas residentes de 2 anos ou mais de idade com deficiência por tipos de dificuldades funcionais. SIDRA: Sistema IBGE de Recuperação Automática. Rio

de Janeiro: IBGE, 2025a. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/10127>. Acesso em: 26 jun. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico 2022. **Tabela 10141:** Pessoas de 25 anos ou mais de idade por sexo, nível de instrução e existência de deficiência. SIDRA: Sistema IBGE de Recuperação Automática. Rio de Janeiro: IBGE, 2025b. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/10141>. Acesso em: 26 jun. 2025.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Instrumento de avaliação de cursos de graduação presencial e a distância:** reconhecimento e renovação de reconhecimento. Brasília, DF: INEP, 2017. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_superior/avaliacao_cursos_graduacao/instrumentos/2017/curso_reconhecimento.pdf. Acesso em: 26 jun. 2025.

MELO, Julie Emily Teixeira de; FERREIRA, Natasha Lima Medeiros; FERREIRA, Rafael Lima Medeiros; MARTINS, Ida Carneiro; TERRA, Guilhermina de Melo. Acessibilidade arquitetônica e informacional em bibliotecas universitárias para usuários com deficiências visuais: o caso da biblioteca setorial do setor sul da universidade federal do Amazonas. **Revista Bibliomar**, São Luís, v. 23, n. 1, p. 1-22, jan./jun. 2024. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/305027>. Acesso em: 26 jun. 2025.

MORO, Eliane Lourdes da Silva; ESTABEL, Lizandra Brasil (org.). **Checklist:** instrumento de avaliação de acessibilidade em prédios públicos. Porto Alegre: Evangraf, 2016.

NICOLETTI, Tamini Farias. **Checklist para bibliotecas:** um instrumento de acessibilidade para todos. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável.** Nova Iorque: Assembleia Geral das Nações Unidas, 2015. Disponível em: <https://brasil.un.org/sites/default/files/2020-09/agenda2030-pt-br.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2025.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Inclusão: paradigma do século 21. **Inclusão:** Revista da Educação Especial, Brasília, DF, v. 1, n. 1, p. 19-23, out. 2005. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/revistainclusao1.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2025.

TEIXEIRA, Lilian Aguilar; BRITO, Tânica Regina; DORNELES, Jaziel Vasconcelos; MARQUES, Rogério Ferreira; BRITO, Tânia Regina.

Políticas de inclusão e acessibilidade para a promoção da competência em informação: um olhar para a biblioteca central da UFSM. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 13, n. esp., p. 331-352, 2017. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/1409>. Acesso em: 26 jun. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CIÊNCIAS DA SAÚDE (UFCSPA). Biblioteca. **UFCSPA**, Porto Alegre: c2025. Disponível em: <https://ufcspa.edu.br/vida-academica/biblioteca>. Acesso em: 29 jun. 2025.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

A trajetória de uma bibliotecária: de serviços gerais à bibliotecária

Eliane Teresinha Loureiro da Fontoura Padilha

Introdução

O ano era 1999, soube por meio de propaganda na televisão que uma instituição de ensino superior, a Faculdade Assis Gurgacz (FAG), estava se instalando em Cascavel, no Paraná. Em seguida, conversando com uma amiga, ela informou que estavam contratando para a função de serviços gerais, e lá fui eu para a entrevista.

Quem estava realizando as entrevistas e fazendo o recrutamento e a seleção para contratar era o responsável pelo administrativo, pois, como estava sendo implantado, não tinha setor de recursos humanos nem departamento pessoal.

Fui selecionada, fiquei feliz com a oportunidade, na época tinha o ensino médio, mas sempre com o desejo de cursar o ensino superior. Venho de uma família humilde, minha mãe e meu pai sempre trabalharam na lavoura, porém foram incentivadores para que os filhos estudassem e tivessem uma profissão. Mal sabia que de serviço geral eu teria a oportunidade de assumir um cargo com tantas responsabilidades e me tornar bibliotecária dessa instituição.

No decorrer do relato da minha experiência, irei compartilhar toda a trajetória da minha vida pessoal e profissional, de serviços gerais, fui auxiliar de biblioteca, subencarregada e, enfim, bibliotecária.

Desenvolvimento

No dia 02 de agosto de 1999, fui contratada para trabalhar nos serviços gerais, desenvolvendo as funções desde “fazer o cafezinho”, limpar o espaço, tirar xerox e auxiliar todos que ali trabalhavam. No início éramos poucos funcionários, então um ajudava o outro. Apreendi muitas coisas, e sou grata por todo o aprendizado.

Passei dois anos nessas funções, e para minha surpresa a diretora pediu para que eu fosse até a sala dela, onde me comunicou que estava precisando aumentar a equipe para trabalhar na biblioteca e que tinha vaga para a função de auxiliar de biblioteca, também para contratação imediata, e que era uma promoção pela minha dedicação e por eu ter desenvolvido um bom trabalho, pois procurava ser proativa, sempre atenta em aprender todo o funcionamento da instituição, afinal, era o início de tudo.

Chegando lá, fui recebida pela bibliotecária Hebe e a coordenadora da biblioteca Norma, as duas trabalhavam na Biblioteca Pública Sandálio dos Santos, porém o mantenedor fez um convênio com o prefeito da época, para que a biblioteca da FAG se instalasse em um espaço da biblioteca pública até o primeiro prédio ficar pronto.

A Hebe e a Norma conduziam o trabalho com clareza. Explicaram todo o funcionamento da biblioteca, detalhando desde a carimbagem de livros até o controle do acervo bibliográfico, as etiquetas que facilitam a localização dos materiais nas estantes e todo o funcionamento da biblioteca. Confesso que fiquei apreensiva, até por que eu não tinha experiência nenhuma nessa área. Na época, havia trabalhado em várias funções, mas trabalhar em biblioteca realmente nunca tinha passado pela minha cabeça. Eu, a Cerly, a Doriania (Dori), a Raquel, a Dulci e a Andréia – do trabalho para a vida, cada uma seguiu seu caminho, porém mantemos contato até hoje

– éramos em seis, sem experiências em biblioteca, porém com muita vontade de aprender, e de fato tivemos uma ótima professora, a Norma.

A primeira visita do MEC a gente nunca esquece, vários processos para serem verificados, várias documentações da biblioteca e muitos livros, para que os dois primeiros cursos fossem autorizados. Aconteceu o primeiro vestibular, trabalhei como fiscal de sala, e ali tive o contato direto com os alunos. A instituição iniciou com apenas dois cursos, pedagogia e educação física. As aulas iniciaram em 1999, com várias salas de aula, cada uma com 70 alunos aprovados no vestibular. Iniciaram-se as aulas, e a procura dos materiais na biblioteca era grande, de alunos e professores. Era prazeroso manusear aqueles livros com cheirinho de novos. A alegria deles era a nossa em poder oferecer livros atualizados etc.

Naquele tempo, a minha função era organizar o acervo e auxiliar nas pesquisas. Era o começo de tudo. Lembro-me de que no início não tínhamos plataformas digitais, e as tecnologias ainda não faziam parte na biblioteca, a catalogação era feita manualmente, e as fichas catalográficas eram de papel, organizadas por ordem alfabética – benditas fichas catalográficas! Nelas que eram feitas as buscas por informações.

A Biblioteca da FAG ficava em uma sala dentro do prédio da biblioteca pública, além de atender os acadêmicos da FAG, tínhamos que atender os usuários da biblioteca pública, o que só contribuiu na minha trajetória. Até hoje temos essa política, a biblioteca é aberta à comunidade em geral, porém empréstimos somente para quem tem vínculo com a instituição.

A Norma era detalhista e perfeccionista, então eu não poderia ter tido melhores ensinamentos. Ela ensinou a forma correta de auxiliar os acadêmicos nas pesquisas e buscas pelos materiais e os processos técnicos, com paciência. Tem uma frase que sempre uso aqui para a minha equipe, que é: o aluno

nunca deve sair da biblioteca sem a pesquisa. Segundo Chia-venato (2021, p. 246),

[...] o acesso e o uso da informação constituem uma vantagem competitiva estratégica em um mundo extremamente competitivo. Contudo, não basta apenas um sistema de informação. É preciso que na outra ponta existam pessoas capazes de transformar rapidamente a informação em ações.

O primeiro prédio enfim ficou pronto, mas mesmo assim seria provisório. A Biblioteca da FAG funcionava no segundo andar do bloco 1 até o prédio da reitoria ficar pronto, onde funciona a biblioteca até hoje. Nesse andar em que a biblioteca foi instalada no bloco 1, ainda não tínhamos a sala de processos técnicos. Era um espaço pequeno, então o coordenador e a bibliotecária dividiam uma sala, porém já contávamos com sistemas informacionais, o que facilitou e melhorou nosso atendimento, pois os alunos tinham mais autonomia nas pesquisas e acesso aos materiais.

Enfim o prédio da reitoria finalmente ficou pronto. Eu estava ansiosa pelas mudanças que estavam por vir, e a expectativa era grande. A biblioteca ficou linda, com móveis planejados, espaços funcionais, sala de processos técnicos, sala da coordenação e um ambiente especialmente para a bibliotecária. A organização demandou trabalho, mas eu fazia com entusiasmo, pois não via a hora de organizar tudo e ver em funcionamento a biblioteca.

Muitas mudanças e inovações não se restringiam apenas à estrutura física, mas também tinham relação com conforto e benefícios, proporcionando um espaço eficiente e acolhedor para a comunidade acadêmica. A biblioteca se tornou um espaço de conhecimento, ensino e pesquisas cada vez mais diversificado. Em 2016, a instituição se tornou Centro Universitário. O crescimento foi significativo, com 5 blocos, 36 cursos de graduação presencial, 14 cursos na modalidade

EaD e 14 opções de pós-graduação. A biblioteca é um suporte importante para o aprendizado e a pesquisa, um local onde alunos e professores podem trocar ideias e desenvolver projetos.

O amor pelo trabalho na biblioteca foi aflorando cada vez mais. Eu já havia concluído uma graduação em recursos humanos e uma pós-graduação em MBA em gestão empresarial pelo Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz (FAG), mas sempre com aquela vontade de me aperfeiçoar nesse ambiente que ganhou meu coração.

Em 2015, inscrevi-me para cursar biblioteconomia na Universidade de Caxias do Sul (UCS). Se não me falha a memória, era a primeira instituição a ofertar o curso na modalidade EaD. Desde os primeiros materiais postados no AVA do curso e a cada disciplina, tive a certeza de que eu estava no caminho certo, unindo a experiência que eu já havia adquirido na prática e a oportunidade de aprender a teoria de uma profissão que ganhou meu coração e que pretendo me aperfeiçoar cada vez mais. Me sinto feliz e realizada.

Em 22 de dezembro de 2017, concluí o curso de bacharelado em biblioteconomia, e a colação de grau aconteceu no dia 09 de março de 2018. O amor pela profissão aumentava a cada dia. Tornei-me a bibliotecária da instituição, e as responsabilidades aumentam cada vez mais. Assumi também a biblioteca do Hospital São Lucas Center, do mesmo mantenedor, voltada para a área da saúde, com um vasto acervo disponível para os residentes, professores, acadêmicos e todos os profissionais da instituição. Ainda em 2018, o mantenedor adquiriu a Faculdade Sul Brasil (Fasul), que hoje é Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz, fica em Toledo, a 45 km de Cascavel. Assumi toda a parte de gestão das três bibliotecas.

Assim vou administrando as necessidades e particularidade de cada biblioteca. Tenho uma equipe competente, que

me auxilia e é proativa. Segundo Muchinski (2004, p. 276), “o trabalho da equipe requer que os membros interajam trocando informações, compartilhando recursos, coordenando-se e reagindo um ao outro na realização da tarefa do grupo”.

Hora de colocar em prática todos os ensinamentos adquiridos na graduação e aproveitar o conhecimento para aperfeiçoar todas as mudanças e fazer da biblioteca um espaço inspirador, onde o saber seja obtido e celebrado. Sou aquela bibliotecária que ama estar em contato com os usuários, se fazer presente e auxiliar alunos, professores e coordenadores nas pesquisas.

Entrevistas para aumentar a equipe, procura por profissionais capacitados com competências técnicas, treinamentos regulares para manter a equipe alinhada... assim tem sido feito. O time da biblioteca é proativo e eficaz, a minha comunicação enquanto gestora é clara e objetiva, com a ideia de que a confiança do gestor na equipe é fundamental para o sucesso do trabalho. Realizamos reuniões com frequência para abordarmos os prós e contras, os acontecimentos durante a semana etc. Percebo a importância da confiança, do empoderamento e da autonomia no planejamento e na distribuição de funções. Penso nas perspectivas de futuro das bibliotecas universitárias, especialmente em relação ao capital humano, pois “ganhar” a equipe é um dos trunfos do gestor da biblioteca, ponto positivo para manter o clima organizacional e a qualidade de serviços prestados, aspectos cruciais de uma gestão eficaz na biblioteconomia.

Há várias responsabilidades, como levantamentos bibliográficos regulares para identificar as necessidades dos usuários e as tendências para garantir que o acervo atenda as demandas e promova o desenvolvimento crítico da comunidade acadêmica. As cotações e os contratos de plataformas digitais, procuro fazer de forma rigorosa, priorizando as que oferecem custo-benefício e suporte técnico; na formalização do

contrato, verifico se há cláusulas que garantam atualizações e manutenções, assegurando acesso contínuo para os usuários.

A implementação de inovações em diversos aspectos da biblioteca deve ser um processo contínuo. Estamos sempre buscando novas tecnologias e aplicativos que aprimorem as buscas pelos materiais, garantindo que todos tenham acesso aos recursos. Segundo Milanese (1983, p. 65), “uma biblioteca está aberta não apenas para emprestar livros para aqueles que não dispõem de recursos para adquiri-los, mas para abrir ao infinito as possibilidades de acesso à informação”.

Quanto a salas de estudos para os usuários e acessibilidade, estamos sempre pensando no desenvolvimento e aprimoramento de competências técnicas, visando sempre à adaptação às necessidades dos usuários. Salas de estudos podem ser utilizadas em grupos ou de forma individual, sendo um ambiente acolhedor.

Houve muitas conquistas para a biblioteca, que evoluiu. Percebi que os alunos estão cada vez mais exigentes nesse quesito de atualizações e acessos tecnológicos. É neste contexto, em que a exigência de agilidade e precisão é questão fundamental para a capacidade competitiva, quando não a sobrevivência de uma empresa, que queremos compartilhar nossa visão e experiência sobre o impacto da tecnologia da informação na gestão de pessoas (Castro *et al.*, 2002).

Os sistemas automatizados e as demandas diversificadas tornam possível que os serviços e produtos atendam de forma eficaz e disponibilizem o compartilhamento das informações com rapidez. É um desafio acompanhar todos esses avanços tecnológicos, mas, lembrando como tudo começou, consigo visualizar uma transformação significativa dessa biblioteca universitária.

Nesta trajetória nem tudo foram flores. Quando faltavam seis meses para eu concluir os estudos, fui diagnosticada

com câncer de mama. Confesso que foi o maior desafio que vivi. O diagnóstico foi, sem dúvida, uma experiência difícil e transformadora, e, por ter conseguido conciliar tratamento, estudos e trabalho, descobri uma força que nem sabia que eu tinha. Eu me sentia bem desenvolvendo as atividades acadêmicas e minhas funções no trabalho. Estar envolvida nas atividades foi uma forma poderosa que encontrei para passar por essa batalha, sempre procurei agir naturalmente, mesmo em momentos de grande adversidade, e tudo isso contribuiu para a minha recuperação e bem-estar emocional.

Tive uma rede de apoio maravilhosa, que sempre me ajudou a enfrentar a jornada. Minha força de vontade e a fé em Deus sempre se fizeram presentes. Sou uma pessoa extremamente positiva.

Considerações finais

A minha trajetória profissional reflete no compromisso da formação de cidadãos pensantes, preparados para que tenham um futuro brilhante e promissor e desfrutem de todas as inovações e mudanças desse espaço inspirador.

A biblioteca trouxe vários pontos positivos, contribuindo para o ensino, a pesquisa e a extensão. Como mencionei no texto, atende a comunidade em geral, sendo um local onde podem explorar novas ideias e inovações, fortalecendo os laços sociais com a comunidade. Além disso, torna-se essencial para a educação e o desenvolvimento da comunidade acadêmica, preparando indivíduos conscientes e ativos. Todos os investimentos são valiosos, e certamente resultarão em frutos significativos para geração futuras.

Sigo aqui firme nesta trajetória, com o sentimento de gratidão a Deus pela minha cura. Depois do diagnóstico, tornei-me uma pessoa melhor em todos os aspectos, seja na minha vida pessoal ou na profissional. Todo esse processo foi transformador em minha vida, e não me importo de falar

sobre o período de tratamento, pois tudo que passei penso que pode servir de exemplo para muitas pessoas que enfrentam desafios semelhantes. Costumo falar que a fé, a esperança e a determinação são essenciais para seguirmos nesta jornada chamada vida.

Referências

CASTRO, A. P. *et al.* **Manual de gestão de pessoas em equipes**. São Paulo: Gente, 2002.

CHIAVENATO, I. **Comportamento organizacional**: a dinâmica do sucesso das organizações. 5. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2021.

GEORGE, E. **Mulheres que amaram a Deus**. São Paulo: United Press, 2001.

MILANESI, L. **O que é biblioteca**. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção Primeiros Passos).

MUCHINSKY, P. M. **Psicologia organizacional**. São Paulo: Saraiva, 2004.

Um novo olhar para as redes sociais na biblioteca universitária

Gigliola Casagrande

Introdução

“Se ao lado da biblioteca houver um jardim, nada faltará”. A frase do filósofo, político e advogado romano Cícero (106 a.C. e 43 a.C.) expressa a sensação de quem ama livros e natureza. Sentimento materializado no verde que emoldura a moderna estrutura da Biblioteca Univates, imponente no lugar mais alto do campus da gaúcha Universidade do Vale do Taquari (Figura 1). Nesse inspirador cenário, enquanto bibliotecária da instituição, apresento a experiência na produção de conteúdo para o perfil da biblioteca nas redes sociais, realizada desde julho de 2023, mas abordada aqui entre março de 2024 e junho de 2025, com especial foco a partir de julho. A atividade integra minhas responsabilidades, a exemplo do processamento técnico, serviço de referência, capacitações e normalização.

Figura 1 – Biblioteca Univates.



Fonte: Univates (2024).

A bibliotecária de hoje conta com a experiência da jornalista de outrora. Tendo como primeira graduação o jornalismo, pude agregar meu conhecimento ao ingressar na equipe responsável pelo perfil da biblioteca universitária (BU) nas redes sociais. Com uma dança das cadeiras, pude lançar um novo olhar às postagens, voltando-as à relevância do conteúdo – aos produtos, serviços e espaços da biblioteca, aos livros e e-books, às plataformas digitais e bases de dados, aos serviços de apoio à pesquisa, à cultura, entre outros – enaltecendo o compromisso da universidade com a geração e difusão do conhecimento técnico-científico e humanístico, em suas ações de ensino, pesquisa e extensão.

Essa é uma tarefa permanente, que tem o objetivo de evidenciar os produtos e serviços da biblioteca, incentivar a pesquisa, a ciência, a leitura e, por tabela, destacar os investimentos e a função social da universidade, por meio de canais que conversam com usuários imersos na tecnologia, muitos dos quais já natos digitais. E, de forma intrínseca, reafirmar a importância da própria biblioteca universitária, que, como afirmam Lück *et al.* (2000, p. 2), pode ser entendida como “a

instância que possibilita à universidade atender às necessidades de um grupo social ou da sociedade em geral, através da administração do seu patrimônio informacional e do exercício de uma função educativa, ao orientar os usuários no uso da informação”.

Ao suprir as necessidades e demandas de informações técnicas, científicas e literárias de ensino, pesquisa e extensão, a biblioteca universitária contribui para o processo de aprendizagem, em especial porque, em um mundo bombardeado por dados e seduzido pela inteligência artificial, é preciso saber pesquisar. Nesse aspecto, entra outro papel da BU, o letramento informacional, que, como explica Gasque (2012, p. 33), consiste “no engajamento do sujeito no processo de aprendizagem, a fim de desenvolver competências e habilidades necessárias para buscar e usar a informação de modo eficiente e eficaz”. Não é um mero copiar citações (com a referência, espero) ou parafrasear (quando muito) a resposta do sistema de IA: é preciso produzir conhecimento.

Expandindo seu papel de mera guarda de obras impressas ou disponibilização de espaços de estudo ou convivência, por mais em voga que estejam os *learning commons* e *coworking*, a biblioteca universitária exerce verdadeiramente sua função social, potencializada quando faz parte de uma instituição comunitária de ensino superior. Tal premissa exige ações mais alinhadas com os conceitos de marketing social e cultural, que versam sobre o uso de suas tradicionais ferramentas para viabilizar produtos e serviços culturais, associando causas sociais a uma empresa ou marca, com foco no posicionamento institucional e benefícios à sociedade (Machado Neto, 2004).

Ao apresentar esses importantes aspectos, que agora norteiam a produção de conteúdo das redes sociais da Biblioteca Univates, e um pouco do que foi postado nos últimos 15 meses, sobretudo entre julho de 2024 e junho de 2025, espero contribuir, com outros bibliotecários, nesta nem sempre sim-

ples forma de comunicação, que disputa espaço com *influencers* e dancinhas, permeada por *trends*, cliques e visualizações.

Entre palavras, sons e imagens

Antes de rolar o *feed*, apresento brevemente a Universidade do Vale do Taquari. A Univates é uma instituição comunitária de ensino superior localizada em Lajeado (RS), cidade de 96.651 habitantes. Tem 56 anos de dedicação ao conhecimento e ao crescimento, em especial da região de 36 municípios, que abrange mais de 383 mil habitantes, segundo estimativas de 2024 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Oferece 45 cursos de graduação presencial, 18 de graduação a distância (bacharelado, licenciatura e superiores de tecnologia), 24 técnicos, 40 de pós-graduação (especialização, mestrado e doutorado), além de diversos cursos de educação continuada. Tem sua atuação pautada pelos princípios da pluralidade, natureza comunitária, responsabilidade social, sustentabilidade financeira, excelência acadêmica e transparência.

A Biblioteca Univates mantém perfis no Instagram e Facebook (@bibliotecaunivates), com produção de conteúdo focada no primeiro e publicação automática no segundo. Outras plataformas digitais, como LinkedIn, YouTube e TikTok, não são nosso foco, sobretudo pela escassez de recursos humanos: somos uma colega auxiliar acadêmica e eu, ambas envolvidas também em outras atividades. Os formatos hoje consistem em *cards* para o *feed* e *stories*, incluindo *reels*, em texto, imagem e vídeo. Ainda repostamos publicações institucionais do perfil da universidade e fazemos *collab* com o Teatro Univates, que, com a biblioteca, integra o Centro Cultural Univates. Ao criar, colaborar ou repostar qualquer informação, tenho como bandeira os princípios da casa e o Guia de Gerenciamento das Redes da instituição. O público-alvo são os alunos e professores da graduação, pós-graduação e cursos técnicos.

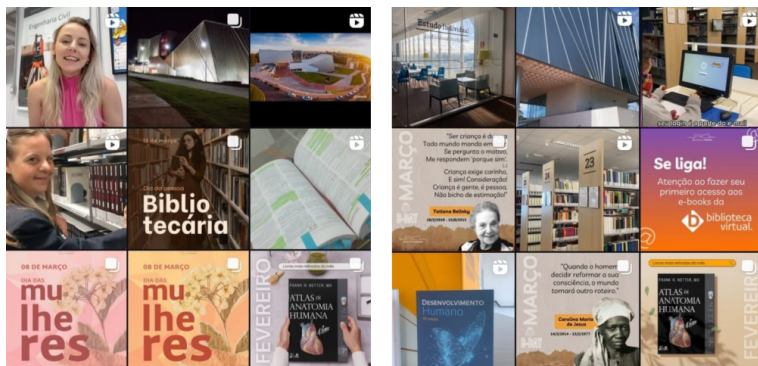
Pé no freio

Acostumada à instantaneidade e ao ritmo frenético do jornalismo, o número e o foco das postagens me intrigaram, ao começar a contribuir com a produção de conteúdo para as redes sociais da biblioteca, em julho de 2023. A equipe era então composta pela bibliotecária que já atuava na instituição e por uma auxiliar acadêmica sem formação na área. Na minha avaliação, a BU deveria ter um perfil mais presente. Com a saída da colega de profissão, em março de 2024, iniciei, aos poucos, a mudança no foco da comunicação, efetivada, de fato, com uma segunda alteração na equipe, quatro meses depois. A dupla agora formada com Laís de Siqueira (outra auxiliar acadêmica, aluna da casa e usuária da BU) ainda me permitiu continuar aprendendo – ninguém melhor para explorar as funcionalidades do CapCut, escolher o melhor vídeo para o *reels* ou mudar a grade do *feed* do que alguém da Geração Z. Na prática, somos nós duas, cada qual com seu celular, ideias na cabeça e uma equipe de colegas disposta a fazer parte das fotos e vídeos – sem dancinha, claro.

Memórias ou tempo de #TBT

A questão aqui não é contar tudo o que foi publicado, mas apresentar algumas ideias que possam inspirar outras bibliotecas. Entretanto, apenas para ilustrar a mudança de foco e maior presença nas plataformas digitais, vou comparar as postagens de março de 2024 e 2025. A Figura 2 ilustra o *feed* dos dois meses, com mesmo número de postagens e aparentemente sem muita diferença, mas ambos sem representar a totalidade das publicações, pois os *stories*, por exemplo, são temporários e têm visualização em outra parte do perfil.

Figura 2 – *Feed* do perfil de março de 2024 e de março de 2025.



Fonte: reprodução do Instagram @bibliotecaunivates.

Em março de 2024, foram 20 publicações, assim caracterizadas: 4 sobre serviços, 3 sobre datas comemorativas, 5 institucionais, 2 sobre livros (físicos ou digitais), 2 de dicas da biblioteca, 2 memes, 1 sobre bases de dados e plataformas digitais, 1 sobre treinamentos. Destas, 9 foram para o *feed*: 3 sobre datas comemorativas, 2 sobre livros (físicos ou digitais), 1 de dicas da biblioteca (conservação do acervo) e 3 institucionais (1 própria e 2 *collabs*). Este e os demais levantamentos desconsideram os *stories* de publicações de avisos (como feriados e empréstimo prolongado), de visitas e capacitações, além daquelas em que o perfil da biblioteca é simplesmente marcado.

Já em março de 2025, com um novo olhar, constaram 39 publicações, sendo 10 sobre livros (físicos ou digitais), 7 sobre treinamentos, 6 sobre bases de dados e plataformas digitais, 4 sobre datas comemorativas, 4 sobre serviços, 3 culturais, 2 institucionais, 1 de dicas da biblioteca e 1 meme. Destas, 9 estão no *feed*: 3 sobre livros (físicos ou digitais), 2 culturais, 1 sobre datas comemorativas, 1 sobre bases de dados e plataformas digitais, 1 sobre serviços e 1 de regras e dicas da

biblioteca (*login* nos computadores do centro do acervo). Percebe-se, portanto, que passei a valorizar nosso acervo, informar sobre plataformas digitais, bases de dados e treinamentos, além de ampliar o número de postagens e de acrescentar um viés cultural em algumas delas.

Planejamento e celular a postos

Tudo começa com um calendário mensal, em planilha do Google, compartilhado com a colega Laís, onde registro primeiro as datas institucionais ou comemorativas relevantes, dias de treinamentos e capacitações. Busco colocar, no máximo, duas postagens no *feed* por semana. Assim, distribuo pelo mês os *cards*, *reels* ou *stories* sobre produtos e serviços, incluindo espaços e dicas da biblioteca, orientações para pesquisa e normalização, plataformas digitais e bases de dados, entre outros. Na medida do possível, repostagens de publicações anteriores já ficam programadas para os *stories*.

O calendário tem outra vantagem: com a produção de igual mês do ano anterior arquivada, sempre avalio o que foi feito, tanto para manter a linha do que deu certo quanto para alterar o rumo do que não atingiu o esperado. Mantenho uma listagem de publicações fixas por época do ano letivo. Exemplo: nas primeiras semanas, dicas para os calouros sobre regras, produtos e serviços; no final do semestre, lembretes sobre *templates* e normalização. E, no mesmo arquivo, um banco de ideias – inspirações para, um dia, tirar do papel. O planejamento e a produção são feitos a quatro mãos. A Laís capta as imagens e edita os vídeos, eu ajudo com fotografias. Escrevo e reviso os textos, ela posta e programa. Por vezes, estamos à frente da câmera. Na prática, dividimos as tarefas e as inspirações.

Ideias, posts e trends

Começo com o que, de imediato, atrai quem está na rede: as *trends*, os virais, o que está em alta no momento. Para descontrair, a biblioteca entra na onda, mas surfa com propósito: aproveita a ideia, porém foca em informação. Exemplo: dicas de livros com as emoções de *Divertida Mente 2*, em 5 de julho de 2024 (Figura 3).

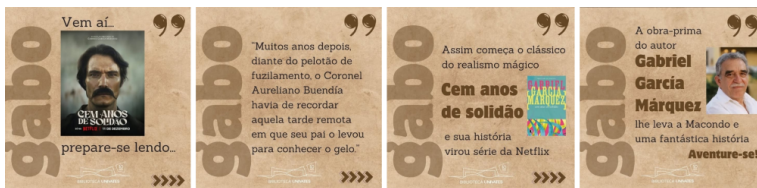
Figura 3 – Post inspirado no filme *Divertida Mente 2*.



Fonte: reprodução do Instagram @bibliotecaunivates.

A postagem original sugere oito obras, reproduzi apenas três dos títulos com as emoções do filme. Destaco ainda a indicação de (re)leitura de *Cem anos de solidão*, em 11 de outubro de 2024, no anúncio da série no *streaming* (Figura 4). São formas de falar de literatura (técnica ou não) que vão além da divulgação de renovação do acervo.

Figura 4 – Post inspirado no anúncio da série *Cem anos de solidão*.



Fonte: reprodução do Instagram @bibliotecaunivates.

As sugestões de *e-books* são publicações recorrentes, com novidades das plataformas Minha Biblioteca e Biblioteca Vir-

tual Pearson, no formato de *story*. Também marco a passagem de datas comemorativas ou fatos históricos importantes com indicação de obras. Exemplo: livros sobre o Dia Nacional de Discriminação Racial ou os 80 anos da vitória dos aliados na Europa. Já a simples lembrança de uma data, como o Dia do Engenheiro Civil, vira *story*, dentro da relação dos cursos oferecidos pela instituição. Fiz essa alteração para evitar que o *feed* se tornasse um festival de datas aleatórias. Como nem só de livros e *e-books* vive uma biblioteca, aproveito os memes para dar dicas com humor, a exemplo de como pedir ajuda para encontrar uma obra, empréstimos de equipamentos e normalização (Figura 5).

Figura 5 – Seleção de memes para lembretes aos usuários.



Fonte: reprodução do Instagram @bibliotecaunivates.

Postagens sobre a pesquisa integrada destacam o serviço que permite a busca de diferentes materiais de forma única – acervo físico, *e-books*, periódicos, bases de dados e repositório institucional, disponível em www.univates.br/biblioteca. Essa divulgação, assim como de plataformas digitais e bases de dados, é fundamental para capacitar os acadêmicos. Além da Minha Biblioteca e da Biblioteca Virtual Pearson, de *e-books*, eles contam com a UpToDate e a Dynamed Plus, de informações médicas baseadas em evidências; a jurídica RT online; a EBSCOhost, voltada à pós-graduação; e o Portal de Periódicos Capes; sem contar as gratuitas, como Scielo, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e Biblioteca Virtual

da Saúde (BVS). Ao abordar as plataformas e as bases, destaco as ferramentas e os recursos de pesquisa, como mostra a Figura 6, que detalha MB, BV e EBSCOhost.

Figura 6 – *Cards* sobre pesquisa em plataformas e bases de dados.

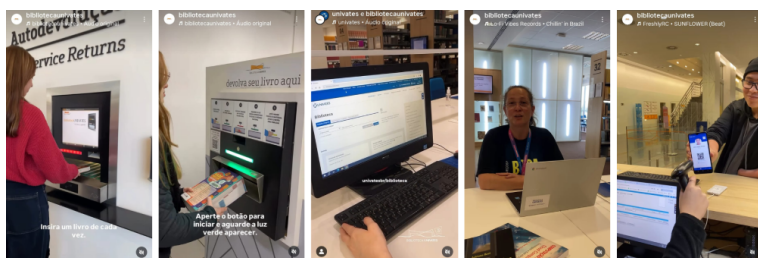


Fonte: reprodução do Instagram @bibliotecaunivates.

Já nos *stories*, aposto nas publicações para alertar os estudantes sobre a próxima data de capacitações e treinamentos da biblioteca e de bases de dados e plataformas, com QR Code para inscrição, e as novidades da UpToDate, RT online, Portal da Capes e Pressreader, por exemplo.

Igualmente merecem destaque os serviços, produtos e espaços da biblioteca, além dos tutoriais disponíveis no site. Considerada uma das mais tecnológicas bibliotecas da América Latina, conta com automatização que facilita atividades operacionais, como a circulação, com tecnologia de radiofrequência, o acesso ao sistema com QR Code, o autoempréstimo e a autodevolução. Na biblioteca das coisas, os acadêmicos podem retirar chromebooks, notebooks, tablets, calculadoras, mouses e fones de ouvido. Essas informações fazem parte das dicas da biblioteca, postadas especialmente no início do semestre, para instruir os calouros, como exemplifica a Figura 7.

Figura 7 – *Reels* sobre tecnologia, pesquisa e equipamentos.



Fonte: reprodução do Instagram @bibliotecaunivates.

Também é importante ressaltar aos usuários os espaços e as regras da biblioteca, acessíveis à comunidade, inclusive. Ambientes de acervo, salas de estudo individual e coletivo, *lounges* e laboratório de informática estão divididos em cinco andares, inclusive para *coworking*. As acomodações e o conforto térmico e acústico tornam o local perfeito para dedicar-se à leitura e ao estudo.

Para finalizar esses exemplos de postagens, pontuo ainda três observações: o aspecto cultural das publicações, que expresso com o destaque dado a manifestações como as ideias da professora negra, de obras de autores indígenas, de títulos que multiplicam nossas raízes à simples distinção de frases marcantes de autores de diferentes épocas, de opiniões distintas; a possibilidade de, com o conhecimento da formação anterior em jornalismo, poder imprimir uma leveza maior às publicações, sem perder a clareza e a correção do texto; e a participação da comunidade acadêmica na produção de diferentes publicações. Professores, alunos e funcionários da casa estrelam *cards* e *reels* sobre temáticas variadas, a convite da biblioteca. Assim, o envolvimento com as redes sociais não fica apenas no virtual.

Considerações finais

A oportunidade de voltar o olhar das redes sociais da biblioteca à comunidade acadêmica e reforçar sua presença digital com conteúdo relevante foi significativa para mim, enquanto bibliotecária da Univates. Com a adaptação da linguagem, levei informações importantes de uma maneira visual e leve, sem perder a legitimidade, valendo-se até mesmo do humor, no embalo de algumas *trends*. Em parceria com a colega Laís, informei a respeito da atualização de acervos, do uso de plataformas digitais e bases de dados, de treinamentos e capacitações, dos serviços oferecidos e da estrutura da biblioteca, utilizando os perfis como canal permanente de comunicação. Os objetivos dessa BU são a comunicação e orientação, a formação e letramento informacional de usuários e a divulgação dos serviços e estrutura de que dispõe a comunidade acadêmica. Além de, sempre que possível, indicar e estimular a leitura, seja de obras físicas ou digitais.

Essa experiência me oportunizou mesclar conhecimentos da profissão anterior com os desta, em que estreei há dois anos, na própria Biblioteca Univates. Me permitiu atuar nas redes com legitimidade, enquanto aprendia, na prática, a ser bibliotecária. As lições continuam, pois se trata de uma atividade constante, com um ritmo diferente e objetivos diversos, mas igualmente desafiadora.

Afinal, é primordial contribuir para a descoberta e utilização eficiente dos produtos, serviços e espaços da biblioteca, para potencializar o uso da estrutura e das ferramentas disponibilizadas pela universidade. Não é jogada de marketing em si, mas um posicionamento estratégico para a biblioteca manter sua importância no papel de facilitadora do letramento informacional e da produção do conhecimento científico, além de, ao final, evitar perder seu espaço e transformar-se apenas em bela arquitetura, emoldurada pelo verde, mantendo

a relevância idealizada pelo pensamento do filósofo romano, milênios atrás.

Referências



GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. **Letramento informacional:** pesquisa, reflexão e aprendizagem. Brasília: FCI/UnB, 2012. *E-book*. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/278784833_Letramento_informacional_pesquisa_reflexao_e_aprendizagem. Acesso em: 9 jul. 2025.

LÜCK, Esther Hermes *et al.* A biblioteca universitária e as diretrizes curriculares do ensino de Graduação. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 11, 2000, Florianópolis. **Anais** [...] Florianópolis: UFSC, 2000. Disponível em: <http://snbu.bvs.br/snbu2000/docs/pt/doc/t024.doc> Acesso em: 10 jul. 2025.

MACHADO NETO, Manoel Marcondes. Marketing para as artes: a evolução do conceito de marketing cultural e a importância desse campo de atuação para o profissional de Relações Públicas. **Organicom**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 119-125, jan./jun. 2004. Disponível em: <https://revistas.usp.br/organicom/article/view/139994>. Acesso em: 11 jul. 2025.

UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI (UNIVATES). Institucional. **Univates**, 2024. Disponível em: <https://www.univates.br/institucional>. Acesso em: 8 jul. 2025.

Análise de similaridade textual em trabalhos acadêmicos: relato de experiência na biblioteca do Instituto de Biologia da Unicamp

Gilberto Martins Vicentin

Introdução

O plágio acadêmico representa uma violação ética e legal, sendo considerado crime no Brasil, segundo a Lei de Direitos Autorais (Lei nº 9.610/98). Consiste no ato de utilizar ideias, frases ou trechos de obras de terceiros sem o devido crédito, como se fossem de autoria própria. Tal prática compromete a credibilidade da produção científica e a reputação das instituições de ensino e de pesquisa.

Diante dessa preocupação, universidades de prestígio do mundo todo, como a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), adotaram políticas claras para prevenção e detecção de plágio.

Uma das iniciativas adotadas pelas universidades no combate ao plágio acadêmico consiste na revisão dos trabalhos por meio de ferramentas de detecção de similaridade textual, como o Turnitin. Essa prática surgiu como uma resposta institucional à necessidade de fortalecer a cultura da integridade acadêmica e promover a ética na pesquisa. As instituições de ensino superior reconhecem que a prevenção de más condutas acadêmicas, entre elas o plágio, constitui uma prática consolidada em universidades e centros de pesquisa de excelência em âmbito internacional (Suzigan; Garcia; Massaro,

2021) temos observado uma crescente inquietação com a má conduta acadêmica (academic misconducting).

Nesse sentido, a adoção desse procedimento alinha-se às melhores práticas internacionais, que priorizam a formação ética dos estudantes, a qualidade da produção científica e a credibilidade institucional. A verificação de similaridade passou, então, a ser um instrumento pedagógico e preventivo, integrado às ações de apoio acadêmico, com o objetivo de orientar a comunidade universitária no desenvolvimento de textos alinhados aos princípios de honestidade acadêmica e rigor científico.

Nesse contexto, a Universidade Estadual de Campinas consolidou diretrizes específicas para regulamentar essa prática de forma institucional e padronizada.

A Comissão Central de Pós-Graduação (CCPG) da Unicamp publicou, em dezembro de 2021, a Instrução Normativa nº 3, que torna obrigatória a verificação de originalidade textual de todos os trabalhos finais de cursos de graduação e pós-graduação, incluindo dissertações, teses e TCCs. Para isso, a universidade disponibiliza o uso do software Turnitin (Feedback Studio™), reconhecido mundialmente por sua eficácia na identificação de similaridades textuais (Turnitin, [2024]).

Art. 1º – Torna-se obrigatória a apresentação à Comissão de Pós-Graduação-CPG (ou à CPPG) da Unidade de Ensino e Pesquisa do Relatório de Verificação de Escrita Original, gerado por um software de verificação de similaridade textual e plágio disponibilizado pelo Sistema de Bibliotecas da UNICAMP-SBU, para a realização de análise prévia à autorização para a defesa dos trabalhos de dissertações, de teses e de TCCs de cursos lato sensu e residências dos alunos (Universidade Estadual de Campinas, 2021).

A recepção do Instituto de Biologia (IB) e dos docentes em relação a essa demanda foi bastante positiva. Uma vez que essa iniciativa contribui diretamente para fortalecer a integri-

dade na pesquisa acadêmica e elevar a qualidade dos trabalhos desenvolvidos no Instituto. Entretanto, havia a preocupação de os docentes serem responsáveis por mais essa atividade, o que exigiria treinamento para uso da ferramenta.

Para atender essa exigência da universidade, o coordenador de pós-graduação do IB procurou a coordenadora da Biblioteca do IB a fim de discutir a nova demanda. Na ocasião, foi sugerido pela coordenadora que a biblioteca assumisse a responsabilidade por essa atividade, considerando que a equipe já estava familiarizada com a utilização do Turnitin e com os procedimentos de normalização de trabalhos acadêmicos. Além disso, em outra unidade esse serviço já existia e pôde servir de modelo. A Biblioteca do IB, então, apresentou a esse coordenador e à direção do instituto os procedimentos/fluxos já existentes para análise/concordância ou possível alteração.

A direção do instituto fez uma sugestão de alteração referente à análise que a biblioteca deveria realizar, e assim os procedimentos sugeridos foram aprovados em reunião da Comissão de Pós-Graduação (CPG) do IB. Dessa reunião, deu-se origem à Instrução Normativa CPG/IB nº 03, com todas as instruções para os alunos.

Em janeiro de 2022, todas as dissertações e teses do IB começaram a passar pelos procedimentos necessários, conforme acordado com a direção do instituto e o coordenador de pós-graduação.

De acordo com a Instrução Normativa CPG/IB nº 03, cabe ao orientador ou aluno submeter o trabalho para análise de plágio à equipe da biblioteca, sendo que as solicitações encaminhadas pelo aluno deverão, obrigatoriamente, ser autorizadas pelo seu orientador (Universidade Estadual de Campinas, 2024).

Como dito, no IB a verificação de similaridade textual é realizada pela biblioteca, sendo esta responsável por analisar os relatórios gerados e emitir parecer técnico. Desde setembro de 2024, sou responsável por essa atividade. Este relato de experiência descreve as etapas envolvidas no processo, os desafios enfrentados e as contribuições da prática para a biblioteca e os alunos, além da minha atuação profissional.

Sobre a biblioteca

A Biblioteca do Instituto de Biologia (BIBLIB) é uma das 30 bibliotecas setoriais da universidade e faz parte do Sistema de Bibliotecas da Unicamp (SBU). Seu espaço físico de 1.591 m² contempla salas de estudo individuais e em grupo, além de área equipada com computadores conectados à internet e às bases de dados da instituição.

A equipe é composta por três bibliotecários (coordenadora de serviços, bibliotecária de processamento técnico e bibliotecário de referência) e três técnicos de apoio. A equipe atua em regime de atendimento ininterrupto, das 7h30 às 22h30.

A BIBLIB oferece serviços de apoio à pesquisa, ensino e extensão e busca promover o acesso à informação científica e tecnológica. Além disso, mantém canais digitais de comunicação com seus usuários, incluindo site institucional (<https://www.ib.unicamp.br/biblioteca>) e perfil na rede social Instagram (@biblioteca.ib.unicamp), que são utilizados para divulgar serviços, treinamentos, campanhas de conscientização e eventos acadêmicos.

Fluxo de verificação de similaridade no IB

No Instituto de Biologia, todos os trabalhos de mestrado e doutorado passam por duas etapas obrigatórias de verificação de similaridade: a primeira antes da defesa, e a segunda após a defesa e antes da homologação do título. Essa segunda

verificação busca garantir que eventuais alterações realizadas após a arguição – incluindo as sugestões feitas pela banca – não aumentem o índice de similaridade acima do limite permitido de 24%.

O fluxo de análise inicia-se quando o aluno realiza o *upload* do trabalho final, preferencialmente em formato .doc, na *intranet* do IB. O orientador então acessa a plataforma para revisar e aprovar o documento. Uma vez aprovado, o trabalho recebe o *status* “em análise pela biblioteca”. Nesse momento, a biblioteca faz o *download* do arquivo e procede à edição para a submissão ao Turnitin: são excluídas partes pré-textuais como sumário, agradecimentos, listas, bem como as referências. O objetivo é avaliar apenas o conteúdo acadêmico principal.

O Turnitin realiza uma varredura minuciosa do conteúdo submetido, comparando-o com múltiplas bases de dados de escopo mundial. Essas bases são organizadas em três grandes categorias.

- ✕ **Pesquisa na internet:** engloba o conteúdo atual disponível em sites abertos e publicamente acessíveis na internet. Isso inclui páginas institucionais, blogs, documentos acadêmicos publicados online, manuais, relatórios e outras fontes públicas de informação. Além disso, essa base contém cópias arquivadas de conteúdos que não estão mais disponíveis na web, mas que foram previamente indexados e armazenados pelo sistema do Turnitin. Essa característica é especialmente importante, pois permite detectar plágio mesmo quando a fonte original já foi retirada do ar.
- ✕ **Pesquisa documentos de alunos:** abrange um vasto repositório composto por milhões de trabalhos previamente submetidos ao Turnitin por estudantes de instituições de ensino do mundo inteiro. Essa base é uma das mais importantes para identificar autoplágio

(reutilização de trechos de outros trabalhos do próprio autor) e para detectar similaridades com trabalhos acadêmicos de colegas ou de alunos de outras universidades. O sistema protege a identidade dos autores desses documentos, mantendo o sigilo e a integridade das submissões anteriores.

✧ **Pesquisa jornais, periódicos acadêmicos e publicações:** contém materiais indexados em bancos de dados comerciais licenciados pelo Turnitin. São incluídos artigos científicos, livros, capítulos de obras coletivas, publicações de editoras acadêmicas, revistas técnicas, jornais e boletins informativos. Essa base é fundamental para a detecção de trechos extraídos de fontes consagradas da literatura científica, com ou sem citação apropriada (Turnitin, 2024).

A combinação dessas três fontes oferece uma ampla cobertura que permite detectar desde casos de cópia literal até omissão de referências. O relatório de similaridade gerado pelo sistema indica, em destaque colorido, os trechos que coincidem com essas fontes, além de atribuir um percentual de similaridade geral e listar as origens identificadas.

O sistema gera um relatório em que os trechos semelhantes são destacados com cores e acompanhados das fontes identificadas. A partir da leitura crítica desse relatório, é feita uma avaliação qualitativa das ocorrências encontradas.

Adicionalmente, o Turnitin também passou a oferecer, em sua versão atual, a funcionalidade de detecção de possíveis trechos gerados por inteligência artificial (IA), desde que o texto esteja redigido em inglês ou espanhol. No Instituto de Biologia, essa situação ocorre eventualmente e, quando o sistema indica uma possível geração por IA igual ou superior a 20%, um relatório específico é emitido.

Apesar de a universidade ainda não dispor de uma normativa que regule ou proíba expressamente o uso de ferramentas de inteligência artificial, nesses casos a biblioteca entra em contato com o aluno por e-mail – com cópia para o orientador – encaminhando o relatório gerado e perguntando se desejam manter o texto como está ou se preferem realizar modificações.

Na grande maioria dos casos, os alunos optam por ajustar os textos. Essa comunicação também serve como um instrumento para manter os orientadores informados sobre o uso de IA, o que não necessariamente implica má fé por parte do discente. Muitas vezes, o uso é ético e contextualizado, como, por exemplo, para tradução ou correção de grafia em idiomas nos quais o aluno não possui total domínio.

Entendendo o limite de similaridade

O limite de 24% de similaridade no Turnitin não é um padrão oficial ou científico, mas se consolidou como uma referência prática adotada por muitas instituições acadêmicas. Esse percentual surge, principalmente, como uma margem de segurança que considera a presença natural de trechos padronizados em trabalhos acadêmicos, como citações diretas, referências, metodologias, fórmulas e nomenclaturas técnicas, que inevitavelmente geram algum nível de similaridade. Assim, índices até 24% costumam ser considerados aceitáveis, uma vez que refletem a presença desses elementos formais sem, necessariamente, indicarem plágio. Além disso, esse valor funciona como um critério de segurança, adotado com base na experiência de que, acima desse patamar, há maior risco de que o texto contenha trechos excessivamente baseados em materiais de terceiros, ainda que nem sempre caracterize cópia indevida. Importante destacar que o índice numérico de similaridade, isoladamente, não permite concluir se há ou não plágio, pois o Turnitin apenas identifica coincidências

textuais, sem avaliar se há apropriação indevida de conteúdo (Turnitin, 2025a). Dessa forma, um relatório com 30% de similaridade pode estar completamente correto, se todos os trechos estiverem devidamente citados, da mesma forma que um relatório com apenas 10% pode conter plágio, caso haja um parágrafo copiado sem citação. Portanto, o percentual é apenas um indicativo e sempre deve ser acompanhado de uma análise qualitativa dos trechos identificados.

O limite de 24%, portanto, se consolidou muito mais como uma construção social e acadêmica, adotada a partir da prática e da experiência institucional, do que como uma regra técnica universal. Trata-se de uma tentativa de equilibrar a presença natural de semelhanças textuais, inerentes aos trabalhos acadêmicos, com a exigência de produção textual autoral e original (Turnitin, 2025b).

Critérios de avaliação e pareceres

A Comissão de Pós-Graduação do IB adota como limite máximo o índice de 24% de similaridade. Trabalhos que ultrapassam esse percentual não podem ser encaminhados para defesa nem homologação, sendo obrigatória a revisão e adequação pelo aluno.

Nos casos de ocorrência acima de 24%, a biblioteca envia, por e-mail, o relatório de similaridade para o aluno e o orientador com recomendações sobre como revisar o texto. Indica-se reescrever os trechos mais extensos com palavras próprias e verificar a correção das citações. O aluno, por sua vez, retorna o documento, via e-mail, para uma nova verificação. Esse fluxo é repedido até que o resultado fique igual ou abaixo de 24% de similaridade.

Já nos casos em que a similaridade está igual ou abaixo de 24%, para elaboração do parecer, realiza-se uma análise detalhada para verificar se os trechos semelhantes estão

adequadamente citados ou se são inevitáveis (como frases padronizadas do discurso científico).

O parecer emitido pela biblioteca é um documento formal, necessário para dar seguimento ao processo de defesa ou homologação. Acho importante destacar que a biblioteca em hipótese nenhuma analisa ou opina sobre o conteúdo dos trabalhos acadêmicos, limitando-se exclusivamente à verificação e orientação quanto à normalização técnica, especialmente no que se refere à formatação de citações e referências conforme as normas vigentes. Caso seja necessário realizar qualquer alteração no conteúdo propriamente dito, como ajustes conceituais, redação ou discussão dos resultados, o aluno deve obrigatoriamente tratar essas questões diretamente com seu orientador.

O parecer emitido pela biblioteca pode incluir observações como:

1. trechos com autores não citados;
2. autoplágio (reutilização de material do próprio autor sem menção);
3. trechos comuns da metodologia científica que não configuram plágio;
4. sugestões de reescrita ou uso de aspas em citações diretas.

Detecção de alta similaridade: um exemplo de caso



Em determinado momento, durante a primeira verificação obrigatória de similaridade de uma dissertação de mestrado no Instituto de Biologia, o sistema Turnitin apontou um índice de similaridade de 38%, acima do limite permitido de 24%. Ao analisar o relatório detalhado, constatou-se que grande parte das coincidências vinha de trechos de revisão

bibliográfica extraídos quase integralmente de artigos disponíveis em acesso aberto e de dissertações anteriores.

O orientador e o discente foram imediatamente comunicados sobre o resultado. O estudante explicou que, por se tratar de conceitos fundamentais e amplamente divulgados na área, acreditava que bastava referenciar as fontes. Contudo, verificou-se que a redação era demasiadamente próxima dos textos originais, caracterizando uso extensivo de paráfrases superficiais e algumas citações diretas não identificadas com aspas.

Para resolver, o discente precisou reescrever essas seções com maior elaboração própria, explicitar corretamente as citações diretas e reduzir as sobreposições textuais. Após a revisão, o trabalho foi submetido novamente ao Turnitin e obteve um índice de 14%, ficando dentro do limite aceito pelo instituto.

Esse caso reforçou a importância de orientar os alunos sobre boas práticas de redação acadêmica e uso ético das fontes.

Resultados, desafios e contribuições

As demandas por verificação de similaridade são constantes ao longo de todo o ano, refletindo tanto os prazos variados dos cursos de pós-graduação quanto a possibilidade de cada docente estabelecer cronogramas próprios de acompanhamento. Entre os principais desafios está a comunicação com os orientadores e alunos, sobretudo para esclarecer que o percentual de similaridade não equivale diretamente a plágio. Aliás, o próprio Turnitin afirma que não detecta o plágio em si, mas sim similaridades textuais. A interpretação das similaridades encontradas por um agente humano é que vai fazer a verificação qualitativa. É necessário interpretar com atenção os relatórios e orientar os usuários quanto ao uso correto de citações e à necessidade de reescrita.

Outro desafio é o acompanhamento contínuo das instruções normativas da universidade e do funcionamento da ferramenta Turnitin, que passa por atualizações e mudanças periódicas. O controle de versões dos trabalhos, o registro das análises e a elaboração dos pareceres exigem organização e conhecimento técnico, além de habilidades comunicativas.

Apesar dos desafios, a atividade tem trazido resultados positivos para a biblioteca: fortalecemos o vínculo com a pós-graduação, ganhamos reconhecimento institucional e colaboramos diretamente para a formação ética dos discentes. A análise de originalidade tornou-se uma das funções mais estratégicas da biblioteca e contribui para garantir a credibilidade das pesquisas produzidas no Instituto de Biologia.

Contribuições profissionais e pessoais

Profissionalmente, essa tarefa ampliou minha atuação como bibliotecário de referência, pois exige domínio técnico, atenção aos detalhes e comunicação clara com os usuários. Também fortaleceu meu papel como mediador da informação ética e da integridade científica.

No aspecto pessoal, o envolvimento com essa atividade me trouxe senso de responsabilidade e motivação para aprofundar meus conhecimentos em ética da informação, plágio e produção científica. Trata-se de uma função que me desafia e, ao mesmo tempo, reforça a importância do trabalho bibliotecário na estrutura acadêmica. Por fim, considero que todo o aprendizado adquirido fortaleceu meu compromisso com a qualidade dos serviços bibliotecários e com a missão social da biblioteca como espaço de orientação e promoção da integridade acadêmica.

Referências

BRASIL. **Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.** Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências.

Diário Oficial da União, seção 1, Brasília, DF, 20 fev. 1998. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19610.htm. Acesso em: 12 jun. 2025.

SUZIGAN, Wilson; GARCIA, Renato; MASSARO, Tatiana. Boas Práticas em Pesquisa e a prevenção da má conduta acadêmica. **Revista Brasileira de Inovação**, Campinas, SP, v. 20, p. e021004, 2021. DOI: 10.20396/rbi.v20i00.8664102. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rbi/article/view/8664102>. Acesso em: 3 jul. 2025.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP). **Instrução Normativa CCPG Nº 3/2021**. Campinas: Comissão Central de Pós-Graduação, 2021. Disponível em: https://www.prpg.unicamp.br/wp-content/uploads/sites/10/2021/08/ccpg_in_2021_003_20210811.pdf. Acesso em: 15 out. 2024.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP). **Instrução Normativa CPG/IB nº 03. 24 abr. 2024**. Campinas: Instituto de Biologia, 2024. Disponível em: https://www.ib.unicamp.br/pos/system/files/2024-08/INSTRU%C3%87%C3%83O%20NORMATIVA%20CPG%20IB%2003.2024.docx_1.pdf

TURNITIN. Feedback Studio. **Turnitin**, [2024]. Disponível em: <https://www.turnitin.com.br/products/feedback-studio/>. Acesso em: 15 out. 2024.

TURNITIN. Achieving Academic Integrity. **Turnitin**, [2025a]. Disponível em: <https://www.turnitin.com/solutions/academic-integrity/achieving-academic-integrity>. Acesso em: 2 jul. 2025.

TURNITIN. Compreensão da pontuação de similaridade. **Turnitin**, [2025b]. Disponível em: <https://guides.turnitin.com/hc/pt-br/articles/23435833938701-Compreens%C3%A3o-da-Pontua%C3%A7%C3%A3o-de-similaridade>. Acesso em: 2 jul. 2025.

A experiência leva à boa administração: o caso da Biblioteca Raymundo Macêdo

Isaías Lopes dos Santos

Introdução

O ingresso em um curso de biblioteconomia pelo estudante é sempre acompanhado de muitas expectativas, pois se espera obter uma ótima capacitação para administrar uma biblioteca. O iniciante acadêmico deduz que o curso dará todo o conhecimento necessário para ser um ótimo administrador de uma unidade de informação. Contudo, quando se insere no campo de trabalho, após sua formação, logo percebe que o profissional bibliotecário precisa de muito mais do que conhecimentos teóricos para se configurar como um excelente administrador, precisa da prática.

Costumo sugerir que o bibliotecário consegue sentir sua importância como um bom profissional quando a comunidade acadêmica já não o vê somente como bibliotecário, e sim como psicólogo, conselheiro, consultor, professor, produtor de conteúdo, “Google ambulante” ou o faz-tudo. Sugiro essa ideia, porque é dela que se percebe a confiança do público no bibliotecário e na biblioteca.

Este escrito se trata de um relatório pessoal e profissional acerca de minha experiência atuando na gestão de uma biblioteca com perfil universitário. A narrativa a ser desenvolvida possui o objetivo de demonstrar a vivência, enquanto bibliotecário, na administração da Biblioteca Raymundo Macêdo, pertencente a uma instituição de ensino superior, que aqui

será chamada de Faculdade de Platão. Essa denominação visa a resguardar a imagem da IES.

O presente relato se desenvolverá em cinco frentes distintas, mas unívocas no sentido de gestão. A primeira diz respeito à avaliação *in loco* realizada pelo Ministério da Educação para credenciamento; a segunda compreende a experiência na elaboração de documentação para administração da biblioteca; a terceira relaciona-se à organização do espaço para utilização dos usuários; a quarta refere-se à presença da biblioteca no ambiente digital; e a quinta remete-se a eventos culturais.

Biblioteca Raymundo Macêdo: a história

A Biblioteca Raymundo Macêdo possui sua origem atrelada à história da Faculdade de Platão. A IES foi credenciada para oferecer educação superior pelo Ministério da Educação em 20 de abril de 2005. A biblioteca, a princípio, foi uma sala de aula, com prateleiras contendo livros organizados por assunto, mas sem códigos específicos como CDD ou CDU. Também não havia um profissional bibliotecário.

Com o desenvolvimento da Faculdade de Platão, a biblioteca demandou um novo espaço para seu acervo, e assim foi construído um novo ambiente. Entretanto, a falta de conhecimento a respeito de uma estrutura arquitetônica adequada para biblioteca e a ausência de um profissional bibliotecário levaram à existência de um espaço com pouca acessibilidade e localização errônea.

A respeito da arquitetura de uma biblioteca, é importante entender que a construção de uma biblioteca universitária deve obedecer às regras específicas acerca da engenharia arquitetônica para garantir a segurança de todos e a mobilidade. Todavia, ao não dialogar com um bibliotecário, o gestor institucional em diálogo direto com o arquiteto está sujeito

a viabilizar a construção de um simples armazém para livros, um verdadeiro depósito, o que aconteceu com a biblioteca Raymundo Macêdo da Faculdade de Platão, que não dispõe de uma sala para leitura, além de outros espaços.

A estrutura da biblioteca universitária é afetada diretamente por alguns fatores importantes como, por exemplo, os serviços e produtos ofertados, o modelo gerencial adotado e a tecnologia utilizada para a organização dos trabalhos internos. Estes fatores, por sua vez, sofrem impacto e são, em grande medida, determinadas pela missão da organização e pelas tendências pessoais (Gomes, 2009, p. 45).

O espaço de uma biblioteca universitária é carregado de sentidos. E por isso é imprescindível a atuação do bibliotecário. Dessa forma, o leitor deste texto é convidado à percepção de que a ação ou a profissão de um bibliotecário vai além do mero empréstimo de livros.

Em relação ao acervo, atualmente a Biblioteca Raymundo Macêdo conta com 16.165 exemplares catalogados. Em seu início essa contagem não passava de 5 mil. E, apesar de possuir limitações no que tange à parte arquitetônica, a biblioteca consegue obter boas avaliações da comunidade acadêmica, por meio dos questionários produzidos pela Comissão Própria de Avaliação (CPA).

No momento de execução deste escrito, a Faculdade de Platão está estudando uma mudança de prédio, o que implicará um novo espaço para a biblioteca. O prédio que poderá receber a instituição foi projetado para ser um ambiente de lazer com existência de um restaurante. Ao longo do processo, resolveram mudar de decisão e, assim, considerar a possibilidade de ser o local para a IES. Em caráter prático, haverá a necessidade de maiores adaptações para a configuração de uma biblioteca universitária.

Biblioteca Raymundo Macêdo e a avaliação do Ministério da Educação

Como parte da Faculdade de Platão, a Biblioteca Raymundo Macêdo passou por algumas avaliações do Ministério da Educação, as quais se deram em nível de credenciamento, credenciamento, autorização de curso, reconhecimento de curso e renovação de reconhecimento. Neste relatório, apenas o relato acerca da experiência com credenciamento será abordado, por ter sido o primeiro com minha presença.

O intuito desta seção é demonstrar ao leitor, a partir de uma experiência pessoal, os desafios que o bibliotecário enfrenta durante as avaliações do Ministério da Educação, conforme o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes).

A avaliação de credenciamento da Faculdade de Platão ocorreu no ano de 2019. Em relação à biblioteca, considerou a infraestrutura e o plano de atualização do acervo. Tratando-se do conceito 5, os indicadores acerca da infraestrutura e do plano de atualização do acervo descrevem o seguinte:

Indicador 5.9 Bibliotecas: infraestrutura

A infraestrutura para bibliotecas atende às necessidades institucionais, apresenta acessibilidade, possui estações individuais e coletivas para estudos e recursos tecnológicos para consulta, guarda, empréstimo e organização do acervo, fornece condições para atendimento educacional especializado e disponibiliza recursos comprovadamente inovadores.

Indicador 5.10 Bibliotecas: plano de atualização do acervo

Há plano de atualização do acervo descrito no PDI, e viabilidade para sua execução, considerando a alocação de recursos, ações corretivas associadas ao acompanhamento e à avaliação do acervo pela comunidade acadêmica e a existência de dispositivos inovadores (Brasil, 2017, p. 28-29).

A visita *in loco* na fase de credenciamento apontou algumas lacunas e desafios a serem superados para o bom

funcionamento da biblioteca. De início, a ausência de um profissional bibliotecário foi bastante questionada pelos avaliadores, pois no período de avaliação a unidade de informação não dispunha de um bibliotecário. Havia uma carência desses profissionais no estado do Acre. Também não existia curso de graduação em biblioteconomia presencial. Inclusive, foi a partir dessa urgência, e conhecendo os serviços da biblioteca, que me interessei pelo curso.

Dentro do indicador infraestrutura, os apontamentos críticos se direcionaram à ausência de estações individuais ou coletivas para estudo. A acessibilidade também foi bastante enfatizada. A biblioteca deixava a desejar nesse quesito. Já no que tange ao plano de atualização do acervo, a ausência de um documento com regras e orientações para o desenvolvimento de coleção foi lembrada. Com isso, os avaliadores se interessaram em saber mais sobre as bibliografias dos cursos, buscando identificar fragilidades no acervo.

A experiência com a primeira avaliação vivenciada – credenciamento – possibilitou uma percepção diferente da tensão anterior à chegada dos avaliadores. Percebi que a avaliação direcionada à biblioteca vem acompanhada das experiências dos avaliadores: formação acadêmica, atuação docente e conhecimento de outras bibliotecas. E, apesar dos receios trazidos com a sensação de estar sendo avaliado, notei que a avaliação da IES poderia trazer grandes benefícios à biblioteca, como a possibilidade de angariar recursos e investimentos junto à direção para produtos e serviços ofertados pela unidade de informação, assim como melhorias na infraestrutura.

Em suma, os desafios percebidos com o processo de credenciamento se direcionaram para a garantia de qualidade estrutural da biblioteca: construção de uma sala de estudo, espaço para consulta com existência de computadores e espaço adequado para mobilidade entre as prateleiras com livros. No

que se refere ao acervo, os desafios foram a não existência do plano de atualização das coleções e a ausência de um plano de contingência na biblioteca. Ambos foram em grande parte superados, como se verá nas próximas seções.

Biblioteca e a organização do espaço

Ainda jovem, desbravando uma cidade que não era minha pátria, busquei, sem cessar, evoluir por meio dos estudos. O principal objetivo era se tornar professor de Filosofia. O tempo mostrou que eu precisava de um trabalho para continuar em uma cidade ainda em descobrimento. As portas para a carreira docente não se abriram no momento em que mais precisei. Foi então que recebi um convite para administrar uma biblioteca, porque o responsável pela instituição naquele momento conhecia o meu gosto por livros e pela leitura.

O início à frente de uma biblioteca pertencente a uma instituição de ensino superior – infringindo o ainda desconhecido Código de Ética e Deontologia do Bibliotecário – foi permeado por dúvidas. E, apesar de o processo de catalogação ter sido a parte mais difícil, a organização do espaço não se configurou como fácil. Fui percebendo que a organização espacial criava mais uma barreira para acesso aos livros do que facilitava o contato com eles.

Após a visita de credenciamento, ingressei na graduação em biblioteconomia. Durante o curso, fui entendendo a configuração de uma biblioteca universitária. Percebi que essa configuração, apesar de considerar o aspecto ensino, pesquisa e extensão, não se estabelecia em um padrão universal.

Refletindo sobre o espaço da biblioteca, notei que o bibliotecário precisava conhecer bem a instituição, os usuários e o próprio prédio da biblioteca para estabelecer um espaço adequado e utilizável, ou seja, fui de encontro ao raciocínio de Maciel e Mendonça (2006, p. 15): “Existem tantas formas de agrupamento de funções quantas forem as configurações

necessárias ao sistema. O importante é decidir certo sobre a melhor delas. E isso vai variar de instituição para instituição consoante as diferentes missões que a biblioteca assume”.

Mantendo o perfil investigativo acerca da organização do espaço da unidade de informação, constatei que a compreensão acerca das funções na biblioteca – formação e desenvolvimento das coleções, dinamização do uso das coleções e atividades administrativas (Ferreira, 1977) – juntamente com suas respectivas atividades eram e continuam sendo fatores preponderantes para definir o espaço na direção do usuário.

O aprofundamento por meio de estudos sobre a organização do espaço bibliotecário possibilitou-me o conhecimento da ergonomia. A promoção de um espaço que se adequasse às pessoas permitiu vislumbrar as possibilidades para além da estrutura predial limitada já constituída. A partir desses conhecimentos, imprimi renovações no espaço e melhorei a relação da biblioteca com o público. O esforço no passado contribuiu para um espaço mais acolhedor e acessível no quesito “acesso à informação”.

Biblioteca e a produção de documentos



A visita *in loco* executada pelos representantes do Ministério da Educação para credenciamento institucional mostrou que a Biblioteca Raymundo Macêdo necessitava se mobilizar no quesito “produção de documentação para auxílio na gestão da unidade de informação”. Em termos funcionais, a biblioteca possuía certa organização, mas em termos documentais não. O plano de desenvolvimento de coleções, relatório de adequação cobrado na avaliação de curso, e o plano de continência não faziam parte do vocabulário administrativo. Com isso, iniciou-se um processo de produção de documentos para ajudar na gestão da biblioteca.

A produção de documentos normativos e orientativos foram produzidos aos poucos e a partir de estratégias. Utilizou-se como referência para elaboração documental justamente os indicadores de avaliação do MEC. Em caráter modelar, ou seja, estrutural, os documentos foram sendo produzidos a partir de referências bibliográficas de autores renomados e de documentos de outras bibliotecas disponibilizadas no ambiente digital/virtual.

Para enriquecer este relato, quero deixar registradas as obras que mais utilizei para produção de documentos normativos/orientativos. Este registro poderá contribuir para os já bibliotecários e futuros profissionais na função administrativa. Mas enfatizo que existem outras obras importantes além das citadas a seguir.

Quadro 1 – Obras de biblioteconomia.

Autor	Título
Alba Costa Maciel/Marília Alvarenga Rocha Mendonça	Bibliotecas como organizações
Eliane Serrão Alves Mey/Naira Christofolletti Silveira	Catálogo no plural
Maria Christina Barbosa de Almeida	Planejamento de bibliotecas e serviços de informação
Norma Cianflone Cassares	Como fazer conservação preventiva em arquivos e bibliotecas
Ronaldo Vieira	Introdução à teoria geral da biblioteconomia
Simone da Rocha Weitzel	Elaboração de uma política de desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias
Valdomiro Vergueiro	Seleção de materiais de informação

Fonte: o autor.

É pertinente destacar que o ato de buscar fundamentações em bibliografias para criação de documentos que sirvam

à gestão da biblioteca não significa ausência de capacidade intelectual para produção documental de forma autônoma, pelo contrário, trata-se de uma atitude correta, uma vez que a produção documental também precisa ser fundamentada e direcionada aos interesses da instituição – neste caso, uma instituição de ensino superior.

Enfim, após dedicação e foco na produção documental para a Biblioteca Raymundo Macêdo, utilizando-se de livros e outras fontes de informação já mencionadas acima, e tendo como base as dimensões avaliativas do Ministério da Educação – credenciamento, recredenciamento, autorização de curso, reconhecimento de curso e renovação de reconhecimento –, todos os documentos pertinentes à gestão adequada da biblioteca foram produzidos.

Biblioteca e o ambiente digital

O início de trabalho na Biblioteca Raymundo Macêdo foi cauteloso. Com um posicionamento de observador, percebi que o *modus operandi* da biblioteca não considerava o espaço digital. A biblioteca pouco fazia uso das maravilhas trazidas pela internet. Com isso, com o passar dos meses precisei de determinação para conscientizar a direção da instituição acerca dessa possibilidade.

A primeira mobilização na direção do ambiente digital foi o aprimoramento referente à automação da biblioteca para disponibilização de um catálogo online. A unidade de informação já contava com o programa Biblivre, mas em uma versão limitada. Após muita insistência, aliando-se aos responsáveis pela Tecnologia da Informação da instituição, consegui obter a aprovação para utilização do Biblivre 5. Apesar de o software ser gratuito, o ato de disponibilizá-lo online e contar com um banco de dados eficiente demandou a contratação de uma empresa para suporte técnico. Essa decisão trouxe bons

resultados em termos de acesso e oferta de maiores opções para pesquisa.

O primeiro posicionamento da biblioteca no ambiente digital abriu possibilidades para outras iniciativas. Dessa forma, a Biblioteca Raymundo Macêdo se aproximou do Repositório Institucional da IES e começou a se fazer presente nas redes sociais da instituição. Mas é importante mencionar que a pouca quantidade de recurso humanos dificultou e ainda dificulta uma maior presença da biblioteca no espaço digital. Em vista disso, pode-se afirmar que esse é um desafio a ser superado.

A ação de inserir a Biblioteca Raymundo Macêdo no ambiente digital trouxe benefícios para além da disponibilização de um catálogo online. Isso porque essa iniciativa permitiu uma divulgação maior a respeito de produtos e serviços da biblioteca, ou seja, contribuiu significativamente para uma visualização positiva da unidade de informação.

Outro grande benefício com a biblioteca presente no ambiente digital foi a catalogação de artigos, periódicos, teses, dissertações e até livros disponibilizados em bases de dados de acesso aberto: Scielo, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Portal Brasileiro de Publicações e Dados Científicos em Acesso Aberto (Oasisbr).

Em detrimento das estratégias mencionadas para a oferta de variados textos científicos e posicionamento no ambiente digital, hoje os acadêmicos podem acessar e baixar conteúdo científico do próprio catálogo online da unidade de informação. Para serem efetivos na divulgação da ciência para os estudantes, os textos são selecionados conforme os cursos ofertados pela IES. O que possibilita a afirmação de que a biblioteca tem progredido na oferta de produtos e serviços.

Biblioteca e eventos culturais

A biblioteca [...], voltando-se para a população, falando à cidade e criando condições para que a cidade fale, está desdobrando as suas ações e ampliando o seu papel; enfim, prestando informações a quem dela precisar, seja qual for o seu nível. Ela é uma espécie de ação permanente que propõe a revisão contínua do pensamento (Milanesi, 2003, p. 213).

A citação em destaque foi retirada do livro *A casa da invenção*, de Luíz Milanesi. O autor traz uma reflexão acerca da cultura e do papel da biblioteca pública. Menciono-a porque foi com a leitura dessa obra que comecei a valorizar as ações culturais na biblioteca, uma vez que a unidade de informação não executava atividades culturais devido à percepção de que as atividades institucionais eram suficientes.

Como bibliotecário, é importante perceber que “As ações culturais, os projetos, as palestras, os cursos, as oficinas e os eventos desenvolvidos pela Biblioteca Universitária (BU) gera nas pessoas acesso aos saberes” (Rudakoff *et al.*, 2024, p. 2). É preciso considerar que as ações culturais valorizam a biblioteca, a instituição e a própria comunidade que participa, principalmente os acadêmicos que se envolvem nas atividades.

Fotos 1 – Jantar Literário na Biblioteca Raymundo Macêdo.



Fonte: arquivo pessoal.

A consciência acerca da importância das ações culturais tem incentivado os envolvidos com a biblioteca a um maior diálogo com professores, coordenadores e diretoria da IES. Tem havido uma busca constante pela gestão democrática, tanto a nível institucional como a nível de biblioteca. Esse pensamento, essa atitude, caríssimos leitores, ao longo dos anos, fizeram-se fundamentais para as ações culturais na biblioteca acontecerem. E desejamos continuar neste ritmo em relação à oferta de atividades culturais.

Considerações finais

O presente relatório – pessoal – se desenvolveu a partir da premissa de que a experiência leva à boa administração. Para isso, considerou a vivência dentro da Biblioteca Raymundo Macêdo, unidade de informação pertencente a uma instituição de ensino superior. O relato se construiu em torno das seguintes vivências: biblioteca e a avaliação do Ministério da Educação; biblioteca e organização do espaço; biblioteca e a produção de documentos; biblioteca e o ambiente digital; biblioteca e eventos culturais.

A partir das vivências narradas, evidenciaram-se desafios e mudanças de atitudes em relação à gestão da biblioteca no percurso administrativo da unidade de informação. Assim, espaço inadequado, falta de acessibilidade, ausência de documentação e carência de eventos culturais deram lugar a uma mentalidade coletiva criativa e investigativa que se utilizou de todos os recursos possíveis – com limitações financeiras – para viabilizar uma biblioteca viva, acolhedora, informativa, inclusiva e bem-administrada.

As experiências relatadas possibilitaram à biblioteca melhor desempenho na oferta de produtos e serviços. Com isso, a visibilidade da unidade de informação aumentou, assim como sua credibilidade diante da comunidade acadêmica. Além dos benefícios trazidos para a Biblioteca Raymundo

Macêdo, a metamorfose administrativa também contribuiu para minha vida profissional e pessoal. Compreendi que qualquer estratégia, planejamento ou projeto falha quando as relações humanas não são bem desenvolvidas no ambiente de trabalho. Entendi que diante dos problemas, das adversidades, o foco não deve ser no pessimismo e muito menos nas limitações de momento, mas na criatividade, na pesquisa, no estudo, na capacidade de pensar soluções para situações aparentemente sem saída.

Espero que este relato ajude você – bibliotecário ou não – a pensar fora da caixa. Desafios existem para serem superados. Alguns são difíceis e outros fáceis. E por isso ter a mentalidade aliada a pensamentos positivos configura-se como a melhor estratégia individual em prol da coletividade.

Para realidades difíceis, ouse sonhar estrategicamente com a prática!

Referências

BRASIL. **Instrumento de avaliação institucional externa:** presencial e a distância: Recredenciamento: transformação de organização acadêmica. Brasília: Inep/Mec, 2017.

FERREIRA, Gilda Pires. **A biblioteca universitária em perspectiva sistêmica.** Recife: Convênio MEC/UFPE, 1977.

GOMES, Samir Hernandes Tenório. **Edifícios para bibliotecas universitárias:** perspectivas e diretrizes a partir da avaliação pós-ocupação. 2007. Tese (Doutorado em Tecnologia da Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

MACIEL, Alba Costa; MENDONÇA, Marília Alvarenga Rocha. **Bibliotecas como organizações.** Rio de Janeiro: Interciência, 2006.

MILANESI, Luís. **A casa da invenção.** 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

RUDAKOFF, Ana Lúcia Sobrinho; LOPES, Francisca Elany Régia Sousa; DOS SANTOS, Kátia Soares; SILVA, Roseane Maria do Nascimento. Ações culturais na biblioteca universitária: relato de experiência. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 29, n. 1, p. 1-20, jan./dez. 2024.

Repositório institucional: experiência profissional

Luciana Pietrosanto Milla

Introdução

No contexto das instituições de ensino superior, os repositórios institucionais (RI) têm se consolidado como instrumentos estratégicos de gestão da informação e de ampliação do acesso ao conhecimento produzido internamente. Sua função extrapola a simples guarda de documentos, atuando como plataformas que garantem a preservação digital da memória acadêmica, a visibilidade da produção científica e a democratização do saber por meio do acesso aberto. Ao organizarem e disseminarem conteúdos técnico-científicos em formato digital, os RIs fortalecem o compromisso das universidades com a transparência, a ciência aberta e a responsabilidade social.

Com a consolidação das políticas de acesso aberto à informação e o avanço das tecnologias digitais, os repositórios institucionais passaram a ocupar uma posição de destaque nas práticas informacionais das bibliotecas universitárias. Eles não apenas asseguram a preservação de teses, dissertações, artigos e relatórios técnicos como também ampliam a circulação dessas produções no ecossistema acadêmico global, favorecendo colaborações, citações e novos projetos de pesquisa. Nesse cenário, os profissionais da informação assumem um papel crucial na curadoria, organização e disponibilização desses conteúdos, desenvolvendo ações que conectam os

processos técnicos à missão institucional de produzir e compartilhar conhecimento.

Este artigo tem como objetivo apresentar um relato de experiência profissional que envolve a utilização do repositório institucional como ferramenta de apoio à organização e difusão de eventos científicos em uma universidade pública. A prática descrita foi desenvolvida no ambiente de uma biblioteca universitária, com foco na coleta, tratamento e publicação de registros informacionais relacionados a eventos acadêmicos, como palestras, simpósios, jornadas e congressos, que tradicionalmente ficavam dispersos ou pouco acessíveis ao público. A proposta busca integrar essas informações ao repositório institucional, garantindo sua preservação digital, ampliando seu alcance e promovendo a valorização das ações científicas desenvolvidas no âmbito institucional.

A escolha desse tema decorre da experiência concreta da autora no exercício de suas atividades profissionais, assim como do direcionamento recebido durante o processo formativo no curso de Especialização em Gestão de Bibliotecas Universitárias. A abordagem adotada visa não apenas a descrever a prática realizada, mas também a refletir sobre o potencial dos repositórios institucionais como instrumentos de inovação informacional, reforçando sua relevância na construção de uma universidade mais aberta, conectada e comprometida com a circulação qualificada do conhecimento.

Fundamentação teórica

O surgimento dos repositórios institucionais (RI) está intimamente ligado às transformações no modelo de produção e circulação do conhecimento científico, sobretudo a partir da consolidação do Movimento de Acesso Aberto (*Open Access*). Esse movimento internacional ganhou força no início do século XXI, como resposta à “crise dos periódicos” e à crescente mercantilização do acesso à informação científica.

Nesse contexto, os RIs passaram a ser compreendidos como instrumentos fundamentais de gestão da produção intelectual das instituições, atuando na preservação, disseminação e visibilidade do conhecimento acadêmico gerado internamente.

Ao possibilitarem o armazenamento e a organização sistemática de documentos digitais, os RIs operam como dispositivos estratégicos no ecossistema informacional das universidades. Mais do que simples repositórios de documentos, eles representam um compromisso institucional com a transparência, a memória e o compartilhamento do saber. Como afirmam Marcondes e Sayão (2009), os RIs retomam o ideal iluminista de que o conhecimento gerado com recursos públicos deve ser acessível publicamente.

No cenário brasileiro, a atuação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict) foi crucial para o fortalecimento do movimento de acesso aberto, promovendo editais, capacitações e infraestrutura tecnológica para a implantação de RIs nas instituições públicas de ensino e pesquisa. O Manifesto Brasileiro de Apoio ao Acesso Livre, publicado em 2005, consolidou politicamente essa agenda no país (Ibict, 2005).

Os repositórios também passaram a ser valorizados como ferramentas de gestão estratégica da informação. Ao integrar documentos como teses, dissertações, artigos, relatórios técnicos, dados de pesquisa e registros de eventos, os RIs colaboram para a construção de indicadores institucionais, permitem o monitoramento da produção científica e facilitam a avaliação de desempenho acadêmico. Além disso, favorecem a interoperabilidade com outros sistemas e ampliam a presença institucional em *rankings* de visibilidade e impacto.

Outro ponto de destaque na literatura é a multiplicidade de formas de povoamento dos RIs. Enquanto o autoarquivamento é defendido por sua capacidade de engajar diretamente os pesquisadores na curadoria de seus próprios conteúdos,

muitas instituições adotam estratégias híbridas, como a coleta automatizada de metadados em bases indexadoras e plataformas institucionais. Esse modelo busca garantir a completude dos registros, ao mesmo tempo em que reduz os obstáculos operacionais impostos ao corpo acadêmico.

Adicionalmente, os repositórios têm sido ampliados para abarcar não apenas a produção textual, mas também os dados de pesquisa, em consonância com as diretrizes da ciência aberta. Essa perspectiva valoriza a publicação de dados brutos, planos de gestão e materiais complementares, ampliando as possibilidades de reuso, replicação e validação científica.

Nesse sentido, os RIs assumem papel central na transformação das práticas de comunicação científica. Sua função social vai além do aspecto técnico, assumindo um caráter inclusivo e democrático, especialmente em contextos marcados por assimetrias no acesso à informação. Ao disponibilizarem gratuitamente conteúdos de alto valor científico, os repositórios contribuem para o enfrentamento das desigualdades no acesso ao conhecimento e promovem a circulação mais equitativa da produção acadêmica.

Por fim, destaca-se que a eficácia dos repositórios institucionais depende diretamente do apoio das instâncias superiores da instituição, do engajamento da comunidade acadêmica e da atuação dos profissionais da informação. A sustentabilidade dos RIs exige políticas claras, recursos técnicos adequados e ações contínuas de sensibilização, treinamento e valorização da cultura do acesso aberto.

Tipos de repositórios

- ✧ **Repositório da BDTD (Base de Dados de Teses e Dissertações):** repositório nacional que reúne teses e dissertações defendidas em instituições de ensino superior no Brasil.

- ✧ **Repositório do IBICT (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia):** repositório institucional que disponibiliza diversos tipos de documentos, incluindo artigos científicos, relatórios técnicos e dados de pesquisa.
- ✧ **Repositórios de universidades e instituições de pesquisa:** diversas universidades e instituições possuem seus próprios repositórios institucionais, como o LUME (UFRGS) e o ARCA (Fiocruz).
- ✧ **Repositórios temáticos:** o arXiv.org é um exemplo de repositório temático que reúne artigos de física, matemática, ciência da computação, entre outras áreas.
- ✧ **Repositórios digitais confiáveis:** repositórios digitais confiáveis são aqueles que garantem a autenticidade, a integridade e a disponibilidade a longo prazo dos documentos armazenados. Eles seguem padrões internacionais de preservação digital e adotam práticas de gestão da informação que asseguram a qualidade e a confiabilidade dos dados.

Metadados para repositórios institucionais

Os repositórios digitais assumem papel fundamental na preservação, organização e disseminação do conhecimento científico, sobretudo em instituições públicas de ensino e pesquisa. De acordo com Almeida, Oliveira e Rosa (2019), é possível identificar diferentes tipos de repositórios, como os digitais (RD), os digitais institucionais (RDI) e sua concepção como espaços de memória. A garantia da longevidade e da integridade desses acervos, no entanto, está diretamente relacionada ao uso de padrões de metadados, conforme destacam Formenton *et al.* (2017), Formenton (2015) e Farias, Rezende e Lima (2023). Esses autores ressaltam que os metadados são

recursos tecnológicos indispensáveis para assegurar a preservação digital, pois registram informações essenciais sobre a origem, estrutura, contexto e condições de acesso dos objetos digitais, garantindo sua autenticidade e acessibilidade ao longo do tempo.

Metodologia: relato de experiência

A experiência relatada foi desenvolvida no contexto de uma biblioteca universitária vinculada a uma instituição pública de ensino superior, com foco na integração de registros informacionais sobre eventos acadêmicos ao repositório institucional (RI) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), pois é um repositório que agrega várias áreas temáticas, sendo considerado multidisciplinar. A iniciativa surgiu da percepção de uma lacuna significativa na gestão da memória científica institucional: enquanto teses e dissertações possuíam um fluxo consolidado de depósito, uma vasta produção de conhecimento gerada em simpósios, colóquios, jornadas e congressos internos permanecia dispersa e vulnerável ao desaparecimento digital. Essa desorganização não apenas resultava na perda de valiosos registros históricos, mas também subutilizava o potencial desses eventos como indicadores da vitalidade científica e intelectual da instituição.

Diante desse cenário, foi proposto e implantado um procedimento técnico-documental com o objetivo de localizar, organizar, descrever e disponibilizar conteúdos relacionados a esses eventos no repositório institucional. A proposta foi concebida como uma ação de curadoria digital proativa, que transcende o papel tradicional da biblioteca como guardiã de acervos para posicioná-la como um agente ativo no ciclo da comunicação científica. A execução do projeto envolveu uma articulação estratégica entre a equipe bibliotecária, que coordenou as frentes de trabalho, a área de tecnologia da informação, responsável por garantir a infraestrutura e o suporte técnico

do RI, e estudantes bolsistas, que atuaram sob orientação na execução das tarefas operacionais, configurando uma valiosa experiência formativa.

O processo teve início com uma fase de mapeamento investigativo, que se assemelhou a um trabalho de arqueologia digital. A equipe se dedicou a localizar eventos acadêmicos promovidos nos últimos anos pela instituição, consultando um espectro heterogêneo de fontes: desde os sites oficiais de unidades acadêmicas – muitos deles desatualizados ou com links quebrados – até registros administrativos internos, notícias publicadas no portal da universidade e materiais de divulgação pública encontrados em redes sociais e arquivos pessoais de organizadores. Após a identificação dos eventos, a etapa seguinte consistiu na coleta minuciosa de informações, como título, data, local, ementa, programação detalhada, anais, vídeos de palestras, pôsteres digitais e outros documentos de apoio que compunham o legado intelectual de cada iniciativa.

Um dos principais desafios encontrados foi justamente a fragmentação e a escassez de informações completas. Frequentemente, os materiais estavam incompletos ou em formatos obsoletos. Para superar esse obstáculo, foi necessário um contato direto com os departamentos e os pesquisadores organizadores, sensibilizando-os para a importância da preservação e solicitando o envio dos arquivos faltantes. Outro desafio significativo foi de ordem técnica e conceitual: a heterogeneidade dos formatos (documentos de texto, planilhas, imagens, apresentações) exigiu a criação de um fluxo de trabalho para conversão e padronização, adotando formatos preserváveis como o PDF/A. Além disso, a definição dos metadados apresentou complexidades, especialmente na atribuição de autoria. Decidiu-se, como política, registrar a autoria institucional (departamento ou programa de pós-graduação) como principal, vinculando os nomes dos

organizadores e palestrantes em campos específicos para garantir a recuperabilidade.

Com o conjunto documental organizado, iniciou-se o tratamento técnico para arquivamento e descrição, seguindo rigorosamente as diretrizes do repositório institucional. Os materiais foram depositados no sistema DSpace, onde foram enriquecidos com metadados no padrão Dublin Core, garantindo a interoperabilidade com outros sistemas e colhedoras globais. Cada evento foi tratado como uma “coleção” dentro do RI, recebendo capas e sumários interativos quando necessário, e cada item individual (como um vídeo de palestra ou um resumo em PDF) recebeu um identificador persistente (Handle), assegurando a estabilidade do acesso ao longo do tempo. A catalogação buscou criar pontos de acesso ricos, com palavras-chave controladas, classificações temáticas e vinculação explícita com os grupos de pesquisa e os docentes envolvidos, de forma a evitar redundâncias e integrar os novos registros ao ecossistema de informações já existente no repositório.

Resultados

Ao final do processo, a publicação dos registros no repositório institucional, com acesso aberto e URLs permanentes, gerou resultados que extrapolaram a simples preservação. A ação ampliou exponencialmente o alcance e a visibilidade das iniciativas científicas da universidade, permitindo que o conhecimento discutido nos eventos ultrapassasse as barreiras físicas e temporais. O procedimento implantado não só se tornou uma referência interna, sendo progressivamente adotado por outras unidades, como também fortaleceu a percepção da biblioteca universitária como uma parceira estratégica na missão institucional de produzir e disseminar conhecimento qualificado.

A experiência foi documentada como um modelo de boas práticas em curadoria digital, demonstrando o potencial dos repositórios para além do depósito de produção textual e reforçando seu papel central na construção de uma universidade mais aberta, conectada e consciente de sua própria memória intelectual. Contudo, houve uma padronização dos trabalhos utilizando a ferramenta Canva para que cada elaboração dos materiais fosse feita com perfeição de acordo com o padrão original dos documentos como: capa, palestrantes, programação e sumário interativo, permitindo a visibilidade da instituição com essa identificação.

Considerações finais

A trajetória apresentada neste trabalho, que parte da conceituação teórica dos Repositórios Institucionais (RIs) e culmina no relato de uma experiência prática, evidencia que tais plataformas transcendem a função de meros arquivos digitais. O relato de caso corrobora a premissa de que os RIs são instrumentos dinâmicos e estratégicos, capazes de materializar os ideais da ciência aberta e do acesso aberto ao fortalecer a memória institucional e democratizar o acesso ao conhecimento em suas múltiplas formas. A experiência de integrar os registros de eventos científicos demonstrou, na prática, como a infraestrutura tecnológica pode ser mobilizada para responder a uma demanda latente de gestão da informação.

O trabalho de curadoria digital descrito revelou-se uma atividade complexa, que exigiu mais do que competência técnica em catalogação e preservação digital. Foi necessária uma articulação institucional, uma postura investigativa para a “arqueologia” de informações dispersas e uma capacidade de diálogo e sensibilização junto à comunidade acadêmica. Os desafios encontrados, a fragmentação dos dados, a heterogeneidade dos formatos e as indefinições conceituais sobre a autoria de eventos não foram meros obstáculos

operacionais, mas sim catalisadores para a criação de políticas e fluxos de trabalho mais robustos. A superação dessas barreiras reposicionou a biblioteca de um papel passivo para um agente proativo na governança da informação científica da universidade.

Fica evidente, portanto, que a eficácia de um repositório institucional está diretamente ligada à sua capacidade de se adaptar para abrigar a diversidade da produção acadêmica, que vai muito além dos artigos e teses. Ao acolher os registros de eventos, a instituição não apenas preserva sua história intelectual, mas também enriquece o ecossistema informacional, criando novas conexões entre pesquisadores, temas e produções. Essa iniciativa reforça a centralidade do profissional da informação, que atua como mediador, curador e estrategista, garantindo que a tecnologia sirva efetivamente à missão de produzir, preservar e disseminar o conhecimento.

As reflexões aqui apresentadas indicam um caminho promissor para a expansão do uso dos repositórios institucionais. A experiência bem-sucedida com eventos abre portas para futuras ações que incluam outros tipos de materiais não convencionais, como dados de pesquisa, materiais didáticos, softwares e produções artísticas. Conclui-se, parcialmente, que o investimento em políticas de curadoria digital e o engajamento contínuo com a comunidade acadêmica são fundamentais para que o repositório institucional se consolide não apenas como um “depósito”, mas como um ecossistema de conhecimento vivo, representativo da pluralidade e da riqueza da produção universitária.

Referências

ALMEIDA, Isledna Rodrigues de; OLIVEIRA, Bernardina Maria J. F. de; ROSA, Maria Nilza Barbosa. Repositórios digitais como espaços de memória e disseminação de informação. **Informação em Pauta**, [S. l.], v. 4, n. especial, p. 117-131, 2019. DOI: 10.36517/ip.v4iespecial.42609.

Disponível em: <https://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/42609>. Acesso em: 10 jul. 2025.

ASSUMPCÃO, Fabrício Silva *et al.* A conversão de registros na implantação de repositórios institucionais: o caso do Repositório Institucional Unesp. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 18., 2014, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: UFMG, 2014. p. 1-16. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/123645>. Acesso em: 1 jul. 2025.

FARIAS, R. A. N. de; REZENDE, A.; LIMA, I. F. de. Diagnóstico de preservação digital dos repositórios institucionais das universidades públicas nacionais: metadados de preservação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 29, p. 126568, 2023. DOI: 10.19132/1808-5245.29.126568.

FORMENTON, Danilo *et al.* Os padrões de metadados como recursos tecnológicos para a garantia da preservação digital. **Biblios**, Pittsburgh, n. 68, p. 82-95, 2017. DOI:10.5195/biblios.2017.414

FORMENTON, D. **Identificação de padrões de metadados para preservação digital**. 2015. 102 f. Dissertação (Mestrado em Ciência, Tecnologia e Sociedade) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015. Disponível em: <https://encr.pw/qfale>. Acesso em: 6 jun. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA (IBICT). **Manifesto Brasileiro de Apoio ao Acesso Livre à Informação Científica**. Brasília: IBICT, 2005. Disponível em: <http://livroaberto.ibict.br/manifesto>. Acesso em: 6 jun. 2025.

MARCONDES, Carlos Henrique; SAYÃO, Luís Fernando. Repositórios institucionais: uma abordagem conceitual. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 38, n. 2, p. 9-20, maio/ago. 2009. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1306>. Acesso em: 6 jun. 2025.

VIDOTTI, Silvana Aparecida Borsetti Gregorio *et al.* Coleta automática para povoamento de repositórios digitais: conversão de registros utilizando XSLT. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, [S. l.], v. 9, n. 2, 2018. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/tpbci/article/view/390>. Acesso em: 1 jul. 2025.

Descobrimos novos caminhos: uma jornada de liderança na biblioteca universitária

Lucinéia Alves Cardoso

Iniciei minha trajetória profissional em uma biblioteca universitária no ano de 2017, como auxiliar de biblioteca em uma instituição privada, na capital do estado de São Paulo. A biblioteca tem quase 3 mil metros, salas de estudos, salas de tutorias, espaço para pesquisa, área de descanso e um acervo de mais de 100 mil exemplares físicos, além das bibliotecas digitais e serviços como EEB, Biblio vai à sala de aula e capacitações. Fiquei profundamente impressionada. Observava a gestão e me perguntava como seria administrar um espaço tão grande, além de como os colaboradores mantinham tudo organizado. Essa curiosidade despertou em mim o desejo de cursar biblioteconomia.

No mesmo ano iniciei minha graduação em biblioteconomia e, durante esse período, busquei constantemente expandir meus conhecimentos e habilidades. Aprendi que, além das atividades técnicas, o aspecto da gestão me fascinava. Descobri que a gestão de pessoas na biblioteca era um aspecto crucial, algo que eu não imaginava que acontecia. Essa descoberta reforçou meu desejo de me especializar e me tornar uma bibliotecária focada na gestão e no desenvolvimento da equipe, garantindo que todos os funcionários estivessem capacitados para fornecer a informação necessária.

A instituição passou por um processo de integração: eram três bibliotecas distintas nos campi, e agora é uma única biblioteca dividida em três unidades, uma central e duas se-

toriais. Com o processo de integração, observei ainda mais a importância da gestão, do desenvolvimento e dos processos administrativos. Essa experiência me fez perceber que um gerenciamento eficiente era exatamente o que eu desejava realizar.

Fui promovida a assistente de biblioteca e, posteriormente, a supervisora. Na supervisão da biblioteca, participei mais de perto do processo de unificação. Essa experiência de integração proporcionou um aprendizado significativo, principalmente por meio do mapeamento das rotinas administrativas, que me permitiu descrever, analisar e melhorar processos.

Em 2024, fui promovida a coordenadora da biblioteca tricampi, assumindo a liderança da equipe, e foi quando ocorreu a oportunidade de implementar práticas voltadas para o desenvolvimento humano. Esse papel me permitiu aplicar ferramentas de gestão e capacitação da equipe, evidenciando a importância do bibliotecário como líder. Nesse novo desafio, tenho me dedicado a desenvolver competências essenciais, como conhecimento, inovação e mediação de conflitos.

Tenho trabalhado a visão e o direcionamento estratégico da biblioteca, melhorando a gestão, promovendo o crescimento profissional da equipe e fortalecemos a imagem da biblioteca dentro da instituição. O foco no crescimento da biblioteca, em consonância com os objetivos institucionais, tem sido uma prioridade constante.

Liderar em tempos de transição

Assumir a gestão de uma biblioteca que esteve sob a liderança da mesma pessoa por mais de 30 anos foi, sem dúvida, uma das tarefas mais complexas e desafiadoras da minha trajetória profissional. Quando cheguei, encontrei um espaço cheio de história, com processos enraizados, uma cultura organizacional sólida, porém muitas vezes engessada,

e uma equipe acostumada a um modelo de gestão tradicional, em que a rotina e a repetição prevaleciam sobre a inovação e a criatividade.

A proposta de trazer mudanças logo gerou desconforto. Afinal, mexer em estruturas tão antigas envolve mais do que atualizar processos; é necessário trabalhar com pessoas, com sentimentos, com memórias e com hábitos que se construíram ao longo de décadas. A resistência foi natural. A equipe, formada em grande parte por colaboradores que vivenciaram toda a antiga gestão, demonstrava insegurança, receio e, por vezes, resistência direta às novas propostas.

Logo no início da minha gestão, percebi que inovar exigiria muito mais do que boas ideias: seria preciso conquistar confiança, estabelecer diálogo e liderar com firmeza, mas também com empatia. Comecei mapeando os principais processos, ouvindo a equipe, identificando fragilidades e oportunidades. Com base nisso, propus uma reestruturação que visava a modernizar os serviços oferecidos, qualificar o atendimento e reposicionar a biblioteca dentro da instituição e diante da comunidade acadêmica.

Distância geográfica

Assumi a gestão de três bibliotecas localizadas em cidades diferentes, um dos grandes desafios da minha trajetória profissional. Cada unidade possui suas particularidades, tanto no que diz respeito à estrutura física quanto à equipe funcional e ao perfil dos usuários. Liderar esse grupo diverso e garantir um padrão de qualidade em todos os serviços foi e continua sendo uma tarefa complexa, que exige sensibilidade, firmeza e visão estratégica.

Cada biblioteca está inserida em uma realidade distinta, com demandas específicas e rotinas próprias. Além disso, os membros da equipe possuem diferentes experiências, formações e posturas profissionais. Conciliar essas diferen-

ças e promover uma gestão unificada, baseada em objetivos comuns, foi uma construção feita dia após dia, com muito diálogo, alinhamento de expectativas e decisões difíceis, porém necessárias.

Uma das dificuldades foi estabelecer uma cultura organizacional sólida, que refletisse os valores da instituição e o compromisso com a excelência. Para isso, precisei tomar decisões delicadas, como realizar realocações de profissionais entre unidades, redistribuir funções e, em alguns casos, conduzir processos de desligamento. Nenhuma dessas ações foi fácil, mas todas foram feitas com responsabilidade, ética e foco no bem coletivo.

Em vários momentos, enfrentei resistência às mudanças propostas. Lidar com conflitos interpessoais, diferentes níveis de engajamento e dificuldades de comunicação entre os times exigiu muito equilíbrio emocional e habilidade de liderança. Foi necessário criar canais abertos de escuta, realizar reuniões regulares, investir em treinamentos e estimular a cooperação entre as unidades.

A distância física entre as bibliotecas também impôs desafios operacionais, como a padronização dos serviços, o monitoramento das atividades e a manutenção da qualidade no atendimento ao público. Para isso, implantei rotinas de supervisão, definimos metas claras e criamos mecanismos de acompanhamento que permitissem maior integração e transparência entre as equipes.

Apesar das dificuldades, também vivemos muitos avanços. Conquistei a confiança da equipe com uma liderança baseada no respeito, na justiça e na valorização do trabalho coletivo. Aos poucos, fomos construindo um ambiente mais colaborativo, com profissionais comprometidos e conscientes da importância do seu papel para o bom funcionamento da biblioteca.

Essa experiência tem sido um constante exercício de aprendizado. Aprendi que liderar pessoas vai muito além de delegar tarefas; é compreender contextos, lidar com emoções, desenvolver talentos e, sobretudo, tomar decisões que nem sempre agradam, mas que são necessárias para o crescimento institucional.

Integração da equipe

Minha jornada como gestora de biblioteca tem sido uma experiência enriquecedora e desafiadora. Desde os primeiros passos nesse papel, enfrentei diversos desafios que não apenas testaram minha habilidade de liderança, mas também meu comprometimento com o serviço educacional.

Logo nos primeiros meses, percebi que a descentralização exigiria um novo modelo de liderança. Não era possível adotar um controle rígido ou centralizador. A confiança nos profissionais de cada unidade e o incentivo à autonomia se tornaram elementos fundamentais para o funcionamento fluido das equipes. Ao mesmo tempo, era necessário estabelecer padrões, metas comuns e uma cultura organizacional unificada que respeitasse as particularidades de cada biblioteca.

A reestruturação da equipe foi um ponto delicado. Identifiquei lacunas operacionais, sobrecargas, funções duplicadas e atividades que haviam perdido relevância diante das novas demandas tecnológicas e acadêmicas. Foi preciso revisar atribuições, redistribuir responsabilidades e, em alguns casos, promover desligamentos. Essas decisões foram sempre conduzidas com respeito, diálogo e baseadas em critérios técnicos e institucionais. Essas mudanças foram dolorosas, mas fundamentais para que a equipe pudesse se renovar e acompanhar o novo ritmo proposto pela gestão.

Gerir pessoas em diferentes locais requer uma atenção constante ao senso de pertencimento. Um dos meus maiores esforços foi o de fazer com que todos se sentissem parte de

um mesmo projeto, mesmo estando em ambientes físicos distintos. Para isso, instituí reuniões periódicas online, criei canais permanentes de comunicação e compartilhei os mesmos objetivos estratégicos com todas as equipes. Assegurar que todos tivessem acesso às mesmas informações, independentemente da localização, foi um passo importante para fortalecer a identidade coletiva.

A gestão do tempo também se tornou um ponto crítico. Entre deslocamentos, reuniões presenciais e virtuais e o acompanhamento das rotinas administrativas e técnicas, foi preciso criar uma agenda rigorosa, estabelecer prioridades claras e desenvolver uma rotina de acompanhamento à distância. Ferramentas de gestão colaborativa, como planilhas compartilhadas, aplicativos de tarefas e calendários integrados, passaram a fazer parte do cotidiano.

Manter a motivação e o engajamento da equipe, mesmo com a distância, é uma tarefa contínua. Apostei em formações internas, rodas de conversa entre as unidades, compartilhamento de boas práticas e valorização das conquistas de cada equipe. Reconhecer o esforço e os resultados, mesmo que de longe, foi uma estratégia poderosa para manter o grupo unido e comprometido.

Naturalmente, ainda há desafios. Nem todos os processos fluem com a mesma velocidade, nem todas as decisões são bem compreendidas de imediato. Há ruídos, há ajustes, há dias difíceis. Mas existe também uma disposição coletiva para evoluir, para aprender e para fazer da biblioteca um espaço mais eficiente, acolhedor e alinhado aos tempos atuais.

A biblioteca como lugar de convivência ✂

Outro desafio foi romper com a lógica da biblioteca como um espaço exclusivamente silencioso e contemplativo. Quis transformar o ambiente em um local vivo, de encontros, de trocas, de estímulo à criatividade. Propus ações culturais,

rodas de leitura, exposições temáticas e espaços mais acolhedores. Mais uma vez, precisei lidar com resistências. Muitos viam essas mudanças como “agitação desnecessária”. No entanto, com planejamento, organização e escuta ativa, fui implementando essas atividades sem comprometer a essência do ambiente acadêmico, equilibrando inovação e tradição.

Ações, eventos e exposições

Organizamos diversas exposições temáticas ao longo do ano, com participação ativa dos alunos e professores. Essas exposições contribuíram para integrar a biblioteca ao calendário acadêmico e aproximar ainda mais a comunidade acadêmica dos serviços oferecidos. Também ampliamos a comunicação com os coordenadores de curso, abrindo espaço para reuniões periódicas, escuta ativa das demandas dos cursos e desenvolvimento de ações em parceria.

Presença digital

Uma das minhas primeiras ações foi o fortalecimento da presença digital da biblioteca, com a divulgação de um perfil no Instagram. A ideia era simples, mas inovadora naquele contexto: usar as redes sociais como canal direto de comunicação com os usuários, divulgando serviços, promovendo ações culturais, incentivando a leitura e estreitando o relacionamento com os estudantes. No entanto, essa simples iniciativa gerou estranhamento. Parte da equipe não via sentido no uso das mídias sociais, e houve até questionamentos sobre a relevância desse tipo de exposição.

Mesmo diante dos obstáculos, mantive a proposta. Com cuidado, fui mostrando os resultados: o aumento do engajamento dos alunos, os *feedbacks* positivos, o crescimento do alcance das ações promovidas pela biblioteca. Aos poucos, os olhares foram mudando. O que antes era visto como “modismo” passou a ser reconhecido como estratégia de

aproximação com o público jovem e uma forma eficaz de tornar a biblioteca mais presente no cotidiano acadêmico.

Avaliações institucionais

Durante minha gestão à frente da biblioteca universitária, um dos maiores desafios enfrentados foi o processo de preparação e acompanhamento das visitas de avaliação do MEC. Cada visita representa um momento decisivo para a instituição e exige um trabalho intenso, metuculoso e colaborativo. Como gestora da biblioteca, fui diretamente envolvida em todas as etapas dessas avaliações, garantindo que a biblioteca estivesse em conformidade com os critérios exigidos, sempre alinhada ao projeto pedagógico de cada curso.

A principal complexidade está no fato de que cada curso avaliado possui especificidades próprias. Isso significa que cada visita do MEC é única, com diferentes demandas em relação a acervo, infraestrutura, serviços, equipe e políticas de acesso à informação. Tivemos cursos avaliados nas mais diversas áreas, como direito, enfermagem, psicologia, engenharia, pedagogia, entre outros, e para cada um foi necessário um planejamento personalizado e detalhado.

A preparação começa muito antes da chegada dos avaliadores. Envolve o levantamento completo do acervo por curso, a atualização e validação de dados no sistema, a organização de documentos comprobatórios, o treinamento da equipe e a garantia de que todos os critérios do instrumento de avaliação estejam não apenas atendidos, mas superados. Isso exige constante diálogo com coordenações, TI, setor de compras, direção acadêmica e demais setores estratégicos.

Durante as visitas, a atuação da biblioteca é observada de forma criteriosa. Os avaliadores verificam desde a coerência entre o acervo e as ementas dos componentes curriculares até a atualização das obras, o funcionamento do sistema de empréstimo, a acessibilidade dos espaços e o suporte presta-

do aos alunos e professores. Cada detalhe conta, e qualquer inconsistência pode impactar a nota final do curso.

Foram momentos de grande tensão e responsabilidade, mas também de muito aprendizado e crescimento. Cada avaliação foi tratada como prioridade absoluta, com comprometimento total da equipe da biblioteca. Trabalhamos em muitas noites, fins de semana e feriados para garantir que tudo estivesse perfeito. E o esforço valeu a pena: em todas as visitas, sem exceção, obtivemos nota máxima, conceito 5, no quesito biblioteca.

Esse reconhecimento foi fruto de um trabalho sério, técnico e apaixonado. Foi necessário muito planejamento, liderança e resiliência para superar obstáculos como restrições orçamentárias, prazos curtos, atualizações de sistemas. Mas, acima de tudo, foi a dedicação à qualidade educacional e ao papel essencial da biblioteca no processo.

Hoje, cada conceito 5 conquistado representa não apenas uma nota, mas o reflexo de um compromisso diário com a excelência. A biblioteca deixou de ser apenas um espaço de consulta para se tornar um pilar estratégico nas avaliações institucionais. Como gestora, tenho orgulho de ter liderado esse processo e de ter contribuído diretamente para o sucesso institucional de cada curso avaliado.

Liderança institucional

Conquistar a liderança institucional foi um processo gradual. Foi necessário apresentar dados, relatórios e justificativas técnicas para demonstrar que as inovações propostas na biblioteca atendiam a uma necessidade estratégica, e não a iniciativas pontuais. O apoio da gestão superior foi conquistado à medida que os resultados se tornaram visíveis.

O maior desafio foi superar práticas enraizadas e abrir espaço para mudanças sem perder a essência acadêmica. A

biblioteca, antes vista apenas como um local de empréstimos e silêncio, passou a ser reconhecida como um ambiente dinâmico, multifuncional e alinhado às necessidades dos usuários.

A proposta de uma biblioteca mais integrada à vida acadêmica se apoia em autores como Neto (2010), que defendem a biblioteca como espaço de mediação cultural e formação cidadã. A utilização das mídias sociais, por exemplo, foi pensada como uma estratégia legítima de aproximação com o público, fortalecendo o papel social da instituição.

Essa trajetória de transformação também se alinha aos princípios da “organização que aprende”, conforme descrito por Senge (1990), em que a construção de uma nova cultura institucional exige a superação de modelos mentais cristalizados, o estímulo ao aprendizado contínuo e o engajamento da equipe.

Mais do que cumprir uma função de apoio pedagógico, a biblioteca deve promover o acesso ao conhecimento, estimular a criatividade e fortalecer o senso de pertencimento entre os estudantes.

Considerações finais

O meu relato de experiência tem como objetivo mostrar os caminhos de uma nova gestão em uma biblioteca que, por mais de 30 anos, esteve sob uma mesma liderança, com o desafio de promover a inovação, romper com paradigmas antigos e transformar a biblioteca em um espaço com propósito, vivo e alinhado às necessidades contemporâneas dos usuários. As ações buscaram modernizar os serviços, ampliar o diálogo com o público por meio das mídias sociais, como o Instagram, fortalecer o papel social da biblioteca e reposicionar sua imagem institucional.

Entre os resultados alcançados, destacam-se a maior visibilidade da biblioteca dentro da comunidade acadêmica,

o aumento do engajamento dos usuários, especialmente por meio das redes sociais, e a implantação de ações culturais e educativas que ressignificaram a forma como a biblioteca é percebida. Também houve avanços na comunicação interna, reorganização da equipe, melhorias nos processos e maior abertura ao diálogo com a liderança institucional.

Os pontos positivos incluem a capacidade de inovação mesmo em um contexto resistente, o fortalecimento de uma equipe mais proativa e a criação de um ambiente mais acolhedor e dinâmico. O uso das mídias sociais deu certo ao aproximar a biblioteca de seu público-alvo e ampliar o alcance das ações desenvolvidas. Por outro lado, os pontos negativos envolveram a resistência inicial da equipe a mudanças, o desgaste emocional em decisões difíceis como realocações e desligamentos e a dificuldade de implementar algumas ideias por limitações estruturais e orçamentárias. Nem todas as inovações foram imediatamente compreendidas ou apoiadas, e o processo de convencimento foi, muitas vezes, lento e desafiador.

Apesar dos obstáculos, a prática trouxe contribuições valiosas à biblioteca, à instituição e ao público. A biblioteca passou a ser vista como um setor estratégico, essencial à formação acadêmica, cultural e humana dos estudantes. A instituição ganhou com o fortalecimento da sua imagem, ao valorizar um espaço educacional inovador, comprometido com a qualidade e a inclusão. E o público passou a usufruir de um ambiente mais dinâmico, participativo e conectado com as suas realidades.

Vivenciar essa prática contribuiu significativamente para minha vida profissional e pessoal. Como gestora, aprendi a lidar com empatia e firmeza, a escutar mais, a tomar decisões difíceis e a ser resiliente frente aos desafios. Aprendi, sobretudo, que inovar exige tempo, coragem e comprometimento coletivo. Pessoalmente, amadureci ao perceber que sonhos

não se realizam sozinhos, eles se constroem no dia a dia, com perseverança, escuta e humildade. Essa experiência reafirmou meu propósito de transformar espaços de leitura em espaços de vida, onde o conhecimento é apenas o ponto de partida para grandes descobertas humanas.

Referências

NETO, José Castilho Marques. **Bibliotecas públicas e o direito à leitura**. São Paulo: Global, 2010.

SENGE, Peter M. **A quinta disciplina: arte e prática da organização que aprende**. 9. ed. São Paulo: BestSeller, 1990.

Desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias da área jurídica: o ordenamento legal como paradigma de expansão

Marcelo Gama Goulart

O contexto informacional

O direito é a área do conhecimento que domina as relações em todos os âmbitos da vida em sociedade. No Brasil, a tradição legislativa fundamentada na aplicabilidade da lei escrita, o chamado direito positivo, demanda o registro e a organização informacional em documentos produzidos e revisados constantemente. Em todas as casas legislativas dos municípios, estados e em âmbito federal discutem-se normas, tendo em vista sua criação, alteração ou extinção. Essa constante reformulação normativa reverbera de forma direta nos acervos bibliográficos jurídicos, cuja revisão de coleções é a consequência mais evidente.

Considerando-se a repercussão do processo legislativo no contexto do desenvolvimento de coleções, é fundamental que as bibliotecas jurídicas monitorem e incorporem de forma contínua e eficiente os novos atos normativos, de modo a promover a atualização do acervo com vistas a proporcionar ao público o mais adequado atendimento a suas demandas e necessidades informacionais. A dinamicidade do direito brasileiro, evidenciada por meio de recorrentes atualizações e promulgações normativas, exige que as bibliotecas jurídicas estejam atentas à revisão e à completude de seus acervos.

Tal realidade apresenta como desdobramento não apenas a aquisição de materiais sempre atualizados referentes às fontes do direito – costumes, leis, doutrina e jurisprudência –, mas também a gestão de suas versões anteriores, permitindo o acesso ao histórico das modificações legislativas. A relevância dessa prática consubstancia o trabalho desenvolvido por pesquisadores/as, advogados/as, estudantes e demais operadores/as do direito, que dependem de informações precisas e atualizadas para suas análises e práticas profissionais. Em âmbito universitário, a análise comparativa subsidia a elaboração de futuras reformas, implementadas em cooperação com as atividades técnicas desenvolvidas pelas instituições legislativas. No exercício de sua função precípua, a propositura e análise de leis, o Poder Legislativo constantemente recorre à universidade visando ao aprimoramento dos diplomas legais, mais ainda quando o impacto da norma em análise fundamenta debate com efetivo impacto social.

Ainda que o exercício da função legiferante em todas as esferas administrativas por todos os poderes administrativos – Executivo, Judiciário e Legislativo – configure realidade compreendida em função de sua constante necessidade, o/a profissional bibliotecário/a responsável pela gestão de acervos jurídicos se confronta com o eterno dilema entre a expansão informacional constante em profundo contraste à limitação de capacidade em sua unidade informacional. Tal cenário, de fato agreste, leva o profissional à difícil decisão pela manutenção racional de materiais no conjunto das coleções. Em primeira análise, desde o ato de constituição de uma biblioteca jurídica é necessário reconhecer a importância de se controlar o ingresso de materiais de forma racional, a partir de critérios técnicos que preservem a informação e o suporte bibliográfico e beneficiem o público, reforçando o compromisso técnico institucional.

A (re)organização do acervo: aspectos institucionais

A partir das concepções iniciais, este relato de experiência tem como cenário os acervos de bibliotecas jurídicas, mais especificamente em âmbito universitário. Nesse ambiente o livro impresso é ainda o suporte que apresenta significativa relevância, mesmo com o avanço constante das plataformas digitais como substitutas da realidade analógica. O desenvolvimento de coleções é concebido em biblioteconomia como um processo cíclico que abrange o estudo de usuários/as, as políticas de seleção, a seleção, aquisição, avaliação e o desbastamento de materiais, que consigo porta outra fase, a qual, ainda que temida, condenada pelo público e até mesmo por bibliotecários/as, mostra-se necessária no sentido de garantir a vitalidade e a manutenção do acervo de forma equilibrada e harmônica: o descarte.

Em função da concepção geral a respeito da destinação final de bens patrimoniais em instituições do serviço público, percebida como desperdício de materiais obtidos às expensas do erário, define-se como atividade de desfazimento, que compreende tanto o início do processo, conhecido como desbaste, quanto o descarte, finalizado a partir da baixa patrimonial. Trata-se de iniciativa muitas vezes temida e, a depender da instituição, altamente burocrática. O desenvolvimento de coleções é um processo cíclico e ininterrupto, que não se restringe apenas à seleção e aquisição de novos materiais. Assim como as árvores precisam ser podadas para crescerem saudáveis, as coleções de bibliotecas necessitam ser “desbastadas” para manterem sua vitalidade, relevância e funcionalidade (Vergueiro, 1989). O desfazimento abrange todos os chamados materiais permanentes, desde mobiliário e equipamentos de informática até acervos bibliográficos, é regido por uma série de normas e regulamentos que visam a

garantir a transparência, a legalidade e a correta aplicação dos recursos públicos.

Da mesma forma como o ordenamento jurídico disciplina a vida em sociedade e baliza o desenvolvimento de coleções nas bibliotecas jurídicas, também se prevê a normatização legal visando à destinação do material bibliográfico para o encerramento de seu ciclo de vida na instituição. O processo de descarte apresenta relevância análoga à aquisição, garantindo-se, dessa forma, a qualidade do desfazimento, observados os parâmetros técnicos visando à otimização do acervo bibliográfico.

Considerando-se as constantes alterações por que passa o ordenamento legal, baliza na produção bibliográfica para unidades informacionais de natureza jurídica, objetiva-se apresentar – sob sua justificada importância – os procedimentos desenvolvidos na Biblioteca da Faculdade de Direito (BIBDIR) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, para a baixa patrimonial dos itens integrantes das coleções de materiais bibliográficos. Objetiva-se também desmistificar a ideia do desfazimento como desperdício de recurso público, ou simples “jogar fora”, bem como ressaltar a relevância desse procedimento no controle das coleções, de forma a se promover o saneamento do acervo, salientando sua preponderância como elemento promotor de resultados de pesquisa mais satisfatórios ao público. Diversas fases compõem esse processo, as quais serão detalhadas e justificadas pela teoria biblioteconômica e normas atinentes à destinação de patrimônio público tombado.

O desfazimento: do mito à norma

A principal fundamentação para a efetivação desse processo se concentra na obsolescência do conteúdo de cada obra, analisada sempre com base nas reformas implementadas nas fontes do direito. O Brasil é uma nação pródiga na

produção de conhecimento jurídico, tal como preconiza a melhor tradição legislativa, de base romana, que assenta na lei escrita o elemento de eficiência e difusão do ordenamento normativo. Em função dessa característica, todos os anos as bibliografias dos cursos de direito sofrem alterações, sempre em função de novas leis promulgadas, revisões na doutrina majoritária ou nos reiterados pronunciamentos emanados dos tribunais. A positivação do direito, e suas constantes reformas, fomenta o mercado editorial com significativo impacto para as instituições responsáveis pela gestão informacional de fontes jurídicas.

Tal fecundidade teórica resulta na reconfiguração constante dos acervos, contrastando com as limitações de espaço físico das bibliotecas. A necessidade da revisão de coleções tem como consequência a baixa patrimonial, para que se renovem os repositórios; sem, entretanto, se perderem obras de estimado valor institucional. O descarte não ocorre todos os anos, assim como a reformulação das bibliografias. Quando ocorre, contudo, tem duração estimada de um ano, devido à necessária análise a que se submete todo o processo em nível institucional.

Para o conjunto de rotinas de descarte, conta a experiência do/a bibliotecário/a, o trabalho em equipe e a sanção de órgãos de natureza técnica e administrativa no âmbito da universidade. Esse é um exemplo de procedimento em que não apenas a equipe da biblioteca se mobiliza para a elaboração; outros órgãos da faculdade e da universidade também recebem incumbência como supervisores de todas as etapas, que devem vir identificadas em processo administrativo previsto no conjunto de rotinas institucional.

Organização administrativa do desfazimento

No Brasil, o descarte de bens públicos, incluindo os materiais bibliográficos, é regido por amplo conjunto normativo. No serviço público federal, todos os atos administrativos devem ser registrados por escrito, seguindo fluxo parametrizado nos termos da Lei nº 9.784, de 22 de janeiro de 1999, que fundamenta o processo administrativo em âmbito federal. Identificado como processo de alienação de bens públicos, o descarte é disciplinado pela Lei nº 8.666, de 21 de julho de 1993 (Lei de Licitações e Contratos, que foi revogada pela Lei nº 14.133, de 1º de abril de 2021 – Nova Lei de Licitações e Contratos Administrativos, mas ainda aplicada em algumas situações de transição) e as normas de contabilidade pública que estabelecem os princípios gerais para a gestão de bens patrimoniais. O Decreto Federal nº 9.373, de 11 de maio de 2018, também configura importante norma aplicada, uma vez que dispõe sobre a alienação, cessão, transferência, destinação e disposição final de bens no âmbito da administração federal.

O descarte/desfazimento na UFRGS

Como integrante do Sistema de Bibliotecas da UFRGS (SBUFRGS), a BIBDIR se orienta a partir das regulamentações preceituadas pela Biblioteca Central (BC), consoante às normativas federais. As principais orientações para o desenvolvimento de procedimentos nas unidades informacionais integrantes do sistema estão descritas na plataforma Document@, que define rotinas operacionais voltadas ao cumprimento das normas administrativas federais. A Document@ é a base de conhecimento do SBUFRGS, como repositório centralizado de informações, diretrizes e procedimentos que orientam as atividades de todas as bibliotecas que compõem o SBUFRGS.

Para o desfazimento de materiais bibliográficos, as orientações identificam o conjunto de etapas referentes à organização do processo administrativo que deverá ser analisado pelo Conselho de Curadores (Concur) da UFRGS, um dos três Conselhos Superiores da instituição, ao lado do Conselho Universitário (Consun) e do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe). Sua principal função é a fiscalização da gestão econômico-financeira da universidade. Dada a relevância da movimentação patrimonial efetivada a partir da reorganização dos acervos bibliográficos, visto que configuram itens obtidos com recursos públicos ou via doação da comunidade, faz-se necessária a verificação da gestão patrimonial pelos órgãos da administração superior da universidade, procedimento fundamentado no princípio de transparência que deve ser observado em todas as movimentações de bens materiais no setor público em atenção à legislação vigente.

A análise do Concur é decisiva para o andamento do processo, podendo o colegiado solicitar esclarecimentos à biblioteca responsável pelo desfazimento, bem como à BC, que desempenha função de orientação técnica para a elaboração do fluxo procedimental. Como instância deliberativa, o Concur manifesta-se de forma independente, encaminhando as diligências que observar necessárias para o saneamento de eventuais irregularidades observadas nos autos processuais.

O processo administrativo de desfazimento

Após a seleção dos itens identificados com base na obsolescência do conteúdo, e verificada a possibilidade de substituição do suporte informacional, de forma a se evitar o descarte de materiais raros ou com relevante valor histórico para as atividades de estudo e pesquisa, o processo tem início na unidade responsável pelo desfazimento. O procedimento de separação inicial caracteriza o desbaste dos materiais, em

sala separada do acervo junto ao setor de processamento técnico, em caixas já identificadas para a futura baixa patrimonial. Conforme Figueiredo (1993, p. 64), o desbaste é o “processo de extrair títulos ou partes da coleção, quer para remanejamento, quer para descarte”. É a partir do desbastamento que a biblioteca manifesta a intenção de desfazer-se dos materiais. A materialização dessa intenção deverá ocorrer por escrito, nos termos do processo administrativo.

Separados os materiais, por convocação da biblioteca, a unidade deve constituir uma comissão, composta por bibliotecários/as e/ou professores/as, para a avaliação daqueles que deverão integrar o conjunto de itens a serem descartados. A constituição dessa comissão se efetiva a partir da emissão de portaria da Direção da Unidade responsável – no caso em análise, da Faculdade de Direito – identificando os membros por nome e cargo. Prevista no art. 10 do Decreto nº 9.373/18, denominada, na BIBDIR, Comissão de Classificação e Avaliação de Livros, tem a função de examinar a listagem dos livros separados e confirmar o desbastamento realizado para encaminhamento do descarte.

Os itens selecionados, quando retirados de circulação, recebem alteração de status na base informacional, do status ativo, identificável pela modalidade de empréstimo previsto (regular, diário, consulta restrita), para o status desfazimento. Conforme o disposto no art. 3º do Decreto nº 9.373/18, é necessário também registrar a causa da baixa, que será efetivada quando do registro pelo Departamento de Contabilidade e Finanças (DCF) da UFRGS. Conforme o referido decreto:

Art. 3º Para que seja considerado inservível, o bem será classificado como:

I – ocioso – bem móvel que se encontra em perfeitas condições de uso, mas não é aproveitado;

II – recuperável – bem móvel que não se encontra em condições de uso e cujo custo da recuperação seja de até cinquenta por cento do seu valor de mercado ou cuja aná-

lise de custo e benefício demonstre ser justificável a sua recuperação;

III – antieconômico – bem móvel cuja manutenção seja onerosa ou cujo rendimento seja precário, em virtude de uso prolongado, desgaste prematuro ou obsolescência; ou

IV – irrecuperável – bem móvel que não pode ser utilizado para o fim a que se destina devido à perda de suas características ou em razão de ser o seu custo de recuperação mais de cinquenta por cento do seu valor de mercado ou de a análise do seu custo e benefício demonstrar ser injustificável a sua recuperação (Brasil, 2018).

No processo de desfazimento de materiais bibliográficos, não se aplica o disposto no inciso II, visto que para materiais recuperáveis o procedimento é análogo ao dos itens ociosos, que devem ser encaminhados para doação. Devido à constante obsolescência dos materiais recolhidos para destinação final, o critério aplicado como causa da baixa configura-se como antieconômico. Em caso de sinistro ou devido ao ataque de agentes nocivos (traças, roedores etc.), constatada a impossibilidade de recuperação do material, a classificação de irrecuperável é utilizada. Entretanto, tendo-se em vista a organização do fluxo processual, para cada classificação (ocioso, antieconômico, irrecuperável) recomenda-se a elaboração de autuação dos materiais em processos administrativos distintos, o que proporciona organização mais facilitada das informações a serem encaminhadas às autoridades competentes.

Dessa forma, todos os materiais bibliográficos em desfazimento são separados em seus respectivos processos administrativos pela classificação aplicada, que representa o motivo da baixa patrimonial. Caso algum item em desbastamento seja solicitado por usuário/a para consulta, estudo ou pesquisa, o material automaticamente torna a integrar as coleções do acervo, devendo ser revisada a sua permanência apenas quando for realizado outro processo.

Nesse aspecto, quando encaminhado o processo ao Concur para análise da lista de materiais, a relação antieco-

nômico *versus* obsoleto surge como dicotomia irreconciliável, apresentada nas diligências encaminhadas para esclarecimento à biblioteca. Conforme já identificado no referido art. 3º, III, essa relação é direta, pois a obsolescência é uma causa fundamental da antieconomicidade de um bem.

O material bibliográfico não se torna obsoleto pelo envelhecimento do suporte, mas frequentemente passa a ser antieconômico, ou seja, de manutenção desvantajosa, quando a informação nele registrada não mais satisfaz as demandas e necessidades informacionais do público, verificada pela queda acentuada na procura do item, conforme as estatísticas de circulação de materiais. A desatualização das fontes informacionais, elemento constante no mudo do direito, determina a decisão técnica pela substituição do material, mesmo quando em perfeito estado de conservação.

Destinação final dos materiais bibliográficos

Após análise e liberação do Concur, o que em geral não ocorre sem a solicitação de esclarecimentos técnicos à BC, o processo retorna à biblioteca para o encaminhamento dos materiais para a baixa patrimonial. Os itens são descaracterizados, mediante eliminação das etiquetas de número de chamada, carimbos e registros de identificação institucional fixados no material e retirada do código de barras, que deve ser separado para posterior verificação do item, caso necessário. Materiais classificados como ociosos devem ser encaminhados para doação. A descaracterização dos materiais para a baixa só é possível após a liberação do descarte por todas as instâncias responsáveis pela análise do processo.

Caso se trate de itens antieconômicos ou irrecuperáveis, sua destinação final é a eliminação, devendo ser encaminhados para instituições como Mensageiros da Caridade ou Associação dos Trabalhadores do Centro de Reabilitação Psicossocial

do Hospital Psiquiátrico São Pedro (ATUT), conforme previsto no art. 8º do Decreto nº 9.373/18 (Document@, 2024). O recibo de doação emitido pela entidade responsável pela coleta dos materiais deve ser anexado ao processo, que então é encaminhado para a DCF da UFRGS, a qual certifica a baixa patrimonial dos materiais no sistema de registro contábil da universidade. Assim, conclui-se o processo de desfazimento de materiais integrantes das coleções das unidades informacionais do SBUFRGS.

Convém ressaltar que esse conjunto de procedimentos é válido para materiais bibliográficos identificados como monografias publicadas, os famosos livros. Para os demais materiais que integram outras coleções, tais como periódicos, CDs, DVDs etc., não há exigência de rotina administrativa parametrizada via fluxo processual em que se identifiquem os itens objeto do descarte. Entretanto, a flexibilização administrativa não afasta a responsabilização do/a profissional por eventuais perdas patrimoniais, quando do encaminhamento dos materiais sem a devida análise técnica, em condição análoga à prática desenvolvida pela Comissão de Classificação e Avaliação de Livros e o Concur. A ausência de fluxo administrativo detalhado não significa a ausência de legislação, dever de cuidado e de critérios técnicos. Outrossim, exige discernimento, conhecimento e bom senso por parte do/a bibliotecário/a ou gestor/a da coleção.

Descarte no setor público: um desafio necessário

Este relato de experiência não se trata em nenhum aspecto da defesa desabrida de um procedimento que fundamenta acalorados debates no ambiente técnico e científico. Mesmo sob os preceitos da mais bem fundamentada teoria, com que ensinam especialistas a exemplo de Vergueiro (1989) e Weizel (2013), o descarte de materiais bibliográficos sempre traz pre-

ocupações, as mais justificáveis, em termos de conservação do patrimônio institucional. O desfazimento de materiais bibliográficos é um trabalho de planejamento que exige metodologia e comprometimento.

Nesse sentido, é necessário que o/a bibliotecário/a realize todas as etapas do desenvolvimento de coleções, incluindo o descarte, sempre com base em critérios técnicos e mediante respaldo legal. A malha legislativa não tem por função “enredar” o/a profissional no liame de seus extensos e detalhados preceitos normativos. Pelo contrário, a legislação tem por objetivo conferir segurança jurídica ao processo, mediante a parametrização dos procedimentos. Considerando princípios legais expressos nas fontes do direito, todas as iniciativas do processo de alienação de bens patrimoniais se promovem sempre com o objetivo de preservar o conjunto de bens públicos, garantido o interesse institucional.

As coleções não se desenvolvem por “geração espontânea”, e a constante limitação de espaço físico, que atemoriza os profissionais responsáveis pela gestão de acervos, se torna premente, mais ainda em relação ao patrimônio público-alvo do processo de tombamento histórico, como o é o caso da FDIR, cujo prédio, inaugurado em 1910, conserva as características da época de sua fundação. Ao longo de mais de 120 anos, apenas uma ampliação estrutural foi realizada, que, embora tenha triplicado a capacidade técnica da biblioteca, nos anos 1950, já se mostra em muito superada, uma vez que o conjunto documental da área jurídica também prolifera em escala potencialmente superior.

O status de patrimônio histórico tombado implica maior complexidade ao desafio de descarte. Embora o tombamento se aplique à edificação em si e não diretamente aos materiais bibliográficos, bens móveis sujeitos a diferentes regimes de desfazimento, impõe um ambiente de forte valorização da memória e da preservação. Na atualidade, as intervenções

no edifício, mesmo que para otimizar o espaço da biblioteca, são rigidamente controladas por órgãos como o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Em função de tais restrições, soluções estruturais para a expansão do acervo são limitadas, reforçando a necessidade do gerenciamento contínuo por meio da eliminação/substituição racional e controlada.

Nesse contexto, o/a bibliotecário/a, munido/a de critérios técnicos bem definidos, em atenção à legislação vigente e considerando a relevância histórica/documental de cada obra, se torna o/a agente de mudança e otimização. A preservação da memória institucional e da história do direito não se confunde com a acumulação indiscriminada. Pelo contrário, um descarte bem executado, que prioriza a conservação de edições raras, obras de referência histórica e documentos de valor patrimonial único, enquanto remove o que é facilmente substituível ou desatualizado, é uma forma de garantir que o legado intelectual seja acessível e funcional para as futuras gerações.

Descartar não é simplesmente jogar fora ou abandonar o que não se usa mais. Essa visão simplista e muitas vezes negativa do descarte vem cercada de mitos e afastada da técnica. Trata-se de procedimento recorrente nas mais diversas instituições, públicas e privadas, regido por lei e que dispõe de amplo lastro teórico que fundamenta sua aplicação de forma racional e objetiva. O descarte, na verdade, é um processo que se baseia em critérios rigorosos, como a obsolescência do conteúdo – especialmente em áreas dinâmicas como o direito –, o estado de conservação do material, a duplicidade, a frequência de uso e a relevância para a política de desenvolvimento de coleções da instituição. Não é uma decisão aleatória ou emocional, mas informada e analítica.

O acervo atualizado e focado nas necessidades informacionais dos/as usuários/as representa a vitalidade

institucional configurada por intermédio de seus repositórios bibliográficos. Em ambientes com restrição física, como prédios tombados, o descarte libera espaço para novos materiais, promovendo a constante revitalização do acervo. Ao remover itens obsoletos ou danificados, a biblioteca garante que os/as usuários/as encontrem informações precisas e em bom estado, facilitando a pesquisa e o acesso ao conhecimento. Conservar materiais antieconômicos, cuja manutenção é cara ou o rendimento precário, significa desperdício de recursos que poderiam ser investidos em novas aquisições ou em serviços mais relevantes.

Assim como o desenvolvimento de coleções não acontece de forma independente, o descarte também não é um evento isolado e emergencial. Ele deve ser uma atividade planejada, metodológica e contínua, integrada à rotina da biblioteca. É, portanto, um ato de gestão inteligente e responsável do patrimônio informacional. Longe de ser um abandono, é uma forma de preservar a funcionalidade, a relevância e a sustentabilidade do acervo, garantindo que a biblioteca cumpra sua missão de forma eficaz. Sempre que surge a necessidade de um novo desbastamento e posterior descarte, o/a bibliotecário/a se confronta com a sombria perspectiva da perda patrimonial. De forma a se evitar essa preconcepção, apenas um conjunto robusto de diretrizes, normas e técnicas pode amparar o procedimento de forma a se garantir a preservação do interesse público.

Aprimoramento técnico

No contexto institucional, a implantação da Lei nº 9.784/99, que instituiu de forma mais objetiva o fluxo dos processos administrativos em todas as entidades e órgãos do Poder Executivo federal, tornou mais simples e direto o andamento processual, com mais transparência, a possibilidade de revisões e a solicitação de diligências, de modo a se corrigirem

eventuais demandas apresentadas ao longo do processo. Esses avanços têm fundamento no modelo de gestão pública mais voltado à transparência, que preserva o interesse público em conformidade ao avanço legislativo, que não apresenta identificação ideológica, mas se fundamenta na técnica e legalidade dos atos administrativos como princípios de sua atuação.

A partir de 2016, mais ainda se aprimorou o ambiente processual com a instituição do Sistema Eletrônico de Informações (SEI), que proporciona o andamento do processo administrativo em meio eletrônico. Mais ainda se diversificaram as possibilidades de saneamento de diligências e encaminhamento mais facilitado do processo às instâncias competentes, como a interação multiusuário em tempo real, fundamental para a elaboração e o encaminhamento de documentos, de forma que as diligências possam ser encaminhadas em questão de segundos. Com o auxílio da tecnologia e a aplicação da legislação de maneira transparente e objetiva, não surgem óbices ao andamento das demandas, já que a fiscalização facilitada e o sistema de controle mais transparente aceleram o esclarecimento das dúvidas e questionamentos apresentados, garantindo agilidade ao procedimento e fixando diretrizes para futuros encaminhamentos.

Convém também destacar que, no caso de bibliotecas integrantes de sistemas, como a BIBDIR no SBUFRGS, o apoio técnico oferecido pela BC é fundamental para o andamento das atividades. Em todas as oportunidades, a equipe do Núcleo de Aquisição (NAQ) bem como a direção se mostraram sempre solícitas e disponíveis às demandas apresentadas em função de solicitações de esclarecimentos apresentados pelos órgãos de controle da UFRGS. Nesse aspecto, é destaque a atuação do Concur como balizador de aspectos normativos que envolvem a gestão patrimonial da universidade. A verificação processual em várias etapas não representa entraves ao andamento das demandas, ao contrário, fortalece

a necessária conformidade normativa, aspecto pelo qual se devem conformar todas as relações no setor público.

Considerações finais

Não se furtam os/as especialistas de listar importantes razões técnicas para a implementação do desfazimento, atividade sem a qual, contrariando o preceito estabelecido por Vergueiro (1989), resta incompleto o processo de desenvolvimento de coleções, quando, nas palavras do autor, os “desprevenidos” se recusam a incluir essa prática em seu repertório técnico, devido, conforme Weitzel (2013, p. 66), ao medo em virtude do “erro de descartar algo que ainda possui algum valor”.

No entanto, seguindo norma e técnica, não deve haver razão para quaisquer temores. Como afirma Miranda (2007, p. 4), é importante “redefinir e esquecer antigos paradigmas, e estabelecer normas para seleção, aquisição e descarte de materiais, tendo como base critérios previamente definidos para a formação de uma coleção ideal”. Não deve haver, portanto, óbice ao desenvolvimento das coleções no sentido de se promover o ajuste do repositório informacional voltado ao interesse público. Mesmo as definições mais simples do processo revelam a preocupação da comunidade acadêmica quanto à atribuição da terminologia técnica adequada, definição dos conceitos e desmistificação das práticas prescritas.

A transparência na comunicação dos critérios e dos procedimentos de descarte à comunidade acadêmica é igualmente crucial para desmistificar preconceitos e reforçar o entendimento de que essa prática visa, em última instância, a aprimorar os serviços oferecidos pela biblioteca. Ao liberar espaço e focar a coleção em materiais de maior relevância e atualidade, a biblioteca não apenas se torna mais eficiente, mas também reforça seu compromisso em ser um centro de excelência informacional, capaz de atender às demandas dinâ-

micas do público e de contribuir efetivamente para o avanço do conhecimento jurídico.

Dessa forma, o descarte se consolida como uma ferramenta de gestão proativa, que reflete uma compreensão moderna do papel da biblioteca. Longe de ser um mero ato de eliminação, ele representa um ajuste contínuo para que o acervo esteja sempre alinhado ao perfil da instituição e da comunidade a que serve, assegurando que o patrimônio informacional seja um recurso vivo e plenamente utilizável.

Referências

BRASIL. **Decreto Federal nº 9.373, de 11 de maio de 2018.** Dispõe sobre a alienação, cessão, transferência, destinação e disposição final de bens no âmbito da administração pública federal. Brasília, DF, 2018. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/decreto/d9373.htm. Acesso em: 10 jul. 2025.

BRASIL. **Lei nº 8.666, de 21 de junho de 1993.** Regulamenta o art. 37, inciso XXI, da Constituição Federal, institui normas para licitações e contratos da Administração Pública e dá outras providências. Brasília, DF, 1993. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8666cons.htm. Acesso em: 10 jul. 2025.

BRASIL. **Lei nº 14.133, de 1º de abril de 2021.** Lei de Licitações e Contratos Administrativos. Brasília, DF, 2021. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2021/Lei/L14133.htm#art193. Acesso em: 10 jul. 2025.

DOCUMENT@ UFRGS. **Desenvolvimento de coleções:** políticas e procedimentos de baixa. Porto Alegre: UFRGS, 2024. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/documenta/d/politicas-procedimentos-baixa/>. Acesso em: 10 jul. 2025.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. **Desenvolvimento e avaliação de coleções.** Rio de Janeiro: Rabiskus, 1993.

MIRANDA, Ana Cláudia Carvalho de. Desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 5, n. 1, p. 1-19, 2007. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/2018>. Acesso em: 12 jul. 2025.

VERGUEIRO, W. **Desenvolvimento de coleções.** São Paulo: Polis, 1989.

WEITZEL, Simone da Rocha. **Elaboração de uma política de desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias**. 2. ed. Rio de Janeiro; Niterói: Interciência: Intertexto, 2013.

Biblioteca no Instagram: criação e desenvolvimento de um canal na rede social

Maria Graciele Trevisan

Introdução

Este relato tem como objetivo principal apresentar minha experiência profissional na criação e desenvolvimento de um perfil na rede social Instagram (@bif.unicamp) para a Biblioteca do Instituto de Física Gleb Wataghin (BIF), uma biblioteca universitária setorial especializada na área de física que faz parte das 30 bibliotecas setoriais que compõem o Sistema de Bibliotecas da Unicamp (SBU), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). A biblioteca relatada está localizada no campus universitário de Campinas, interior do estado de São Paulo.

A BIF foi criada em 1971, com a missão de oferecer suporte informacional ao desenvolvimento das atividades de ensino, pesquisa e extensão do Instituto de Física Gleb Wataghin (IFGW) e da universidade como um todo. Possui desde então um acervo atualizado na área de física e correlatas, composto por livros, periódicos, acesso a fontes eletrônicas e impressas, fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa científica e indispensáveis para a formação dos estudantes.

Atualmente a BIF oferece serviços e produtos físicos, mas também disponibiliza produtos, serviços e atendimento de forma remota, fomentado pelo período da pandemia e mantido até os dias atuais. Atua em duas vertentes, uma voltada ao atendimento presencial, como empréstimo de materiais físi-

cos, espaços para estudos e serviços de referência tradicionais, e outra voltada aos serviços a distância, como atendimento via telefone, *e-mails*, formulários eletrônicos, atuação com curadoria digital da produção científica e repositórios institucionais, e a atuação com marketing digital, por meio das mídias sociais, que é o foco deste relato de experiência.

Em março de 2020, com o início do período de pandemia de Covid-19 e o distanciamento social obrigatório entre a universidade e sua comunidade, as bibliotecas, assim como muitos dos setores que atuavam com atendimento ao público, precisaram se reinventar para continuar atendendo minimamente de maneira satisfatória seu público acadêmico a distância.

Nesse contexto, além dos diversos serviços e produtos remotos que o SBU e as bibliotecas setoriais disponibilizaram de forma coletiva, a biblioteca do Instituto de Física (BIF) sentiu a necessidade de oferecer um canal de comunicação mais direto, assertivo e que pudesse manter a comunidade atualizada e alinhada com os acontecimentos, além de oferecer suporte, mesmo que a distância. Então, em março de 2020 foi criado um grupo de trabalho com três bibliotecárias, sendo duas do setor de referência e uma na posição de liderança do grupo, mais três estagiários e alguns bolsistas. De acordo com Ottoni (1995), em unidades de informação, o bibliotecário de referência tende a conhecer mais as preferências dos seus clientes, pelo seu contato contínuo e direto com eles, pois conhece suas preferências e sabe como melhor atendê-las.

O grupo de trabalho foi instituído com a missão de criar e desenvolver um canal da BIF na plataforma Instagram. Desde então, sou uma das bibliotecárias do setor de referência que fazem parte do grupo, e neste relato de experiência apresento a trajetória de desenvolvimento do trabalho desde março de 2020 até o final de 2024, na área de marketing digital para

bibliotecas, presente no setor de referência, especificamente atuando com o perfil da BIF no Instagram (@bif.unicamp).

Fundamentação teórica e justificativa

Seja para empresas ou instituições, sabe-se que a utilização do marketing para a divulgação e promoção de serviços e produtos sempre foi algo considerado essencial. Com a ascensão da internet, o marketing digital tornou-se um caminho necessário para fazer com que as informações chegassem até os clientes de forma rápida e a um maior número de pessoas ao mesmo tempo. Conforme colocado por Moraes e Moreira (2019, p. 2), “Através do uso da internet o marketing teve um grande impulso positivo; e o marketing digital pode ser considerado um dos veículos mais utilizados como meio de fazer com que as propostas de uma organização cheguem mais rápido aos seus clientes”.

Seguindo nessa linha, o marketing digital, amplamente reconhecido como necessário em todas as instituições, incluindo as bibliotecas universitárias, não pode ser negligenciado pelos gestores, pois é com ele que se torna possível atingir o público e levar os produtos e serviços da biblioteca, como indicado por Silva e Jacob (2021, p. 94): “Desta forma, podemos ver o *marketing* digital como essencial para toda e qualquer instituição atualmente, inclusive as unidades de informação, servindo como apoio à disseminação dos seus serviços para o seu público-alvo”.

Por meio desse ambiente digital, surgiram as redes sociais, cujo uso tornou-se quase obrigatório para as instituições que desejam se conectar com sua comunidade, conforme indicado por Tavares e Lima (2021, p. 72): “Tão enraizada na vida cotidiana, a presença digital de pessoas e instituições nas redes sociais se tornou natural e, por assim dizer, mandatória para quem quer se fazer existir e se conectar no atual contexto social”.

As plataformas sociais são acessadas em massa e conectam as pessoas através de seus interesses em comum, assim como possuem fácil compreensão e em sua maioria são intuitivas e sem barreiras, fazendo com que tanto a comunidade em geral quanto a acadêmica tenham os mesmos acessos.

As redes sociais na internet podem, nesse sentido, proporcionar informações e serviços em plataformas de fácil compreensão e acesso, auxiliando de maneira igualitária a comunidade acadêmica e o público em geral. O bibliotecário gestor pode encontrar nessas redes os meios para impulsionar atividades e serviços, lançando mão do marketing digital (Tavares; Lima, 2021, p. 73).

Nesse contexto das redes sociais, as bibliotecas também podem fazer uso no sentido de divulgar seus serviços e produtos e ainda proporcionar a aproximação com a comunidade, por meio da identificação com os usuários em canais de comunicação em que eles já estão presentes.

Assim como vários outros segmentos, a Ciência da informação também tem buscado usar esse avanço tecnológico a seu favor, e no caso das bibliotecas pode-se fazer uso das redes sociais para expandir seu campo de atuação e ampliar a sua função de disseminadora e catalisadora de produtos e serviços de informação (Morais; Moreira, 2019, p. 2).

Dentre as diversas redes sociais existentes, a escolha da plataforma Instagram se baseou na popularidade da mídia entre públicos de diversas faixas etárias no Brasil e por ela já ser bastante utilizada pelos estudantes universitários. Em pesquisas realizadas na *web*, constatou-se que outras bibliotecas já possuíam perfis no Instagram, assim como bibliotecas do próprio SBU, sendo a rede onde divulgavam seus produtos e serviços e provocavam interações com seus seguidores. Também por ser uma plataforma já de uso comum entre as pessoas do grupo de trabalho, havendo uma familiaridade com a mídia pelo uso pessoal, tornava-se mais simples seu aprendizado também em nível institucional. Além disso, o

Instagram é uma plataforma que proporciona a divulgação dos serviços e produtos por meio de imagens e vídeos, havendo a possibilidade de arquivar as informações para uso futuro, e ainda poderia ser um canal de comunicação direta com o uso de mensagens e avisos rápidos pelos *stories*.

Sendo assim, o objetivo deste relato de experiência é mostrar todo o trabalho desenvolvido pelo grupo a partir do estudo e da criação do canal na plataforma, assim como todo o processo de desenvolvimento durante o período abordado, os diferentes papéis das pessoas envolvidas e a manutenção do perfil da BIF na rede social Instagram. Aborda, ainda, as estratégias utilizadas, os aprendizados e conhecimentos adquiridos, mas também alguns dos desafios e problemas enfrentados, o que poderá contribuir de alguma forma como inspiração e auxílio a outras bibliotecas e equipes que almejam se tornar presentes nas redes sociais.

A biblioteca e seus serviços

A biblioteca na qual vivenciei esse relato é uma biblioteca universitária especializada na área de física, ligada administrativamente ao Instituto de Física Gleb Wataghin (IFGW), e tecnicamente ao SBU, da Unicamp. Funciona desde 1971, na cidade de Campinas, quando foi criada como um suporte informacional ao desenvolvimento das atividades do IFGW, e ao longo do tempo foi oferecendo outras atividades, produtos e serviços de apoio institucional e acadêmico.

Hoje conta com uma área de 1.074m², 115 pontos de estudos, com 6 salas para grupos, computadores para uso dos alunos e aproximadamente 25 mil livros impressos. Possui também acesso a uma gama de recursos eletrônicos, e-books, periódicos, repositórios, banco de teses e dissertações, e ainda oferece alguns serviços específicos e treinamentos para a pós-graduação. O horário de atendimento presencial é das 08:30h às 22:45h, de segunda a sexta-feira. Mas também atende re-

motamente via e-mail, mensagens no Instagram e um sistema de chamados interno do próprio Instituto de Física. Dessa forma, a BIF busca fornecer serviços de cunho tradicional e outros que possam acompanhar também o desenvolvimento da internet e do atendimento remoto.

O serviço de referência

Nesse contexto de novas tecnologias, a BIF procura promover, dentro do escopo do serviço de referência na biblioteca universitária, desde atividades tradicionais voltadas para os usuários presenciais até produtos e serviços que abarquem os usuários remotos e o uso de novas tecnologias de informação e comunicação. Conforme firmado por Lima e Araújo (2020, p. 2),

Com o advento da internet, novas demandas surgiram, portanto, as bibliotecas devem acompanhá-las e estar prontas para atendê-las. As novas tecnologias trouxeram também novos desafios; as fontes se expandiram e a informação não é mais somente impressa. Houve aumento da produção bibliográfica e os meios de comunicação estão, cada vez mais, aproximando o usuário remoto da informação de que necessita. As atividades desenvolvidas no setor em questão podem incluir desde o mais tradicional Serviço de Referência até as atividades consideradas mais modernas, como por exemplo, as buscas on-line, podendo haver diferenças entre as bibliotecas e os serviços prestados por elas. De maneira a atender essas mudanças, a biblioteca deve estar presente e o setor de referência deve contar com novos recursos e ferramentas, de forma a otimizar a prestação de serviços.

Pontua-se aqui como um recurso e ferramenta para otimizar a prestação de serviços na biblioteca universitária o uso do marketing digital, sendo uma das práticas modernas do uso de tecnologias dentro do serviço de referência.

De maneira geral, pode-se dizer que o serviço de referência constante da biblioteca universitária é baseado em toda interação entre o usuário e a informação que a biblioteca pode oferecer, assim como a forma como essa informação chega

até o usuário. Nesse sentido, os serviços e produtos de referência oferecidos pela BIF buscam acompanhar os anseios e necessidades do seu usuário, e o marketing digital, por sua vez, pode trazer algumas estratégias e ferramentas mais apropriadas e aperfeiçoadas a fim de atender essas necessidades.

Pensando nisso, é possível citar conhecimentos trazidos do marketing, que assim como serviço de referência, tem por finalidade proporcionar satisfação dos anseios e desejos de uma demanda específica. Em meio a contemporaneidade, marketing digital além de auxiliar no processo de promoção e propagação, pode contribuir, por meio de estratégias, para o aperfeiçoamento de serviços como o de referência (Silva, 2019, p. 41).

De acordo com Silva (2019), o serviço de referência proporciona contato direto com o usuário da informação, então, por consequência, pode fazer uso de estratégias de marketing digital para estreitar esse relacionamento, criando-se uma ponte que aproxima o usuário da biblioteca. O uso de estratégias de marketing digital no contexto dos serviços de referência pode ser aplicados em diferentes linhas, como nas mídias sociais – seja para responder questões de referência, divulgar produtos e serviços da biblioteca ou criar alertas de novidades –, no uso das hashtags para engajamento de ações e propagandas, no marketing de conteúdo por meio da promoção de fontes de informação e, ainda, no fornecimento de métricas, feedbacks e estudos de usuários.

Escolha da rede social Instagram

Visto todo o cenário caótico e incerto do período inicial da pandemia de Covid-19, em meados de 2020, a BIF sentiu a necessidade de oferecer um canal de comunicação mais direto com a sua comunidade, oferecendo suporte, mesmo que a distância. E então, de acordo com o exposto, o uso das mídias sociais dentro do marketing digital nas bibliotecas podia ser visto como um aperfeiçoamento do serviço já existente e

uma aproximação entre o usuário e a biblioteca universitária. Então, em março de 2020 foi criado um grupo de trabalho, na época composto por três bibliotecárias, sendo duas do setor de referência e uma na posição de liderança do grupo, mais três estagiários e alguns bolsistas.

A escolha da plataforma Instagram foi devido ao perfil dos usuários da biblioteca na época, à alta abrangência da rede social no Brasil entre diversas faixas etárias e à familiaridade dos envolvidos no projeto com a ferramenta. Além disso, por meio de pesquisas feitas com outras bibliotecas universitárias, constatou-se que algumas já utilizavam essa rede como ferramenta de mídia social. O Instagram oferecia a possibilidade de divulgação de conteúdos em diversos formatos, abarcando vários segmentos de produtos e serviços da biblioteca e opção de divulgação de avisos, e ainda poderia ser um canal de comunicação mais assertivo com os usuários, fortalecendo laços e trazendo mais visibilidade para a biblioteca nas redes sociais. Conforme colocado no blog do Biblio MKT ([2025], n.p.):

Uma biblioteca que usa as mídias sociais para estar sempre em contato com o seu público, pode obter feedbacks em tempo real a respeito dos produtos e serviços, bem como das principais demandas das pessoas que ela busca servir. Essa interação, além de fortalecer os laços com os usuários, também aumenta o valor percebido, gerando reconhecimento e visibilidade para a instituição, uma vez que o alcance de pessoas nas plataformas de mídias sociais é bem maior do que comunicação feito in loco. É ainda um meio de posicionar a biblioteca como uma marca, que tende a ser lembrada pelas suas características, comunicação, identidade... e não mais como uma instituição sem personalidade, apática e distante do público.

Início dos trabalhos pela equipe

Primeiramente foi realizado, por todo o grupo de trabalho, um estudo do cenário e do uso da ferramenta Instagram,

bem como um pouco de leituras e cursos breves sobre marketing digital e uso de mídias sociais em bibliotecas universitárias.

No quesito recursos humanos, a criação de um grupo de trabalho diversificado quanto a diferentes idades e áreas profissionais, uma vez que tínhamos bibliotecários, estagiários de biblioteconomia e bolsistas de outras áreas, como física, engenharia, pedagogia e letras, trouxe uma maior possibilidade de diversificação de conteúdos e uma visão de comunicação mais ampla. Foi feita uma divisão de papéis entre os membros do grupo, como criação de conteúdo, revisões, postagens e acompanhamento das interações, retorno de mensagens, compartilhamento de stories e de avisos.

Em virtude do início do projeto e de boa parte dele ter sido desenvolvido durante a pandemia e trabalho remoto, havia reuniões online semanais para discussão de conteúdos, definição das agendas e apresentação de novas ideias. O planejamento era feito mensalmente, isto é, no início de cada mês o grupo já fazia uma predefinição do calendário mensal, levando em consideração as datas importantes e os acontecimentos da biblioteca e da universidade. Além disso, semanalmente era confirmada a agenda e redistribuída a produção dos conteúdos entre os membros. Todas as reuniões eram anotadas para posterior verificação pelo grupo.

Como já indicado, havia uma liderança realizada pela bibliotecária responsável, mais duas bibliotecárias do setor de referência e os demais eram estagiários e bolsistas que foram mudando ao longo dos meses.

As ferramentas utilizadas inicialmente eram todas grátis, como o grupo de WhatsApp, para discussões mais pontuais e comunicação mais rápida, o uso do Google Drive como ferramenta para desenvolver todo o trabalho de forma compartilhada entre a equipe, o Canva para artes e vídeos e o nosso celular pessoal para as postagens e interações na plataforma.

No primeiro ano de trabalho, 2020, já houve uma boa receptividade pelo nosso público-alvo, que era principalmente os alunos de graduação, seguidos dos de pós-graduação, dos docentes e pesquisadores da comunidade do IFGW/Unicamp. Mas nesse primeiro momento não tínhamos ainda um plano de marketing definido, e os esforços eram voltados mais para que os processos de trabalho fluíssem de forma remota, para a busca por conteúdos interessantes ao público e aprimoramento das ferramentas de trabalho.

Havia ainda as dificuldades do trabalho a distância, das ferramentas grátis, que nem sempre eram muito eficientes, além de outras demandas da biblioteca para serem atendidas concomitantemente ao trabalho com o Instagram. E a alta rotatividade de bolsistas trazia a necessidade de se ensinar todo o trabalho várias vezes.

O desenvolvimento ao longo dos anos ✂

Em 2021, o trabalho remoto continuou e o grupo foi se aperfeiçoando. Já no início do ano, nós, bibliotecárias, realizamos um curso do site BiblioMarketing sobre Instagram para bibliotecas, o que trouxe um bom conhecimento prático que pôde ser aplicado durante o ano.

Com a rotatividade de bolsistas e estagiários, houve a introdução de novas ideias de conteúdos e interações. Nesse mesmo período, o grupo criou uma conta e um canal no Telegram, para o compartilhamento de conteúdos como PDFs, guias e links, divulgou e alimentou o canal com postagens.

Em 2022, o trabalho foi retomado no formato presencial, e com ele surgiram as dificuldades de se conciliar o trabalho do grupo Instagram com as demandas presenciais do setor de referência, que não estavam tão relevantes durante o período da pandemia, mas nesse momento foram se restabelecendo. Com isso, optamos pelo não prosseguimento do canal do Telegram, que consumia tempo e energia dos envolvidos e

não teve um crescimento significativo de seguidores em comparação com o Instagram.

Nesse mesmo período, o IFGW instituiu uma política de padronização das redes sociais ligadas a setores do instituto, e a BIF também precisou passar por uma readequação. Houve inclusive rumores de centralizar a gestão de todas as mídias sociais, incluindo o Instagram, na direção do IFGW, mas a liderança da BIF conseguiu manter nossa rede social da mesma forma, gerida pelo grupo do setor de referência da biblioteca e com total autonomia, sendo necessário apenas adequar layout, fontes, e um pouco mais de atenção aos assuntos abordados nos conteúdos postados.

Mas, também como ponto positivo nesse ano, o instituto assinou o Canva e a Unicamp o Google para empresas. Dessa forma, a BIF pôde se beneficiar com mais recursos e ferramentas para uso com os trabalhos compartilhados do Instagram.

Em 2023, realizamos outro curso do site BiblioMarketing, dessa vez voltado para planejamento e marketing no uso das mídias sociais em bibliotecas. A partir desse novo conhecimento foi elaborado um plano de marketing para o Instagram da BIF no ano de 2023, no qual definimos objetivos a serem atingidos, indicadores de desempenho e ações para seguir esse plano.

Nesse período, a frequência de reuniões já não era mais tão necessária, pois o grupo já estava bem engajado e se autossustentava. Utilizávamos um calendário mensal, e a agenda era confirmada semanalmente pela líder do grupo.

O plano de marketing foi seguido pelo grupo, com alguns ajustes, é claro, mas notamos que houve um crescimento de seguidores, alguns elogios pelo trabalho realizado, principalmente quanto aos processos de trabalho, e uma consolidação do fluxo.

Em 2024, a equipe contou com a entrada de mais duas funcionárias técnicas em biblioteconomia, que contribuíram com novas ideias, então foi possível a confecção de um novo plano de marketing para o ano. Dessa vez nosso foco era, além de atrair os novos alunos, a aproximação com o público-alvo, para fortalecer os laços e trazer mais visibilidade para a biblioteca.

No final de 2024 já tínhamos quase 2 mil seguidores, sendo que os alunos do IFGW mesmo somam em torno de mil. Houve uma maior interação por meio do Instagram, seja por mensagens (direct) ou comentários.

Em termos de conteúdo, não deixamos de postar serviços e produtos relacionados à biblioteca, assim como diversos assuntos da área de física e correlatas, uma vez que nosso público-alvo são alunos de física. Mas notamos que uma mescla com memes, trends, formatos de vídeos e utilização da realidade, isto é, do que acontece na biblioteca, com as pessoas reais, do nosso dia a dia, mesmo que seja um acontecimento aleatório, também fez toda a diferença no desenvolvimento e fortalecimento do nosso canal ao longo desses anos.

Outro desafio notado foi a necessidade de uma regularidade nas postagens, que exigia planejamento, flexibilidade e esforço de toda a equipe para não deixar o que já estava se consolidando se perder.

Para isso, a equipe utilizou-se de habilidades individuais para a produção dos conteúdos, desenvolvendo novos conhecimentos em comunicação, marketing digital, design e escrita, assim como também houve o auxílio das tão presentes inteligências artificiais (IA) nesse último ano como ferramentas de trabalho. Nesse sentido, o grupo passou a utilizar o já conhecido ChatGPT para auxiliar na elaboração e reestruturação de legendas, ideias para novos posts e relações entre algum assunto específico, série ou filme, por exemplo, e o mundo da física. Ainda, dentro da própria ferramenta Canva, na versão

paga, há opções de IA que auxiliam a desenvolver os conteúdos e até gerar novos posts.

No quesito gestão, a utilização de planejamento e programação de conteúdos em férias, feriados e recessos administrativos também foi essencial para não se perder a qualidade e a continuidade do trabalho já desenvolvido e consolidado.

Considerações finais

Buscou-se neste relato de experiência demonstrar um pouco de todo o trabalho desenvolvido pelo grupo com o canal da BIF no Instagram durante quatro anos, trazendo as motivações iniciais que levaram à escolha da plataforma, as ferramentas utilizadas no decorrer dos processos, a evolução ao longo do tempo, as dificuldades enfrentadas e os aprendizados adquiridos.

Reconhece-se o serviço de referência e, por consequência, o bibliotecário que atua nele como um profissional em construção, uma vez que o cenário muda e os processos que o permeiam se atualizam constantemente. Todas as experiências vividas, os novos serviços e os processos realizados transformam os profissionais e trazem aprendizados para todos os envolvidos. Conforme colocado por Lima e Araújo (2020, p. 21), “Todo o processo sofre intervenção do ser social que o conduz, da bagagem que carrega, das experiências de vida, do seu próprio perfil, o que é sempre um processo em construção”. Nesse sentido, o bibliotecário influencia o processo de referência e é influenciado por ele.

Verificou-se que todo o ambiente universitário e, consequentemente, a biblioteca são amplamente influenciados pelo remoto, pelo digital e pelo social, e que, portanto, os profissionais e os serviços envolvidos nesse contexto precisam acompanhar a mudança. A utilização de um canal social digital, como o Instagram, trouxe uma nova ação para o serviço de referência, enriquecendo as experiências, provocando

atualizações e novos aprendizados e trazendo conhecimento para todos os envolvidos. Dessa forma, considerou-se a utilização de uma rede social uma relevante estratégia gerencial para a disseminação de informação, produtos, serviços e conteúdos, para a comunicação mais assertiva e para o alcance do público universitário, além de a utilização da rede social ser uma ferramenta de marketing digital sem custos, podendo aumentar a visibilidade da biblioteca em relação aos usuários e à própria universidade.

Diante do vivido e exposto, como uma boa prática instituída, em todo início de ano um novo plano de marketing para o Instagram da BIF é elaborado pela liderança do grupo, apresentado e, se necessário, adaptado pelos membros.

Para o ano de 2025, o plano de marketing foi composto por novos objetivos e metas, baseados nas necessidades levantadas em anos anteriores e tendências estudadas pela equipe, e os membros que compõem o grupo foram alterados com a troca de alguns estagiários e bolsistas, o que trouxe novas perspectivas de experiências e possibilidades de novos conteúdos. Em relação à melhoria das ferramentas utilizadas, houve a aquisição, por parte do Instituto de Física, de uma nova ferramenta paga, o Adobe Express, que se vale de IA dentro de seus recursos para auxiliar nas confecções de posts, vídeos e outros de maneira mais rápida e eficaz.

Ainda sobre as perspectivas futuras, algumas metas para compor o plano de marketing para 2025 contemplam mais conteúdos em formatos de vídeos, voltados para stories e reels, uma vez que estes possuem mais alcance na plataforma do que as postagens tradicionais, assim como a busca por parcerias, como publicações em conjunto com outras bibliotecas da Unicamp e personalidades da área de física que já possuam bastante visibilidade no Instagram.

Em relação à gestão, o grupo de trabalho voltou a realizar reuniões mensais esse ano, com o objetivo de definir melhor a

agenda de postagens e antecipar a elaboração dos conteúdos, para que não se percam datas importantes e se programem melhor os finais de semana e as férias dos membros do grupo.

As métricas começaram a ser contabilizadas mensalmente, em 2025, por meio do próprio painel profissional do Instagram, a fim de entender melhor o que está ou não gerando resultados positivos e, assim, planejar melhor anos seguintes.

Contudo, pelo apresentado e vivenciado, é necessário certo cuidado, pois, como se sabe, as redes sociais são voláteis e a preferência do nosso público-alvo pode mudar a qualquer momento. A fim de tentar mitigar esses riscos, é preciso estudar constantemente as tendências, fazer testes e não ter receio de tentar interações diferentes. Futuramente, se houver necessidade, utilizaremos outras ferramentas e plataformas sociais que possam ampliar a comunidade online ou até mesmo migraremos para outras redes, onde o público estiver.

Referências

BIBLIO MKT. Marketing em mídias sociais para bibliotecas: por onde começar? **Biblio MKT**, [2025]. Disponível em: <https://bibliomkt.com.br/marketing-em-midias-sociais-para-bibliotecas-por-onde-comecar/>. Acesso em: 01 maio 2025.

CABRAL, Mayara. Plano anual de marketing para bibliotecas. **BiblioMarketing**, 2024. Disponível em: <https://hotmart.com/pt-br/marketplace/produtos/workshop-plano-anual-de-marketing-para-bibliotecas/I79586127G>. Acesso em: 26 fev. 2026.

LIMA, Gracirlei Maria de Carvalho; ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Serviço de referência: práticas informacionais do bibliotecário. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, [S. l.], v. 16, p. 1-23, 2020. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1336>. Acesso em: 19 jan. 2025.

MORAIS, Marizangela Gomes; MOREIRA, Franciele Pereira. Marketing digital como estratégia para as unidades de informação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 28., 2019, Vitória. **Anais** [...]. Vitória: CBBB,

2019. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/3290>. Acesso em: 13 out. 2024.

OTTONI, Heloisa Maria. Bases do marketing para unidades de informação. **Ciência da Informação**, v. 25, n. 2, 1995. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/653>. Acesso em: 20 jan. 2025.

SANTOS, Ana Ligia Feliciano dos; SILVA, Giane da Paz Ferreira; SANTANA, Jaciane Freire; SILVA, Jonatan Cândido da. Criação de conteúdo e serviço de referência em bibliotecas universitárias. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 30., 2024, Recife. **Anais [...]**. Recife: Febab, 2024. v. 30, p. 1-15. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/cbbd2024/article/view/3307>. Acesso em: 03 maio 2025.

SILVA, Angélica Kaline. **O uso do marketing digital em bibliotecas universitárias: o serviço de referência em rede**. 2019. 52 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Departamento de Ciência da informação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/39610>. Acesso em: 16 mar. 2025.

SILVA, João Vitor Carvalho; JACOB, Maria Valquíria Monteiro da Cruz. Marketing digital em unidades de informação: estudo de caso de duas bibliotecas universitárias. *In*: SILVA, Edilene Maria da (org.). **Gestão de unidades de informação na atualidade**. Recife: UFPE, 2021. Cap. 5. p. 93-107.

TAVARES, Talita Morgana Arruda; LIMA, Vanessa Ribeiro de Moura. Diretrizes para uso das redes sociais em biblioteca universitária. *In*: SILVA, Edilene Maria da (org.). **Gestão de unidades de informação na atualidade**. Recife: UFPE, 2021. Cap. 4. p. 71-90.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Biblioteca Prof. Marcello Damy. **Unicamp**, [2024]. Disponível em: <https://portal.ifi.unicamp.br/biblioteca>. Acesso em: 13 out. 2024.

Biblioteca da Feis/ Unesp em novos formatos: relato de experiência em gestão, inovação e cultura

Raiane da Silva Santos

Quando penso na minha trajetória na Biblioteca da Faculdade de Engenharia de Ilha Solteira (Feis/Unesp), recordo tanto dos desafios de gerir uma biblioteca universitária vinculada à uma intuição de renome como a Unesp quanto da satisfação de acompanhar sua transformação gradual em um espaço de múltiplas experiências, acolhimento e inovação.

Localizada no município de Ilha Solteira, no interior de São Paulo, a Feis é uma unidade universitária voltada ao ensino superior em engenharia mecânica, civil e elétrica, além de agronomia, zootecnia, biologia, física e matemática. Reúne alunos de diferentes regiões do país, que encontram na universidade uma oportunidade de formação acadêmica sólida. Nesse cenário, a biblioteca sempre foi reconhecida como um ambiente de estudo e de acesso ao acervo físico, mas, ao longo dos últimos anos, passou a representar muito mais: tornou-se um ponto de encontro cultural, um espaço de expressão, de trocas e de criação coletiva.

Assumir a gestão da biblioteca significou, para mim, além de uma nova função profissional, um compromisso pessoal com a comunidade acadêmica. Minha trajetória dentro da instituição me proporcionou uma compreensão singular do seu papel: iniciei como agente de vigilância e recepção, posteriormente atuei como assistente de suporte acadêmico – já lotada na biblioteca –, até conquistar a posição de bibliotecá-

ria e, mais tarde, de diretora da unidade informacional. Essa caminhada me permitiu enxergar a biblioteca sob diferentes perspectivas: como usuária dos serviços, como integrante da equipe de apoio e, por fim, como responsável pela gestão.

Vi e vivi a biblioteca se ressignificar em diversos contextos. Do acervo majoritariamente físico, presenciei a chegada das bibliotecas digitais e a ampliação do acesso remoto à informação. Acompanhei a troca de sistemas de gerenciamento de acervo, a implantação do autoempréstimo e tantas outras mudanças que alteraram profundamente a forma como os usuários interagem com a informação. Estive presente desde o cadastramento manual de usuários até a adoção do registro automático, integrado à matrícula e à identificação por impressão digital.

Figura 1 – Eu e a colega Sandra enquanto assistentes de suporte acadêmico, preparadas para o cadastramento de usuários ingressantes, no ano de 2013.



Fonte: acervo pessoal.

Mas, junto dessas inovações, também vivi os questionamentos que ecoavam em diferentes momentos, pois muitos se perguntavam se as bibliotecas iriam acabar. Com o avanço

acelerado das tecnologias digitais e a popularização da internet, esse debate ganhou força dentro e fora da universidade. Muitos acreditavam que a biblioteca perderia seu papel central, reduzindo-se a um espaço ultrapassado em meio a bases de dados, repositórios e livros eletrônicos. De certa forma, esses questionamentos nos provocaram a repensar constantemente o nosso fazer bibliotecário, colocando-nos diante do desafio de mostrar que a biblioteca não desapareceria, mas sim se reinventaria.

E foi justamente isso que aconteceu. Ao invés de se tornar obsoleta, a biblioteca se transformou. Incorporou ferramentas digitais, mas também preservou a dimensão humana, que nenhuma tecnologia substitui: o acolhimento, a mediação, o incentivo à leitura crítica, o apoio à pesquisa e a promoção de encontros culturais. Em cada novo projeto que desenvolvemos, a biblioteca reafirmou sua relevância, provando que não está em risco de extinção, mas sim em constante movimento de adaptação e crescimento.

Entre os projetos mais recentes da biblioteca, destaco o International House Feis, uma iniciativa que surgiu da necessidade de acolher estudantes estrangeiros em intercâmbio ou programas acadêmicos. Muitos desses alunos encontravam barreiras relacionadas ao idioma, à adaptação cultural, à integração com colegas e às diferenças nos métodos de estudo. Diante disso, a biblioteca se colocou como um espaço de convivência intercultural, trocas informais de experiências, oportunidades para aprimorar o idioma e eventos que celebram a diversidade de origens. Paralelamente, buscamos envolver diferentes setores da universidade, de modo a institucionalizar esse acolhimento e garantir que ele fosse parte integrante das políticas da instituição, e não apenas uma ação pontual.

Além de um espaço de convivência, o International House foi pensado em duas grandes frentes. A primeira foi a

criação de uma página em inglês, dentro do site oficial da Feis, reunindo informações práticas sobre a cidade e a universidade: onde morar, onde se alimentar, como ter acesso à saúde, opções de lazer e detalhes sobre a vida acadêmica. Esse guia digital funciona como um verdadeiro ponto de apoio, que ajuda os estudantes estrangeiros a se sentirem mais seguros e acolhidos desde os primeiros dias em Ilha Solteira.

Figura 2 – Página Internacional House Feis.



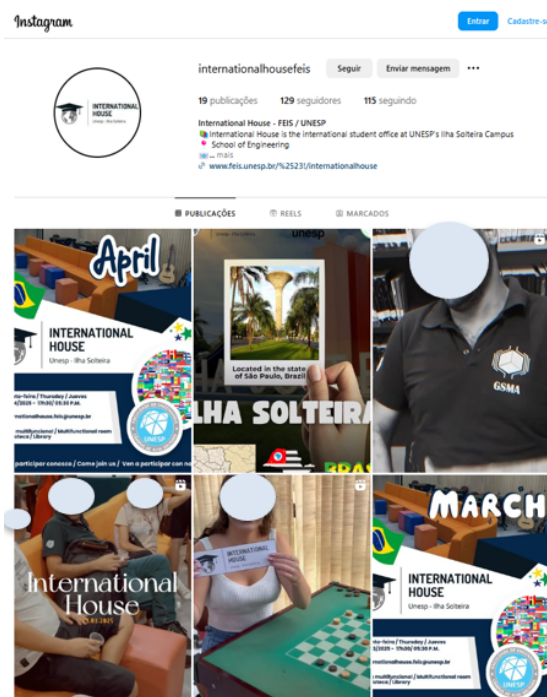
Fonte: Unesp, [2025].

A segunda frente foi dedicada aos encontros interculturais. Esses encontros, realizados mensalmente na própria biblioteca, proporcionam momentos de integração, prática de idiomas e troca de experiências entre estudantes brasileiros e estrangeiros. Desde o primeiro evento, em novembro de 2024, tivemos a presença de alunos de mais de dez nacionalidades diferentes. Foram momentos marcantes, em que culturas se

encontraram, amizades foram construídas e a universidade se mostrou cada vez mais plural.

Os resultados têm sido muito expressivos. Até setembro de 2025, realizamos onze encontros, sempre com participação crescente e repercussão muito positiva nas redes sociais. Só no Instagram, tivemos mais de 40 mil visualizações de conteúdos relacionados ao projeto, tudo de forma orgânica, sem investimento em divulgação paga. Isso mostra a força e a relevância do International House Feis, que tem se consolidado como um espaço de acolhimento, diversidade e integração, com potencial para se expandir para outros campi da Unesp.

Figura 3 – Perfil do projeto International House Feis no Instagram.



Fonte: International House Feis, [2025].

Outro projeto recente que merece destaque é o resultado da parceria com a Seção Técnica de Saúde (STS), que buscou promover saúde física, mental e emocional, com atividades como diagnósticos de saúde, palestras sobre gestão de tempo, comunicação, prevenção de estresse e, com o tempo, debates sobre neurodiversidade. Observamos que muitos alunos apresentavam dificuldades de aprendizagem ou modos diversos de processar informação, o que nos levou a desenhar intervenções específicas, como oficinas, jogos educativos (o Bibliogame) e ajustes nos ambientes de estudo para torná-los mais acolhedores e menos opressores para quem tem necessidades sensoriais ou cognitivas distintas.

Por meio dessa colaboração entre a STS e a biblioteca da Feis/Unesp, a biblioteca também tem se firmado como um espaço estratégico de acolhimento e promoção de saúde. As primeiras ações focaram na saúde física, a exemplo do “Saúde na Biblioteca”, que realizou a aferição de pressão arterial, verificação de IMC e testes de glicemia, encaminhando os casos alterados para a STS. O sucesso dessa iniciativa inicial abriu caminho para a realização regular de outras campanhas de saúde preventiva e psicossocial.

Avançando para o bem-estar mais específico, a parceria promoveu encontros sobre temas vitais para os estudantes, como o 1º Encontro sobre a Saúde da Mulher Jovem e o 1º Encontro sobre Precariedade Menstrual. Ministrados por uma enfermeira da UBS, esses eventos abordaram prevenção de doenças, saúde sexual e reprodutiva e conscientização sobre os impactos da precariedade menstrual, oferecendo um espaço de diálogo e troca de experiências que fortaleceu o engajamento de discentes e servidoras. Paralelamente, o psicólogo do Núcleo Técnico de Atenção Psicossocial (NTAPs) introduziu atividades lúdicas, como o Bibliogame, utilizando jogos para estimular o desenvolvimento cognitivo, a interação social e a capacidade de resolução de problemas, elementos

essenciais para reduzir a carga cognitiva e melhorar o bem-estar acadêmico.

Figura 4 – Discentes participando do Bibliogame.



Fonte: acervo pessoal.

A atuação ainda se estendeu à formação docente, reconhecendo que o ambiente acadêmico necessita de práticas pedagógicas mais inclusivas. Para isso, foi realizada uma palestra sobre estratégias de ensino para alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), oferecendo orientações práticas e fundamentadas para tornar o campus mais acolhedor e eficiente para estudantes com neurodiversidade. Complementarmente, foram oferecidas oficinas como a de “técnicas de estudo e gerenciamento do tempo”, para aumentar a produtividade e diminuir a sobrecarga acadêmica, e a de “Habilidades sociais”, para fortalecer as relações interpessoais, buscando a redução dos níveis de ansiedade e estresse entre os alunos.

O terceiro projeto que merece destaque é o Bibliocast Feis, podcast institucional da Biblioteca da Feis/Unesp. A iniciativa nasceu da percepção de que formatos digitais como esse atingem públicos que nem sempre frequentam a biblioteca fisicamente ou que preferem consumir conteúdo de forma mais flexível. O podcast apresenta entrevistas com docentes, discentes, pesquisadores e outros atores da instituição, pro-

movendo a divulgação científica, compartilhando vivências acadêmicas, divulgando eventos técnico-científicos e culturais e abordando temas de relevância para toda a comunidade acadêmica.

Para ampliar seu alcance, o projeto investiu na criação de uma identidade visual profissional e na adoção de estratégias de divulgação multicanais, publicando cortes em vídeo nas redes sociais (Instagram e Facebook) para estimular o engajamento, enquanto os episódios completos ficam disponíveis no YouTube (em vídeo) e no Spotify (em áudio), oferecendo ao público a liberdade de escolher a forma de consumo. O Bibliocast Feis busca, assim, divulgar resultados acadêmicos e humanizar a ciência, valorizando as trajetórias e os impactos sociais por trás da produção do conhecimento.

No início, o projeto enfrentou grandes desafios: lidar com tecnologia, espaço de gravação, edição e divulgação exigiu aprendizado constante, investimentos e ajustes. No entanto, com o tempo, os resultados têm superado as expectativas: percebemos aumento do engajamento, estudantes sugerindo temas e professores participando ativamente. Além disso, há a percepção de que a biblioteca transcendeu seu espaço físico, ganhando voz externa, presença online e relevância ampliada.

Figura 5 – Equipe do Bibliocast Feis.



Fonte: acervo pessoal.

Refletindo sobre o conjunto dessas transformações, percebo que gerir uma biblioteca universitária na era digital é muito mais do que digitalizar acervos ou assinar bases de dados. É articular serviços, pessoas, tecnologias, cultura e comunidade. Exige planejamento, formação de equipe, infraestrutura tecnológica e, sobretudo, escuta: ouvir usuários, compreendendo suas necessidades, seus modos de aprender e suas vivências.

Fazendo um paralelo com o que tem sido discutido na literatura, pesquisas sobre podcasts em bibliotecas evidenciam seu potencial de engajamento, embora sua implementação dependa de infraestrutura adequada e equipe capacitada (Sarkar, 2012; Nelson, 2021). Além disso, reforçando o papel das bibliotecas nas intervenções relacionadas à saúde mental dos estudantes, o estudo de Seelmeyer (2024) sobre neurodiversidade reforça a necessidade de espaços e serviços inclusivos, voltados a estudantes com diferentes deficiências e condições cognitivas, como prática cotidiana e não apenas política institucional. Esses achados validam as escolhas realizadas na biblioteca da Feis, que buscaram atender demandas percebidas em contextos acadêmicos semelhantes, adaptando-se às necessidades da comunidade.

Diante de tantas mudanças, percebo, com a experiência acumulada ao longo de 16 anos na biblioteca, que os impactos institucionais foram múltiplos e significativos. A visibilidade da biblioteca cresceu não apenas internamente, junto a setores administrativos e docentes, mas também externamente, sendo reconhecida por outras instituições. A comunidade estudantil passou a se sentir mais ouvida, representada e integrada, enquanto os docentes começaram a enxergar a biblioteca como uma parceira estratégica no ensino e na extensão, e não apenas como um suporte documental. Além disso, a prática de publicar artigos relatando nossas experiências em seminários e congressos contribui para fortalecer o senso de missão

da equipe, estimulando a implementação de ações que transcendem a atuação profissional tradicional e inspiram outras bibliotecas.

Olhando para o futuro, estou convencida de que não há retorno ao modelo antigo. Os próximos passos envolvem consolidar cada um dos projetos: tornar o International House um programa permanente com orçamento dedicado, revisar continuamente o Bibliocast para explorar formatos híbridos (áudio, vídeo transcrito, tradução em libras), fortalecer ainda mais as ações de saúde mental e neurodiversidade, investir em design de espaços físicos (ambientes de estudo sensíveis ao ruído, luz, conforto sensorial) e tecnologias emergentes como inteligência artificial para auxiliar buscas, síntese de informações e acessibilidade.

Em suma, a biblioteca da Feis/Unesp continua viva, relevante e transformadora: não porque ignorou as transformações tecnológicas, mas porque as abraçou, sem abrir mão de seu compromisso humano. Entre questionamentos de extinção, automação, acúmulo de bases digitais ou perda do acervo físico, fomos reafirmando que a essência da biblioteca – de mediação, de comunidade, de espaço de criação e encontro – permanece, adaptada aos novos formatos e ampliada em escopo e significado.

Referências

INTERNATIONAL HOUSE FEIS. Instagram: @internationalhousefeis. [2025]. Disponível em: <https://www.instagram.com/internationalhousefeis/>. Acesso em: 29 set. 2025.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISA – UNESP. International House. Unesp, Faculdade de Engenharia, Câmpus de Ilha Solteira, 2025. Disponível em: <https://www.feis.unesp.br/#!/internationalhouse>. Acesso em: 29 set. 2025.

SARKAR, Tanmay de. Introducing podcast in library service: an analytical study. VINE, Bingley, v. 42, n. 2, p. 191-213, 2012. DOI: 10.1108/03055721211227237.

NELSON, Robert J. Podcasting services in academic libraries: a case study. **College & Undergraduate Libraries**, Philadelphia, v. 27, n. 2-4, p. 117-132, 2021. DOI: 10.1080/10691316.2021.1897722.

SEELMEYER, Lynette. Disability and neurodiversity in the academic library: Fostering new and continuing engagement. **Public Services Quarterly**, Philadelphia, v. 20, n. 3, p. 217-224, 2024. DOI: 10.1080/15228959.2024.2367530.

Quando a paixão se torna profissão: minha jornada na biblioteconomia

Renata Maria Morais de Sá

Enquanto ainda cursava o Ensino Médio, surgiu uma oportunidade que mudaria o rumo da minha vida profissional: o curso técnico em biblioteconomia oferecido pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac) de São Paulo. Essa oportunidade era destinada aos alunos do 3º ano do Ensino Médio que tivessem bom desempenho em língua portuguesa e histórico de assiduidade. Preenchi os requisitos, me inscrevi e, alguns meses depois, fui selecionada para cursar o técnico em biblioteconomia na unidade do Senac de Presidente Prudente, minha cidade.

O curso teve duração aproximada de dois anos, com aulas noturnas de segunda a sexta-feira. No início, confesso que não tinha muita noção da importância e da dimensão do curso. Fiz a inscrição, principalmente, porque era a única formação oferecida à noite, o que se encaixava perfeitamente na minha rotina, já que pela manhã eu estudava no colégio e à tarde trabalhava em uma loja.

Durante o curso, fui me encantando pela área. As aulas práticas e teóricas abriram meus olhos para o papel fundamental que a biblioteca exerce na sociedade. Aprendi sobre organização de acervo, atendimento ao público, preservação de materiais, além de desenvolver habilidades de responsabilidade, ética e compromisso com a informação.

Após a conclusão do curso, uma das bibliotecárias que havia sido minha professora – e que trabalhava em uma re-

nomada universidade privada da cidade – entrou em contato comigo. Reconhecendo meu comprometimento e desempenho ao longo do curso, ela me convidou para participar de um processo seletivo para a vaga de auxiliar de biblioteca.

Alguns dias depois da entrevista, recebi uma ligação com a notícia de que havia sido selecionada. Com apenas 19 anos, fui contratada como auxiliar de biblioteca da universidade. Realizei todos os trâmites de admissão e, no dia 20 de maio de 2002, iniciei oficialmente minha jornada profissional na área. Apesar da pouca idade, entrei com muita vontade de aprender e dar o meu melhor. A universidade, já consolidada na região, contava, na época, com três bibliotecas, e hoje já expandiu para seis unidades de informação.

A universidade fica localizada na cidade de Presidente Prudente, interior de São Paulo, onde nasci, cresci e constitui minha vida pessoal e profissional. Ela possui dois campi na cidade, um na cidade de Jaú e outro em Guarujá, com aproximadamente 60 cursos presenciais, vários cursos na modalidade de educação a distância (EaD), especializações, mestrados e doutorados.

Atualmente a rede de bibliotecas é composta por seis unidades de informação, sendo que quatro ficam em Presidente Prudente, uma em Jaú e a outra em Guarujá. Totalizando um acervo de aproximadamente 293 mil exemplares.

Atuei como auxiliar de biblioteca por aproximadamente quatro anos. Desde o início, me identifiquei muito com o trabalho. A rotina era intensa, pois atendíamos muitos alunos diariamente. Minhas principais atividades incluíam organização e guarda dos livros, atendimento ao público, empréstimos e devoluções, além de auxiliar os alunos nas pesquisas e no uso dos recursos da biblioteca. Era uma função dinâmica e enriquecedora, que me proporcionava aprendizado constante.

Certo período depois, uma das funcionárias encarregadas da biblioteca entrou em licença-maternidade. Durante sua ausência, fui designada pela bibliotecária responsável para assumir a coordenação do setor. Permaneci nessa função durante os quatro meses de licença, e, ao final desse período, imaginava que retornaria à minha função anterior.

No entanto, para a minha surpresa, após uma reunião com a equipe e a chefia, foi anunciado que a funcionária não retornaria mais ao cargo – optando por se dedicar à maternidade em tempo integral. Assim, fui oficialmente mantida na posição de assistente de biblioteca, assumindo as responsabilidades de liderança do setor: organização das rotinas, distribuição de tarefas entre os colaboradores, acompanhamento dos serviços diários, além das questões administrativas e de apoio à gestão da biblioteca.

Com o passar do tempo, permaneci como responsável pela unidade, sendo reconhecida informalmente como sub-chefe de setor, e posteriormente assumi também a função de assistente administrativa. Essa transição aconteceu de forma gradual, refletindo meu comprometimento, dedicação e conhecimento prático que fui adquirindo ao longo dos anos.

Apesar da valorização e das conquistas, chegou um momento em que percebi que não havia mais possibilidades reais de crescimento profissional dentro da biblioteca. A única forma de progredir na carreira seria ocupando o cargo de bibliotecária – uma função para a qual, até então, eu não possuía formação superior.

Foi nesse ponto que comecei a refletir seriamente sobre o meu futuro profissional e a considerar a possibilidade de cursar biblioteconomia na universidade. Com a vivência prática que eu já acumulava e a paixão pela área, tomei a decisão de dar o próximo passo e me tornar, oficialmente, uma bibliotecária.

Quando decidi cursar biblioteconomia, comecei a procurar uma universidade que oferecesse essa formação. Logo me deparei com um grande desafio: a única instituição que ofertava o curso presencial estava a cerca de 200 km da minha cidade. Naquele momento, isso era inviável, pois sou casada, mãe de uma filha pequena (hoje com 13 anos), e já trabalhava em período integral. Não havia como conciliar tudo.

Foi com o apoio do meu esposo que encontramos a Universidade de Caxias do Sul (UCS), pioneira na oferta do curso de biblioteconomia na modalidade EaD no Brasil. Isso foi por volta de 2013. Após várias trocas de e-mails com o coordenador do curso, resolvemos todos os detalhes e me preparei para prestar o vestibular.

A viagem até Caxias do Sul (RS) durou cerca de 12 horas de carro. Fui cheia de expectativas e inseguranças. No dia seguinte à minha chegada, prestei a prova. Horas depois, saiu o resultado: fui aprovada! A alegria foi imensa. Na semana seguinte, começaram as aulas pela plataforma virtual. No início, me senti perdida e confusa – era um universo novo. Mas, aos poucos, fui me adaptando.

A cada trimestre, era necessário ir presencialmente à universidade para realizar as provas. Lembro que, em um único dia, fazíamos duas, três ou até quatro provas. A logística era sempre um desafio: morando em Presidente Prudente (SP), eu buscava a forma mais econômica e viável para realizar esse percurso. Às vezes, saía de avião direto da cidade, em outras ocasiões meu esposo me levava até Maringá ou Londrina, de onde eu seguia para São Paulo e, em seguida, para Porto Alegre. De lá, ainda era necessário pegar um ônibus até Caxias do Sul.

Essa rotina foi árdua, especialmente porque eu nunca havia saído da minha zona de conforto. Enfrentei o medo, a saudade e o cansaço. Mas, com o passar do tempo, tudo se tornou mais leve. Fiz amizades com outras alunas e começa-

mos a combinar os horários de chegada em Porto Alegre para seguirmos juntas até o destino final. Criamos vínculos que tornaram a experiência ainda mais especial.

A UCS me surpreendeu em todos os aspectos: qualidade pedagógica, acolhimento ao aluno, estrutura física e, principalmente, a dedicação dos docentes e funcionários, sempre atenciosos e humanos. Ir a Caxias do Sul para as atividades acadêmicas não era uma obrigação – se tornou um prazer, uma conquista. Saber que eu, uma jovem simples do interior, era capaz de enfrentar tantos desafios me fortalecia a cada viagem.

Caxias do Sul e a UCS se tornaram uma segunda casa durante os quatro anos de graduação. Depois das provas, aproveitávamos para explorar a cidade, os seus pontos turísticos e a beleza da universidade. Guardo lembranças físicas e afetivas desses momentos.

Quatro meses após a conclusão do curso, fui promovida de auxiliar administrativa de biblioteca a bibliotecária. Foi uma realização pessoal e profissional. Tudo o que aprendi ao longo da graduação pude aplicar na prática, utilizando as ferramentas e os conhecimentos adquiridos.

Hoje, afirmo com orgulho que a graduação em biblioteconomia EaD da UCS foi um divisor de águas na minha vida. Transformou a jovem tímida e cheia de dúvidas em uma mulher forte, confiante e preparada para os desafios da profissão e da vida. Estou realizada, e compartilho minha experiência com todos que desejam trilhar um caminho semelhante.

Logo após minha contratação como bibliotecária, em julho de 2018, iniciei imediatamente minhas atividades na função. Apesar de já conhecer bem a rotina da biblioteca, o sistema utilizado e a equipe de trabalho, o desafio de assumir oficialmente esse novo papel exigiu dedicação, responsabilidade e visão estratégica. Aos poucos, fui me inteirando de todos

os processos e, gradativamente, implementando inovações no setor.

Dentre os diversos serviços desenvolvidos ao longo da minha atuação, destaco um projeto específico e bastante desafiador: a transição do acervo fechado para acervo aberto na Unidade de Informação 3 – Campus II. Essa unidade, a maior da rede de bibliotecas, atendia praticamente todos os cursos da instituição e, até então, ainda operava com o acervo fechado, o que limitava a autonomia dos usuários no acesso à informação.

Entendendo a necessidade de tornar o espaço mais acessível e alinhado às práticas modernas de biblioteconomia, houve a reestruturação do modelo de atendimento, transformando o acervo fechado em aberto. O processo durou cerca de *três anos* e envolveu uma série de melhorias físicas e organizacionais.

É importante destacar que, para toda essa reforma, mantivemos o mesmo espaço físico, ou seja, a mesma metragem de construção. Contudo, com a alteração no *layout* do acervo e das salas administrativas, o ambiente parece ter se expandido. Além disso, a biblioteca agora conta com um centro cultural e mesas de estudo em grupo, oferecendo mais comodidade e funcionalidade para os alunos.

A reforma envolveu também uma série de melhorias na infraestrutura física e tecnológica, abrangendo, por exemplo, a parte elétrica e o sistema de refrigeração. Além disso, foram criados novos mobiliários, como balcões de empréstimo remodelados e salas para as bibliotecárias. O local de atendimento, incluindo o balcão de empréstimo e devolução, foi completamente refeito.

O piso foi substituído por porcelanato, a rede elétrica foi modernizada, e as estantes, que antes estavam dispostas na horizontal, foram reposicionadas na vertical, decisão es-

estratégica que partiu de uma sugestão minha, com o objetivo de proporcionar melhor visibilidade e circulação no ambiente

Outro ponto relevante foi o trabalho de marcenaria e serralheria, que incluiu a instalação de grades nas janelas para evitar o extravio de materiais. Em resumo, tudo o que compõe a biblioteca atualmente é resultado de um grande esforço para transformar e modernizar o espaço, atendendo às necessidades de usuários e funcionários. Simultaneamente à reforma estrutural, trabalhamos na implantação do sistema RFID. A equipe da biblioteca, em conjunto com as bibliotecárias, realizou a magnetização de todos os livros e a instalação de antenas de segurança, promovendo mais eficiência e segurança na gestão do acervo.

Após a conclusão da organização do acervo, realizamos uma cerimônia de inauguração, que contou com a presença dos coordenadores de curso, chefes de setores, bibliotecários e alguns alunos.

A seguir, planejamos uma série de capacitações com o objetivo de ensinar os alunos a utilizarem o novo sistema de forma autônoma, o que sempre foi uma de nossas metas. Para isso, mantivemos conversas com as coordenações de curso, e as turmas foram divididas para as sessões de capacitação na biblioteca.

Durante essas capacitações, fizemos um tour com os alunos pelo acervo, explicando as novas regras e orientações. Mostramos como funcionaria o sistema de classificação, como as estantes estariam sinalizadas e como utilizar o catálogo para localizar os livros. Também enfatizamos a importância de não repor os livros diretamente nas estantes, orientando-os a utilizar os carrinhos disponíveis para esse fim.

As capacitações ocorreram durante vários meses, atendendo a todas as turmas, para garantir que todos compreendessem como funcionaria o novo sistema. Além disso, explicamos a

importância do empréstimo de livros para evitar o acionamento do sistema de alarme e informamos que os livros passaram por um processo de magnetização, com foco na segurança contra furtos, utilizando a tecnologia de “antenas antifurto”.

Esses treinamentos foram fundamentais para que a comunidade acadêmica compreendesse a relevância dessa mudança, passando de um acervo aberto para um fechado, e aprendesse a utilizar todos os recursos de forma eficiente e segura.

Além desse projeto, outras ações importantes foram desenvolvidas no mesmo período, especialmente voltadas à capacitação da comunidade acadêmica. Com o objetivo de fortalecer a autonomia dos usuários e aprimorar o uso dos recursos informacionais disponíveis, promovemos uma série de treinamentos e oficinas.

Entre os temas abordados, destacam-se o uso de bases de dados científicas, como forma de incentivar a pesquisa qualificada, e o uso de gerenciadores de citação e referência, fundamentais para a produção acadêmica com rigor técnico e metodológico.

Também oferecemos orientações sobre a elaboração do currículo Lattes e o cadastro no ORCID, ferramentas essenciais para a visibilidade e o reconhecimento da trajetória acadêmica dos alunos e professores. Outro destaque foi o incentivo ao uso das bibliotecas virtuais, que ampliam o acesso a conteúdos atualizados e de qualidade, mesmo fora do ambiente físico da biblioteca.

Além disso, capacitamos os usuários para o uso de ferramentas especializadas como o *UpToDate*, que oferece informações clínicas baseadas em evidências, especialmente útil para os cursos da área da saúde. As visitas orientadas à biblioteca também se mostraram estratégicas, principalmente

para alunos ingressantes, permitindo uma aproximação prática com os serviços e recursos oferecidos.

Como parte do nosso compromisso com a melhoria contínua, promovemos ainda a inclusão de capítulos de livros no catálogo de busca, utilizando o campo 773 do sistema, o que otimizou significativamente o acesso ao conteúdo fragmentado das obras. Essa ação foi muito bem recebida, pois facilitou a localização de partes específicas dos livros que muitas vezes são fundamentais para pesquisas e estudos direcionados.

Todas essas iniciativas refletem o esforço contínuo em transformar a biblioteca em um espaço vivo, integrado ao cotidiano acadêmico, onde a informação, a formação e a tecnologia caminham juntas para apoiar o ensino, a pesquisa e a extensão.

A realização dessas mudanças envolveu o esforço coletivo de diversas áreas: toda a equipe da Unidade de Informação 3, prestadores de serviços terceirizados, equipe de TI, apoio e manutenção da universidade, entre outros setores essenciais para o sucesso da operação.

Mesmo após a conclusão e o funcionamento inicial de tudo, ainda tivemos alguns ajustes a realizar, o que considero algo normal nesse processo. De forma geral, os ajustes que surgiram foram simples e não houve grandes problemas.

O único contratempo significativo foi relacionado à instalação das antenas, bem como a alguns livros que não foram magnetizados corretamente, o que causou algumas intercorrências. No entanto, conseguimos resolver a maioria das questões de forma diária, conforme os erros e instabilidades iam aparecendo.

A transição do acervo fechado para o aberto representou uma grande mudança na dinâmica da biblioteca, trazendo uma série de melhorias para os alunos e os profissionais envolvidos. O acervo fechado, que antes exigia a mediação constante

de um bibliotecário para o empréstimo e a consulta dos materiais, deu lugar a um ambiente mais acessível e dinâmico, permitindo que os usuários tivessem autonomia para consultar e retirar os livros por conta própria.

Com o novo sistema de acervo aberto, os alunos passaram a ter liberdade para explorar as estantes e realizar suas pesquisas diretamente, tornando o processo mais ágil e personalizado.

Essa mudança não só otimiza o tempo dos usuários como também os envolve de forma mais ativa no processo de aprendizagem e no uso dos recursos da biblioteca. O acesso direto aos livros permite uma interação mais direta com o acervo, o que, por sua vez, incentiva a curiosidade e o hábito de leitura.

Os alunos demonstraram uma grande satisfação com a transição para o acervo aberto. A liberdade de acessar as estantes diretamente e escolher os livros por conta própria foi recebida com entusiasmo, já que isso trouxe uma sensação de autonomia e praticidade no processo de pesquisa e escolha dos materiais. Muitos relataram que agora conseguem explorar a biblioteca de maneira mais dinâmica.

Além disso, o novo sistema proporcionou uma experiência mais interativa e personalizada, permitindo que os alunos se envolvessem mais ativamente com o acervo e descobrissem novos livros e conteúdos, muitas vezes além daqueles recomendados pelos professores. Esse tipo de interação direta com o espaço estimulou o interesse por frequentar a biblioteca.

O *feedback* positivo foi unânime, e muitos alunos destacaram a facilidade e agilidade com que conseguem localizar os livros e realizar os empréstimos. O novo modelo, sem dúvida, favoreceu a convivência mais fluida e aberta com os recursos da biblioteca, transformando-a em um ambiente mais acessível e atraente para todos.

Além da receptividade positiva dos alunos, as comissões do Ministério da Educação (MEC) também se mostraram muito satisfeitas com a transição para o acervo aberto. Durante as visitas e avaliações, as comissões destacaram a organização e a modernização do espaço, bem como a facilidade de acesso aos materiais, que contribui diretamente para a melhoria na experiência de ensino-aprendizagem. A mudança foi vista como um avanço significativo para a biblioteca, refletindo um compromisso com a qualidade e a inovação no atendimento às necessidades da comunidade acadêmica. A aprovação das comissões do MEC foi um reconhecimento importante do sucesso da implementação do acervo aberto e da sua contribuição para o ambiente educacional da instituição.

Cada novo projeto trouxe uma motivação pessoal e profissional: a vontade de fazer diferente, de melhorar os serviços e, principalmente, de oferecer aos usuários mais autonomia, conforto e acesso facilitado à informação. Ver o resultado dessas transformações no dia a dia dos alunos e professores é, sem dúvida, uma das maiores recompensas do meu trabalho como bibliotecária.

Fiquei muito feliz ao ver que os alunos realmente gostaram da mudança para o acervo aberto. A aceitação deles foi extremamente positiva, e ver a satisfação no rosto de cada um ao explorar a biblioteca de forma mais autônoma e dinâmica me trouxe uma sensação de realização. Saber que a nova estrutura atendeu às suas necessidades e facilitou o acesso aos materiais fez todo o esforço valer a pena.

É gratificante perceber que essa transformação não só melhorou a funcionalidade do espaço, mas também teve um impacto direto na experiência de aprendizado dos alunos.

Adriana Guedes Chiaradia de Oliveira

Bibliotecária no Centro Universitário de Itajubá (FEPI). Especialista em Gestão de Bibliotecas Universitárias e graduada em Biblioteconomia.

Alex Serrano de Almeida

Bibliotecário na Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Doutorando em Educação em Ciências, mestre em História, especialista em Docência no Ensino Superior e graduado em Biblioteconomia.

Amanda Bertaci Brandão

Bibliotecária na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Especialista em Gestão de Bibliotecas Universitárias e graduada em Biblioteconomia e Pedagogia.

Anne Krummenauer

Bibliotecária na Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA). Mestra em Geografia, especialista em Gestão de Bibliotecas Universitárias e graduada em Biblioteconomia e Engenharia Ambiental.

Áuria Machado da Rosa

Especialista em Gestão de Bibliotecas Universitárias e graduada em Biblioteconomia.

Dirce Maria Santin

Bibliotecária na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutora e mestra em Comunicação e Infor-

mação, especialista em Ciência da Informação e graduada em Biblioteconomia.

Eliane Teresinha Loureiro da Fontoura Padilha

Bibliotecária no Centro universitário da Fundação Assis Gurgacz (FAG). Especialista em Gestão de Bibliotecas Universitárias, MBA em Gestão Empresarial e graduada em Biblioteconomia e Recursos Humanos.

Fernando Alessio Falcetti

Assistente de Documentação na Fundação Romi (Santa Barbara d'Oeste/SP). Especialista em Gestão de Bibliotecas Universitárias e graduado em Biblioteconomia e em História.

Francinete Costa Primo

Bibliotecária na Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Especialista em Gestão de Bibliotecas Universitárias e em Docência do Ensino Superior e graduada em Biblioteconomia

Gigliola Casagrande

Bibliotecária na Universidade do Vale do Taquari (Univates). Especialista em Gestão de Bibliotecas Universitárias e em Estudos Linguísticos de Texto e graduada em Biblioteconomia e Jornalismo.

Gilberto Martins Vicentin

Bibliotecário na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Especialista em Gestão de Bibliotecas Universitárias e graduada em Biblioteconomia.

Isaías Lopes dos Santos

Bibliotecário na Faculdade Diocesana São José (FADISI). Especialista em Gestão de Bibliotecas Universitárias e em Fi-

losofia e Ensino de Filosofia e graduado em Biblioteconomia e em Filosofia.

João Paulo Borges da Silveira

Docente na Universidade de Caxias do Sul (UCS) e bibliotecário na Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Doutor em Educação, mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural, especialista em Gestão de Arquivos, em Educação e Sociedade e em Letramento informacional e graduado em Biblioteconomia e Sociologia.

Lilia Cristina Brito de Jesus

Assistente administrativa no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai/SP). Especialista em Gestão de Bibliotecas Universitárias e graduada em Biblioteconomia.

Luciana Pietrosanto Milla

Bibliotecária na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Especialista em Gestão de Bibliotecas Universitárias e graduada em Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Lucinéia Alves Cardoso

Bibliotecária no Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp). Especialista em Gestão de Bibliotecas Universitárias, MBA em Liderança, Desenvolvimento e Gestão de Talentos e em Gestão de Pessoas por Competências e graduada em Biblioteconomia e Pedagogia.

Marcelo Gama Goulart

Bibliotecário na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Especialista em Gestão de Bibliotecas Universitárias e em Catalogação e graduado em Biblioteconomia.

Maria Graciele Trevisan

Bibliotecária na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Especialista em Gestão de Bibliotecas Universitárias e graduada em Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Mariana da Silva Bertuol

Servidora pública na Prefeitura Municipal de São Francisco de Paula. Especialista em Gestão de Bibliotecas Universitárias e graduada em Biblioteconomia.

Raiana da Silva Santos

Bibliotecária na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp). Mestra em Ciência da Informação, especialista em Gestão de Bibliotecas Universitárias e graduada em Biblioteconomia.

Renata Maria Morais de Sá

Bibliotecária na Universidade do Oeste Paulista (Unoeste). Mestranda em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional, especialista em Gestão de Bibliotecas Universitárias e em Biblioteconomia e graduada em Biblioteconomia.

Thalita Oliveira da Silva Gama

Bibliotecária na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Mestre em Memória Social, especialista em Gestão de Documentos e Informações e graduada em Biblioteconomia.

A Editora

A Editora da Universidade de Caxias do Sul, desde sua fundação em 1976, tem procurado valorizar o trabalho dos professores, as atividades de pesquisa e a produção literária dos autores da região. O nosso acervo tem por volta de 1.600 títulos publicados em formato de livros impressos e 600 títulos publicados em formato digital. Editamos aproximadamente 1.000 páginas por semana, consolidando nossa posição entre as maiores editoras acadêmicas do estado no que se refere ao volume de publicações.

Nossos principais canais de venda são a loja da Educs na Amazon e o nosso site para obras físicas e digitais. Para a difusão do nosso conteúdo, temos a publicação das obras em formato digital pelas plataformas Pearson e eLivro, bem como a distribuição por assinatura no formato streaming pela plataforma internacional Perlego. Além disso, publicamos as revistas científicas da Universidade no portal dos periódicos hospedado em nosso site, contribuindo para a popularização da ciência.

Nossos Selos

-  **EDUCS/Ensino**, relativo aos materiais didático-pedagógicos;
-  **EDUCS/Origens**, para obras com temáticas referentes às memórias das famílias e das instituições regionais;
-  **EDUCS/Pockets**, para obras de menor extensão que possam difundir conhecimentos pontuais, com rapidez e informação assertiva;
-  **EDUCS/Pesquisa**, referente às publicações oriundas de pesquisas de graduação e pós-graduação;
-  **EDUCS/Literário**, para qualificar a produção literária em suas diversas formas e valorizar os autores regionais;
-  **EDUCS/Traduções**, que atendem à publicação de obras diferenciadas cuja tradução e a oferta contribuem para a difusão do conhecimento específico;
-  **EDUCS/Comunidade**, cujo escopo são as publicações que possam reforçar os laços comunitários;
-  **EDUCS/Internacional**, para obras bilíngues ou publicadas em idiomas estrangeiros;
-  **EDUCS/Infantojuvenil**, para a disseminação do saber qualificado a esses públicos;
-  **EDUCS/Teses & Dissertações**, para publicação dos resultados das pesquisas em programas de pós-graduação.



Conheça as possibilidades de formação e aperfeiçoamento vinculadas às áreas de conhecimento desta publicação acessando o QR Code.

